



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Traços de personalidade ao longo do ciclo vital: especificidades da última etapa do desenvolvimento humano

Jeferson Gervasio Pires

Florianópolis, 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Traços de personalidade ao longo do ciclo vital: especificidades da última etapa do desenvolvimento humano

Jeferson Gervasio Pires

Orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor.

Área de Concentração: Saúde e Desenvolvimento Psicológico
Linha de Pesquisa: Avaliação em Saúde, Desenvolvimento e Processos Básicos

Florianópolis, 2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Pires, Jeferson Gervasio
Traços de personalidade ao longo do ciclo vital:
especificidades da última etapa do desenvolvimento humano
/ Jeferson Gervasio Pires ; orientador, Carlos Henrique
Sancineto da Silva Nunes, 2020.
231 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa
de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Psicologia. 2. Personalidade. 3. Idoso. 4.
Desenvolvimento humano. 5. Big five. I. Nunes, Carlos
Henrique Sancineto da Silva. II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
III. Título.

JEFERSON GERVASIO PIRES

Traços de personalidade ao longo do ciclo vital: especificidades da última etapa do desenvolvimento humano

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado por banca Examinadora composta pelos seguinte membros:

Profa. Dra. Natália Martins Dias
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Cláudio Simon Hutz
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Ricardo Primi
Universidade São Francisco

Certificamos que esta é a versão **original** e **final** do trabalho de Tese que foi julgada adequada para a obtenção do título de Doutor em Psicologia

Profa. Dra. Andrea Barbara da Silva Bousfield
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Prof. Dr. Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes
Orientador

Agradecimentos

Aos meus pais, Dilza e Gervasio, meus exemplos do que significa envelhecer e os principais motivadores de minha busca por compreender esse processo e fase da vida. E ao meu irmão Jackson, alto modelo de boa pessoa e de ser amoroso.

Às pessoas com quem tive contato na etapa de coleta de dados. Em muitos casos, foram encontros emocionantes, acompanhados de café com bolo. Escutei lindas histórias e vi potência em corpos com mais de 80 anos. Muito obrigado a todos, de coração.

Ao meu orientador, Professor Carlos Nunes, um baita exemplo de seriedade, de compromisso com a ciência, e de respeito com as pessoas e seus dados. Também, por ter me concedido liberdade e ao mesmo tempo ter me dado o suporte necessário para realizar esta pesquisa. Muito obrigado por aturar meu humor estranho, por escutar meus áudios com tamanho de *podcast*, pelas leituras sempre impecáveis e por *trailblaze* meu caminho nos momentos em que eu não conseguia ver adiante. Bora fazer pós doc, profe??? 😊

À minha amiga-irmã-amiga, Letícia Dolenga, pela contribuição ímpar nesta tese.

Aos responsáveis pelas instituições que tive o privilégio de acessar: Arlei, Vanessa, Fabiano, Rose, Valdete e Nina Schier. Vocês foram fundamentais nesta tese. Espero que esta pesquisa possa somar com o excelente serviço que vocês já disponibilizam para as pessoas idosas.

Aos professores do PPGP- UFSC: Roberto Cruz, Maiana Nunes, Carmen Moré, Andrea Steil, Ariane Kuhnen, Marúcia Bardagi, e Natália Dias.

Ao professor Ricardo Primi, do PPGP-USF, e professor Cláudio Hutz, do PPGP- UFRGS

Aos queridos Guilherme, Bernadete, Marlene, Patrícia, Gisele, Liliane e Ana Paula

Aos colegas e professores Davi Baasch, Karen Teixeira, Cássia Roetgers, Simone Guisi, Elaine Coelho, João Portes, Quele Gomes, Carolina Bartilotti e Sueli.

À CAPES, pelo apoio financeiro que foi elementar para a realização desta pesquisa.

Resumo

A personalidade muda ao longo do ciclo vital? Um conjunto robusto de evidências têm indicado que a personalidade se desenvolve ao longo do tempo, ocasionando tanto mudanças quanto continuidade no padrão do funcionamento individual ao longo do ciclo vital. Para testar essas evidências, conduzimos cinco estudos. No primeiro, verificamos se a estrutura interna do *Big Five Inventory-2* (BFI-2), conforme proposta em sua versão original, é corroborada em uma amostra brasileira, composta por 439 adultos cisgênero, com idades entre 17 e 93 anos ($M=36$, $DP=22,60$, $Md=43$). Realizamos análise fatorial exploratória e confirmatória, e verificamos a capacidade do BFI-2 em prever alguns critérios externos. Os Cinco Grandes Fatores (CGF) foram facilmente extraídos na AFE, com índices de ajuste adequados nas versões curtas, e ajuste pobres nas versões amplas, na AFC. O BFI-2 mostrou-se sensível em captar diferenças individuais nos critérios verificados. Na sequência, objetivamos testar os padrões de desenvolvimento da personalidade ao longo do tempo descritos na literatura científica. Para tanto, no segundo estudo, verificamos diferenças no nível médio dos traços de personalidade entre pessoas de diferentes grupos etários, em uma amostra de 440 adultos, com idades entre 17 e 102 anos ($M=36$, $DP=22,60$, $Md=43$), os quais responderam o BFI-2. Foi possível observar diferenças normativas na personalidade, tal como documentado na literatura científica, cujas mudanças ocorrem em sentido positivo, com aumento em *Openness*, *Conscientiousness*, *Extraversion*, *Agreeableness*, e redução de *Neuroticism*. No terceiro estudo, testamos a consistência no ranqueamento dos traços de personalidade ao longo do tempo. Fizeram parte 170 adultos, com idades entre 51 e 93 anos ($M=69$, $DP=9,05$, $Md=69$), os quais responderam o BFI-2. Além disso, responderam o *Big Five Inventory*, porém, de forma retrospectiva, considerando como pensavam que eram quando tinham 30-35 anos. Realizamos Anovas com medidas repetidas e correlação teste-reteste.

Identificou-se que o funcionamento individual tende a se tornar estável ao longo do tempo, conforme preconizado pela literatura científica. Por fim, ainda que diversos instrumentos tenham sido elaborados para avaliação da personalidade no modelo dos CGF, algumas limitações podem ser identificadas nessas ferramentas para avaliar pessoas com mais de 60 anos. Em observância a isso, no terceiro estudo realizamos uma revisão da literatura para mapear fenômenos possivelmente relevantes para pessoas adultas e idosas, tendo sido levantados sete, sendo eles: mindfulness, sentido de vida, metas voltadas para a realização dos próprios desejos, altruísmo, perdão e tolerância, calma, e considerar o tempo de vida que falta. Com base nesses fenômenos, no quarto estudo elaboramos itens de autorrelato para compor um instrumento para avaliar traços de personalidade de pessoas idosas (Inventário *Gold*- IG). Além disso, verificamos se os fatores propostos ao IG se adequam ao modelo dos CGF no BFI-2, como facetas para avaliar pessoas na terceira e quarta idades. Participaram 440 adultos, com idades entre 17 e 102 anos ($M=36$, $DP=22,60$, $Md=43$), que responderam o IG e o BFI-2. Foram realizadas análises no IG a partir da Teoria Clássica dos Testes e da Teoria de Resposta ao Item. Foi possível identificar que o Inventário *Gold* apresenta evidências iniciais de validade para avaliação de características da personalidade de pessoas idosas. No entanto, estudos futuros devem ser realizados no instrumento para garantir que os psicólogos tenham uma ferramenta confiável para aprimorar as avaliações e intervenções com esse público alvo. Implicações dos resultados da presente tese à prática do psicólogo envolvendo pessoas idosas encerram o texto.

Palavras-chave: personalidade, idoso, desenvolvimento, maturidade, *big five*

Abstract

Does the personality change throughout the lifespan? A robust body of evidence has indicated that personality develops over time, causing both changes and continuity in the pattern of individual functioning throughout lifespan. To test this evidence, we have conducted five studies. In the first, we verified whether the internal structure of the Big Five Inventory-2 (BFI-2), as proposed in its original version, is corroborated in a Brazilian sample, composed of 439 cisgender adults, aged between 17 and 93 years ($M=36$, $SD=22.60$, $Md=43$). We run exploratory and confirmatory factor analyses, and verified the ability of the BFI-2 to predict some external criteria. The Big Five Factors model (FFM) were easily extracted in the EFA, with appropriate fit indices in short versions, and poor adjustment in the broad versions, in the CFA. BFI-2 was sensitive in capturing individual differences in the criteria verified in the present study. Then, we aimed to test the personality development patterns over time, as described in the scientific literature. Therefore, in the second study, we found differences in the mean level of personality traits among people of different age groups in a sample of 440 adults, aged between 17 and 102 years ($M=36$, $SD=22.60$, $Md=43$), who responded to the BFI-2. It was possible to observe normative differences in personality traits, as documented in the scientific literature, whose changes showed to occur in a positive sense, with an increase in *Openness*, *Conscientiousness*, *Extraversion*, *Agreeableness*, and reduction in *Neuroticism*. In the third study, we tested consistency in the ranking order of personality traits over time. A total of 170 adults, aged between 51 and 93 years old ($M=69$, $SD=9.05$, $Md=69$) were enrolled, who responded the BFI-2. In addition, they responded the Big Five Inventory, however, in retrospect, by considering how they thought they were when they were 30-35 years old. We conducted repeated measures Anovas, and test-retest correlation. We identified that individual functioning tends to become stable over time, as documented in

the scientific literature. Finally, although several instruments have been developed for assessment of personality in the FFM, some limitations can be identified in these instruments when it comes to assess people over 60 years of age. In observance of this, in the third study we conducted a literature review for identifying possibly relevant phenomena for adults and elderly people. We have raised seven constructs, which are: mindfulness, sense of life, goals aimed at the fulfillment of own desires, altruism, forgiveness and tolerance, calm, and consider the remaining time of life. Based on these phenomena, in the fourth study we developed self-reported items to compose an instrument to evaluate personality traits of elderly people (Gold Inventory- IG). In addition, we checked whether the factors proposed for IG fit the FFM in BFI-2, as facets to evaluate people at the third and fourth ages. A total of 440 adults, between 17 and 102 years of age ($M=36$, $SD=22.60$, $Md=43$), responded the IG and the BFI-2. Analyses based on the Classical Test Theory and the Item Response Theory were performed on the IG. We identified that the Gold Inventory presents initial evidence of validity for the evaluation of characteristics of personality in elderly people. However, future studies should be conducted on the instrument to ensure that psychologists have a reliable tool to enhance assessments and interventions with this population. Implications of the results of the present thesis to the psychologist's practice involving older people conclude the text.

Keywords: personality, older adult, development, maturity, big five

Resumen

¿Cambia la personalidad a lo largo de la vida? Un sólido conjunto de evidencia ha indicado que la personalidad se desarrolla a lo largo del tiempo, causando tanto cambios como continuidad en el patrón de funcionamiento individual a lo largo del ciclo de vida. Para probar esta evidencia, hemos realizado cinco estudios. En el primero, verificamos si la estructura interna del Inventario de los Cinco Grandes Factores-2 (BFI-2), tal como se propone en su versión original, se corrobora en una muestra brasileña, compuesta por 439 adultos cisgénero, con edades comprendidas entre 17 y 93 años ($M=36$, $SD=22,60$, $Md=43$). Realizamos análisis factoriales exploratorios y confirmatorios, y verificamos la capacidad del BFI-2 en predecir algunos criterios externos. Los Cinco Grandes Factores (CGF) se extrajeron fácilmente en el AFE, con índices de ajuste adecuados en las versiones cortas, y ajuste deficiente en las versiones amplias, en el AFC. El BFI-2 fue sensible en captar las diferencias individuales en los criterios verificados. En la secuencia, nos propusimos probar los patrones de desarrollo de la personalidad a lo largo del tiempo como descritos en la literatura científica. Por lo tanto, en el segundo estudio, buscamos diferencias en el nivel medio de los factores de personalidad entre personas de diferentes grupos de edad, en una muestra de 440 adultos con edades entre 17 y 102 años ($M=36$, $SD=22,60$, $Md=43$), que respondieron al BFI-2. Fue posible observar diferencias normativas en la personalidad, como se documenta en la literatura científica, cuyos cambios se suceden en sentido positivo, con un aumento de la Apertura, Responsabilidad, Sociabilida, Amabilidad y reducción del Neuroticismo. En el tercer estudio, probamos la consistencia en la clasificación de los factores de personalidad a lo largo del tiempo. Se inscribió un total de 170 adultos, de entre 51 y 93 años de edad ($M=69$, $SD=9,05$, $Md=69$), que respondieron al BFI-2. Además, respondieron al Inventario de Personalidade (BFI), sin embargo, en retrospectiva, considerando cómo pensaban que eran cuando tenían 30-

35 años. Realizamos Anovas con medidas repetidas y correlación teste-reteste. Se identificó que el funcionamiento individual tiende a estabilizarse con el tiempo, como lo documenta la literatura científica. Por último, aunque se desarrollaron varios instrumentos para la evaluación de la personalidad en el modelo de los CGF, se pueden identificar algunas limitaciones en estos instrumentos para evaluar a las personas mayores de 60 años. En cumplimiento de esto, en el tercer estudio realizamos una revisión de la literatura para trazar un mapa de los posibles fenómenos relevantes para los adultos y las personas mayores, habiendo planteado siete constructos, a saber: el *mindfulness*, el sentido de la vida, las metas dirigidas a la satisfacción de sus propios deseos, el altruismo, el perdón y la tolerancia, la calma, y considerar el tiempo de vida restante. Basándonos en estos constructos, en el cuarto estudio desarrollamos un inventario autoinformado para evaluar los factores de personalidad de las personas mayores (Inventario Gold- IG). Además, comprobamos si los factores propuestos para el IG encajan con el modelo de CGF en BFI-2, como facetas para evaluar a las personas en la tercera y cuarta edad. Un total de 440 adultos de entre 17 y 102 años de edad ($M=36$, $SD=22,60$, $Md=43$) respondieron al IG y al BFI-2. Los análisis se realizaron en el GI basados en la Teoría Clásica del teste y la Teoría de Respuesta al ítem. Fue posible identificar que el Inventario Gold presenta pruebas iniciales de validez para la evaluación de las características de personalidad de las personas mayores. Sin embargo, en el futuro se deberían realizar estudios sobre el instrumento para garantizar que los psicólogos dispongan de un instrumento fiable para mejorar las evaluaciones e intervenciones con este público objetivo. Las implicaciones de los resultados de la presente tesis para la práctica de la psicología que involucra a personas mayores concluyen el texto.

Palabras clave: personalidad, desarrollo, ancianos, cinco grandes factores

Sumário

| | |
|---|-----|
| Apresentação | 7 |
| Fundamentação teórica | 9 |
| Estudo 1: Evidências iniciais de validade do <i>Big Five Inventory-2</i> (BFI-2)..... | 35 |
| Método | 43 |
| Resultados | 50 |
| Discussão | 60 |
| Estudo 2: Personalidade ao longo do ciclo vital..... | 69 |
| Estudo 2.1: Verificação de diferenças normativas nos traços de personalidade..... | 79 |
| Método | 79 |
| Resultados e discussão | 82 |
| Estudo 2.2: Consistência no ranqueamento dos CGF ao longo do tempo | 89 |
| Método | 89 |
| Resultados e discussão | 97 |
| Estudo 3: Fenômenos socioemocionais em adultos e idosos: revisão da literatura | 111 |
| Método | 111 |
| Resultados | 114 |
| Discussão | 119 |
| Estudo 4: Avaliação da personalidade de idosos: a elaboração do Inventário <i>Gold</i> | 123 |
| Método | 134 |
| Resultados e discussão | 145 |
| Discussão geral e considerações finais da tese | 170 |

Lista de Figuras

| | |
|--|-----|
| <i>Figura 1. Comparação das estruturas internas do BFI-2, da BFP e do NEO-PI-R ..</i> | 15 |
| <i>Figura 2. Screeplot das análises paralelas realizadas nos dois grupos</i> | 50 |
| <i>Figura 3. Modelo 4-a com indicadores de ajuste.....</i> | 55 |
| <i>Figura 4. Abertura</i> | 88 |
| <i>Figura 5. Conscienciosidade</i> | 88 |
| <i>Figura 6. Extroversão</i> | 88 |
| <i>Figura 7. Amabilidade</i> | 88 |
| <i>Figura 8. Neuroticismo</i> | 88 |
| <i>Figura 9. Screeplot das análises paralelas no BFI e BFI-2</i> | 97 |
| <i>Figura 10. Mapa de itens – O</i> | 101 |
| <i>Figura 11. Mapa de itens – C</i> | 101 |
| <i>Figura 12. Mapa de itens – E</i> | 101 |
| <i>Figura 13. Mapa de itens – A</i> | 101 |
| <i>Figura 14. Mapa de itens – N</i> | 101 |
| <i>Figura 15. Frequência de publicações por ano</i> | 115 |
| <i>Figura 16. Facetas de personalidade propostas no Inventário Gold</i> | 135 |
| <i>Figura 17. Itens âncora do BFI-2 em relação às facetas do Inventário Gold</i> | 140 |
| <i>Figura 18. Lista de missing cases observados no Inventário Gold</i> | 145 |
| <i>Figura 19. Screeplot das análises paralelas no Inventário Gold</i> | 146 |
| <i>Figura 20. Mapa de itens – F1</i> | 150 |
| <i>Figura 21. Mapa de itens – F2</i> | 150 |
| <i>Figura 22. Mapa de itens – F3</i> | 150 |
| <i>Figura 23. Mapa de itens – F4</i> | 150 |
| <i>Figura 24. Mapa de itens – F5</i> | 150 |
| <i>Figura 25. Amadurecimento</i> | 164 |
| <i>Figura 26. Transcendência</i> | 164 |
| <i>Figura 27. Altruísmo</i> | 164 |
| <i>Figura 28. Morte/ envelhecimento</i> | 164 |
| <i>Figura 29. Aceitação</i> | 164 |

Lista de Tabelas

| | |
|---|-----|
| <i>Tabela 1. Precisão calculada por Alpha de Cronbach para os fatores do BFI-2</i> | 53 |
| <i>Tabela 2. Índices de ajuste dos modelos testados, com e sem controle de aquiescência.</i> | 54 |
| <i>Tabela 3. Regressão logística com base no sexo dos respondentes</i> | 56 |
| <i>Tabela 4. Regressão logística com base na prática de atividade física ou não</i> | 57 |
| <i>Tabela 5. Regressão logística com base no fato de ser viúvo ou Casado</i> | 58 |
| <i>Tabela 6. Regressão logística com base no sexo dos respondentes</i> | 59 |
| <i>Tabela 7. Precisões estimadas pelo Alpha de Cronbach para os CGF do BFI-2</i> | 83 |
| <i>Tabela 8. Médias e desvios padrões dos CGF do BFI-2 em cada grupo etário</i> | 84 |
| <i>Tabela 9. Médias e desvios padrões dos escores Z no BFI e BFI-2</i> | 98 |
| <i>Tabela 10. Médias e desvios padrões dos thetas no BFI e BFI-2</i> | 98 |
| <i>Tabela 11. Associações entre os escores Z nos CGF do BFI e do BFI-2</i> | 98 |
| <i>Tabela 12. Teste reteste entre os escores Z dos fatores do BFI e do BFI-2</i> | 99 |
| <i>Tabela 13. Correlação teste-reteste entre o BFI e o BFI-2, pelo tempo retrospectivo...</i> | 106 |
| <i>Tabela 14. Faixas etárias dos participantes das pesquisas revisadas</i> | 116 |
| <i>Tabela 15. Perfil mais frequente dos participantes nas pesquisas revisadas</i> | 116 |
| <i>Tabela 16. Instrumentos mais frequentes na coleta de dados das pesquisas revisadas..</i> | 117 |
| <i>Tabela 17. Fenômenos sociais e emocionais mais estudados em adultos</i> | 118 |
| <i>Tabela 18. Estrutura extraída ao Inventário Gold x estrutura proposta originalmente.</i> | 148 |
| <i>Tabela 19. Precisão dos fatores do Inventário Gold</i> | 149 |
| <i>Tabela 20. Propriedades psicométricas dos fatores do Inventário Gold</i> | 152 |
| <i>Tabela 21. Associação entre o BFI-2 e as facetas propostas ao Inventário Gold</i> | 157 |
| <i>Tabela 22. Cargas fatoriais dos itens âncora do BFI-2 nos fatores do Inventário Gold.</i> | 158 |
| <i>Tabela 23. Médias e desvios padrões dos escores do BFI-2</i> | 160 |
| <i>Tabela 24. Regressão logística com base no grupo etário (corte: 60 anos) (BFI-2)</i> | 161 |
| <i>Tabela 25. Regressão logística com base no grupo etário (corte: 60 anos) (IGold)</i> | 161 |

Sim. A personalidade de todos muda, ao mesmo tempo, ao longo do tempo.

E não, ao mesmo tempo.

Apresentação

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), o Brasil possui mais de 209 milhões de cidadãos. Enquanto em 2000 havia predominância do número de crianças (0 aos 15 anos) no Brasil, e pouquíssimas pessoas com 60 anos ou mais, em 2018 identificou-se redução do número de crianças, com predominância de indivíduos na primeira fase da vida adulta (19- 30 anos); e os ainda poucos idosos. Para 2030, o IBGE estima que a população brasileira será composta, majoritariamente, por indivíduos da segunda etapa da vida adulta (35-50 anos); sem mencionar a quantidade ainda menor de crianças. No entanto, se considerarmos o padrão do desenvolvimento da população brasileira nos últimos anos, conforme apresentado pelo IBGE, podemos pensar que para os anos 2050 – 2060, além de poucas crianças, teremos uma população nacional futura predominante com mais de 60 anos.

Outro dado associado ao possível futuro contingente de pessoas idosas no Brasil, refere-se ao aumento da expectativa de vida dos brasileiros. Segundo o IBGE (2009), enquanto em 1900 a expectativa de vida dos brasileiros era de 33,7a anos, em 1930 era de 36,5 anos. A partir de 1940, o nível de mortalidade no Brasil começa a cair (IBGE, 2009), aumentando a expectativa de vida em cerca de 10 anos, já em 1950. Em 1980 a expectativa de vida dos brasileiros chegou a 62,5 anos, ao passo que em 2000 a 70 anos; em 2005 a 72,1, e em 2018 a 76,5 anos. A estimativa do IBGE para 2030 é que a expectativa de vida dos brasileiros seja de 78,64 (IBGE, 2018), indicando que os brasileiros passarão a ter ainda mais tempo de vida nos próximos anos.

Essas previsões de que a população brasileira futura será predominantemente idosa, e terá cada vez mais tempo de vida, nos faz refletir que a promoção de saúde, trabalho, educação e cultura dessa população deverá ser tema de mais interesse pela população geral e em pesquisas e, por consequência, nas agendas daqueles que pensam

políticas públicas no Estado brasileiro. Apesar de sabermos que a maior parte dos brasileiros terá idade avançada, devemos estar cientes de que a pessoa idosa no Brasil do futuro, possivelmente, será diferente daquela que conhecemos atualmente. Espera-se que, no futuro, os mais velhos tenham melhor saúde física, maior qualificação profissional e escolaridade, melhores condições de vida de forma geral, além de possuírem mais tempo disponível seja para continuar produzindo e/ou descansar. Entretanto, diferentes narrativas para expressar o avanço da idade serão identificadas.

Jane Fonda, atriz americana com 80 anos, por exemplo, ao ser perguntada sobre a sua idade e experiência de vida, mostrou certa visão positiva a esse respeito, a um repórter brasileiro: *“Em uma visão tradicional, as pessoas veem o envelhecer assim: você nasce, atinge um ápice na metade da vida, e depois desce “ladeira abaixo”. O que eu experiencio é que você tem uma trajetória sempre ascendente. Você ganha sabedoria, ganha autoconhecimento, conhecimento sobre os outros, você passa a saber o que é mais importante para você. Você não liga mais para coisas pequenas. Você se dá conta de que têm mais tempo para trás de você, do que tem para frente. Porém, você pode olhar para trás e dizer: “Eu já passei por tudo isso, e está tudo bem! Passei por tragédias e crises, mas sobrevivi. E eu continuo aqui.”*

Diferentemente, algumas pessoas podem expressar o envelhecimento e o passar dos anos de forma mais negativa, o que poderia, por consequência, afetar a sua narrativa nesse âmbito. Podemos tomar como exemplo as palavras do samba de Teresa Cristina, cantora e compositora com 50 anos, que escreveu: *“Ah, quantas lágrimas eu tenho derramado, só em saber que não posso mais, reviver o meu passado. Eu vivia cheio de esperança, e de alegria eu cantava eu sorria. Mas hoje em dia eu não tenho mais a alegria dos tempos atrás. Mas hoje em dia eu não tenho mais a alegria dos tempos*

atrás. Só melancolia os meus olhos trazem, quanta saudade a lembrança traz. Se houvesse retrocesso na idade, eu não teria saudade da minha mocidade”.

Essas narrativas trazem a ideia de que a forma como o avanço da idade é interpretada pelas pessoas poderá ser diferenciada a depender do estágio do desenvolvimento em que elas se encontram. É possível que, enquanto aos 60 anos uma visão mais pessimista em relação ao próprio envelhecimento possa ser identificada, aos 80 anos, alguma modificação nesse âmbito poderá ocorrer, de tal forma que a percepção se torne mais positiva no estágio final do desenvolvimento. Partindo dessas narrativas, resta-nos as seguintes questões: *A personalidade muda ao longo do tempo? Em caso afirmativo, em que sentido essas mudanças ocorrem? Existe associação entre a forma como as pessoas das narrativas pensavam e experienciavam suas vidas quando tinham 30-35 anos (por exemplo, sendo mais positivas ou negativas em relação ao seu futuro), com a forma como elas pensam e narram sua vida aos 70- 80 anos? Qual padrão de funcionamento é típico aos 60 e aos 80 anos?*

Fundamentação teórica

A personalidade muda ao longo do ciclo vital? Essa é uma pergunta complexa, que intriga não apenas os psicólogos, mas a população geral, e pretende-se buscar evidências que ajudem a respondê-la na presente tese. A esse respeito, três perspectivas contribuem com a compreensão da personalidade e de como ela se desenvolve ao longo do tempo (Kogan, 1990; Roberts, Walton & Viechtbauer, 2006): a) a teoria dos traços, b) a ideia de protótipo social, e c) a integração desses dois fatores. Na primeira perspectiva, os traços de personalidade (que serão detalhados adiante) são considerados como características estáveis na vida adulta, representados por padrões de funcionamento, os quais são encontrados nas diferentes culturas, podendo ser reconhecidos pelos pais, irmãos e por terceiros; e são originados pelos temperamentos

infantis e fatores genéticos. Portanto, mudanças no funcionamento individual seriam atribuídas ao fato de que fatores biológicos (e genéticos) gerariam propensões para o desenvolvimento em direções específicas (Roberts et al., 2006). Na segunda perspectiva, “protótipo social”, dá-se evidência ao ambiente, atribuindo as mudanças na personalidade como efeitos das contingências do meio e dos papéis sociais assumidos (Roberts et al., 2006). As questões cognitivas sociais envolvendo fatores como habilidades sociais, competências e metas, ganham força nessa perspectiva. Porém, diferente de pressupor consistência ao longo do tempo, reconhece-se as transações do indivíduo com seu meio, contribuindo-se pouco com informações de estabilidade no padrão de funcionamento, já que a noção de “traço” perde valor. Na terceira perspectiva, as compreensões de desenvolvimento das duas primeiras perspectivas são integradas, de tal forma que a ênfase se volta para a interação entre fatores biológicos e o ambiente contribuindo na explicação do desenvolvimento da personalidade ao longo do ciclo vital (Roberts et al., 2006).

Similarmente, McAdams e Olson (2010) descrevem outras três perspectivas: a comportamental, a motivação, e a auto-narrativa. Na primeira, assim como para Roberts et al., (2006), encontra-se os traços disposicionais de personalidade. Antecedente aos traços estão os temperamentos, expressados pelas crianças já em seus primeiros dias de vida; e reportados pelos pais ou mesmo observados em laboratórios. Como efeito, esses temperamentos cristalizam-se na infância e irão refletir os traços futuros, ainda que não elaborados. Apesar disso, vale a menção de que os temperamentos podem mudar da fase de bebê à de criança, apesar de que quando cristalizado em traços, tenderiam a mudar cada vez menos com o passar do tempo.

Na sequência, McAdams e Olson (2010) explicam que uma parte do funcionamento individual se relaciona com aspectos motivacionais dos seres humanos

(motivos, objetivos, planos, esforços, estratégias, valores, virtudes, esquemas). Para os autores, isso estaria em linha com teorias da personalidade que prestigiam aspectos como autodeterminismo e autorregulação, apesar de mostrar-se contrário à noção de que as pessoas tenderiam a agir de forma relativamente consistente ao longo do tempo. McAdams e Olson (2010) atentam que os objetivos individuais incluem a forma como certos padrões de comportamento serão expressados em determinados contextos da vida, fato que poderia, inclusive, contradizer os traços de personalidade.

Ainda para os autores, deve-se considerar que os objetivos de vida podem variar conforme a idade avança. Entre jovens adultos, os objetivos relacionam-se mais com educação, intimidade, carreira e amizades, ao passo que adultos de meia idade tendem a focar no futuro dos filhos, na segurança sobre aquilo que adquiriram, envolvimento cívico, e na melhora de sua comunidade; além de outras questões concernentes às suas posses/ propriedades. Por sua vez, os adultos com mais de 60 tenderiam a focar em objetivos voltados para questões como aposentadoria, lazer, além da compreensão sobre questões que afetam o mundo de forma mais ampla (fome, cultura, migração).

Como terceira perspectiva, McAdams e Olson (2010) destacam a autonarrativa, referindo-a ao modo como o sujeito narra a compreensão sobre como ele(a) foi concebido(a), e para onde ele(a) irá na vida. De acordo com os autores, por volta dos 20 anos, as pessoas elaboram um rascunho de sua identidade, podendo mudá-lo ao longo do tempo, com a justificativa de que as experiências que se vivencia cotidianamente seriam incorporadas a ela. Porém, apesar de os fatos narrados tenderem a mudar ao longo do tempo, algumas emoções e motivações podem se mostrar consistentes nas histórias narradas. Como efeito, com o passar do tempo, as narrativas tornam-se mais complexas, integrando novos fatos e demonstrando certo crescimento pessoal (McAdams & Olson, 2010). Os autores chamam isso de raciocínio autobiográfico.

A título de exemplos, adultos com idade intermediária tendem a apresentar uma versão mais interpretativa e sofisticada da vida em suas narrativas, quando comparados com os mais novos. Os mais velhos, quando comparados com os adolescentes, relatam mais fatos de sabedoria, conectando suas experiências com temas mais amplos e filosóficos. Outrossim, adultos acima dos 50 anos tendem a narrar memórias de forma mais positiva do que jovens universitários (McAdams & Olson, 2010).

Como é possível destacar, há um elemento consensual nas concepções de Roberts et al. (2006) e de McAdams (2010). Em ambas, a cristalização de temperamentos infantis nos traços do adulto seriam os componentes fundamentais da personalidade, os quais contariam com influências disposicionais (biológicas [e genética]) e contextuais (ambiente) na composição do funcionamento individual. Por sua vez, a composição desses fatores geraria os padrões de funcionamento em cada pessoa, incorrendo-se, por consequência, nas diferenças individuais que caracterizam a personalidade. A esses padrões de funcionamento individuais, dá-se o nome de traços de personalidade. E a esse respeito, cabe indicar que ao longo do desenvolvimento das pesquisas sobre personalidade, na Psicologia, diferentes modelos foram propostos. No entanto, nas últimas décadas, tem-se evidenciado uma recorrência da defesa de um modelo que organiza os traços de personalidade em cinco grandes fatores. Esses traços serão apresentados na sequência.

Os Cinco Grandes Fatores de Personalidade (CGF)

Os cinco grandes fatores de personalidade referem-se a um modelo que objetiva descrever características (traços) encontradas em diferentes culturas e utilizadas no cotidiano para descrever as pessoas. Esses traços se referem a padrões no funcionamento (cognitivo, comportamental e emocional), já que se mantêm com alguma estabilidade ao longo do tempo nos indivíduos, e tendem a ser reconhecidos por

terceiros. Um dos modelos mais aceitos cientificamente para organizar hierarquicamente os traços de personalidade, refere-se ao modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF) (John et al., 2008). Trata-se de um modelo que busca representar a personalidade humana de forma simples, elegante e econômica (Nunes et al., 2010).

Sua estrutura, composta por cinco traços amplos, resulta da convergência de estudos reportando análises fatoriais, realizadas de forma independente e em diferentes culturas. Por isso, os “traços” são chamados de “fatores” de personalidade. Estudos envolvendo análise fatorial nos cinco fatores de personalidade têm concluído que esses traços são ortogonais, ou seja, não muito correlacionados uns com os outros, mas que podem ser subdivididos em facetas, que são um conjunto de subfatores intercorrelacionadas (OECD, 2016). Por conta disso, os fatores são rotulados de “Grandes”. Os CGF são apresentados na sequência.

De acordo com Nunes et al. (2010), o traço *Abertura (O)* diz respeito ao comportamento exploratório e o interesse por novas experiências. Pessoas com escores elevados são curiosas, imaginativas e tendem a possuir valores não convencionais.

Realização (C) indica a capacidade de organização, de produção e de cumprimento de metas das pessoas, estando associado a questões como persistência e motivação.

Indivíduos com escores elevados são organizados, persistentes e metódicos.

Extroversão (E) refere-se ao quão comunicativas, falantes e assertivas as pessoas são.

Escores altos são encontrados em indivíduos sociáveis, falantes e dominantes.

Socialização (A) diz respeito à profundidade e qualidade das relações interpessoais, de forma que pessoas com níveis elevados nesse traço tendem a ser generosas, amáveis e bondosas, além de confiarem nos demais. *Neuroticismo (N)* indica o nível de ajustamento emocional das pessoas. Altos escores sugerem propensão a experimentar volatilidade emocional, depressão, preocupação exagerada e ansiedade.

Cada um dos fatores de personalidade refere-se à uma unidade hierarquicamente organizada de traços que descrevem diferenças individuais (Srivastava & Das, 2013). Além disso, os CGF são variáveis contínuas e não categóricas. Sendo assim, não podemos dizer que alguém é “extrovertido” ou “introvertido”. Mas sim, que todos possuem alguma “quantidade” desses traços. Igualmente, têm-se documentado que os cinco fatores são variáveis que conseguem prever uma diversidade de comportamentos futuros, a exemplos da qualidade dos relacionamentos sociais e íntimos, a adaptabilidade às mudanças na vida, sucesso profissional, saúde, felicidade, e até mortalidade (McAdams & Olson, 2010). Isso torna relevante seu estudo e avaliação nas diferentes fases do desenvolvimento.

É importante salientar que para se referir aos CGF, na presente tese, utilizaremos sua sigla do modelo em inglês (OCEAN): O, de *Openness*, ou Abertura. C, de *Conscientiousness*, ou Realização. E, de *Extraversion*, ou Extroversão. A, de *Agreeableness*, ou Amabilidade. N, de *Neuroticism*, ou Neuroticismo.

Avaliação dos Cinco Grandes Fatores de personalidade

Com base no modelo dos CGF, vários instrumentos foram construídos para avaliação da personalidade, podendo-se destacar o Inventário Neo-Revisado (NEO PI-R), o *Big Five Inventory 2* (BFI-2) e a Bateria Fatorial de personalidade (BFP) como instrumentos padrão ouro para avaliar a personalidade nesse modelo. Esses instrumentos de personalidade são compostos por cinco fatores ortogonais, ou seja, não muito relacionados uns com os outros, os quais podem ser subdivididos em facetas (que seriam equivalentes a subfatores). As facetas sim, são relacionadas umas com as outras. Essa característica complexa da estrutura interna dos instrumentos de personalidade no modelo dos CGF torna imprecisa, por exemplo, a condução de análises fatoriais confirmatórias (AFC) em seus instrumentos (Marsh et al., 2010; Marsh et al., 2013),

característica que deve ser considerada pelos pesquisadores da área. Uma comparação entre as estruturas internas da BFP, do BFI-2 e do Neo-PI-R aparece na Figura 1.

| Traços | BFI-2 | BFP | NEO-PI-R |
|--------|--------------------------|----------------------|--------------------------|
| | Facetas de personalidade | | |
| O | | Abertura a ideias | Ideias |
| | | Liberalismo | Valores |
| | Imaginação criativa | | Fantasia |
| | Sensibilidade estética | | Estética |
| | | | Sentimentos |
| | | Busca por novidades | Ações variadas |
| | Curiosidade intelectual | | |
| C | | Competência | Competência |
| | | Ponderação | Ponderação |
| | | Empenho/ dedicação | Esforço para realizações |
| | | | Senso de dever |
| | Produtividade | | Autodisciplina |
| | Organização | | Ordem |
| | Responsabilidade | | |
| E | Sociabilidade | Nível de comunicação | |
| | Nível energético | Dinamismo | Atividade |
| | Assertividade | Assertividade | Assertividade |
| | | Interações sociais | Gregarismo |
| | | | Emoções positivas |
| | | | Busca de sensações |
| | | | Acolhimento |
| | | Altivez* | |
| A | | | Franqueza |
| | Compaixão | Amabilidade | Altruísmo |
| | | | Complacência |
| | Respeito | Pró-sociabilidade | |
| | | | Sensibilidade |
| | | | Modéstia* |
| | Confiança nas pessoas | Confiança | Confiança |
| N | Depressão | Depressão | Depressão |
| | Ansiedade | | Ansiedade |
| | | | Raiva/ hostilidade |

| Traços | BFI-2 | BFP | NEO-PI-R |
|--------|--------------------------|-------------------------------|-----------------|
| | Facetas de personalidade | | |
| | Volatilidade emocional | Instabilidade emocional | |
| | | Vulnerabilidade | Vulnerabilidade |
| | | | Impulsividade |
| | | | Embaraço |
| | | Passividade/ falta de energia | |

Figura 1. Comparação das estruturas internas do BFI-2, da BFP e do NEO-PI-R
Nota. * Categorizados diferentemente nos instrumentos de personalidade

Como é possível destacar na Figura 1, o modelo dos CGF mostram-se congruentes no nível dos fatores, entretanto, mostram-se minimamente diferentes no nível das facetas, que seriam equivalentes a subfatores. Apesar dessas diferenças, não se pode falar em incongruência entre os instrumentos. O que ocorre, inclusive, já foi explicado por Soto e John (2016), quem compreendem que esses instrumentos podem assumir versões “mais” ou “menos” amplas do construto. Como exemplo, menciona-se o componente “conscienciosidade”, que abrange uma diversidade de elementos, ao passo que “organização” seria uma versão mais específica de um de seus componentes.

Outro ponto que não pode deixar de ser mencionado em relação aos três instrumentos de personalidade refere-se à presença das *jingle-jangle fallacies*. A tendência em utilizar diferentes terminologias para se referir a um mesmo fenômeno, causa a realidade de *jangle fallacy* (National Research Council, 2012). Na *jangle fallacy*, utiliza-se diferentes terminologias para se referir a uma mesma “coisa”, sobrepondo-as, tautologicamente (Primi et al., 2015a). Por exemplo, “trabalho em equipe” e “colaboração”; ou “flexibilidade” e “adaptabilidade” (National Research Council, 2012). Além disso, um tópico que merece ser enfatizado a respeito das diferenças observadas nas facetas de personalidade, refere-se ao fato de que, do ponto de vista estrutural, o componente “modéstia” no Neo-PI-R resultou em A, ao passo que seu correspondente, “altivez”, na BFP, no fator E. Deve-se, portanto, buscar

explicações para essa incorrência, indicando futuramente se esse resultado diz respeito a alguma especificidade da cultura brasileira ou alguma particularidade das amostras de participantes analisadas nos estudos com a BFP.

Apesar da diferença no nível das facetas, esses instrumentos de personalidade têm possibilitado o desenvolvimento da ciência psicológica a medida em que são utilizados para testar hipóteses relacionadas ao funcionamento individual, em seus aspectos cobertos pela personalidade e variáveis relacionadas (Soto, 2019), com destaque para as evidências de que os traços de personalidade se desenvolvem ao longo do ciclo vital (Roberts et al., 2015) e geram tanto diferenças normativas quanto estabilidade ao longo do tempo (Roberts & Mroczek, 2008; Nye & Roberts, 2019; Roberts, Wood, & Caspi, 2008). Por sua vez, a reprodutibilidade dos achados nas diferentes culturas só é possível porque a estrutura interna desses instrumentos mostra-se congruente nas diferentes sociedades, de tal forma que os CGF, que são as variáveis latentes nesses instrumentos, são considerados padrões universais de funcionamento (Gurven et al., 2013).

Mudanças na personalidade ao longo do ciclo vital

Uma diversidade de pesquisas que utilizaram os instrumentos elaborados com base nos CGF têm evidenciado que a personalidade se desenvolve ao longo do ciclo vital (Roberts et al., 2015; Soto & John, 2012), ocasionando, por consequência, mudanças longitudinais nos traços (Bleidorn et al., 2019). Mudanças na personalidade dizem respeito ao quanto as pessoas conseguem se manter em sua pontuação relativa na distribuição dos traços ao longo do tempo (McAdams & Olson, 2010).

Operacionalmente, essas mudanças na personalidade podem ser compreendidas através do nível médio dos traços (*mean level change*) e pela consistência no ranqueamento dos traços (*rank order consistency*) (De Fruyt & Bartels, 2006; Specht et al., 2011). O primeiro caso compreende as mudanças de ordem normativa, ou seja, o quanto certos

grupos de pessoas diferenciam-se nos traços de personalidade, por exemplo: adolescentes x adultos x idosos. Por sua vez, a segunda forma incluiria as mudanças que ocorrem, em um mesmo grupo de pessoas, ao longo do ciclo vital, ou seja, tem interesse em saber como os traços de personalidade mudam da infância à idade avançada.

Para além de apenas verificar mudanças entre grupos, De Fruyt e Bartels (2006) ainda sugerem a comparação do traço em nível individual, ou seja, avaliando o quanto uma pessoa muda em um determinado traço de personalidade, em relação a ela mesma, ao longo do tempo. Esses autores ainda mencionam a estabilidade *ipsativa*, que objetiva verificar a continuidade de uma determinada configuração de traços no nível individual, fornecendo informações quanto ao padrão dos traços ao longo do tempo.

Roberts e Mroczek (2008) revisaram evidências de mudanças no nível médio dos traços de personalidade e fizeram duas pontuações fundamentais. Primeiramente, as mudanças ocorreram, predominantemente, nos adultos com idades intermediárias (20-40 anos), o que, para os autores, se coloca como uma contradição à compreensão clássica de que as mudanças na personalidade se dariam mais fortemente nas fases iniciais e mais avançadas da vida. Isso abre novos focos de investigação na ciência do desenvolvimento humano. O segundo ponto descrito é que a personalidade continua a mudar mesmo na idade adulta, o que poderia ser explicado pelo fato de que as pessoas funcionam como sistemas abertos, sendo possuidoras da capacidade de mudar durante a vida. Para os autores, isso se mostra contrário à concepção de um possível engessamento (efeito *plateau*) no desenvolvimento da personalidade, em algum momento no ciclo vital.

Srivastava et al. (2003) ensinam que a visão biológica dos cinco fatores de personalidade defende a hipótese “*plaster*”, ou de engessamento. Nessa hipótese, para o domínio *hard plaster*, entende-se que os cinco traços de personalidade parariam de

mudar por volta dos 30 anos de idade. Por outro lado, uma visão mais ambiental do desenvolvimento da personalidade, *soft plaster*, compreende que as mudanças no funcionamento persistiriam por todo o ciclo vital, afetando, inclusive, a vida adulta.

Na sequência, Roberts e Mroczek (2008) argumentam que o tempo possui um efeito positivo nas mudanças que ocorrem na personalidade. Esses autores tentam exemplificar a função do tempo sobre os traços de personalidade em observância ao modelo do metabolismo. Nesse modelo, entende-se que, apesar de as pessoas tenderem a se afastar de suas predisposições biológicas, elas teriam, também, a tendência de voltar para seus centros. Esses centros funcionariam como um conjunto de características básicas, geneticamente modelado, passíveis de reconhecimento por outras pessoas. No entanto, os autores entendem que, ao regressar ao seu centro, o indivíduo traz consigo novas características, supostamente obtidas nesse afastamento. Ou seja, de alguma forma, as pessoas preservam “alguma coisa” desses afastamentos em seus traços. Por sua vez, isso poderia dar a ideia de mudança no funcionamento.

Os autores ainda destacam que a direção das mudanças ocorre em sentido positivo. Entende-se que com o passar do tempo, as pessoas teriam a tendência a se tornar cada vez mais confiantes, responsáveis, calmas e maduras. McAdams e Olson (2010) validam essa visão e lembram que, conforme a idade avança, as pessoas tendem a se sentir mais confortáveis consigo mesmas, tornam-se menos inclinadas à variações de humor e às emoções negativas (Specht et al. 2011), mostrarem-se mais responsáveis, cuidadoras, e menos impulsivas, envolvendo-se menos em situações de risco (McAdams & Olson, 2010); mostrando-se mais eficientes nos relacionamentos sociais e íntimos e maior envolvimento com a sociedade (Roberts & Mroczek, 2008).

Em Terracciano et al. (2005), análises envolvendo modelagem de equações lineares indicaram mudanças graduais na personalidade de pessoas adultas. Houve

declínio de N até os 80 anos. E mostrou-se estável, seguido de declínio. O mostrou-se reduzir ao longo do tempo. A mostrou-se elevar com o passar dos anos, enquanto C aumentou até os 70 anos. Os autores concluíram que mudanças dos 30 aos 90 anos são modestas em magnitude, sendo equivalentes a menos de 1 ponto de escore T por década, e que a direção das mudanças indica declínio de N, E, e O, e aumento em A e C mesmo durante a vida adulta. Uma forma para interpretar os achados, de acordo com os autores, é via evolução, em que obter escores mais elevados em C e A pode ser relevante para tarefas de adultos como paternidade/maternidade e outros, além do fato de que adultos responsáveis, possivelmente, criam seus filhos de forma mais bem sucedida. Porém, os autores mencionam que existem evidências de que pode haver mudanças no nível médio dos traços que são detectadas com amostras abrangentes e intervalos maiores de tempo entre as coletas.

Seguindo o raciocínio, Terracciano et al. (2006) mencionam que há uma diversidade de evidências indicando mudanças normativas na personalidade ao final da adolescência e aos 30 anos, com declínio de N e E, e aumento de A e C; sendo que O inicialmente aumenta e depois reduz. Terracciano et al. (2005) argumentam que as pressões sociais associadas com o casamento, criação de família, entrar no mercado de trabalho e avançar na carreira podem promover mudanças no sentido de maior maturidade. Entretanto, após os 30 anos, há evidências de contínuo declínio normativo em N, E, e O, o que indica para Terracciano et al. (2005) que há pouca mudança para a maior parte dos traços após os 30 anos (como em Costa & McCrae, 1988). Dito de outra forma, existe um efeito *plateau*, por volta dos 30 anos, em que as pessoas passariam a mudar cada vez menos. Esse padrão de mudança nos traços vem sendo corroborada em estudos de metanálise (Ardelt, 2000; Roberts & DelVecchio, 2000), os quais concluíram que a consistência nos traços tende a aumentar com o avanço da idade,

porém, atingindo o efeito *plateau* aos 50 anos, diferenciando-se da indicação de que esse efeito ocorra aos 30 (Srivastava et al., 2003; Terraciano et al., 2006).

Damian et al. (2018) analisaram dados de personalidade de mais de 1700 adultos, referentes a cinco décadas, com o intuito de testar a estabilidade no ranqueamento dos traços, mudanças no nível médio dos traços, mudanças no nível individual, e a estabilidade de perfis de personalidade. Dentre os resultados, identificou-se que as pessoas tendem a aumentar seus níveis de C, A, e reduzir de N. Além disso, aqueles com escores mais elevados em C e A, aos 16 anos, continuaram com pontuações mais elevadas nesses fatores aos 66 anos. Os autores observaram que ambos os sexos mudam similarmente ao longo do ciclo vital, o que se mostra em acordo com as evidências de Terracciano et al. (2006).

Ainda em relação às mudanças na personalidade, Damian et al. (2018) indicam que o tamanho de efeito da estabilidade média do ranqueamento dos traços foi 0,31. A média da mudança no nível médio dos traços de personalidade foi de meio desvio padrão, ao passo que o padrão da mudança ocorreu em sentido positivo. Além disso, as análises de mudanças no nível individual mostraram que de 20% a 60% das pessoas apresentaram mudanças em seus traços, o que foi compreendido pelos autores como indicativos de maturidade (Caspi et al., 2005; Roberts & Mroczek, 2008). Por fim, os autores discutem que tanto a estabilidade quanto a maleabilidade dos traços de personalidade sofrem influências de fatores genéticos, epigenéticos e ambientais. Corroborando, tem-se reportado que as correlações no ranqueamento dos traços têm obtido magnitudes entre 0,40 e 0,60, considerando o período de 10 anos entre as coletas (Bleidorn et al., 2019). Em síntese, os achados da literatura indicam que a personalidade é tanto mutável quanto estável ao longo do tempo. Tem-se documentado dois momentos de pico de mudança e desenvolvimento da personalidade, sendo o primeiro aos 30 anos,

e o segundo por volta dos 60 anos. A partir desses picos, os traços apresentam *plateau*, estabilizando ou reduzindo nos anos subsequentes (Bleidorn et al., 2019).

Mas o que está por trás das mudanças e estabilidade da personalidade? Enquanto algumas teorias a respeito do desenvolvimento dos traços de personalidade sugerem interação entre demandas biológicas (incluindo as genéticas) e ambientais influenciando tanto a estabilidade quanto as mudanças nos traços, outras teorias compreendem que a maturidade (Bleidorn et al., 2019; Caspi et al. 2005; Roberts & Mroczek, 2008) seria o fator subjacente às mudanças que ocorrem nas pessoas ao longo do ciclo vital. Entretanto, devemos lembrar que, conforme menciona Specht et al. (2011), se reconhecemos que as mudanças na personalidade ocorram exclusivamente por conta da maturidade (Caspi et al. 2005), então, eventos de alto impacto que ocorrem na vida (a exemplos da morte de um ente, o nascimento de um filho, casamento, mudança de endereço, desemprego, etc.) não deveriam gerar impacto na personalidade, desconsiderando-se a idade. E do contrário, se compreendemos que a personalidade muda, exclusivamente, por conta das experiências de vida, essas experiências deveriam exercer influência sobre a personalidade mesmo quando a idade é controlada.

O que significa, objetivamente, amadurecer? Do ponto de vista dos cinco grandes fatores, amadurecer pode significar redução nos escores em N, com o passar do tempo, ou seja, tornar-se menos ansioso, menos depressivo, menos emocionalmente instável, sentir menos raiva, ser menos hostil e apresentar-se menos vulnerável com o avanço da idade. Além disso, significa aumentar os níveis de O, A e C, de forma que o indivíduo se torne, ao longo do tempo, mais curioso, mais sensível, liberal, experiencie emoções mais positivas, mais compaixão, tornando-se mais amável, e altruísta. Portanto, esse conjunto de mudanças na personalidade, em que as pessoas tendem a se tornar autocentrados e contentes consigo, mais tranquilos e satisfeitos com o que

possuem, e menos preocupados com produtividade (Marsh et al., 2013) ao longo do tempo, são indicativos de maturidade (Caspi et al., 2005; Roberts & Mroczek, 2008).

Porém, dizer que as pessoas “devem” aumentar seus níveis de O, C, E e A; e reduzir em N, para apresentarem maturidade pode ser pretensioso e mesmo impertinente. Pode-se dizer isso porque, em comparações em que o sujeito é seu próprio controle (*within subject*), o respondente que possuir escore elevado em algum dos CGF na coleta inicial, poderá apresentar a maturidade com a redução nesse escore, e não com aumento no traço. Imagine, como exemplo, alguém com escore em E localizado em um percentil elevado aos 30 anos de idade. Para esse indivíduo, talvez, aumentar seu escore nesse traço, ao longo do tempo, não seja adaptativo. Portanto, nesse caso, reduzir o escore em E, aos 60, poderia ser um representante mais fiel de amadurecimento.

Outra discussão relevante diz respeito aos impactos das escolhas pessoais e dos eventos significativos de vida (morte de um ente, nascimento de um filho, casamento, mudança de endereço, desemprego) sobre a personalidade. Apesar de parecer sensato esperar que os eventos significativos da vida sejam capazes de gerar mudanças na personalidade; em algum grau, evidências têm indicado que esses eventos pouco influenciam na média dos traços de personalidade (Chopik, 2018; Cobb-Clark & Schurer, 2012; Costa et al., 2000). Apesar disso, não podemos ignorar o fato de que esses eventos podem gerar influências no funcionamento individual, entretanto, os impactos desses eventos poderão gerar mudanças em diferentes magnitudes, a depender do estágio de desenvolvimento em que o indivíduo se encontra. Têm-se evidências de que os eventos significativos de vida geram alguma mudança, principalmente, nos indivíduos mais novos e nos mais velhos, em comparação com aqueles com idade intermediária (Soto et al., 2011; Specht et al., 2011; Wortman et al., 2012). Também há evidência de que os efeitos crônicos derivados de um clima de insegurança no trabalho

estejam associados com mudança longitudinais em Neuroticismo em um período de 9 anos (Wu et al., 2020). Porém, ainda que o contexto sociocultural possa afetar o funcionamento individual a ponto de ocasionar adaptações (Smits et al., 2011), isso nada teria a ver, exatamente, com mudanças nos traços em longo prazo.

Por outro lado, as escolhas realizadas pelas pessoas em algum dado momento, poderão exercer alguma influência sobre a personalidade no longo prazo, apesar de que evidências indicam que apenas querer mudar a personalidade não é suficiente para que isso ocorra, porém, o engajamento com certos comportamentos típicos de alguns traços poderia contribuir com alguma mudança no funcionamento (Hudson et al., 2019). Tem-se documentado, por exemplo, que a psicoterapia pode reduzir o autorrelato de estresse e ansiedade (Bleidorn et al., 2019; Roberts et al., 2017), fatores relacionados ao traço de personalidade N. Igualmente, sabe-se que a inatividade física aos 20- 30 anos está associada com declínio em E, O, A e C aos 50 anos (Stephan et al., 2018). Por sua vez, o fato de o indivíduo ser fumante parece associado com mudanças na personalidade em longo prazo (Stephan, Sutin, Luchetti, Caille, & Terracciano, 2019). Além disso, há indicação de que os traços de personalidade estejam associados com o desenvolvimento corporal ao longo da vida (Lahti et al., 2013), de forma que o nível de C se relaciona com a sua adiposidade corporal, e os níveis de N, O, e C com a circunferência da cintura (Allen et al., 2018). Em conjunto, essas evidências indicam que os traços de personalidade são considerados preditores de saúde (Kandler et al., 2015; Wettstein et al., 2017b) e do risco de mortalidade ao longo do ciclo vital (Turiano et al., 2015).

Apesar das evidências de mudança na personalidade ao longo do desenvolvimento, também se tem destacado que o funcionamento individual apresenta estabilidade ao longo do tempo (Allemand et al., 2008; Bleidorn et al., 2019; Graham & Lachman, 2012; Robins et al., 2001). Na revisão de Robins et al. (2001) os autores

concluíram que a personalidade apresenta grau moderado de consistência ao longo do tempo. Os autores também observaram mudanças na personalidade, mas sugerem que elas devem ser vistas como sistemáticas. A consistência no ranqueamento dos traços se dá por conta do princípio da continuidade cumulativa (Soto, 2018). Esse princípio será tratado adiante. Nesse estudo, os traços O, C, A aumentaram após 4 anos, ao passo que N reduziu, e o fator E não apresentou mudança normativa. De acordo com os autores, a correlação teste reteste obteve os seguintes tamanhos de efeito: O (0,70), C (0,59), E (0,63), A (0,60), N (0,53).

Traços de personalidade e saúde de pessoas idosas

Uma gama de evidências obtidas com o suporte dos instrumentos de personalidade construídos com base no modelo dos CGF tem sugerido associações entre os traços de personalidade, saúde e a qualidade de vida das pessoas idosas. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (WHO, 2007), enquanto em países em desenvolvimento considera-se população idosa as pessoas com 60 anos ou mais, em países desenvolvidos esse corte ocorre aos 65 anos. Na metanálise de Jokela et al. (2013), em que foram analisadas as associações entre os traços de personalidade e o risco de morte por diversas causas ($N=76.150$), concluiu-se que baixo nível de C está associado com risco elevado de mortalidade. Similarmente, na metanálise de Grahan et al. (2017), observou-se que o traço N está associado com alto risco de mortalidade por diferentes causas, ao passo que os traços E, A, e C mostraram-se associados com menor risco de mortalidade. O mesmo padrão foi reportado especificamente para o traço C no estudo de Stephan et al. (2019), em que o aumento de 1 desvio padrão em suas facetas resultou em redução de 10% a 25% no risco de mortalidade.

Em outro estudo, foram analisadas as associações entre os CGF, acidente vascular encefálico e doença coronária (Jokela et al., 2014) e identificou-se que escores

elevados em E está associado com aumento no risco de acidente vascular encefálico. Por sua vez, nível elevado de N mostrou-se mais fortemente relacionado com risco de doença coronária do que com acidente vascular encefálico. Outrossim, escore elevado em C mostrou-se associado com baixo risco de mortalidade por ambas as doenças (Jokela et al., 2014) e com menor risco de demência (Kaup et al., 2019). Seguindo a tendência, níveis elevados de N, e baixos em O e C estão associados marcadores biológicos indicativos da doença de Alzheimer (Duberstein et al., 2011; Tautvydaitė et al., 2017). Uma das explicações é que, nesses indivíduos, as mudanças na personalidade podem iniciar conjuntamente ao início de doenças amilóides, além disso, a presença de sintomatologia depressiva e ansiogênica podem funcionar como fatores de risco para o desenvolvimento da doença de Alzheimer. Quanto ao traço O, a hipótese é que a quantidade de atividade cognitiva, e não a sua forma (vaguear, ler, meditar, ouvir música), possivelmente, media a associação entre abertura e o risco de Alzheimer.

A cognição é outro aspecto da pessoa idosa que apresenta associação com os traços de personalidade. Por exemplo, Graham e Lachman (2012) verificaram se a estabilidade ou a mudança nos traços de personalidade estaria mais associada com melhor funcionamento cognitivo na idade avançada. Os autores concluíram que aqueles que se mantiveram estáveis em O e N preservaram o tempo da reação e o raciocínio indutivo em longo prazo, quando comparados com aqueles que apresentaram mudança nesses traços. Além disso, aqueles que se mantiveram estáveis ou reduziram em N tiveram tempo de reação mais rápido do que os que aumentaram em N. Em síntese, para os autores, a estabilidade nesses traços de personalidade está associada com performance cognitiva adaptativa tanto em raciocínio quanto em tempo de reação.

Em linha com isso, Chapman et al. (2017) concluíram que, em respondentes com mais de 70 anos, níveis elevados em C e O estão associados com melhor recuperação da

memória. Por sua vez, baixo N e elevado C associam-se com melhor funções executivas e atenção. Melhor funcionamento da linguagem mostrou-se associado com níveis elevados em O, enquanto nível elevado de N mostrou-se associado com pior função visuo-espacial. Igualmente, um estudo recente (Sutin et al., 2019) examinou a associação entre os traços de personalidade e fluência verbal em indivíduos dos 16 aos 101 anos, e concluiu que aqueles com escores baixos em N, e elevados em E, O e C apresentam maior capacidade de recuperação de palavras, independente da idade, do sexo e da escolaridade. Em conjunto, essas evidências denotam associações entre o padrão de funcionamento e a saúde em longo prazo, de tal forma que os traços de personalidade se mostram relevantes para a compreensão do envelhecimento saudável.

Envelhecimento saudável

Baltes e Baltes (1990) propuseram um modelo de envelhecimento saudável reconhecido internacionalmente no campo da gerontologia, o qual tem sido utilizado na elaboração de estratégias interventivas envolvendo pessoas na terceira e quarta idades. Em seu modelo, o sucesso no envelhecimento, ou envelhecimento saudável, refere-se a um processo adaptativo que compreende três componentes: a) seleção, b) otimização e compensação, e tornou-se conhecido pela nomenclatura SOC. Nesse modelo, entende-se que a possibilidade do envelhecimento saudável seria viável através do equilíbrio entre as capacidades individuais (reservas) e as perdas decorrentes da idade. Esse equilíbrio seria passível de reestabelecimento, portanto, através dos mecanismos de seleção, otimização e compensação que envolvem as capacidades e as perdas individuais.

Seleção: refere-se ao aumento da restrição da vida do sujeito no mundo para menos domínios de funcionamento, tendo em vista a perda decorrente da idade no alcance do potencial adaptativo. Trata-se da tarefa adaptativa (da pessoa e da sociedade) em concentrar-se naqueles domínios que são de alta necessidade e envolve a

convergência de demandas ambientais e motivações individuais, habilidades e capacidades biológicas. Apesar das restrições, a seleção envolve novos e modificados domínios e objetivos.

Otimização: reflete a visão de que as pessoas devem se envolver em comportamentos que enriqueçam e aumentem as reservas de suas capacidades gerais, além de maximizar o curso escolhido para suas vidas, em quantidade e qualidade.

Compensação: assim como a seleção, resulta das restrições em relação à plasticidade e o potencial adaptativo. Torna-se relevante quando capacidades comportamentais específicas são perdidas ou reduzidas em comparação com o padrão esperado para o funcionamento adequado. Essa restrição é tipicamente experienciada quando situações e objetivos requerem alto nível de performance (esportes competitivos, escalar montanhas, risco no trânsito...). O elemento de compensação pode envolver aspectos psicológicos e tecnológicos, como o uso de algum acessório para que a pessoa possa escutar ou enxergar melhor.

Srivastava e Das (2013) mencionam que as pessoas idosas, de forma intencional, tendem a se retirar da sociedade, o que é visível tanto no âmbito do trabalho quanto no âmbito das interações sociais de forma geral. Esses autores mencionam que, na teoria do desengajamento social, entende-se que a expectativa em relação à morte é universal e a diminuição das habilidades (gerais) é uma ocorrência provável. Dessa forma, o desengajamento é visto como um evento universal, que acomete a todas as pessoas em todas as culturas. Por outro lado, na teoria da Atividade, entende-se que o envelhecimento saudável corresponde ao contínuo engajamento psicológico e participação social mesmo com o avanço da idade. Entende-se que as pessoas idosas deveriam compensar as mudanças biológicas, psicológicas, sociais e individuais decorrentes do envelhecimento. Nesse âmbito, o sucesso no envelhecimento

corresponderia tanto à “adição de anos à vida” quanto à “busca por satisfação na vida” e, portanto, os traços de personalidade irão influenciar o processo de envelhecer (Srivastava & Das, 2013). Isso traz relevância à avaliação da personalidade de pessoas idosas para que seja possível compreender quais características do funcionamento individual estejam potencialmente envolvidas com o envelhecimento saudável.

Avaliação de pessoas idosas

É crescente o interesse na avaliação de pessoas idosas, tanto no âmbito das pesquisas quanto na prática clínica (Rossi et al., 2014), ainda que a falta de instrumentos para essa população tenha feito com que testes elaborados para adultos sejam utilizados nessas demandas (Edelstein et al., 2007). Também é válido destacar que a maior parte desses instrumentos são direcionados para a avaliação de transtornos de personalidade (Edelstein et al., 2007; Rossi et al., 2014) sendo que, ainda assim, esses sistemas de classificação partem de protótipos de indivíduos adultos (Rossi et al., 2014).

Rossi et al. (2014) diferenciam instrumentos com faixa etária neutra (*age neutral*) dos instrumentos com faixa etária específica (*age specific*). Os primeiros são instrumentos que não foram elaborados para uma população específica; por exemplo, para pessoas com 60 anos ou mais, mas que incluíram na amostra normativa pessoas idosas. Por outro lado, os instrumentos com faixa etária específica seriam aqueles elaborados especificamente para pessoas de um determinado grupo e que guardam afinidade com esse público, por exemplo, pessoas idosas. A esse respeito, em sua revisão (Rossi et al., 2014), foram mencionados apenas dois instrumentos que incluíram pessoas com mais de 60 anos na amostra normativa: o *Personality Assessment Inventory* (PAI) e o NEO PI-R. Além disso, somente dois instrumentos foram elaborados com populações geriátricas: o *Gerontological Personality Disorder Scale* e o *Dutch*

informant questionnaire. Os autores salientam que existe uma versão do Neo PI-R adaptada a pessoas idosas.

Um tópico relevante de ser discutido em relação aos instrumentos que avaliam a personalidade com base no modelo dos CGF diz respeito à possibilidade de que suas facetas operacionalizem conteúdos mais voltados para o estágio intermediário do desenvolvimento, de tal forma que seus itens são construídos focando jovens e adultos em suas atividades de estudo ou profissionais, podendo ser insuficientemente abrangente com pessoas com mais de 60 anos (Rossi et al., 2014).

Como exemplos, podemos citar do BFI-2: o item 23 “*Tenho dificuldade para começar as tarefas*”, o 70 “*Sou um trabalhador/ aluno dedicado*” e o 38 “*Faço as tarefas bem e sem desperdício de tempo*”. Como exemplos do Neo PI-R, podemos mencionar o item 55 “*Perco muito tempo antes de me concentrar no trabalho*”, 77 “*Trabalho devagar, mas persistentemente*”, 102 “*Geralmente, nas reuniões, deixo os outros falarem*”, 127 “*Prefiro trabalhos que possa fazer sozinho, sem ser incomodado[...]*”, 166 “*Sinto-me a vontade na presença de meu chefe ou de outras autoridades*”, 212 “*Crio facilmente vínculos sociais com as pessoas com quem trabalho*”, 215 “*Sou suficiente e eficaz no trabalho*”, 225 “*Só faltaria ao trabalho se estivesse realmente doente*”, e o item 230 “*Sou um pouco viciado em trabalho*”. Como consequência, hipotetizamos que esses itens tenderão a receber maior endosso por aqueles com idades entre 29 e 59 anos. Apesar disso, devemos considerar que, especialmente com a reforma da previdência Brasileira, teremos um aumento de pessoas com 60 anos ou mais trabalhando nas próximas décadas, fato que precisará ser considerado futuramente no tocante à avaliação da personalidade de pessoas idosas.

Outra consideração a respeito desses instrumentos refere-se à possibilidade de que seus itens gerem escores que possuam diferentes interpretações nas fases do ciclo

vital. Por exemplo, o item 8 do BFI-2: “*Costumo ser preguiçoso*”. Escores nesse item poderão apresentar diferentes informações quando respondido por pessoas adultas e idosas, indicando diferentes características dessas populações. Enquanto em relação a um jovem-adulto, poderíamos inferir que alto escore indicaria perfil inadequado para algumas vagas de trabalho; por outro lado, para uma pessoa idosa, esse item poderia significar uma característica “positiva”, informando o quanto o sujeito busca “viver de forma mais relaxada”. Seguindo o raciocínio, outro exemplo seria o item 18 “*Sou organizado, gosto de manter as coisas em ordem*”, em que escores baixos podem ter diferentes implicações para pessoas com mais e menos de 60. E o item 77, do Neo-PI-R, “*Trabalho devagar, mas persistentemente*”, podendo receber diferentes interpretações, a depender do estágio do desenvolvimento do respondente.

Adicionalmente, outro item do BFI-2 que pode apresentar esse efeito é o “*Tenho dificuldade para começar as tarefas*”. Em pessoas idosas, especialmente aquelas com dificuldades motoras, mesmo tarefas cotidianas podem ser bem complexas, de tal forma que as pessoas podem ter dificuldades para reunir os objetos / ferramentas necessárias para a realização da tarefa por estarem espalhados pela casa, ou porque não lembram onde estão. No entanto, ao invés de ficar no campo da especulação, essas questões devem ser testadas por pesquisadores da área da avaliação psicológica da personalidade, o que se coloca como demanda para estudos futuros. Nesse sentido, um estudo futuro de DIF nesses itens poderia permitir verificar se essa hipótese é, de fato, defensável.

Deve-se salientar, porém, que essas características dos instrumentos de personalidade não são, exatamente, negativas. É importante que os itens desses testes consigam diferenciar, efetivamente, respondentes no estágio adulto do desenvolvimento. Primeiro porque os adultos são a maioria da população nacional (IBGE, 2018), e segundo porque a utilidade prática desses instrumentos, de uma forma

ou de outra, é relevante para seleção de pessoal, pesquisa e diagnóstico, contextos que tipicamente envolvem indivíduos no estágio intermediário do desenvolvimento. No entanto, é preciso estar consciente de que dispor de instrumentos que possam ser utilizados de forma justa com diferentes populações é fundamental para que estudos e intervenções envolvendo os traços de personalidade possam ocorrer de forma adequada, respeitando-se as tipicidades de todos os estágios do desenvolvimento.

Apesar dos avanços envolvendo os instrumentos para avaliar a personalidade com base nos CGF, devemos reconhecer que os estudos de construção e validação desses testes envolvem, na maioria das vezes, amostras de adolescentes e adultos, o que poderia incorrer em alguns problemas. Primeiro, deve-se mencionar a possibilidade de que pessoas adultas e idosas, assim como os adolescentes e os adultos mais novos, possivelmente, apresentam diferenças em como processam suas experiências (pensamentos, emoções, sensações) nos diversos domínios da vida. Por exemplo, McAdams e Olson (2010) mencionam que as pessoas com 30-45 anos apresentam uma narrativa mais interpretativa e sofisticada da vida, comparadas com aquelas entre 18-29 anos. Além disso, pessoas com 50 anos ou mais, quando comparados com pessoas dos 18 aos 29 anos, narram memórias de forma mais positiva, relacionando-as com sentidos mais amplos, retirando alguma sabedoria das experiências vividas.

Igualmente, considera-se importante indicar que alguns fenômenos podem se tornar relevantes com o avanço da idade. A esse respeito, McAdams e Olson (2010), por exemplo, explicam que os objetivos na vida podem variar com o avanço da idade. Por exemplo, entre os 18 e 29 anos, preocupa-se mais com educação, intimidade, carreira e amizades. Já aos 30-50 anos, as pessoas estão voltadas ao futuro dos filhos, segurança sobre o que adquiriram, envolvimento com a sociedade e melhora de sua comunidade. Por sua vez, a partir dos 50 anos, as pessoas tendem a focar em aposentadoria e lazer,

em dar sentido à vida e realizar coisas que antes não eram feitas. Essas informações sugerem que o trabalho do psicólogo com a população idosa deve atentar a certas especificidades típicas do seu estágio do desenvolvimento. A esse respeito, é válido indicar que a Associação Americana de Psicologia (APA) (APA, 2014) propôs um guia contendo 21 orientações ao psicólogo referentes ao seu trabalho com pessoas idosas, além de um documento com informações relacionadas ao processo de envelhecimento, baseadas em evidência científica (APA, 2017).

A presente pesquisa

Tendo em vista: a) as orientações da APA relacionadas à avaliação de pessoas idosas, mais especificamente o fato de que os psicólogos devem estar familiarizados com os instrumentos disponíveis à essa população, além de mostrarem-se hábeis na acomodação de características dessas pessoas no processo avaliativo, b) o pequeno número de estudos que buscou compreender o desenvolvimento da personalidade ao longo do ciclo vital, especialmente em cenário brasileiro, e c) a falta de instrumentos elaborados especificamente para a avaliação da personalidade de pessoas idosas, esta pesquisa objetiva verificar se os padrões de desenvolvimento da personalidade, conforme reportados na literatura, são corroborados em uma amostra brasileira.

Além disso, em observância à presumível ausência de facetas específicas para avaliar traços de personalidade relativos à terceira e quarta idades nos instrumentos para avaliação dos CGF, associado à possível carência de itens específicos para a população idosa nas facetas atuais de personalidade, outro objetivo desta tese é avançar no conhecimento propondo uma versão de um instrumento para avaliação da personalidade que considere especificidades da terceira e quarta idades. Para tanto, cinco estudos foram planejados, os quais estão disponibilizados na presente em quatro artigos.

No primeiro artigo, encontra-se o primeiro estudo, que objetivou verificar se a estrutura interna do BFI-2, conforme proposta em sua versão original, é corroborada em uma amostra brasileira; além de testar a capacidade do BFI-2 em prever cinco critérios externos. No segundo artigo, encontram-se os estudos 2 e 3, os quais buscaram testar os padrões de desenvolvimento da personalidade ao longo do tempo, conforme descritos na literatura científica. Especificamente no segundo estudo, verificamos diferenças normativas no nível médio dos traços de personalidade entre indivíduos dos 17 aos 102 anos, ao passo que no terceiro estudo testamos a consistência no ranqueamento dos traços de personalidade ao longo do tempo. No quarto estudo, conduzimos uma revisão da literatura com o intuito de mapear fenômenos possivelmente relevantes para pessoas adultas e idosas. Por sua vez, no quinto estudo, elaboramos itens de autorrelato para a composição de um instrumento para avaliação de traços de personalidade de pessoas idosas (*Inventário Gold*), as quais foram elencadas a partir de uma revisão da literatura. Ainda no quinto estudo, realizamos análise da estrutura interna do *Inventário Gold*, verificamos evidência de validade dos fatores do *Inventário Gold* com os fatores de personalidade do BFI-2, evidência de validade pela relação com variáveis externas, além de análise do funcionamento diferencial de seus itens.

Estudo 1: Evidências iniciais de validade do *Big Five Inventory-2* (BFI-2)

Resumo

O *Big Five Inventory-2* (BFI-2) é um inventário que avalia traços de personalidade no modelo dos cinco grandes fatores (CGF). Neste trabalho, verificamos se a estrutura interna do BFI-2, conforme proposta na sua versão original, é corroborada em uma amostra brasileira. Participaram 439 adultos cisgênero, com idades entre 17 e 93 anos ($M=36$, $DP=22,60$, $Md=43$). Realizamos análise fatorial exploratória e confirmatória, e verificamos a capacidade do BFI-2 em prever cinco critérios externos. Os CGF foram extraídos, apesar dos índices de ajuste pobres nas versões amplas e ajuste adequado em versões curtas. O inventário mostrou-se sensível em captar diferenças individuais nos critérios testados. Conclui-se que o BFI-2 apresenta evidências iniciais favoráveis de validade para avaliação da personalidade no modelo dos CGF.

Introdução

As pessoas tendem a expressar comportamentos consistentes nos diferentes papéis que assumem em seu cotidiano, por exemplo, no trabalho e na família, o que fará com que elas possuam características que as diferenciam das demais em sociedade. Esses padrões de funcionamento (cognitivo, comportamental e emocional) que se mantêm estáveis nos indivíduos e podem ser encontrados em diversas culturas, conhecidos pelo que é descrito na literatura científica como traços de personalidade. Um dos modelos mais aceitos cientificamente para organizar os traços de personalidade refere-se ao modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF) (John et al., 2008). Trata-se de um modelo que compreende a personalidade a partir de cinco traços amplos, os quais resultam da convergência de estudos de análises fatoriais realizadas de forma independente, em diferentes culturas. Por conta disso, os traços de personalidade são tratados como “fatores”, e serão descritos na sequência.

O traço *Abertura* (O) diz respeito ao comportamento exploratório e o interesse novas experiências. Pessoas com escores elevados são curiosas, imaginativas e tendem a possuir valores não convencionais. *Realização* (C) indica a capacidade de organização, de produção e de cumprimento de metas das pessoas, estando associado a questões como persistência e motivação. Indivíduos com escores elevados são organizados, persistentes e metódicos. *Extroversão* (E) refere-se ao quão comunicativas, falantes e assertivas as pessoas são. Escores altos são encontrados em indivíduos sociáveis, falantes e dominantes. *Socialização* (A) diz respeito à profundidade e qualidade das relações interpessoais, de forma que pessoas com níveis elevados nesse traço tendem a ser generosas, amáveis e bondosas, além de confiarem nos demais. *Neuroticismo* (N) indica o nível de ajustamento emocional das pessoas. Altos escores sugerem propensão a experimentar volatilidade emocional, depressão, preocupação exagerada e ansiedade.

Diversos instrumentos para avaliar a personalidade, a partir do modelo dos CGF, foram construídos nas últimas décadas. Esses instrumentos têm possibilitado o desenvolvimento da ciência psicológica a medida em que são utilizados para testar hipóteses relacionadas ao funcionamento psicológico, em seus aspectos cobertos pela personalidade e variáveis relacionadas, com destaque para as evidências de que os traços de personalidade se desenvolvem ao longo do ciclo vital (Roberts et al., 2015) e geram tanto diferenças normativas quanto estabilidade ao longo do tempo. Às mudanças, dá-se rótulos como maturidade (Roberts & Mroczek, 2008) e efeito *la dolce vitta* (Marsh et al., 2013), ao passo que o aumento da estabilidade ocorre pelo princípio da continuidade cumulativa (Nye & Roberts, 2019; Roberts, Wood, & Caspi, 2008).

Dentre os instrumentos disponíveis para a avaliação dos CGF, pode-se destacar o *Big Five Inventory* (BFI). O BFI é um inventário amplamente citado na literatura internacional, tendo recebido tradução e adaptação para diferentes idiomas e culturas nos últimos anos (Rammstedt & John, 2017; Schmitt et al., 2007). O inventário é composto por 44 itens de autorrelato, elaborado para avaliar os cinco fatores amplos de personalidade (John & Srivastava, 1999). Em 2017, Soto e John propuseram o BFI-2 (Soto & John, 2017). Nessa nova versão do inventário, composta por 60 itens em uma estrutura hierárquica, pode-se avaliar, também, três facetas para cada fator de personalidade. Os autores recomendaram novos rótulos para os fatores Abertura e Neuroticismo, a saber, “mentalidade aberta” e “emocionalidade negativa”, respectivamente. Além disso, o BFI-2 foi desenvolvido de tal forma a permitir o controle de aquiescência, apresentando, para tanto, pares de itens com polaridade “oposta”, mas que avaliam um mesmo atributo (Soto, John, Gosling, & Potter, 2008). Aquiescência refere-se a um estilo de respostas no qual os indivíduos apresentam

tendência a concordar ou discordar com as afirmativas apresentadas no teste, independentemente de seu conteúdo.

Apesar desses avanços, 60 itens de autorrelato podem inviabilizar o uso do instrumento em vários contextos. Portanto, em virtude da demanda por instrumentos para avaliar a personalidade com quantidade reduzida de itens, Soto e John (2017) apresentaram duas versões alternativas ao BFI-2, uma contendo 30 itens (BFI-2-S) e outra com 15 (BFI-2-XS). Os autores salientam que a versão com 30 itens pode ser usada na avaliação de facetas da personalidade, para o acompanhamento e comparação de grupos, em grandes amostras, sendo que isso não vale para o BFI-2-XS. Os autores lembram que o ganho em eficiência vem com custo na precisão dos fatores, o que deve ser ponderado pelo pesquisador ou profissional que precisar utilizar o inventário.

O BFI é um dos instrumentos para avaliar a personalidade mais utilizados em pesquisas em âmbito internacional, tendo apresentado estrutura interna replicável em diferentes amostras. A esse respeito, tem-se documentado que os CGF tendem a ser identificados facilmente através de procedimentos de análise fatorial exploratória (AFE) nos instrumentos construídos para avaliar esse modelo; especialmente quando utilizado o método de AFE com intercepto randômico (Aichholzer, 2014; Soto & John, 2017) e rotação varimax. Essas análises têm concluído que os CGF são ortogonais, ou seja, não muito correlacionados uns com os outros, mas que podem ser subdivididos em unidades hierarquicamente menores, usualmente referidas como facetas, as quais são correlacionadas entre si (OECD, 2016).

Essa característica complexa da estrutura interna dos instrumentos que avaliam os CGF torna imprecisa a condução de análises fatoriais confirmatórias (AFC) em seus instrumentos de medida (Marsh et al., 2010; Marsh et al., 2013). Pode-se dizer que essas análises estarão fadadas a obter índices pobres de ajuste (Gomes & Gjikuria, 2017;

Joshanloo, 2018; Marsh, Nagengast, & Morin, 2013) sendo que isso ocorre, em parte, por conta dos pressupostos para condução de AFC (Marsh et al., 2013). Uma estratégia adotada em estudos confirmatórios da estrutura interna dos instrumentos dos CGF é o uso conjunto de procedimentos da AFE e da AFC, através de modelagem de equações estruturais exploratória (ESEM) (Gomes & Gjikuria, 2017; Joshanloo, 2018; Marsh et al., 2010; Marsh et al., 2013, 2014), ainda que alguns estudos mostrem pouca diferença entre os achados a partir da AFC e da ESEM (Booth & Hughes, 2014; Furnham, Guenole, Levine, & Chamorro-Premuzic, 2012). Outra estratégia é o controle do efeito de aquiescência nos itens de personalidade, antes da realização de análises fatoriais (Zanon, Lessa, & Dellazzana-Zanon, 2018). Na elaboração do BFI-2, por exemplo, Soto e John (2017) relataram melhora do modelo após esse procedimento.

Em conjunto, todo esse conhecimento sobre os CGF obtido a partir das análises fatoriais tem levado à conclusão de que sua estrutura interna hierárquica, apesar de complexa, é congruente em diferentes contextos e culturas. Como efeito, essas evidências advogam em favor da universalidade dos traços de personalidade (McCrae & Terracciano, 2005). Além de estrutura interna adequada em seus instrumentos, tem-se observado que os CGF conseguem prever um amplo conjunto de variáveis em contextos variados, tais como saúde, sucesso acadêmico e profissional (Soto, 2019), se é praticante de atividade física ou não; além de aspectos da escolha profissional. Isso faz com que os instrumentos para avaliação dos CGF sejam úteis em diversos contextos.

Estudos de invariância nos traços de personalidade entre mulheres e homens têm indicado que as primeiras tendem a obter escores significativamente mais elevados, principalmente, em N, E e A (Chiorri, Marsch, Ubbiali, & Donatti, 2016; Costa, Terracciano, & McCrae, 2001). No estudo de Costa et al. (2001), C apresentou pequena diferença entre os sexos. Chapman et al. (2007) reportaram que as mulheres de 65 a 98

anos apresentaram escores mais elevados em N ($d = 0,52$) e A ($d = 0,35$) do que os homens dessa faixa etária. Por sua vez, Marsh et al. (2010) e Marsh et al. (2013) documentaram que as mulheres apresentaram escores mais elevados em quatro dos cinco grandes fatores, com exceção apenas de O, do que os homens. Esse padrão foi corroborado recentemente. Soto e John (2017) identificaram que as mulheres se mostraram mais elevadas em E ($d=0,21$), A ($d=0,35$), C ($d=0,20$) e N ($d=0,27$), do que os homens; enquanto eles obtiveram escores marginalmente significativos mais elevados em O ($d=-0,15$). Seguindo o padrão, Kajonius e Johnson (2018) identificaram, em uma amostra de 320.128 adultos, com idades entre 19 aos 69 anos, que as mulheres apresentaram escores mais elevados em todos os CGF, porém, mais pronunciadamente em A ($d=0,58$) e N ($d=0,40$).

Além do sexo, tem-se documentado que a inatividade física aos 20-30 anos está associada com declínio em E, O, A e C aos 50 anos (Stephan et al., 2018). Nesse sentido, os CGF conseguem predizer indicadores de saúde (Kandler et al., 2015) e mortalidade em longo prazo (Turiano et al., 2015). Na metanálise de Rhodes e Smith (2006), que envolveu a análise de 33 amostras independentes, foram reportadas associações entre diversas variáveis dependentes relacionadas à prática de atividades físicas (marcadores fisiológicos, preferências por atividades) e E ($r= 0,23$), e C ($r=0,20$), além de associação negativa com N ($r= -0,11$). E associou-se significativamente com atividades físicas do tipo aeróbica, enquanto N negativamente com essa forma de atividade. O mesmo padrão foi corroborado recentemente, na metanálise de Wilson e Dishman (2015), em que foram encontradas associação fraca entre os diversos indicadores de prática de atividade físicas com os traços E e C, ambos com ($r= 0,11$).

Alguns estudos envolvendo os CGF têm concluído que eventos significativos de vida podem gerar impactos no funcionamento individual, afetando a forma como a pessoa sente, percebe e expressa sua vida (Specht et al., 2011; Wortman et al., 2012). Exemplos desses eventos são a morte do(a) parceiro(a) e o luto (Chopik, 2018). Apesar do reconhecimento do impacto desses eventos no funcionamento individual, as evidências apontam que esses impactos irão ocorrer em diferentes magnitudes, a depender do estágio de desenvolvimento em que o indivíduo se encontra (Wortman et al., 2012). Portanto, apesar de serem identificados os impactos, as evidências indicam que esses não geram mudanças nos escores médios dos CGF em longo prazo (Cobb-Clark & Schurer, 2012). Por exemplo, tem-se documentado que a morte do parceiro não muda (após quatro anos) os escores médios nos CGF (Chopik, 2018) e como consequência, respondentes casados e viúvos não apresentam diferenças nos traços de personalidade (McCrae & Costa, 1993).

Outro tópico de interesse são as associações entre os CGF e as preferências e inclinações pessoais para atividades profissionais (De Fruyt & Mervielde, 1997; Nunes et al., 2010). Nunes et al. (2010) destacaram que o traço O mostrou-se o fator de personalidade mais fortemente associado com carreiras das *Ciências Humanas e Sociais aplicadas*. Por sua vez, a preferência por *Atividades Burocráticas* apresentou associação negativa com O. Igualmente, evidências têm destacado associações entre os tipos de autoeficácia para atividades profissionais, conforme o modelo teórico chamado RIASEC, conhecido como tipologia de Holland, com os CGF (De Fruyt & Mervielde, 1997; Nunes et al., 2010).

No RIASEC, o tipo *empreendedor* caracteriza-se pelas habilidades verbais para falar em público, coordenação de pessoas, e supervisão de grupos. Esse tipo mostra-se associado ao perfil daqueles que optam por cursos de Gestão e Administração. Outro

tipo do modelo, o *social*, é relacionado com o interesse em ajudar, acalmar e auxiliar os outros. Tipicamente, esse tipo pode ser encontrado em alunos que buscam por cursos como de Psicologia. No estudo de De Fruyt e Mervielde (1997), o tipo *Social* mostrou associação com os traços E, O e A, enquanto no estudo de Nunes et al. (2010), esse tipo mostrou-se associado com E e A. O tipo *Empreendedor* apresentou associações com E, A e C no estudo de De Fruyt e Mervielde (1997); e com E em Nunes et al. (2010).

Contribuindo com a discussão, Vedel (2016) revisou sistematicamente estudos internacionais, disponíveis em idioma inglês, que objetivavam comparar os CGF entre estudantes e profissionais de diferentes áreas. Pode-se destacar que psicólogos apresentaram escores mais elevados em O do que não psicólogos ($d=0,34$). Alunos de Ciências Econômicas obtiveram escores mais baixos em O ($d=1,23$) e em A ($d=0,65$), do que alunos de Ciências Humanas; mesmo padrão obtido ao comparar alunos de Administração e de Ciências humanas ($d=0,52$).

Em virtude da relevância dos instrumentos para avaliar personalidade, no presente trabalho, objetivamos verificar se os CGF são replicados no *Big Five Inventory* (BFI-2) em uma amostra brasileira, conforme sua estrutura proposta originalmente. É válido ressaltar que, atualmente, estudos estão sendo conduzidos no Brasil¹ com esse instrumento, de tal forma que ainda não dispomos de resultados para comparação. Além disso, testamos a capacidade do BFI-2 em prever cinco critérios externos (sexo,

1

Tradução e adaptação do BFI-2 versão em inglês (publicada em *J Pers Soc Psychol.* 2017 Jul;113(1):117-143. doi: 10.1037/pspp0000096) com permissão dos autores realizada pela equipe: Dr. Ricardo Primi (USF), Dr. Carlos H. S. Nunes (UFSC), Dr. Nelson Hauck Filho (USF), Dr. Maurício Hass Bueno (UFPE), Dr. Cristian Zanon (UFRGS), Dr. Lucas de Francisco Carvalho (USF), e Dr. Rodolfo Ambiel (USF) no Laboratório de Avaliação Psicológica e Educacional (LabAPE, www.labape.com.br) do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade São Francisco. Endereço: Rua Waldemar César da Silveira, 105, Campinas SP, 13045-510. E-mail: ricardo.primi@usf.edu.br

prática de atividade física, viuvez, curso universitário escolhido e o tipo de atividade que o participante com mais de 60 anos frequenta).

Método

Participantes

Participaram deste estudo 439 adultos, com idades entre 17 e 93 anos ($M=36$, $DP=22,60$, $Md=43$), sendo 317 mulheres, a maioria solteiro ($n=194$) e casado ($n=156$), seguidos dos viúvos ($n=53$), todos cisgênero. A maioria indicou ensino superior incompleto como escolaridade máxima ($n=191$), seguidos por aqueles com ensino superior completo ($n=76$), ensino médio ($n=59$), fundamental ($n=57$); e por aqueles com mestrado e/ou doutorado concluídos ($n=56$). A maioria dos participantes relatou que não pratica atividade física ($n=141$), seguida pelos que realizam até 2 dias por semana ($n=138$), pelos que praticam de 3 a 5 dias ($n=135$) e dos que praticam até 7 dias ($n=25$).

Instrumentos

Questionário sociodemográfico e de perfil: Instrumento com questões para verificação de variáveis sociais e demográficas: sexo, idade, estado civil e escolaridade. Também foram incluídos itens sobre a prática de atividades físicas nos seis meses que antecederam a coleta de dados. (Apêndice C)

Big Five Inventory 2 (BFI-2): O Inventário dos Cinco Grandes Fatores – 2 é um instrumento criado para avaliar hierarquicamente a personalidade. Refere-se a uma versão reformulada do BFI, contendo 60 itens de autorrelato (Soto & John, 2017). O BFI-2 permite uma análise mais detalhada da personalidade do que a obtida pelo BFI original, na medida em que apresenta uma estrutura hierárquica composta por 15 facetas, as quais se organizam em cinco fatores. O respondente deve indicar a

concordância em relação às afirmativas apresentadas, em uma escala de cinco pontos, que varia de 1 “*Não tem nada a ver comigo*” a 5 “*Tem tudo a ver comigo*”. Os itens do BFI-2 são de fácil compreensão, podendo ser aplicados em indivíduos de uma ampla variedade de idade e escolaridade. Seus fatores têm obtido precisão adequada, com coeficientes alpha de Cronbach entre $\alpha=0,82$ e $\alpha=0,86$.

Recrutamento dos participantes e coleta dos dados

Após aprovação da pesquisa em comitê de ética (CAAE 00811018.5.0000.0121), os participantes foram recrutados em universidades e através da rede de contato dos pesquisadores. Também foram contatados Serviços (públicos e privados) com grupos voltados para pessoas com mais de 60 anos, localizados na região metropolitana de Florianópolis. Além disso, os pesquisadores convidaram Psicólogos e alunos de cursos de Psicologia para realizarem a coleta dos dados com participantes com mais de 60 anos de sua rede de contato. Antes de coletar dados com terceiros, o psicólogo foi convidado a responder a pesquisa, com o objetivo de familiarizar-se com os instrumentos de coleta de dados. Uma parte desses psicólogos são pesquisadores vinculados com o grupo de pesquisa ao qual este projeto está vinculado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC. Essa técnica, conhecida como bola de neve, foi relevante para acessar participantes com mais de 60 anos que não estivessem envolvidos em Instituições para esse público etário. As coletas ocorreram de forma individual ou coletiva, através de autoaplicação ou de entrevista, especialmente para respondentes com baixa escolaridade, ou que relataram alguma dificuldade, como baixa visão ou nível insuficiente de leitura. Os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndices A e B).

Análise dos dados

Diante da complexidade nos estudos confirmatórios envolvendo instrumentos que avaliam os CGF, no presente estudo conduzimos análise fatorial exploratória (AFE) seguida de análise fatorial confirmatória (AFC). Inicialmente, os resultados obtidos por meio do BFI-2 passaram por controle de aquiescência, seguindo os procedimentos indicados em Soto et al. (2008). Os participantes foram, então, divididos em dois grupos, com referência à sua idade. O grupo 1 foi composto por 231 pessoas, 79 homens, com idades entre 17 e 39 anos ($M=24,23$, $DP=5,66$, $Md=22$). O grupo 2 foi composto por 208 participantes, todos cisgênero, sendo 165 mulheres, com idades entre 40 e 93 anos ($M=65,40$, $DP=12,13$, $Md=67$). Essa separação permitiu que fossem realizadas análises fatoriais (AFE e AFC) em duas amostras de participantes.

Na fase exploratória, realizamos análises paralelas nos dois grupos e na amostra total. Dessa forma, foi possível comparar o número de fatores sugeridos para extração nos dois grupos como indicativo de invariância da estrutura interna do BFI-2. Igualmente, verificamos se os agrupamentos dos itens sugeridos para extração eram condizentes com os CGF. Para finalizar as análises exploratórias, estimamos a precisão dos fatores. As análises foram realizadas no pacote Stata 14® (StataCorp, 2013).

O método escolhido para estimar os modelos na AFC (SEM) foi o *maximum likelihood* (ML), com a técnica *observed information matrix* (OIM). Os itens do BFI-2 (observáveis) foram considerados as variáveis endógenas, compondo as variáveis exógenas, ou latentes, ou seja, cada um dos CGF. Foram especificados diferentes modelos confirmatórios ao BFI-2 na AFC, baseados em diferentes quantidades de itens, tanto para cada um dos grupos recém mencionado quanto para a amostra total. Deve-se lembrar que, ao conduzir procedimentos confirmatórios, o pesquisador parte de uma teoria para explicar a estrutura latente do modelo que testa, o que permitirá que atue

com flexibilidade em relação aos dados que modela, já que seu raciocínio e tomadas de decisões se dão com base em teoria (Little, Rhemtulla, Gibson, & Schoemann, 2013).

Na fase confirmatória, sabendo que os índices de ajuste tendem a ser pobres (Alharyout & Abdullah, 2018), procuramos confirmar os CGF em modelos mais simples, com menos variáveis endógenas, mas que conseguissem: a) preservar a composição estrutural das facetas do BFI-2, b) apresentar o melhor ajuste possível, e c) ser parcimonioso, ou seja, optar pelo mais simples, dentre os modelos alternativos (Kline, 2011). Os modelos especificados foram: a) com todos os itens, b) versão com 3 itens por fator (Soto & John, 2017), c) versão com seis itens por fator (Soto & John, 2017), e algumas versões alternativas com: d) três itens por fator (um por faceta), e) quatro itens por fator (um por faceta +1), f) cinco itens por fator (um por faceta +2), g) seis itens por fator (dois por faceta), e h) sete itens por fator (dois por faceta + 1). Deve-se destacar que a seleção dos itens que iriam compor essas versões ocorreu de forma aleatória, sendo incluídos os itens seguindo a ordem como aparecem no inventário.

Tendo o modelo sido especificado, realizamos a estimação de seus índices de ajuste. Para bom ajuste na AFC o modelo deve apresentar o menor valor possível para o χ^2 , indicando menor resíduo no modelo, além de significância superior a 0,05, apesar de que esse índice é menos importante em estudos com amostras pequenas (Brown, 2015; Schermelleh-Engel & Moosbrugger, 2003; Stata, 2013). Espera-se que o *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA) e o *Standardized root mean squared residual* (SRMR) apresentem valores abaixo de 0,05, apesar de que são aceitos valores menores do que 0,08; ao passo que para o *Comparative Fit index* (CFI) e para o *Tucker-Lewis index* (TLI), valores acima de 0,80 são aceitáveis (Stata, 2013). Além disso, alguns autores usam o qui-quadrado/gl como um indicador de ajuste (Kline, 2011), de forma que valores abaixo de 5 indicariam bom ajuste ao modelo.

Depois de avaliar o ajuste geral do modelo especificado, e de comparar os ajustes dos itens com e sem o controle de aquiescência, tentamos melhorar o modelo através da redução do seu χ^2 e graus de liberdade, conforme Alharyout e Abdullah (2018), ainda que essa não seja uma prática indicada (Marsh et al., 2013). Para isso, consultamos índices de modificação, no sentido de verificar possíveis adições de *paths* e covariâncias. Os modelos em que houve a inclusão de covariâncias foram reespecificados e tiveram o índice de ajuste, χ^2 e graus de liberdade reanalisados e comparados com o modelo especificado inicialmente.

Após análise da estrutura interna do BFI-2, realizamos a busca por evidências de validade baseada na associação com critérios externos. Para isso, geramos escores z para cada um dos fatores do BFI-2, considerando a versão completa do instrumento. É válido ressaltar que o cálculo dos escores z considerou os itens que demandavam inversão. Na sequência, estimamos a precisão dos CGF dos BFI-2, pelo alpha de Cronbach, para cada grupo e para a amostra total. Com esses escores, realizamos a testagem de cinco hipóteses, as quais serão descritas na sequência.

Na primeira, testamos se homens e mulheres apresentam escores diferenciados nos traços de personalidade. Para isso, separamos os participantes em dois grupos, a partir da variável *sexo*. O Grupo 1 foi composto por 122 homens, com idades entre 18 e 89 anos ($M=38$, $DP=20,67$, $Md=27$). O segundo grupo é formado por 317 mulheres, cujas idades variam de 17 a 93 anos ($M=45$, $DP=22,93$, $Md=41$). A hipótese é que as mulheres apresentariam escores mais elevados em C, E, A e N, enquanto os homens obterão escores mais elevados em O. Para essa análise, conduzimos teste T de Student e regressão logística.

A segunda testagem verificou se os participantes que realizam atividades físicas apresentam escores diferenciados nos traços de personalidade, quando comparados com

os participantes que não fazem. Para essa etapa, os participantes foram divididos em dois grupos. O grupo 1 é composto por 141 pessoas que indicaram que não fazem atividade física, sendo 104 mulheres, com idades entre 17 e 88 anos ($M=39$, $DP=20,33$, $Md=33$). No grupo 2 foram incluídos 298 participantes que indicaram realizar, pelo menos, 2 dias de atividade física por semana, considerando os últimos seis meses. As idades variaram de 18 a 93 ($M=45,94$, $DP=23,25$, $Md=41$), sendo 85 homens. Realizamos essa comparação com o teste T de Student e análise de regressão logística. Os CGF e o sexo foram incluídos no modelo como as variáveis independentes, ao passo que o fato de o participantes fazer ou não atividade física foi incluída como a variável dependente. Hipotetiza-se que os praticantes de atividades físicas apresentarão escores diferenciados em E e C; além de escores menores em N.

A terceira testagem objetivou verificar se existe diferenças nas médias de personalidade entre participantes viúvos e casados. A hipótese é que viúvos e casados não apresentem escores diferenciados nos CGF, considerando o efeito limitado de eventos de vida sobre os níveis nos traços de personalidade (Chopik, 2018; McCrae & Costa, 1993). Para isso, selecionamos 130 participantes da amostra total, os quais indicaram ser casados e viúvos no questionário sociodemográfico. Esses participantes foram então alocados em dois grupos. No grupo 1 estão 74 participantes casados, que possuem idades entre 55 e 88 anos ($M=66$, $DP=7,56$, $Md=66$), sendo 51 mulheres. O grupo 2 é composto por 56 participantes, viúvos, sendo 55 mulheres, com idades entre 55 e 93 anos ($M=74$, $DP=8,50$, $Md=73$). Para testar a hipótese apontada, realizamos uma análise de regressão logística.

Na quarta testagem, comparamos as médias nos escores de personalidade entre universitários de cursos de Psicologia e de Administração. A amostra dessa etapa ($N=201$) foi dividida em dois grupos. O grupo 1 é formado por 83 alunos de cursos de

Administração ou de Gestão, sendo 44 homens, com idades entre 18 e 33 anos ($M=21$, $DP=3,28$, $Md=20$). Já o Grupo 2 é composto por 118 alunos de cursos de Psicologia, sendo 91 mulheres, com idades entre 18 e 52 anos ($M=26,37$, $DP=8,45$, $Md=22$). Para essa análise, foi utilizado o teste T de Student e regressão logística, em que os CGF e o sexo dos respondentes foram incluídos no modelo como as variáveis independentes. A hipótese é que os alunos de Psicologia terão escores mais elevados em O e A, enquanto os alunos de Administração irão obter escores mais elevados em C.

A quinta testagem comparou as médias nos escores de personalidade considerando o tipo de atividade que o participante realiza no grupo voltado para pessoas com mais de 60 anos em que frequenta. Os 172 participantes dessa etapa foram divididos em cinco grupos. No Grupo 1, *Atividades de convivência*, foram alocados 64 participantes, sendo 61 mulheres, com idades entre 52 e 90 anos ($M=73$, $DP=7,72$, $Md=74$). No Grupo 2, *Atividades intelectuais*, foram alocadas 50 pessoas, 13 homens, com idades entre 53 e 85 anos ($M=67$, $DP=8,40$, $Md=66$). No Grupo 3, *Atividades físicas*, foram incluídos 17 participantes, sendo 14 mulheres, cujas idades variaram de 51 a 78 anos ($M=65$, $DP=8,50$, $Md=67$). No Grupo 4, *Atividades de tecnologia*, estão 19 pessoas, sendo 15 mulheres, com idades entre 53 e 84 anos ($M=68$, $DP=7,84$, $Md=68$). No Grupo 5, *Em casa*, estão 22 adultos que não frequentam grupos para pessoas com mais de 60 anos, 12 mulheres, com idades entre 56 e 93 anos ($M=65$, $DP=9,20$, $Md=64$). Esses participantes indicaram que não fazem atividade física.

Para verificar diferenças entre esses grupos, conduzimos procedimento de Anova, seguido de análise *post hoc* de Tukey, para identificar as diferenças efetivamente significativas. Apesar de falta de referências para discussão nesse âmbito, espera-se os seguintes resultados: a) o grupo que frequenta atividades de convivência apresentará escores mais elevados em E e A; b) O grupo que frequenta atividades

intelectuais obterá escores mais elevados em O, c) O grupo que frequenta atividades de tecnologia apresentará escores mais elevados em O, d) O grupo que está em casa apresentará escores mais baixos em todos os CGF, e mais elevado em N; e e) O grupo que frequenta atividades físicas obterá escores mais elevados em E.

Resultados

Os CGF puderam ser resgatados nas duas amostras em que conduzimos as AFEs, apesar de alguma diferença nos Eigenvalues, $KMO=0,83$ nas duas análises. A *Figura 2* apresenta os *screeplots* das análises paralelas. Considerando a versão completa do BFI-2, os fatores apresentaram precisão adequada, com coeficientes alpha variando de $\alpha=0,75$ a $\alpha=0,87$ para a amostra total. Para a amostra com idades entre 17 e 39 anos, a precisão estimada aos fatores ficou ainda mais elevada (entre $\alpha=0,80$ e $\alpha=0,89$). Porém, para o grupo com idades entre 40 e 93 anos, a precisão dos fatores apresentou redução (variando de $\alpha=0,64$ a $\alpha=0,78$). C e A foram os fatores que apresentaram os mais baixos coeficientes de precisão para esses participantes, conforme Tabela 1.

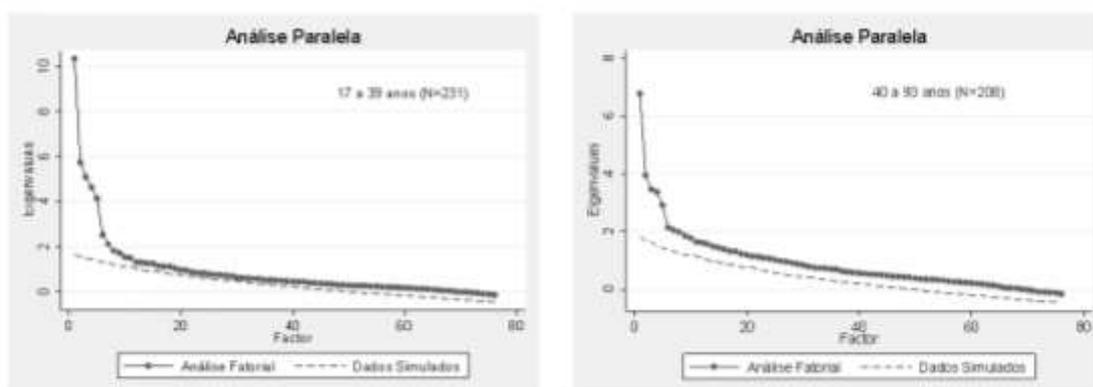


Figura 2. *Screeplot* das análises paralelas realizadas nos dois grupos

A respeito dos índices de ajuste dos modelos testados, tanto o BFI-2 original, quanto suas versões curtas, com 15 e 30 itens, propostas por Soto e John (2017), apresentaram índices pobres (Tabela 2). Apesar disso, foi possível identificar modelos

alternativos que apresentaram bons ajustes, por exemplo, o modelo 3-b, especialmente para o grupo com idade entre 17 e 39 anos, e para a amostra total. Deve-se observar que, para os participantes com idades entre 40 a 93 anos, quatro modelos especificados não foram identificados pelo Stata, impossibilitando a geração de parâmetros pelo pacote.

Nos modelos em que houve a inclusão de covariâncias (3-b, 4-b e 5-b), entre alguns itens e entre os fatores, os graus de liberdade desses modelos até reduziram, apesar dos índices de ajuste manterem-se pobres. No geral, o χ^2 dos modelos mostrou-se elevado, entre 154,13 (modelo 3-b) e 6631,51 (BFI-2 completo). Os graus de liberdade variaram de 80 (modelo 3-b) a 2764 (BFI-2 completo), sem contar o nível de significância inferior a 0,05 obtido em todos os modelos testados. Apesar disso, ao observar a razão χ^2 /graus de liberdade, todos os modelos testados obtiveram valores inferiores a 5, sendo esses indicativos de bom ajuste dos modelos testados na corrente pesquisa (Kline, 2016). Os valores mais baixos obtidos nessa análise foram de 1,92 (modelo 3-b) e 2,16 (modelo de 3 itens por fator de Soto & John, 2017). O modelo 4-a obteve resultado de 2,68, ao passo que o modelo de 5 itens por fator de Soto & John (2017) teve o resultado de 3,70. Outrossim, deve-se observar que o controle do efeito da aquiescência nos itens, em todos os modelos especificados, gerou índices de ajuste superiores aos obtidos nos modelos em que foram incluídas covariâncias, e dos modelos curtos propostos por Soto e John (2017).

A título de exemplo, o *output* contendo o diagrama com os *paths* para o modelo 4-a, com os coeficientes de regressão *B* padronizados ($p < 0,05$), aparece na Figura 3. Para mostrar o quão adequado o modelo é, incluímos alguns *paths* entre os CGF e itens que não são referentes a esses fatores. Na Figura 3, pode-se verificar a diferença na magnitude das associações entre os itens e seu fator correto (linhas pretas), em comparação com a associação entre alguns itens e um fator diferente ao seu (linhas

vermelhas). Porém, deve-se registrar algumas ocorrências, a exemplo da elevada associação entre os traços E e C, e entre O e E, no modelo 4-a, o que pode ter acontecido como efeito do grupo de itens selecionado para integrar esses fatores no modelo. Além disso, o item 71 “*Preocupo-me pouco em cumprir prazos e compromissos*” e o 40 “*Gosto de pensar profundamente sobre as coisas*”, mostraram-se relacionados ao traço C e ao O; o que faz sentido prático pois se observado o conteúdo desses itens, pode-se identificar alguma afinidade com ambos os traços.

Tabela 1. Precisão calculada por Alfa de Cronbach para os fatores do BFI-2

| Modelos (item/ fator) | Precisão (α) para os modelos testados do BFI-2 | | | | | | | | | | | | | | |
|--------------------------|---|------|------|------|------|-------------------------|------|------|------|------|---------------------------|------|------|------|------|
| | 17- 39 anos ($n=231$) | | | | | 40- 93 anos ($n=208$) | | | | | Amostra total ($N=439$) | | | | |
| | O | C | E | A | N | O | C | E | A | N | O | C | E | A | N |
| Total (60 itens) | 0,84 | 0,83 | 0,87 | 0,80 | 0,89 | 0,75 | 0,64 | 0,72 | 0,65 | 0,78 | 0,81 | 0,79 | 0,84 | 0,75 | 0,87 |
| 7 ^a | 0,76 | 0,79 | 0,77 | 0,65 | 0,77 | 0,63 | 0,56 | 0,64 | 0,43 | 0,58 | 0,71 | 0,75 | 0,72 | 0,56 | 0,72 |
| 6* | 0,66 | 0,76 | 0,76 | 0,57 | 0,73 | 0,50 | 0,56 | 0,55 | 0,33 | 0,61 | 0,59 | 0,70 | 0,69 | 0,50 | 0,70 |
| 6 ^a | 0,77 | 0,80 | 0,75 | 0,62 | 0,63 | 0,63 | 0,62 | 0,56 | 0,33 | 0,37 | 0,71 | 0,75 | 0,67 | 0,50 | 0,56 |
| 5c | 0,63 | 0,51 | 0,89 | 0,66 | 0,86 | 0,57 | 0,28 | 0,75 | 0,56 | 0,58 | 0,61 | 0,39 | 0,84 | 0,62 | 0,79 |
| 5 ^a | 0,77 | 0,82 | 0,76 | 0,65 | 0,63 | 0,61 | 0,65 | 0,52 | 0,38 | 0,34 | 0,70 | 0,78 | 0,66 | 0,54 | 0,53 |
| 4 ^a | 0,53 | 0,72 | 0,65 | 0,62 | 0,55 | 0,27 | 0,57 | 0,45 | 0,26 | 0,30 | 0,43 | 0,70 | 0,57 | 0,40 | 0,46 |
| 3 ^a | 0,60 | 0,63 | 0,43 | 0,36 | 0,50 | 0,47 | 0,37 | 0,17 | 0,25 | 0,35 | 0,53 | 0,50 | 0,32 | 0,29 | 0,45 |
| 3b | 0,56 | 0,47 | 0,83 | 0,61 | 0,78 | 0,46 | 0,17 | 0,70 | 0,47 | 0,41 | 0,54 | 0,43 | 0,78 | 0,55 | 0,68 |
| 3* | 0,46 | 0,55 | 0,51 | 0,47 | 0,42 | 0,45 | 0,18 | 0,42 | 0,17 | 0,37 | 0,45 | 0,42 | 0,51 | 0,35 | 0,42 |

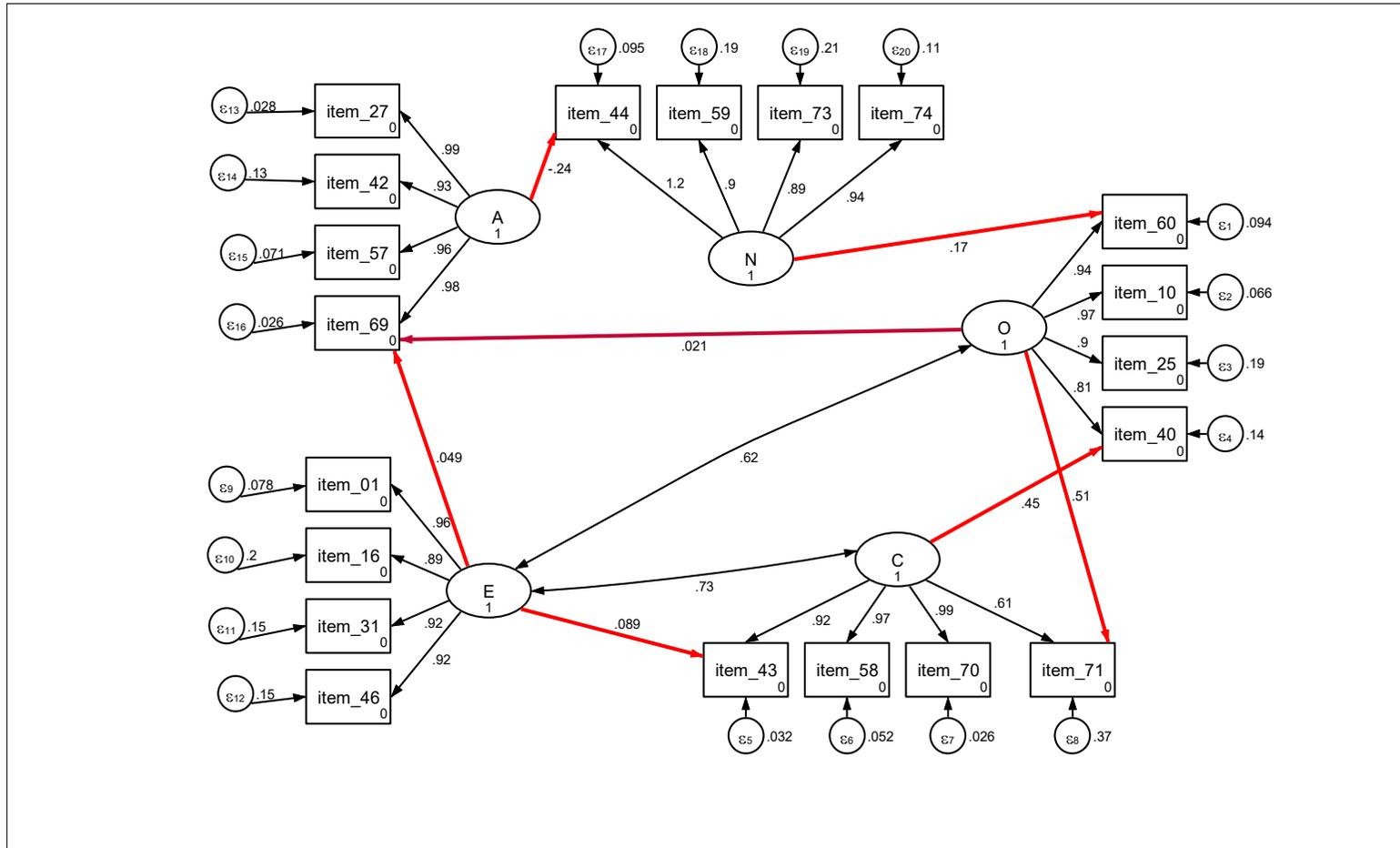
Nota. *= modelo proposto por Soto e John (2017)

Tabela 2. Índices de ajuste para os modelos testados, com e sem controle de aquiescência

| Itens por fator | Sem controle de aquiescência | | | | | | | | | | | |
|-----------------|------------------------------|------|------|------|----------------------|------|------|------|-----------------------|------|------|------|
| | 17 – 39 anos (n=231) | | | | 40 – 93 anos (n=208) | | | | Amostra total (N=439) | | | |
| | RMSEA | CFI | TLI | SRMR | RMSEA | CFI | TLI | SMRM | RMSEA | CFI | TLI | SRMR |
| 3 itens-a | 0,04 | 0,77 | 0,71 | 0,07 | 0,06 | 0,85 | 0,81 | 0,07 | - | - | - | - |
| 3 itens-b* | 0,04 | 0,92 | 0,90 | 0,06 | 0,04 | 0,77 | 0,71 | 0,06 | - | - | - | - |
| 3 itens*** | 0,08 | 0,63 | 0,60 | 0,09 | 0,08 | 0,46 | 0,40 | 0,07 | 0,07 | 0,60 | 0,56 | 0,08 |
| 4 itens-a | 0,07 | 0,84 | 0,81 | 0,07 | 0,05 | 0,74 | 0,69 | 0,07 | 0,06 | 0,81 | 0,77 | 0,06 |
| 4 itens-b* | 0,04 | 0,87 | 0,85 | 0,07 | - | - | - | - | 0,05 | 0,81 | 0,77 | 0,06 |
| 5 itens-a | 0,05 | 0,86 | 0,85 | 0,07 | 0,06 | 0,66 | 0,62 | 0,08 | 0,05 | 0,82 | 0,79 | 0,06 |
| 5 itens-b* | 0,04 | 0,92 | 0,90 | 0,06 | - | - | - | - | 0,04 | 0,77 | 0,71 | 0,07 |
| 5 itens-c | 0,06 | 0,84 | 0,82 | 0,07 | 0,05 | 0,69 | 0,65 | 0,08 | 0,06 | 0,78 | 0,75 | 0,07 |
| 6 itens-a | 0,05 | 0,86 | 0,85 | 0,07 | 0,06 | 0,62 | 0,62 | 0,08 | 0,05 | 0,82 | 0,79 | 0,06 |
| 6 itens*** | 0,08 | 0,63 | 0,60 | 0,09 | 0,07 | 0,46 | 0,40 | 0,09 | 0,07 | 0,60 | 0,56 | 0,08 |
| 7 itens-a | 0,06 | 0,79 | 0,72 | 0,09 | 0,06 | 0,53 | 0,49 | 0,09 | 0,06 | 0,70 | 0,68 | 0,07 |
| Todos os itens | 0,12 | 0,31 | 0,29 | 0,10 | - | - | - | - | 0,11 | 0,28 | 0,26 | 0,09 |
| Itens por fator | Com controle de aquiescência | | | | | | | | | | | |
| | 17 – 39 anos (n=231) | | | | 40 – 93 anos (n=208) | | | | Amostra total (N=439) | | | |
| | RMSEA | CFI | TLI | SRMR | RMSEA | CFI | TLI | SMRM | RMSEA | CFI | TLI | SRMR |
| 3 itens-a | 0,05 | 0,87 | 0,84 | 0,06 | - | - | - | - | 0,05 | 0,85 | 0,81 | 0,06 |
| 3 itens-b* | 0,03 | 0,93 | 0,91 | 0,05 | - | - | - | - | 0,04 | 0,91 | 0,88 | 0,04 |
| 3 itens*** | 0,08 | 0,61 | 0,57 | 0,09 | 0,06 | 0,55 | 0,51 | 0,07 | 0,07 | 0,63 | 0,59 | 0,07 |
| 4 itens-a | 0,04 | 0,87 | 0,85 | 0,06 | - | - | - | - | 0,04 | 0,85 | 0,83 | 0,05 |
| 5 itens-a | 0,05 | 0,85 | 0,83 | 0,07 | 0,03 | 0,78 | 0,76 | 0,06 | 0,05 | 0,82 | 0,79 | 0,06 |
| 5 itens-c | 0,06 | 0,84 | 0,82 | 0,06 | 0,03 | 0,84 | 0,82 | 0,06 | 0,05 | 0,84 | 0,82 | 0,06 |
| 6 itens-a | 0,05 | 0,85 | 0,83 | 0,07 | 0,03 | 0,73 | 0,76 | 0,06 | 0,04 | 0,86 | 0,84 | 0,05 |
| 6 itens*** | 0,08 | 0,61 | 0,57 | 0,09 | 0,05 | 0,55 | 0,51 | 0,07 | 0,06 | 0,63 | 0,59 | 0,07 |
| 7 itens-a | 0,06 | 0,73 | 0,71 | 0,06 | 0,05 | 0,62 | 0,59 | 0,07 | 0,05 | 0,73 | 0,71 | 0,06 |
| Todos os itens | 0,07 | 0,56 | 0,55 | 0,10 | - | - | - | - | 0,07 | 0,57 | 0,55 | 0,09 |

Nota. *= com adição de covariâncias; -= modelo não identificado; ***=modelo proposto por Soto & John (2017)

Figura 3. Modelo 4-a com indicadores de ajuste



Nota. Os coeficientes de regressão B apresentados estão padronizados ($p < 0,05$)

Hipótese 1

Em relação à primeira hipótese testada, Extroversão foi o único fator de personalidade que não apresentou diferenças significativas entre homens e mulheres ($d=0,64$; $p=0,34$), não predizendo, por consequência, o sexo do respondente na regressão logística. Mais informações sobre as regressões aparecem na Tabela 3. Maiores informações quanto às médias aparecem no apêndice E.

Tabela 3 Regressão logística com base no sexo dos respondentes

| Variáveis independentes | <i>B</i> | <i>EP</i> | <i>Z</i> | <i>P</i> | 95% IC | |
|-------------------------|----------|-----------|----------|----------|--------|------|
| O | -0,36 | 0,22 | -1,68 | 0,093 | -0,80 | 0,06 |
| C | 0,63 | 0,22 | 2,80 | 0,005 | 0,18 | 1,07 |
| E | -0,06 | 0,21 | -0,30 | 0,762 | -0,49 | 0,35 |
| A | 0,98 | 0,27 | 3,52 | 0,000 | 0,43 | 1,53 |
| N | 0,89 | 0,21 | 4,14 | 0,000 | 0,47 | 1,31 |
| Constante | 1,04 | 0,11 | 9,08 | 0,000 | 0,82 | 1,27 |

Nota. $p < 0,05$, $\chi^2(5) = 39,35$

Os fatores C, A e N mostraram-se bons preditores do sexo do respondente. As mulheres obtiveram escores mais elevados em N ($d=0,32$), A($d=0,37$) e C($d=0,26$), do que os homens. Os homens obtiveram escores mais elevados em O ($d=0,24$), apesar da significância estatística marginal. O modelo de regressão com todos os CGF classificou corretamente 70,62% dos participantes, com 62,47% de sensibilidade e 75,55% de especificidade.

Hipótese 2

Sobre a segunda hipótese, Extroversão foi o único traço de personalidade que resultou em diferenças significativas na média dos participantes que realizam atividades físicas e dos que não realizam ($d=0,29$; $p<0,01$). Por sua vez, C mostrou-se mais elevado para os que fazem atividade física, apesar da significância marginal ($d=0,29$; $p=0,06$); enquanto N mostrou-se mais elevado para os que não fazem atividade física ($d=-0,18$; $p=0,06$), também com significância marginal. O fator E foi o único que conseguiu prever se o respondente faz atividade física ou não ($d=1,20$), conforme Tabela 4. Maiores informações quanto às médias aparecem no apêndice E.

Tabela 4 Regressão logística com base na prática de atividade física ou não

| Variáveis independentes | B | EP | Z | P | 95% IC | |
|-------------------------|-------|------|-------|------|--------|------|
| O | -0,32 | 0,21 | -1,52 | 0,13 | -0,74 | 0,09 |
| C | 0,19 | 0,21 | 0,89 | 0,37 | -0,23 | 0,61 |
| E | 0,49 | 0,20 | 2,43 | 0,01 | 0,09 | 0,89 |
| A | 0,05 | 0,24 | 0,21 | 0,83 | -0,43 | 0,54 |
| N | -0,15 | 0,19 | -0,76 | 0,44 | -0,54 | 0,23 |
| Sexo | -0,15 | 0,24 | -0,63 | 0,52 | -0,64 | 0,33 |
| Constante | 1,04 | 0,44 | 2,34 | 0,01 | 0,17 | 1,90 |

Nota. $p=0,05$, $\chi^2(6) = 12,46$

O modelo de regressão com todos os CGF e o sexo, classificou corretamente 58,77% dos participantes, com 59,76% de sensibilidade e 56,74% de especificidade. Comparações *pairwise*, com *post hoc* de Tukey, considerando as diferentes frequências de práticas de atividade física, indicou que aqueles que se exercitam cinco dias na semana possuem escores mais elevados em E, do que os participantes que estão em casa

($t(3,17)p<0,005$). Apenas o traço E mostrou-se bom preditor do fato de o participante realizar atividade física ou não. A Tabela 5 apresenta o modelo de regressão obtido para a hipótese de ser viúvo ou não. Informações quanto às médias aparecem no apêndice E.

Hipótese 3

Tabela 5. Regressão logística com base no fato de ser viúvo ou casado

| Variáveis independentes | B | EP | Z | P | 95% IC | |
|-------------------------|-------|------|-------|-------|--------|------|
| O | -0,36 | 0,44 | -0,83 | 0,400 | -1,23 | 0,50 |
| C | -0,31 | 0,47 | -0,67 | 0,503 | -1,21 | 0,60 |
| E | -0,16 | 0,40 | -0,40 | 0,690 | -0,95 | 0,63 |
| A | -0,19 | 0,52 | -0,37 | 0,711 | -1,22 | 0,83 |
| N | -0,31 | 0,37 | -0,85 | 0,398 | -1,04 | 0,41 |
| Constante | -0,29 | 0,18 | -1,62 | 0,105 | -0,64 | 0,06 |

Nota. $p<0,05$, $\chi^2(5) = 2,76$

Quanto ao fato de os participantes serem viúvos ou não, os CGF não se mostraram sensíveis para captar diferenças nesse âmbito, de forma que nenhum dos CGF conseguiu prever, significativamente, o fato de o respondente pertencer ao grupo de participantes viúvo ou casado, tal como era esperado, dado que os eventos de vida possuem efeito passageiro sobre o funcionamento individual.

Hipótese 4

No que se refere à quarta hipótese, o fator abertura mostrou-se mais elevado para alunos de Psicologia do que de Administração ($d=0,24$; $p<0,05$). Os alunos de Psicologia também obtiveram escores mais elevados em A, apesar da baixa significância estatística ($d=0,21$; $p=0,07$). Os alunos de Administração obtiveram

escores mais elevados em C do que os de Psicologia ($d=0,36$; $p<0,01$). No entanto, somente o traço O mostrou-se preditor do curso do respondente, conforme modelo de regressão mostrado na Tabela 6. As médias estão no Apêndice E.

Tabela 6 Regressão logística com base no curso do respondente

| Variáveis independentes | B | EP | Z | P | 95% IC | |
|-------------------------|-------|------|-------|------|--------|-------|
| O | 0,77 | 0,30 | 2,53 | 0,01 | 0,17 | 1,38 |
| C | 0,44 | 0,28 | 1,53 | 0,12 | -0,12 | 1,00 |
| E | -0,44 | 0,27 | -1,62 | 0,10 | -0,99 | 0,09 |
| A | -0,18 | 0,33 | -0,53 | 0,59 | -0,84 | 0,48 |
| N | -0,13 | 0,28 | -0,47 | 0,63 | -0,68 | 0,41 |
| Sexo | 1,47 | 0,37 | 3,97 | 0,00 | 0,74 | 2,20 |
| Constante | -2,03 | 0,62 | -3,26 | 0,01 | -3,25 | -0,80 |

Nota. $p<0,01$, $\chi^2(6) = 30,87$

O modelo de regressão envolvendo os CGF e o sexo dos respondentes como variáveis independentes classificou corretamente 67,17% dos participantes, com 68,64% de sensibilidade e 65,06% de especificidade. O resultado da análise referente à quinta hipótese será apresentado a seguir.

Hipótese 5

No que se refere à quinta hipótese, as Anovas evidenciaram escores diferenciados para os participantes nos diferentes grupos voltados para pessoas com mais de 60 anos em abertura ($F(4,172)=3,31$, $p<0,05$). O *post hoc* de Tukey evidenciou que O foi significativamente mais elevado para os que frequentam atividades intelectuais do que

para os que participam de grupos de convivência ($t(3,69)p<0,005$), ou daqueles que estão em casa ($t(3,61)p<0,05$).

Da mesma forma, o traço A mostrou-se diferenciado entre os grupos comparados ($F(4,172)=3,91, p<0,05$), sendo que o *post hoc* de Tukey apontou que aqueles que frequentam grupos de convivência possuem escores mais elevados em A do que os frequentadores de atividades intelectuais ($t(2,71)p<0,005$), atividades físicas ($t(2,86)p<0,005$), e daqueles que frequentam atividade de tecnologia ($t(2,94)p<0,005$). Diferentemente, percebeu-se que os traços C ($F(4,172)=1,71, p>0,05$), E ($F(4,172)=1,34, p>0,05$), e N ($F(4,172)=1,60, p>0,05$), não se mostraram significativamente diferenciados entre os grupos comparados.

Discussão

Neste trabalho, objetivou-se verificar se os CGF, tal como propostos originalmente no *Big Five Inventory* (BFI-2), são extraídos em uma amostra brasileira. Igualmente, foi testada a capacidade do BFI-2 em prever cinco critérios externos (sexo, prática de atividade física, viuvez, curso universitário escolhido, e o tipo de atividade que o participante com mais de 60 anos frequenta).

Estrutura interna

No tocante à estrutura interna do BFI-2, foi possível identificar que os CGF são facilmente extraídos nas AFEs com rotação varimax, ainda que sem o uso do intercepto randômico, conforme indicado na literatura (Aichholzer, 2014; Soto & John, 2017). Isso sugere que o BFI-2 avalia adequadamente os fatores para os quais ele foi elaborado e evidencia, por consequência, a hipótese de universalidade dos CGF (McCrae & Terracciano, 2005) a medida em que o inventário obteve, na amostra brasileira, a mesma estrutura interna extraída em amostras estrangeiras (Soto & John, 2017).

Corroborando a discussão, entendemos que temos indicativos de que a estrutura interna do BFI-2 seja invariante nas duas amostras testadas, o que é favorável no sentido de indicar que o inventário mediu congruentemente os CGF nas diferentes populações.

A precisão dos fatores do BFI-2 mostrou-se adequada, principalmente, para a população geral e para aqueles com até 39 anos. Entretanto, detectou-se uma queda significativa na magnitude da precisão para os participantes com mais de 40 anos. Ainda que possamos identificar possíveis impactos da variável idade sobre os escores em personalidade, de certa forma, esse resultado reflete as mudanças normativas na personalidade que sucedem ao longo do ciclo vital (Marsh et al., 2013; Roberts & Mroczek, 2008; Roberts et al., 2015; Soto & John, 2012). Uma hipótese alternativa para esse resultado é que a redução na precisão dos fatores tenha ocorrido pela baixa escolaridade da maior parte dos participantes com mais de 60 anos, o que poderia incorrer em dificuldades na compreensão tanto dos itens do BFI-2 quanto da atividade como um todo. Essa hipótese, portanto, merece ser investigada futuramente.

Apesar disso, deve-se fazer esforços futuros no sentido de verificar possíveis injustiças no conteúdo temático desses itens de personalidade. Dessa forma, uma interpretação possível para essa ocorrência é verificando o conteúdo das combinações de itens em cada um dos CGF que apresentaram precisão reduzida no BFI-2 na amostra de pessoas com idades entre 40 e 93 anos. Por exemplo, no fator C, alguns itens são: 58 *“As vezes, comporto-me de forma irresponsável”*, 70 *“Sou um trabalhador/ aluno dedicado”*, e 71 *“Preocupo-me em cumprir prazos e compromissos”*. Como podemos observar, é possível que esses itens possuam conteúdo que funcionem diferente para pessoas nos diversos estágios do desenvolvimento. Deve-se questionar de que forma os pesquisadores e clínicos podem interpretar as respostas de participantes com mais de 60 anos, em relação a itens como esses, os quais, de certa forma, se voltam para o estágio

produtivo da vida. Portanto, parece-nos pertinente que pesquisas futuras verifiquem possível funcionamento diferencial desses itens para participantes com 60 anos ou mais, conduzindo-se análises de DIF (Linacre, 2010).

Em relação aos índices de ajuste nas análises confirmatórias, a complexa estrutura hierárquica do modelo dos CGF pôde ser observada nos dados, conforme esperado, resultando nos pobres índices de ajuste aos modelos testados (Gomes & Gjokuria, 2017; Joshanloo, 2018; Marsh, Nagengast, & Morin, 2013), e nos respectivos χ^2 e graus de liberdade. Deve-se lembrar que os graus de liberdade tendem a ser maiores nos modelos com mais itens, já que o número de parâmetros do modelo é superior. Isso, de certa forma, explica porque os modelos mais parcimoniosos obtiveram ajustes melhores, comparados com os modelos com mais itens. Por outro lado, sabemos que os modelos mais simples vêm com o custo na precisão dos fatores (Soto & John, 2017), de forma que o pesquisador ou clínico que pretenda avaliar a personalidade com alguma versão do BFI-2 deverá ponderar entre precisão ou agilidade, optando pelo uso da versão mais adequada do inventário ao seu contexto.

Deve-se salientar que o método empregado para verificar a estrutura interna do BFI-2 nesta pesquisa possibilitou a obtenção de versões do mesmo modelo, mas que resgatassem as características estruturais do modelo original. Apesar disso, recomenda-se que futuramente sejam conduzidas análises de modelagem de equações estruturais exploratórias multigrupo (ESEM) no BFI-2 (Marsh et al., 2010, 2014), ainda que poucas diferenças possam ser identificadas entre os métodos (Booth & Hughes, 2014; Furnham, Guenole, Levine, & Chamorro-Premuzic, 2012). Somente dessa forma será possível seguir elaborando e testando hipóteses no campo da personalidade e, como consequência, avançar no desenvolvimento científico da Psicologia de forma geral.

Outro achado interessante, mas já conhecido, foi que a realização do controle de aquiescência nos itens antes de conduzir o procedimento de AFC resultou em melhores índices de ajuste aos modelos, exatamente como preconizado por Soto e John (2017). Portanto, ainda que alguns autores se mostrem satisfeitos com o ajuste dos modelos dos CGF após a inclusão de covariâncias (Alharyout & Abdullah, 2018), o controle da aquiescência nos itens, antes das análises confirmatórias, foi a estratégia mais eficiente na extração de modelos alternativos ao BFI-2, quando comparados com os modelos com covariância ou as versões com mais itens.

As versões curtas do BFI-2, propostas por Soto e John (2017), de alguma forma, não funcionaram tão bem com as amostras participantes da presente pesquisa, tanto do ponto de vista da precisão dos fatores, quanto do ajuste geral dos dados. No entanto, ainda que seja esperada redução da precisão com a retirada de itens dos fatores, parece-nos pertinente indicar que gerar escores com as versões curtas do BFI, no nível das facetas, conforme proposto por Soto e John (2017), não parece ser uma prática recomendada, pelo menos com amostras brasileiras que incluam participantes com idades mais avançadas. Essa recomendação se estende para a opção que Soto e John (2017) que propõem realizar avaliação no nível das facetas com a versão de 30 itens do BFI-2. Sendo assim, deve-se ter cautela antes de gerar escores com facetas à versão de 30 itens do BFI-2, principalmente se a amostra participante da pesquisa não for elevada (Soto & John, 2017). No entanto, vale destacar que a versão curta do BFI-2 talvez seja útil em pesquisas que envolvam a diferenciação de grupos com grandes amostras (tal qual nas avaliações em grande escala), em que o objetivo não é avaliar indivíduos, mas sim grupos de pessoas.

Outrossim, considerando a necessidade de termos disponíveis instrumentos curtos para permitir a avaliação da personalidade em determinados contextos, na

presente pesquisa foi possível destacar um modelo alternativo para o BFI-2 (o modelo 3b), contendo 15 itens, sendo um de cada faceta. Esse modelo resultou em bons índices de ajuste, e seus fatores obtiveram coeficientes de precisão relativamente adequados, conforme literatura psicométrica e considerando o impacto da redução de itens na precisão dos CGF (Soto & John, 2017). Por fim, vale lembrar que deixar de avaliar a personalidade por falta de instrumentos curtos é um cenário pior do que o custo da redução na precisão dos fatores, pela redução de itens, em si (Soto & John, 2017).

Hipótese 1

As hipóteses de associação entre o sexo e os CGF, derivadas da literatura científica (Chapman et al., 2007; Costa, Terracciano, & McCrae, 2001; Chiorri & Marsch, 2014; Kajonius & Johnson, 2018; Marsh et al., 2010; Marsh et al., 2013; Soto & John, 2017) foram amplamente corroboradas na presente pesquisa, tal como o hipotetizado, com exceção apenas do fator E, que não mostrou diferenças entre os sexos. Além de se mostrar congruente com outras pesquisas, as diferenças obtidas nesses fatores devem atentar pesquisadores e clínicos quanto à importância do uso de tabelas normativas diferenciadas para interpretação dos escores em personalidade em homens e mulheres. Portanto, estudos futuros deveriam organizar tabelas normativas aos fatores do BFI-2, separando-as pelo sexo do respondente.

Uma possível explicação para o fato de que o traço E não se mostrou diferenciado pelo sexo do respondente é que, em grande parte, nossa amostra é composta por universitários e participantes de grupos voltados para pessoas com mais de 60 anos. Portanto, em ambos os casos, é possível que os participantes possuam níveis mais elevados de E, quando comparados com outras amostras, por exemplo, adultos que não estejam fazendo curso superior, ou pessoas com mais de 60 anos que não frequentam esses grupos. Além disso, deve-se atentar para a quantidade superior de

mulheres na amostra da presente pesquisa e para o fato de que a maior parte da amostra indicou realizar atividade física, que seja de no mínimo 2 dias por semanas. Essas características, portanto, se colocam como limitações da presente pesquisa.

Hipotese 2

O traço E mostrou-se diferenciado para os participantes que realizam atividade física, exatamente como o esperado e o reportado na literatura científica (Rhodes & Smith; 2006; Wilson & Dishman, 2015) e com o que havíamos hipotetizado. Inclusive, a associação marginalmente significativa entre os participantes que não fazem atividade física e o escore em N (Rhodes e Smith, 2006) também pode ser resgatada na presente pesquisa. Igualmente, na corrente pesquisa foi possível identificar que os respondentes que praticam atividades físicas mais vezes na semana tendem a ter níveis mais elevados de E, o que indica que, no geral, a prática estimula a manutenção do contato social e o compromisso consigo e com os demais, achado que faz sentido com a evidência de Stephan et al. (2018) de que a inatividade física está associada com declínio nesse traço de personalidade. Em observância aos achados, parece-nos sensato concordar com a literatura científica quando reportam que os CGF são bons preditores de saúde (Kandler et al., 2015) e mortalidade (Turiano et al., 2015) ao longo do tempo.

Hipotese 3

Conforme esperado, pode-se identificar independência entre os escores nos traços de personalidade e o fato de o respondente ser viúvo ou casado, tal como descrito na literatura científica (Chopik, 2018; McCrae & Costa, 1993) e como a nossa hipótese. Esse resultado parece de acordo com o fato de que os eventos significativos de vida, a exemplo da morte de um parente, apesar de impactar a vida das pessoas, não é capaz de produzir mudanças nos escores médios de personalidade em longo prazo (Cobb-Clark &

Schurer, 2012). Dito de outra forma, os achados indicam que os eventos de vida geram impacto passageiro sobre o funcionamento individual.

Hipótese 4

No tocante à hipótese de diferenças nos CGF entre alunos de cursos de Psicologia e de Administração, o traço O mostrou-se mais elevado para os alunos de Psicologia, tal como tem sido consistentemente reportado em revisões sistemáticas (Vedel, 2016), obtendo-se, inclusive, tamanho de efeito similar à literatura; além de seguir nossa hipótese. Nunes et al. (2010) também destacaram que o traço O é o mais fortemente associado com carreiras das *Ciências Humanas e Sociais aplicadas*. Isso pode ser entendido pelo fato de que, uma das características que fazem com que o aluno de Psicologia opte por esse curso é o interesse em ajudar os outros, o que exige que ele tenha alguma curiosidade, que aparece na forma de interesse em escutar histórias e em conhecer pessoas. O mesmo pode ser dito em relação ao traço A, como era esperado (Vedel, 2016), apesar da significância marginal obtida no presente estudo. Igualmente como reportado na literatura, os alunos de Administração obtiveram escores significativamente mais elevados em C, do que os alunos de Psicologia, tal como era esperado. Teoricamente, alunos de administração tendem a demonstrar maior interesse pelo gerenciamento de empresas, o que exige capacidade de organização, de planejamento, e o cumprimento de metas do profissional que opta por essa carreira. Observados em conjunto, esses resultados se mostram congruentes com o estudo de De Fruyt e Mervielde (1997), quando eles lembram que, no modelo RIASEC, o tipo *Social* associa-se com os traços E, A e C.

Hipótese 5

No tocante às diferenças nos CGF pelo tipo de atividade que o participante realiza em seu grupo para pessoas com mais de 60 anos, os CGF avaliados no BFI-2 mostraram-se sensíveis para reconhecer diferenças individuais nos participantes. Podemos dizer que a maior parte de nossas hipóteses nesse âmbito foram corroboradas em nossa amostra. O mostrou-se mais elevado para os que frequentam atividades intelectuais, exatamente como o esperado. Também identificamos que os participantes que estão em casa apresentam escores mais baixos em O e em A, como era esperado.

Além disso, de forma altamente congruente com nossa hipótese, A se mostrou mais elevado para os participantes que frequentam atividades de convivência. Esse resultado faz sentido, já que, na prática, nesse tipo de atividade os participantes se juntam para socializar, trocar experiências, conversar, procurar e oferecer ajuda, frequentemente regado a “café e bolo”. Essa característica não é esperada em grupos que praticam outros tipos de atividade, como as intelectuais, esportivas e de tecnologia. Esse resultado denota a sensibilidade do BFI-2 em diferenciar indivíduos a partir do seu funcionamento cotidiano.

Os demais traços de personalidade não se mostraram diferenciados em nossa amostra e não seguiram nossas expectativas, o que pode ter ocorrido por duas questões. Primeiro, alguns participantes frequentam mais do que um tipo de atividade, sendo que na presente pesquisa, ele foi categorizado em apenas uma atividade. A segunda questão que pode ter influenciado diz respeito ao fato de que alguns participantes de atividades físicas realizavam atividade de dança. Deve-se considerar que esse é um tipo de atividade física que, tipicamente, envolve contato social e socialização, o que pode contribuir negativamente com a diferenciação entre os participantes de nossa amostra.

Possivelmente, aumentando-se a amostra de participantes as associações entre as atividades e os CGF restariam um pouco mais expressivas.

Em conjunto, pode-se dizer que o BFI-2 mostrou-se sensível para identificar os respondentes, com base nos cinco grandes fatores de personalidade, em relação aos cinco critérios externos conforme estabelecidos na presente pesquisa. Os achados seguiram os padrões reportados na literatura e corroboraram as hipóteses que havíamos estabelecido *a priori*. Acredita-se, porém, que a ampliação da amostra, associado ao aumento no número de participantes homens, em estudos futuros esclarecerão algumas incongruências mais pontuais ou mesmo aqueles achados que foram obtidos com significância marginal.

Considerações finais

A estrutura interna do BFI-2 mostrou-se congruente em duas amostras relativamente distintas, mantendo precisão adequada para os CGF, o que sugere evidência inicial de validade ao instrumento baseando-se em sua estrutura interna. No entanto, deve-se observar que a mesma amostra foi usada para realizar os procedimentos exploratórios e confirmatórios, procedimento questionado na literatura científica e que se caracteriza como uma limitação da corrente pesquisa. Outrossim, os CGF avaliados no BFI-2 mostraram-se bons preditores dos critérios externos testados, o que sugere evidência de validade de critério ao inventário. Portanto, conclui-se que o BFI-2 apresenta evidências iniciais de validade para uso com avaliação da personalidade com amostras brasileiras.

Estudo 2: Personalidade ao longo do ciclo vital

Resumo

Um conjunto robusto de evidências têm indicado que a personalidade se desenvolve ao longo do tempo, ocasionando tanto mudanças quanto continuidade no padrão do funcionamento individual ao longo do ciclo vital. Nesta pesquisa, propõe-se testar essas evidências. Para tanto, foram conduzidos dois estudos, com os objetivos de verificar diferenças normativas no nível médio dos traços de personalidade, e investigar a consistência no ranqueamento dos traços ao longo do tempo. No primeiro estudo participaram 440 adultos cisgênero, com idades entre 17 e 102 anos ($M=36$, $DP=22,60$, $MD=43$), quem responderam o Big Five Inventory-2. No segundo estudo, fizeram parte 170 adultos, com idades entre 51 e 93 anos ($M=69$, $MD=69$, $DP=9,05$), quem responderam o *Big Five Inventory-2*, e o *Big Five Inventory* de forma retrospectiva, considerando como pensavam que eram quando tinham entre 30-35 anos. Foi possível observar diferenças normativas na personalidade, tal como o padrão indicado pela literatura científica. Além disso, identificou-se que o funcionamento individual tende a se tornar estável ao longo do tempo. Apesar das limitações envolvendo seu método, a presente pesquisa contribui com a falta de estudos longitudinais envolvendo a personalidade no Brasil.

Introdução

Um conjunto robusto de evidências têm indicado que a personalidade se desenvolve ao longo do tempo (Roberts et al., 2015; Soto & John, 2012; Terracciano, et al., 2006), ocasionando tanto mudanças quanto continuidade no padrão do funcionamento individual ao longo do ciclo vital (Allemand et al., 2008; Bleidorn et al., 2019; Roberts & Caspi, 2003; Roberts & Wood, 2006). Mudança e estabilidade na personalidade dizem respeito ao quanto as pessoas conseguem se manter em sua pontuação relativa na distribuição dos traços ao longo do tempo (McAdams & Olson, 2010). Operacionalmente, mudanças na personalidade podem ser compreendidas através do nível médio dos traços (*mean level change*), ao passo que a estabilidade pode ser identificada pela consistência no ranqueamento dos traços (*rank order consistency*) (De Fruyt & Bartels, 2006; Specht et al., 2011). O primeiro caso (*between subject*) compreende as mudanças de ordem normativa, ou seja, o quanto certos grupos de pessoas diferenciam-se nos traços de personalidade, por exemplo: adolescentes x adultos x idosos. A segunda forma (*within subject*) incluiria as mudanças que ocorrem em um mesmo grupo de pessoas, ao longo do tempo, em relação a elas mesmas, permitindo pesquisar como os traços de personalidade mudam longitudinalmente.

Diversos estudos compararam os traços de personalidade entre indivíduos em diferentes estágios do desenvolvimento (Cobb-Clark & Schurer, 2012; Costa & McCrae, 1988; Costa et al., 2000; Damian et al., 2018; Gonzatti et al., 2017; Kandler et al., 2015; Lehmann et al. 2013; Lucas & Donnellan, 2011; Marsh et al., 2013; McCrae et al., 1999; Rantan et al., 2007; Roberts et al., 2006; Smits et al., 2011; Soto et al., 2011; Specht et al., 2011; Terracciano et al., 2005; 2006; Wortman et al. 2012). Têm-se relatado na literatura que os escores nos traços de personalidade tendem a aumentar até

uma determinada idade, apresentando contínuo normativo, ou mesmo declínio, nos anos subsequentes (Bleidorn et al., 2019). Esse padrão é conhecido como efeito *plateau*.

A esse respeito, os achados reportados na literatura têm consistentemente indicado que a personalidade é tanto mutável quanto estável ao longo do tempo. Tem-se documentado um pico no desenvolvimento da personalidade entre os 50-60 anos, com os traços apresentando *plateau* ou mesmo redução nos anos subsequentes (Bleidorn et al., 2019). Dessa forma, os achados de que os traços de personalidade são mais suscetíveis a mudar entre os 30 anos, e por volta dos 70, fornece aos pesquisadores informações quanto a possibilidades de intervenção ao longo do ciclo vital (Bleidorn et al., 2019). No entanto, o momento em que ocorre o *plateau* não é consensual na literatura, sendo que alguns mencionam pouca mudança para a maior parte dos traços após os 30 anos (Costa & McCrae, 1988; Terracciano et al., 2005; 2006), enquanto outros reportam o *plateau* aos 50-60 (Roberts & Caspi, 2003; Roberts & Wood, 2006). Uma síntese dos achados para cada fator amplo de personalidade será apresentada na sequência, os quais serão mencionados em sua versão em inglês: abertura (O), Conscienciosidade (C), Extroversão (E), Amabilidade (A) e Neuroticismo (N).

O fator O aumenta até os 50-60 anos, reduzindo ou atingindo efeito *plateau* nos anos subsequentes (Costa & McCrae, 1988; Costa et al., 2000; Lehmann et al., 2013, Lucas & Donnellan, 2011; McCrae et al., 1999; Marsh et al., 2013; Roberts et al., 2006; Soto et al., 2011; Specht et al., 2011; Terracciano et al., 2006; Wortman et al., 2012). O fator C aumenta linearmente com o avanço da idade (Costa & McCrae, 1988; Damian et al., 2018; Lehmann et al. 2013; McCrae et al., 1999; Roberts et al., 2006; Smits et al., 2011; Terracciano et al., 2006; Wortman et al. 2012), ainda que algumas evidências reportaram aumento até os 40-50 anos, seguida de *plateau* (Costa et al., 2000; Lucas & Donnellan, 2011; Kandler et al., 2015; Marsh et al., 2013; Specht et al., 2011).

O fator E aumenta até os 40-50 anos, seguido de declínio (Costa et al., 2000; Kandler et al., 2015; Lehmann et al., 2013; Lucas & Donnellan, 2011; McCrae et al., 1999; Roberts et al., 2006; Soto et al., 2011; Specht et al. 2011; Terracciano et al., 2006; Wortman et al., 2012). O fator A aumenta até os 50-60 anos e apresenta *plateau*, ou mesmo algum crescimento, nos anos seguintes (Costa et al., 2000; Damian et al., 2018; Lehmann et al., 2013; Lucas & Donnellan, 2011; McCrae et al., 1999; Marsh et al., 2013; Roberts et al., 2006; Specht et al., 2011; Smits et al., 2011; Soto et al., 2011; Terracciano et al., 2006; Wortman et al., 2012). O fator N aumenta até os 40-50, seguido de declínio nos anos subsequentes (Costa et al., 2000; Damian et al., 2018; Lehmann et al., 2013; Lucas & Donnellan, 2011; Marsh et al., 2013; Roberts et al., 2006; Smits et al.; 2011; Soto et al., 2011; McCrae et al., 1999; Terracciano et al., 2006; Wortman et al., 2012).

Especificamente sobre o Brasil, Gonzatti et al. (2017) compararam normativamente os escores nos cinco grandes fatores de personalidade, avaliados com o NEO-FFI-R, referentes a 151 participantes, sendo 73 adultos (30- 59 anos) e 78 pessoas idosas (60 - 85 anos). Foram encontradas diferenças significativas entre os grupos testados, em que os adultos obtiveram pontuações mais elevadas em N, E e A, enquanto os participantes com mais de 60 obtiveram pontuação mais elevada em C.

Em Terracciano, McCrae, Brant e Costa (2005), análises envolvendo modelagem de equações lineares indicaram mudanças graduais na personalidade de pessoas adultas. Houve declínio de N até os 80 anos. E mostrou-se estável, seguido de declínio. O mostrou-se reduzir ao longo do tempo. A mostrou-se elevar com o passar dos anos, enquanto C aumentou até os 70 anos. Os autores concluíram que mudanças dos 30 aos 90 anos são modestas em magnitude, sendo equivalentes a menos de 1 ponto de escore T por década, e que a direção das mudanças indica declínio de N, E, e O, e

aumento em A e C mesmo durante a vida adulta. De acordo com os autores, uma forma para interpretar os achados se dá pela evolução, em que obter escores mais elevados em C e A pode ser relevante para certas tarefas de adultos, tais como paternidade/maternidade, além do fato de que adultos responsáveis, possivelmente, criam seus filhos de forma mais bem sucedida. Porém, os autores atentam que pode haver mudanças no nível médio dos traços que são detectadas apenas com amostras abrangentes e com intervalo maior de tempo entre as coletas.

Terracciano et al. (2005) ainda discutem que as pressões sociais associadas com o casamento, criação de família, entrar no mercado de trabalho e avançar na carreira podem promover mudanças no sentido de maior maturidade. Entretanto, após os 30 anos, há evidências de contínuo normativo em N, E, e O, sugerindo que há pouca mudança para a maior parte dos traços após os 30 anos (Costa & McCrae, 1988). É relevante salientar que, de acordo com Srivastava e Das (2013), em um estudo longitudinal referência em envelhecimento, conhecido como Projeto Baltimore (Costa & McCrae, 1993), foram avaliados os CGF de indivíduos entre 19 e 80 anos, com coletas por 12 anos. Os autores concluíram que, dentre os CGF, o traço C é o que apresenta a mais forte estabilidade ao longo do tempo, especialmente após os 30 anos.

Apesar das evidências de diferenças normativas na personalidade, deve-se lembrar que ainda que uma população aumente em um determinado traço, ela poderá seguir apresentando o mesmo ordenamento no *ranking* dos traços ao longo do tempo (Bleidorn et al., 2019; Nye & Roberts, 2019). Ou seja, enquanto são esperadas diferenças na personalidade entre grupos normativos, quando o grupo é seu próprio controle, essas diferenças nos traços podem ser observadas de forma diferente. Em parte, isso é possível porque, na prática, todos os indivíduos irão mudar coletivamente (Robins et al., 2001). Dessa forma, pode-se dizer que, além de mudanças, a

personalidade apresenta estabilidade e consistência no ranqueamento dos traços ao longo do tempo. Por exemplo, no estudo de Stephan et al. (2018), aqueles com escores mais elevados em C e A, aos 16 anos, continuaram com pontuações mais elevadas nesses fatores aos 66 anos, indicando estabilidade no ranqueamento desses traços ao longo de 50 anos. Essa continuidade no padrão de funcionamento em longo prazo vem sendo corroborada em diversos estudos (Allemand et al. 2008; Ardel, 2000; Roberts & DelVecchio, 2000; Robins, Fraley, Roberts, & Trzesniewski, 2001; Stephan et al., 2018; Terracciano et al., 2006; Roberts & Caspi, 2003; Roberts & DelVecchio, 2000), os quais têm concluído que a consistência nos traços aumenta conforme a idade avança.

A continuidade no funcionamento individual, conhecida como estabilidade no ranqueamento dos traços, costuma ser indexada através de correlações nos escores de personalidade entre dois momentos (teste-reteste) (Roberts & DelVecchio, 2000; Terracciano et al., 2006). A magnitude dessas correlações sugere o grau com que o ordenamento dos indivíduos, em um dado traço, é mantido ao longo do tempo. Por exemplo, no estudo de Robins et al. (2001), após o período de 4 anos, as correlações teste-reteste entre duas aplicações resultaram nos seguintes tamanhos de efeito: O (0,70), C (0,59), E (0,63), A (0,60), N (0,53).

Para Robins et al. (2001), portanto, dizer se a personalidade muda, ou não, depende de como se compreende o que seria mudança. A esse respeito, enquanto algumas teorias explicam que o desenvolvimento dos traços de personalidade se dá pela interação entre demandas biológicas e ambientais, o que influenciaria tanto as mudanças quanto a estabilidade nos traços, outras teorias compreendem que a maturidade (Caspi et al. 2005; Roberts & Mroczek, 2008) seria o fator subjacente ao desenvolvimento do funcionamento individual ao longo do tempo.

Devemos lembrar que estabilidade não significa, exatamente, ausência de mudança intraindividual (Asendorpf, 1992). Além disso, evidências indicam que apenas querer mudar a personalidade não é suficiente para que isso ocorra, porém, o engajamento com certos comportamentos típicos de alguns traços poderia contribuir com alguma mudança no funcionamento individual (Hudson et al., 2019).

Em sua revisão metaanalítica, Roberts e DelVecchio (2000) fizeram algumas pontuações seminais a respeito do desenvolvimento da personalidade ao longo do ciclo vital, sendo elas: a) a correlação teste-reteste, em longo prazo, tende a ser moderada em sua magnitude, b) a estabilidade no ranqueamento dos traços aumenta com a idade, c) a consistência no ranqueamento tende a ser menor com o aumento do tempo entre as observações, d) o efeito *plateau* ocorre por volta dos 50 anos (e não aos 30), e) homens e mulheres não apresentam diferenças nos padrões de mudanças normativas em longo prazo (corroborando a evidência de McCrae & Costa, 1994).

Roberts e Mroczek (2008) também fizeram pontuações fundamentais em relação às mudanças normativas na personalidade, a saber: a) que as mudanças na personalidade ocorreram, predominantemente, nos adultos com idades intermediárias (20- 40 anos), b) a personalidade continua a mudar mesmo na idade adulta, já que as pessoas funcionam como sistemas abertos, sendo capazes de mudar durante a vida; c) a direção das mudanças tende a se dar em sentido positivo, promovendo a adaptabilidade, de forma que, com o passar do tempo, as pessoas tendem a se tornar cada vez mais confiantes, responsáveis, calmas e maduras. McAdams e Olson (2010) validam essa visão e mencionam que as pessoas tendem a se sentir mais confortáveis consigo, experimentar menos variação de humor e emoções negativas (Specht et al., 2011) quando envelhecem, tornando-se mais responsáveis, cuidadoras, e menos impulsivas, envolvendo-se menos em situações de risco (McAdams & Olson, 2010), mostrando-se

ainda mais eficientes nos relacionamentos sociais, íntimos e com a sociedade (Roberts & Mroczek, 2008). Deve-se lembrar que quando os autores mencionam que as mudanças na personalidade tendem a ser positivas, o sentido dado à dimensão neuroticismo/ estabilidade emocional é diferente dos demais fatores. Para indicar estabilidade emocional, enquanto são esperados aumento nos traços O, C, E e A, para o fator N é esperado redução.

A estabilidade no padrão do funcionamento individual é explicada, em parte, pelo princípio da continuidade cumulativa (Roberts & Caspi, 2003; Roberts & Nickel, 2019; Soto, 2018), que se refere ao acúmulo de mecanismos estabilizadores do funcionamento ao longo do tempo (Roberts et al., 2018). O modelo neo-socioanalítico explicativo do desenvolvimento da personalidade (Roberts & Wood, 2006) descreve fatores relacionados à estabilidade do funcionamento individual em longo prazo, dentre os quais pode-se mencionar os genéticos. No estudo de McGue, Bacon e Lykken (1993), cujos dados foram coletados aos 20 e aos 30 anos, com gêmeos, dentre as análises, foram identificadas correlações teste-reteste entre 0,40 e 0,70 para as medidas de emocionalidade positiva e negativa (equivalentes a variações do que é chamado de Neuroticismo no modelo dos CGF). Essas magnitudes foram interpretadas como balanço entre mudança e consistência na personalidade ao longos dos anos (McGue et al., 1993). Os autores concluíram que uma parte da personalidade parece determinada por fatores genéticos, ao passo que as mudanças refletem fatores ambientais.

Outro fator associado à continuidade no padrão do funcionamento individual em longo prazo é o desenvolvimento de uma identidade (Roberts & Caspi, 2003). Para esses autores, o processo de desenvolver uma identidade, se responsabilizar por ela, mantê-la socialmente e ainda cumpri-la são fatores que contribuem para o aumento da consistência do funcionamento individual (Roberts & Caspi, 2003). Dessa forma,

entende-se que os traços contribuem com conteúdo na identidade individual, não havendo razão para que as pessoas não desenvolvam uma identidade (funcionamento disposicional) ao longo do tempo (Roberts & Wood, 2006).

Encontrar o próprio nicho é outro fator atribuído à continuidade do funcionamento individual em longo prazo. A esse respeito, pode-se pensar que as pessoas tendem a selecionar papéis sociais que, para elas, pareçam servir ao seu funcionamento disposicional. Essa escolha, de alguma forma, facilitará a continuidade do padrão individual de funcionamento ao longo do tempo. Além disso, se considerarmos que muitos papéis não irão servir perfeitamente, pode-se esperar que as pessoas poderão formatar algumas características de seus papéis, com o objetivo de que possam servir melhor do que antes ao seu funcionamento. Fazendo isso, as pessoas proporcionariam um ambiente que facilita a continuidade do seu padrão de funcionamento ao longo do tempo. Outrossim, ter clareza na percepção das próprias características é outro facilitador da estabilidade do funcionamento individual. Dessa forma, com o passar do tempo as pessoas tenderiam a ter uma percepção cada vez mais clara de suas características e interesses, o que contribuirá com o aumento na consistência do próprio funcionamento em longo prazo (Roberts et al., 2018).

Graham e Lachman (2012) verificaram se a estabilidade ou a mudança nos traços de personalidade estaria mais associado com o funcionamento cognitivo na idade avançada. Os autores identificaram que aqueles que se mantiveram estáveis em O e N mantiveram o mais rápido tempo da reação e melhora do raciocínio indutivo, quando comparados com aqueles que mudaram nesses traços. Além disso, aqueles que se mantiveram estáveis ou reduziram em N tiveram tempo de reação mais rápido do que os que aumentaram em N. Os autores concluíram que a estabilidade nesses traços está associada com performance cognitiva adaptativa em raciocínio e em tempo de reação.

Os autores concluem que a estabilidade nos traços funciona como um recurso protetivo com o envelhecimento. Para eles, com o passar dos anos, as pessoas tendem a se sentir mais confortáveis com seu jeito de ser, e essa familiaridade incorreria em um funcionamento adaptativo em relação às mudanças cognitivas e na saúde que ocorrem com o envelhecimento. Por outro lado, aqueles que apresentam mudanças no funcionamento, por qualquer razão que seja, podem demonstrar alguma desvantagem, já que indicam a presença da necessidade de realizar mudança para viverem suas vidas.

Apesar das diferentes explicações para a estabilidade nos traços de personalidade, Graham et e Lachman (2012) mencionam que a estabilidade no funcionamento individual pode servir como um recurso protetivo no processo de envelhecimento. Para esses autores, depois de muitos anos as pessoas tendem a se tornar confortáveis com elas mesmas, de tal forma que essa familiaridade terá um caráter adaptativo no funcionamento diante das mudanças derivadas da idade que afetam a saúde e a cognição. Por outro lado, aqueles que apresentam mudanças ao longo do tempo, por qualquer razão que seja, dão indicativos de que precisaram ajustar-se em formas diferentes para lidar com o mundo em que viveram.

Em síntese, a literatura tem indicado que a personalidade se mostra tanto mutável quanto estável ao longo do tempo. Tem-se documentado um pico no desenvolvimento da personalidade entre os 50-60 anos, com os traços apresentando *plateau* ou mesmo redução nos anos subsequentes (Bleidorn et al., 2019). Os achados de que os traços de personalidade são mais suscetíveis a mudar entre os 30 anos, e por volta dos 70, fornece aos pesquisadores informações quanto a possibilidades de intervenção ao longo do ciclo vital (Bleidorn et al, 2019). Além disso, tem-se evidências de que as correlações no ranqueamento dos traços têm obtido magnitudes entre 0,40 e 0,60, considerando o período de 10 anos entre as coletas (Bleidorn et al., 2019).

Na presente pesquisa, propõe-se testar essas evidências de mudanças e continuidade no funcionamento individual ao longo do tempo. Para isso, foram conduzidos dois estudos, com os objetivos de: a) verificar diferenças normativas no nível médio dos traços de personalidade (*mean level change*), e b) investigar a consistência no ranqueamento dos traços ao longo do tempo (*rank order consistency*).

Estudo 2.1: Verificação de diferenças normativas nos traços de personalidade

Método

Participantes

Participaram 440 adultos cisgênero, com idades entre 17 e 102 anos ($M=36$, $DP=22,60$, $Md=43$ anos), sendo a maioria solteiro ($n=194$) e casado ($n=156$), seguidos dos viúvos ($n=53$). A maioria dos participantes indicou ensino superior incompleto como escolaridade máxima ($n=191$), seguidos daqueles com superior completo ($n=76$), com ensino fundamental ($n=57$) e daqueles com mestrado e/ou doutorado concluídos ($n=56$). A maior parte da amostra relatou que não pratica atividade física ($n=141$), seguida por aqueles que realizam até 2 dias por semana de atividade física ($n=138$), e daqueles que realizam de 3 a 5 dias por semana ($n=135$).

Instrumentos para coleta de dados

Questionário sociodemográfico e de perfil: Instrumento com questões para verificação de variáveis sociais e demográficas, tais como: sexo, idade, estado civil e escolaridade. Também foram incluídos itens sobre a prática de atividades físicas (Apêndice C).

Big Five Inventory 2 (BFI-2): O Inventário dos Cinco Grandes Fatores– 2, refere-se a uma nova versão do BFI, contendo 60 itens. Essa versão do inventário foi publicada por Soto e John (2017) e possui o objetivo de medir traços de personalidade, considerando os Cinco Grandes Fatores. A principal diferença entre o BFI e o BFI-2 é que o último avalia facetas de personalidade. Para responder, indica-se a concordância em relação aos itens, em uma escala de cinco pontos, sendo 1 “Não tem nada a ver comigo” e 5 “Tem tudo a ver comigo”.

Recrutamento dos participantes e coleta dos dados

Após aprovação desta pesquisa em comitê de ética (CAAE 00811018.5.0000.0121), os participantes foram recrutados em universidades e através da rede de contato dos pesquisadores. Também foram contatados grupos voltados para pessoas com mais de 60 anos, localizados na região metropolitana de Florianópolis. Igualmente, os pesquisadores convidaram Psicólogos e alunos de cursos de Psicologia para realizarem a coleta dos dados com participantes com mais de 60 anos de sua rede de contato. As coletas ocorreram de forma individual ou coletiva, através de autoaplicação ou de entrevista, especialmente para aqueles participantes com baixa escolaridade, ou que relataram alguma dificuldade, como por exemplo: baixa visão ou nível insuficiente de leitura. Independentemente do tipo de coleta, os respondentes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes de participar (Apêndices A e B).

Análise dos dados

Os dados foram analisados no *software* estatístico Stata 14® (StataCorp, 2011). Inicialmente, os participantes foram divididos em sete grupos, considerando sua faixa etária: 1) 17 a 29 anos, 2) 30 a 39 anos, 3) 40 a 49 anos, 4) 50 a 59 anos, 5) 60 a 69

anos, 6) 70 a 79 anos, 7) 80 a 102 anos. Na sequência, geramos escores z, com controle de aquiescência, para cada um dos fatores do BFI-2, e estimamos a precisão desses fatores para a amostra total e para cada um dos grupos testados, através do alpha de Cronbach. Com esses escores, realizamos a comparação das médias em cada um dos CGF entre os grupos, através do procedimento de Anova- *one-way*. Esse procedimento permite verificar se os traços de personalidade apresentam diferenças normativas entre os grupos. Para os casos em que a Anova apontou diferenças significativas entre grupos, realizamos o teste *post hoc* de Tukey para identificar quais grupos, efetivamente, apresentam diferenças nos traços de personalidade.

Para essas análises, as hipóteses extraídas da literatura científica são: O traço O irá aumentar dos 17 até os 50-60 anos, seguido de *plateau* ou declínio. O traço C deverá apresentar aumento linear ao longo dos anos. O fator E deverá aumentar dos 17 até os 40-50 anos, seguido de declínio. O traço A deverá aumentar dos 17 os 50-60 anos, seguido de *plateau* ou algum aumento. O traço N deverá aumentar dos 17 aos 40-50, apresentando declínio nos anos subsequentes.

Para complementar, investigamos possíveis influências da interação entre o grupo etário e o sexo do respondente (VIs) nos traços de personalidade (VDs). Para isso, realizamos procedimento de regressão no BFI-2 pelo modelo linear generalizado (GLM), usando o estimador *observed information matrix* (OIM), família gaussiana (*link identity*) e método de *máxima verossimilhança*, opções robustas à normalidade dos erros (Stata, 2013). Esse modelo poderá dar uma estimativa do efeito do grupo etário em cada traço de personalidade, ajustando-se o sexo do participante.

Além dessas análises, realizamos a verificação de diferenças nos escores médios em cada um dos fatores de personalidade em relação aos cortes sugeridos na literatura científica para ocorrência do efeito *plateau*, sendo aos 30 anos (Costa & McCrae, 1988;

Terracciano et al., 2006) ou por volta dos 60 (Roberts & Caspi, 2003; Roberts & Wood, 2006). Para identificar a ocorrência do *plateau*, analisamos os valores preditos na regressão, com o objetivo de verificar o padrão de evolução dos traços de personalidade entre os grupos normativos. Nessa análise, espera-se que o período entre os 50-60 anos se mostre como o corte mais adequado na identificação do efeito *plateau* na personalidade, dado a força de evidência científica a esse respeito (Bleidorn et al. 2019).

Resultados e discussão

Uma diversidade de estudos tem reportado que a precisão dos CGF tende a aumentar com o avanço da idade (Roberts & DelVecchio, 2000; Terracciano et al., 2005), ocorrência que também pode ser observada na presente pesquisa. No entanto, após os 60 anos, esse cenário parece tomar um rumo diferente, especialmente para os fatores O, C e A, em que as precisões mostraram-se reduzir linearmente. Apesar de altamente relevante do ponto de vista da produção do conhecimento, esse achado pode estar enviesado pelo fato de a amostra ser pequena, especialmente quando observado o número de participantes em cada um dos sete grupos comparados. Essa característica é uma das limitações do presente estudo e que pode afetar, em alguma medida, os resultados obtidos e reportados.

Apesar da redução na precisão dos CGF, a magnitude da precisão para os fatores O, E e N mantiveram-se adequadas mesmo com o avanço da idade. No entanto, o mesmo não pode ser dito em relação aos escores em C e A, os quais apresentaram as precisões mais reduzidas, atingindo coeficientes alpha abaixo de 0,70, especialmente para os participantes com mais de 60 anos, tal como mostra a Tabela 7. Não se deve ignorar o fato de que esses participantes possuem os níveis de escolaridade mais baixos

da amostra, característica que pode ter influenciado tanto a compreensão dos itens, quanto da atividade como um todo, afetando os achados nesse âmbito.

Tabela 7. Precisões estimadas pelo alpha de Cronbach para os CGF do BFI-2

| Faixas etárias | Precisão estimada ao BFI-2 | | | | |
|-----------------------|----------------------------|------|------|------|------|
| | O | C | E | A | N |
| 17- 29 anos (n=190) | 0,83 | 0,85 | 0,88 | 0,81 | 0,89 |
| 30- 39 anos (n=41) | 0,87 | 0,68 | 0,85 | 0,70 | 0,90 |
| 40- 49 anos (n=28) | 0,85 | 0,74 | 0,77 | 0,76 | 0,81 |
| 50- 59 anos (n=33) | 0,83 | 0,75 | 0,84 | 0,69 | 0,87 |
| 60- 69 anos (n=62) | 0,66 | 0,66 | 0,79 | 0,62 | 0,79 |
| 70- 79 anos (n=58) | 0,75 | 0,60 | 0,74 | 0,67 | 0,66 |
| 80- 102 anos (n=28) | 0,73 | 0,61 | 0,75 | 0,60 | 0,80 |
| Amostra total (n=440) | 0,81 | 0,79 | 0,84 | 0,75 | 0,87 |

No que se refere aos escores médios nos fatores de personalidade para cada um dos sete grupos etários, pode-se dizer que O e E apresentaram aumento até os 50 anos e depois atingiram *plateau*. Por sua vez, o traço A aumentou até os 60 anos, atingindo *plateau* na sequência. O fator C aumentou linearmente ao longo do tempo, ao passo que N mostrou-se reduzir até os 50-60, apresentando *plateau* nos anos subsequentes. Os valores médios obtidos para os fatores de personalidade aparecem na Tabela 8.

Tabela 8. Médias e Desvios padrões dos CGF do BFI-2 em cada grupo etário

| Faixa etária | Big Five Inventory- 2 | | | | |
|----------------------|-----------------------|----------------|----------------|----------------|----------------|
| | O | C | E | A | N |
| 17- 29 anos (n=190) | 3,60 (0,62) | 3,53 (0,62) | 3,31 (0,71) | 3,90 (0,50) | 2,91 (0,70) |
| 30- 39 anos (n=41) | 3,68 (0,73) | 3,79 (0,50) | 3,50 (0,67) | 3,98 (0,40) | 2,88 (0,77) |
| 40- 49 anos (n=28) | 3,86 (0,51) | 3,96 (0,54) | 3,45 (0,52) | 4,09 (0,49) | 2,56 (0,57) |
| 50- 59 anos (n= 33) | 3,40 (0,72) | 3,95 (0,53) | 3,27 (0,70) | 4,21 (0,39) | 2,68 (0,71) |
| 60- 69 anos (n= 62) | 3,51 (0,50) | 3,97 (0,49) | 3,36 (0,59) | 4,07 (0,39) | 2,52 (0,56) |
| 70- 79 anos (n= 58) | 3,54 (0,58) | 4,15 (0,49) | 3,38 (0,61) | 4,16 (0,43) | 2,39 (0,51) |
| 80- 102 anos (n= 28) | 3,38 (0,61) | 4,13 (0,53) | 3,21 (0,67) | 4,25 (0,39) | 2,43 (0,65) |

Nota. A primeira linha é a média. A segunda linha, entre parênteses, é o desvio padrão.

Conforme o esperado, pode-se observar que o fator O atinge *plateau* por volta dos 50 anos, gerando diferença significativa entre os grupos etários ($F(6,432)=2,31$, $p<0,05$). O *post hoc* de Tukey evidenciou que o nível de O foi maior para o grupo dos 49- 49 anos, quando comparados com os participantes com 17- 29 anos, daqueles com 50-59 anos, e dos que possuem entre 80-102 anos. No modelo de regressão do fator O, porém, foi identificado que apenas os participantes dos 17 aos 29 anos apresentaram

escores (marginalmente) mais elevados do que aqueles dos 80 aos 102 anos ($B=-0,71$; $z=-1,82$; $p=0,07$). Deve-se lembrar que um modelo de regressão linear considerando todos os casos não deve apresentar um ajuste muito bom pois a relação não é exatamente linear. Os resultados crescem até um dado momento e depois estabilizam ou diminuem. Apesar disso, em conjunto, esse padrão corrobora os achados da literatura (Costa et al., 2000; Lehmann et al., 2013, Lucas & Donnellan, 2011; McCrae et al., 1999; Marsh et al., 2013; Roberts et al., 2006; Specht et al., 2011; Terracciano et al., 2006; Wortman et al., 2012).

Um relato comum de alguns responsáveis pelas instituições para pessoas com mais de 60 anos é que os participantes querem realizar coisas diferentes do que faziam antes, e não somente isso, eles também querem realizar mais do que uma atividade. Esses comportamentos relatados por responsáveis de algumas das instituições em que ocorreram as coletas de dados é indicativo de aumento ou preservação no nível de O desses participantes.

Em relação ao traço C, identificou-se aumento com o avanço da idade, ($F(6,432)=14,36$, $p<0,01$), tal como esperado. O *post hoc* de Tukey evidenciou que o nível de C é significativamente menor para o grupo dos 17 aos 29 anos, quando comparados com os demais grupos etários. Além disso, os participantes com idades entre 70 e 79 anos obtiveram escores significativamente mais elevados do que aqueles com idades entre 30 e 49 anos. Na interação entre o grupo etário e o sexo, as mulheres dos 30-39, dos 60-69 e dos 70-79 anos obtiveram escores mais elevados em C do que aqueles com idades entre 17 e 29 anos ($B=-0,51$; $z=-2,71$; $p<0,005$), ($B=-0,52$; $z=-2,93$; $p<0,005$), e ($B=-0,48$; $z=-2,91$; $p<0,005$), indicando interação entre o sexo e o grupo etário para os escores das mulheres em C. Esses resultados se mostram de acordo com os achados na literatura científica (Costa & McCrae, 1988; Damian et al., 2018;

Lehmann et al. 2013; McCrae et al., 1999; Roberts et al., 2006; Smits et al., 2011; Terracciano et al., 2006; Wortman et al. 2012), ainda que alguns estudos tenham identificado redução em C ao longo do tempo (Lucas e Donnellan, 2011; Kandler et al., 2015 Specht et al., 2011). Deve-se salientar a baixa quantidade de homens na amostra, o que pode não ter gerado diferenças para os homens na análise GLM.

Deve-se lembrar que de acordo com alguns responsáveis nas instituições para pessoas idosas, há o relato de que os participantes costumam demonstrar responsabilidade com as tarefas ao chegarem bem mais cedo para suas atividades, característica que foi relatada com frequência nessas instituições. Além disso, diante do item “*As vezes, tenho comportamentos irresponsáveis*” era frequente o questionamento se esse item poderia ser respondido em relação a o uso responsável de medicamentos, com narrativas como: “*um exemplo disso é se eu deixo de tomar os remédios que eu tenho que tomar?*” Essa dúvida, frequente entre os participantes idosos, parece um indicativo de que esses indivíduos se mostram responsáveis com sua saúde, cujo argumento se mostra em linha com a explicação evolucionista (Terracciano et al., 2005).

Sobre o traço E, como era esperado, percebeu-se efeito *plateau* ocorrendo entre os 40-50 anos de idade, ainda que as diferenças para os grupos testados não tenham sido significativas ($F(6,432)=0,84, p=0,53$). Todavia, foi possível identificar na análise GLM que os respondentes dos 30 e 39 anos apresentaram escores mais elevados em E do que os respondentes dos 17 aos 29 anos ($B=-0,46; z=-2,20; p<0,05$). Apesar dessa diferença entre o resultado da regressão e da Anova, no geral, o padrão dos achados mostra-se em acordo com a literatura científica (Costa et al., 2000; Kandler et al., 2015; Lehmann et al., 2013; Lucas & Donnellan, 2011; McCrae et al., 1999; Soto et al., 2011; Specht et al. 2011; Terracciano et a., 2006; Wortman et al., 2012). É importante ressaltar que, de acordo com alguns responsáveis por instituições para pessoas idosas, ao completarem

60 anos esses participantes procuram por essas instituições e costumam deixar claro que conhecem seus direitos e que estão lutando por isso.

Os escores em A aumentaram com o avanço da idade ($F(6,432)=5,81, p<0,01$), tal como o esperado. O *post hoc* de Tukey evidenciou que A foi significativamente mais elevado para todos os grupos com idades a partir dos 50 anos, quando comparados com os grupos com participantes de até 49 anos de idade. Além disso, identificou-se interação especificamente para o sexo feminino e as faixas etárias 60-69 anos e aquelas pessoas com mais de 80 anos, gerando influência sobre os escores em A. Os homens não apresentaram esse efeito. Possivelmente, esse achado sofre influência tanto de questões estatísticas (como o pequeno tamanho da amostra e dos participantes homens), quanto do fato de que os escores em A tendem a aumentar até os 50 anos, seguido de queda nos resultados, no entanto, esses resultados corroboram fortemente os padrões reportados na literatura científica (Costa et al., 2000; Damian et al., 2018; Lehmann et al., 2013; Lucas & Donnellan, 2011; McCrae et al., 1999; Marsh et al., 2013; Smits et al., 2011; Soto et al., 2011; Terracciano et al., 2006), ainda que na pesquisa de Roberts et al. (2006), A tenha aumentado até os 50-60 anos, declinando nos anos posteriores.

Em relação ao neuroticismo, foi possível identificar leve redução no traço com o avanço da idade ($F(6,432)=7,27, p<0,01$) até os 50-60 anos. O *post hoc* de Tukey evidenciou que o nível de N foi significativamente mais elevado para os participantes dos grupos com idades entre 17 e 39 anos, quando comparados com os grupos com idades entre 60 e 102 anos. Por sua vez, a interação entre sexo e o grupo etário não apresentou influência sobre os escores em N. Apesar de um pouco diferente do esperado, em conjunto, esses resultados mostram-se em acordo com a literatura científica (Costa et al., 2000; Damian et al., 2018, Lehmann et al., 2013; Lucas &

Donnellan, 2011; Marsh et al., 2013; McCrae et al., 1999; Roberts et al., 2006; Smits et al., 2011; Soto et al., 2011; Terracciano et al., 2006; Wortman et al., 2012.

Em conjunto, pode-se dizer que os achados para N, E, e O seguiram o padrão do estudo de Costa et al. (1986), em que os participantes com mais idade obtiveram escores levemente mais baixos do que os respondentes mais jovens. Os valores preditos na regressão para os CGF, em cada um dos sete grupos, ajustados pela média geral dos participantes, aparecem nas Figuras 4, 5, 6, 7 e 8. Deve-se esclarecer que optamos por ajustar os dados na média geral dos participantes em decorrência da baixa quantidade de homens na amostra da presente pesquisa. Essas figuras aparecem na sequência.

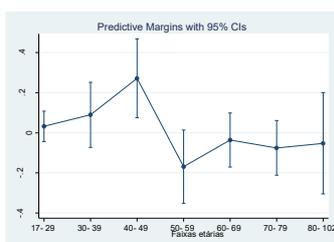


Figura 4. Abertura

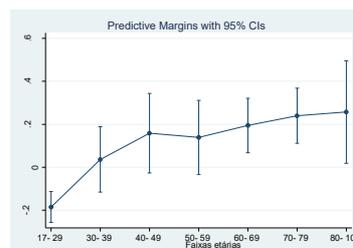


Figura 5. Conscienciosidade

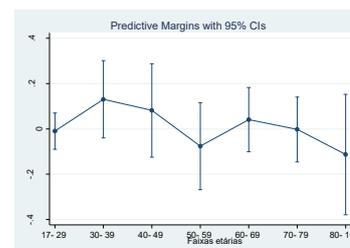


Figura 6. Extroversão

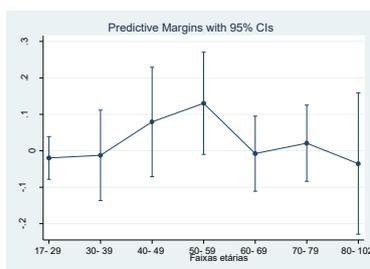


Figura 7. Amabilidade

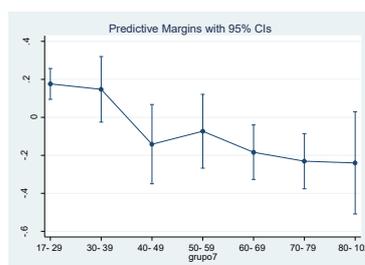


Figura 8 Neuroticismo

Analisando-se as Figuras 4, 5, 6, 7 e 8, pode-se observar que a faixa etária entre 50-60 anos mostrou-se um período de mudança no padrão no funcionamento individual em todos os traços de personalidade, seguindo a menção de Bleidorn et al. (2019). A partir dessa faixa, todos os traços apresentaram alguma mudança em seu padrão de desenvolvimento. Em conjunto, esse resultado sugere que a ocorrência do efeito *plateau*

esteja mais de acordo com as evidências de Roberts e Caspi (2003) e de Roberts e Wood (2006), ocorrendo por volta dos 50-60 anos, do que com os achados reportados por Costa e McCrae (1988) e de Terracciano et al. (2006), aos 30 anos de idade. Apesar dessa constatação, entendemos que novos estudos devem ser conduzidos no futuro, utilizando-se de tratamentos estatísticos mais sofisticados para a identificação do efeito *plateau* na personalidade, além de amostras mais abrangentes de participantes, permitindo-se testar os achados obtidos na presente pesquisa e os padrões reportados na literatura científica a esse respeito.

Por fim, os achados de que o padrão individual de funcionamento é suscetível a mudanças entre os 50- 60 anos, associados às evidências de mudança aos 30 (Costa & McCrae, 1998; Terracciano et al.,2006) fornecem informações relevantes para a elaboração de intervenções envolvendo a personalidade ao longo do ciclo vital (Bleidorn et al, 2019). Intervenções envolvendo a personalidade nesses dois estágios do desenvolvimento podem objetivar a preparação dos indivíduos para o envelhecimento saudável, verificando-se quais aspectos do funcionamento individual demandam atenção e regulação ao estágio seguinte.

Estudo 2.2: Consistência no ranqueamento dos CGF ao longo do tempo

Método

A pesquisa retrospectiva busca dados do passado e os relaciona com dados referentes ao presente. Esse tipo de pesquisa têm sido utilizado, há algum tempo, na investigação de uma diversidade de temas, dentre eles, o abuso infantil (Coolidge et al., 2011), maus tratos durante a infância (Brown et al.,1998), uso de substâncias (Maisto et al., 1979), a relação pais e filhos (Parker et al., 1979), associação entre Alzheimer e

traços de personalidade (Tautvydaitė et al., 2017), dentre outros (Hardt & Rutter, 2004), tendo sido considerada válida e precisa (Coolidge et al., 2011). Deve-se salientar que poucos estudos longitudinais se propuseram a verificar a consistência dos traços de personalidade por várias décadas (Terracciano et al., 2006), o que torna o presente estudo, inclusive, um desafio à ciência.

Hardt e Rutter (2004) apontam que existe certa desconfiança em relação às pesquisas que envolvem memórias retrospectivas, especialmente da infância, sendo que isso ocorre por cinco questões: a) as fantasias da memória estão sujeitas a um grau de esquecimento, de forma que existe a possibilidade de as memórias recuperadas apresentarem vieses; b) as pessoas tendem a procurar significado em suas memórias, c) as pessoas conseguem lembrar apenas das coisas que elas eram conscientes no passado, d) aquilo que as pessoas se lembram pode estar sendo influenciado pelo seu humor no momento do relato retrospectivo.

Por conta dessas questões, para Hardt e Rutter (2004), a qualidade da avaliação retrospectiva está intimamente ligada à medida que será utilizada para a coleta das memórias em ambos os momentos (passado e presente). Esses autores concluem que, apesar do fato de as avaliações psicológicas retrospectivas possuírem algum viés inerente, sua validade é adequada quando a medida retrospectiva não é referente a um período muito específico, e quando os comportamentos avaliados são específicos, estando adequadamente operacionalizados no instrumento.

Participantes

Participaram 170 adultos, com idades entre 51 e 93 anos ($M=69$, $DP=9,05$, $Md=69$), sendo a maioria mulheres ($n=133$, 78%), todos cisgênero. Do total, 30 participantes possuem idades entre 51 e 59 anos, outros 63 possuem idades entre 60 e 69 anos, 54 possuem idades entre 70 e 79 anos, ao passo que 23 indicaram idades entre

80 e 93 anos. A maioria dos participantes indicou ter ensino fundamental ou médio como escolaridade máxima ($n=91$), enquanto outros 55 relataram possuir ensino superior incompleto ou completo, e outros indicaram possuir mestrado ou doutorado ($n=24$). Aqueles que se declararam casados ou em união estável foram a maioria ($n=79$), seguidos dos viúvos ($n=47$) e dos separados ou divorciados ($n=31$). A maior parte da amostra realiza até 2 dias de atividade física por semana ($n=69$), seguidos daqueles que realizam de 3 a 5 dias ($n=53$) e por aqueles que não realizam atividade física ($n=36$). Esses participantes são uma parcela dos participantes apresentados anteriormente.

Questões Éticas

Esta pesquisa teve início assim que foi aprovada pelo comitê de ética da Universidade Federal de Santa Catarina (CAAE 00811018.5.0000.0121). Os participantes assinaram um Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) (Apêndice B).

Instrumentos para coleta de dados

Questionário sociodemográfico e de perfil: Instrumento com questões para verificação de variáveis sociais e demográficas, como: sexo, idade, estado civil, escolaridade.

Também foram incluídos itens sobre a prática de atividades físicas. (Apêndice C)

Big Five Inventory 2 (BFI-2): O Inventário dos Cinco Grandes Fatores– 2, refere-se à uma nova versão do BFI, contendo 60 itens de autorrelato. Foi publicada por Soto e John (2017), com o objetivo de medir traços de personalidade, no modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF). A principal diferença entre o BFI e o BFI-2 é que o último avalia também facetas de personalidade. Para responder, deve-se indicar a concordância em relação aos itens, em uma escala de cinco pontos, sendo 1 “*Não tem nada a ver comigo*” e 5 “*Tem tudo a ver comigo*”.

Questionário 30-35 anos: Instrumento para verificação de perfil relacionado à época em que o participante tinha 30-35 anos. O objetivo desse instrumento era fazer com que o participante acessasse memórias relativas ao passado, para poder atribuir um julgamento em relação a como ele pensa que era quando tinha 30-35 anos. São exemplos de questões: “*Aos 30-35 anos, você achava que teria sucesso profissional?*”, “*Aos 30-35 anos, você se permitia fazer as coisas que queria fazer?*”, e “*Aos 30-35 anos, você era uma pessoa fisicamente ativa (corria, caminhava, fazia ativid. física)?*”. (Apêndice D).

Big Five Inventory (BFI): Trata-se de um inventário com 44 itens de autorrelato, publicado em 1999, por John e Srivastava, para medir traços de personalidade no modelo dos Cinco Grandes Fatores. O BFI avalia a concordância do respondente em relação aos itens, em uma escala de cinco pontos, sendo 1 “*Não tem nada a ver comigo*” e 5 “*Tem tudo a ver comigo*”. Os participantes responderam os itens do BFI de forma retrospectiva. Para isso, a instrução do instrumento foi alterada, sendo que a nova instrução pedia para que o participante respondesse considerando como achava que era quando tinha 30-35 anos de idade. O ponto de corte de 30 anos de idade foi adotado em observância às pesquisas que têm indicado que a partir dessa idade não são observadas mudanças para a maior parte dos traços de personalidade (Terracciano et al., 2006), sugerindo cristalização no padrão do funcionamento individual a partir desse estágio do desenvolvimento. Além da instrução, a redação dos itens do BFI também foi modificada. Os verbos das 44 afirmativas do BFI foram colocados no tempo passado. Como exemplos, o item 1, que originalmente era “*Sou falante*”, tornou-se “*Eu era falante*”. E o item 31, “*Sou tímido(a)*”, tornou-se “*Eu era tímido(a)*”.

Recrutamento dos participantes e coleta de dados

Após aprovação da pesquisa em comitê de ética, os participantes foram recrutados em universidades e através da rede de contato dos pesquisadores. Também foram contatados Serviços (públicos e privados) com grupos voltados para pessoas com mais de 60 anos, localizados na região metropolitana de Florianópolis. Além disso, fizemos contatos com responsáveis por grupos (públicos e privados) para pessoas com mais de 60 anos (convivência, atividade física, atividades manuais), localizadas em diferentes regiões da Grande Florianópolis. Igualmente, convidamos Psicólogos e alunos de cursos de Psicologia para realizarem a coleta dos dados com participantes com mais de 60 anos de sua rede de contato. Antes de coletar dados com terceiros, o psicólogo foi convidado a responder a pesquisa, para familiarizar-se com os instrumentos de coleta de dados. Uma parte desses psicólogos são pesquisadores vinculados ao grupo de pesquisa ao qual este projeto está vinculado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC. Essa técnica, conhecida como bola de neve, permitiu o acesso à participantes com mais de 60 anos que não estivessem em Instituições para esse público.

As coletas ocorreram de forma individual ou coletiva, através de autoaplicação do material ou de entrevista; especialmente para os participantes que indicaram baixa escolaridade ou que relataram baixa visão e/ou nível insuficiente de leitura. Antes de iniciar o processo de resposta à versão retrospectiva do BFI, o participante deveria responder o questionário 30-35, cujo instrumento contribuiu para que o participante acessasse memórias relativas ao passado, e conseguisse atribuir um julgamento em relação a como ele pensa que era quando tinha 30-35 anos.

Análise dos dados

Conduzimos análise fatorial exploratória no BFI e no BFI-2, no sentido de verificar se as estruturas internas dos instrumentos eram congruentes na amostra. Também, consideramos as quantidades de fatores que as análises paralelas sugeriam para extração, como indicativo de estabilidade estrutural dos CGF nos dois instrumentos utilizados para fazer inferências sobre a personalidade na presente tese (BFI e BFI-2). Além disso, verificamos se os agrupamentos de itens sugeridos para cada instrumento estavam de acordo com os CGF. As análises foram realizadas no *software* Stata 14.

Na sequência, calculamos escores z para cada um dos fatores de personalidade avaliados com o BFI-2, controlando-se o efeito da aquiescência nas respostas, tal como sugerido por Soto, John, Gosling e Potter (2008). Esse escore foi chamado de “*Atual*”. Igualmente, calculamos os escores dos CGF de personalidade coletados retrospectivamente, com o BFI, e controlamos o efeito da aquiescência. Esse escore foi chamado de “*Passado*”. Com esses escores, estimamos a precisão dos cinco grandes fatores (CGF) tanto do BFI quanto do BFI-2, com o alpha de Cronbach, e verificamos se a magnitude das correlações entre os CGF eram similares nos dois instrumentos. Com os escores “*Passado*” e “*Atual*” foram realizadas correlações do tipo teste-reteste entre cada um dos CGF medidos nos dois instrumentos, cuja magnitude das correlações foi considerada indicativo de continuidade no ranqueamento dos traços de personalidade (Roberts & DelVecchio, 2000; Terracciano et al., 2006). É válido lembrar que o BFI-2 possui itens comuns com o BFI. Síntese da literatura tem evidenciado que as correlações no ranqueamento dos traços têm obtido magnitudes entre 0,40 e 0,60, considerando o período de 10 anos entre as coletas (Bleidorn et al., 2019).

Adicionalmente, realizamos Anovas com medidas repetidas (*within subjects*) para cada fator de personalidade, com o intuito de verificar o efeito do tempo sobre as

variáveis latentes medidas nos testes de personalidade. Para essa análise, ao invés do escore z , consideramos os valores médios de θ para cada um dos CGF, os quais foram obtidos através do *software* Winsteps. Antes disso, porém, confeccionamos mapas de itens para cada fator de personalidade, agrupando-se os itens de cada um dos CGF do BFI e do BFI-2, no sentido de identificar se os itens avaliando o mesmo nível de θ referiam-se a conteúdos similares e realizamos a equalização dos itens de cada fator de ambos os testes. Equalizar significa equiparar os parâmetros dos itens, tornando-os comparáveis (Araujo et al., 2009). Para tanto, inicialmente, os itens de cada fator dos dois instrumentos foram calibrados ao mesmo tempo. Depois, estimamos o θ da versão retrospectiva (BFI) e da versão atual (BFI-2) e fixamos os parâmetros dos itens de cada versão, conforme estimados no primeiro momento (quando os dois testes foram analisados conjuntamente).

Com a Anova com medidas repetidas foi possível verificar se existem perfis longitudinais para as pessoas, no passado e atualmente, considerando os CGF. Nos modelos testados, a variável dependente é o θ em cada um dos CGF e a independente é o tempo da coleta (passado e presente). A variável que identifica o participante na base de dados foi alocada como o erro *between subject* e os θ s em personalidade (passado[BFI] e atual [BFI-2]) foram os alocados como o erro *residual within subject*. Para isso, os dados foram colocados em formato longo. O H_0 indica que não há diferença nos perfis dos traços de personalidade entre os escores “*Passado*” e “*Atual*”. Portanto, aceitá-lo significa que o perfil foi mantido ao longo do tempo. Uma hipótese alternativa é que o traço C apresente padrão diferenciado em relação ao demais CGF (Costa & McCrae, 1993 apud Srivastava & Das, 2013).

Na realização de Anovas deve-se garantir que os grupos comparados sejam independentes, entretanto, ao conduzir versões com medidas repetidas esse pressuposto

perde o efeito, já que o sujeito é seu próprio controle. Por conta disso, além do procedimento de comparação de médias entre grupos, deve-se garantir alguma correção para a falta desse pressuposto das Anovas, tipicamente nos graus de liberdade. Essas correções são apresentadas no Stata 14 através do Huynh-Feldt epsilon e do Greenhouse-Geisser epsilon; além do teste de Mauchly, que verifica a violação da esfericidade. Uma magnitude de correção sugerida ao nível de 1 é o mesmo que dizer que não há correção a ser realizada (Stata, 2013).

Além dessas análises, optamos, *a posteriori*, por testar duas hipóteses extraídas da literatura. Na primeira, verificamos se a estabilidade dos traços de personalidade tende a reduzir conforme o período entre as coletas aumenta, tal como defendido por Terracciano et al. (2006). No presente estudo, o tempo retrospectivo foi considerado o período entre as coletas, em anos, subtraindo-se a idade atual do respondente, indicada no questionário sociodemográfico, da idade de 35 anos, já que os participantes responderam o BFI considerando o período em que tinham 30-35 anos. O tempo da avaliação retrospectiva variou de 16 a 58 anos ($M=33$; $Md=33$; $DP=9,05$). Para testar essa hipótese, verificamos se a magnitude da correlação entre os escores *passado e atual* reduziu em função do aumento do período da avaliação retrospectiva, e ainda comparamos a correlação teste-reteste (BFI X BFI-2) entre grupos separados pelo tempo retrospectivo. Os participantes foram, então, alocados em três grupos retrospectivos: a) 16 a 26 anos ($n=40$), b) 27-37 anos ($n=75$), e c) 38- 58 anos ($n=54$). Portanto, a variável que era contínua tornou-se categórica, composta por três níveis.

Na segunda hipótese, objetivamos testar a evidência de que a inatividade física aos 20-30 anos está associada com declínio em E, O, A e C aos 50-60 anos (Stephan et al. (2018). Para testar essa hipótese, criamos uma variável categórica binária. Os participantes que indicaram no questionário dos 30-35 anos que eram fisicamente ativos

aos 30-35 anos ($n=89$) receberam pontuação 1, ao passo que aqueles que indicaram que não eram fisicamente ativos aos 30-35 anos ($n=81$) receberam pontuação 0. Os escores no BFI-2 foram comparados através do procedimento de regressão logística. Nessa análise, os CGF e o sexo foram incluídos no modelo como as variáveis independentes, enquanto o fato de o participante ter feito, ou não, atividade física aos 30-35 anos foi considerado a variável dependente.

Resultados e discussão

Conforme esperado, a estrutura interna dos instrumentos de personalidade (BFI e BFI-2) mostrou-se altamente similar nas versões retrospectiva e atual, conforme mostra os *screepLOTS* das análises paralelas (Figura 9). Igualmente, as magnitudes e direções das correlações entre os CGF obtiveram resultados, no geral, similares nos dois instrumentos, o que sugere estabilidade estrutural dos CGF no BFI e no BFI-2. Essas correlações aparecem na Tabela 11, antecedida das médias dos *thetas* nos CGF do BFI e do BFI-2 (Tabelas 9 e 10).

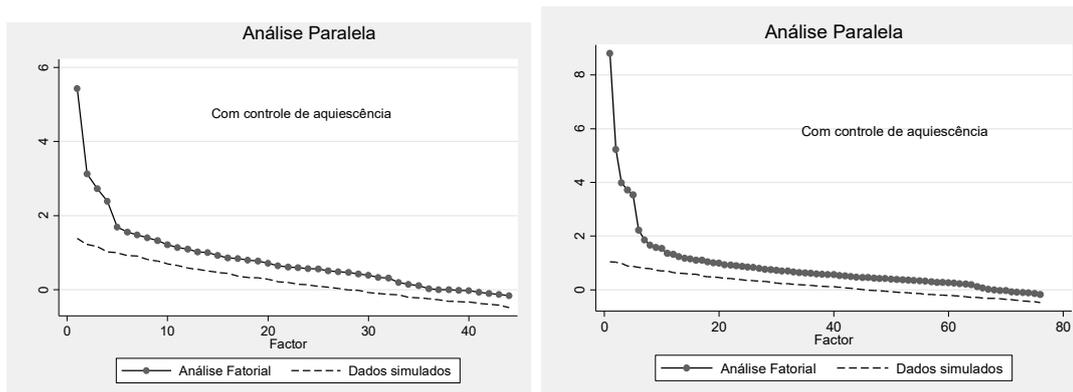


Figura 9. *ScreepLOT* das análises paralelas no BFI e no BFI-2

Tabela 9. Médias e desvios padrões dos escores Z no BFI e no BFI-2

| | O | | C | | E | | A | | N | |
|-----------|---------|-------|---------|-------|---------|-------|---------|-------|---------|-------|
| | Passado | Atual |
| | BFI | BFI-2 |
| <i>M</i> | -0,01 | 0,01 | 0,07 | 0,08 | -0,02 | 0,02 | 0,01 | 0,08 | 0,04 | -0,04 |
| <i>DP</i> | 0,61 | 0,48 | 0,44 | 0,54 | 0,59 | 0,50 | 0,48 | 0,35 | 0,55 | 0,51 |
| Mínimo | -1,35 | -1,29 | -1,18 | -1,40 | -1,70 | -1,35 | -1,35 | -1,13 | -1,07 | -0,97 |
| Máximo | 2,52 | 1,13 | 0,82 | 0,84 | 1,33 | 1,20 | 0,91 | 0,80 | 1,53 | 1,51 |
| N | 170 | 170 | 170 | 170 | 170 | 170 | 170 | 170 | 170 | 170 |

Tabela 10. Médias e desvios padrões dos thetas no BFI e no BFI-2

| | O | | C | | E | | A | | N | |
|-----------|---------|-------|---------|-------|---------|-------|---------|-------|---------|-------|
| | Passado | Atual |
| | BFI | BFI-2 |
| <i>M</i> | -0,25 | 0,11 | 0,03 | -0,05 | 0,26 | 0,08 | 0,12 | -0,05 | -0,25 | -0,05 |
| <i>DP</i> | 0,30 | 0,31 | 0,41 | 0,32 | 0,39 | 0,26 | 0,35 | 0,32 | 0,30 | 0,32 |
| Mínimo | -0,95 | -0,84 | -1,17 | -0,87 | -0,66 | -0,66 | -0,92 | -0,87 | -0,95 | -0,87 |
| Máximo | 0,59 | 0,88 | 2,46 | 2,03 | 2,63 | 0,80 | 1,03 | 2,03 | 0,59 | 2,03 |
| N | 170 | 170 | 170 | 170 | 170 | 170 | 170 | 170 | 170 | 170 |

Tabela 11. Associações entre os escores Z nos CGF do BFI e do BFI-2

| BFI | BFI-2 | | | | |
|-----|-------|------|------|------|-------|
| | O | C | E | A | N |
| O | - | 0,26 | 0,37 | 0,19 | -0,29 |
| C | 0,20 | - | 0,25 | 0,26 | -0,15 |

| BFI-2 | | | | | |
|-------|-------|------|-------|-------|-------|
| BFI | O | C | E | A | N |
| E | 0,40 | 0,17 | - | | -0,20 |
| A | 0,23 | 0,24 | 0,17 | - | -0,26 |
| N | -0,16 | | -0,24 | -0,33 | - |

As correlações acima da linha pontilhada (Tabela 11) referem-se às associações entre os fatores do BFI-2 (atual), enquanto as correlações na parte de baixo da tabela são referentes aos fatores do BFI (passado). Foi possível identificar estabilidade estrutural nas medidas de personalidade, de forma que os padrões obtidos nas correlações entre os CGF mantiveram-se similares nos dois instrumentos. Além disso, a magnitude obtida na associação entre os fatores de personalidade, em cada instrumento, valida a característica ortogonal dos CGF (OECD, 2016). As correlações (teste-reteste) entre os escores passado e atual de personalidade estão apresentadas na Tabela 12.

Tabela 12. Teste reteste entre os escores Z dos fatores do BFI e do BFI-2.

| BFI-2 | | | | | |
|-------|-------|--------|--------|---------|---------|
| BFI | O | C | E | A | N |
| O | 0,79* | 0,20** | 0,23** | | |
| C | | 0,51* | | 0,27** | |
| E | 0,32* | 0,23** | 0,54* | 0,14** | |
| A | | 0,34* | | 0,61* | -0,23** |
| N | | -0,30* | | -0,26** | 0,52* |

Nota. * $p < 0,01$; ** $p < 0,05$

As correlações produto momento (teste-reteste) entre os CGF no “*Passado*” e “*Atual*”, resultaram em magnitudes moderadas (entre 0,51 e 0,79), como era esperado (Bleidorn et al., 2019; Roberts & DelVecchio, 2000; Terracciano et al., 2006). Os traços O e A apresentaram as magnitudes mais elevadas de associação. Inclusive, deve-se lembrar que essa magnitude sugere tanto mudanças quanto estabilidade ao longo do tempo (McGue et al., 1993). Por exemplo, os traços O e A apresentaram correlação superior a 0,60, sendo indicativos de estabilidade, enquanto os traços C, E e N mantiveram magnitude por volta de 0,50, indicando mais mudanças do que estabilidade. No geral, os resultados obtidos nessa análise corroboram os achados da literatura (Costa & McCrae, 1988; Costa et al., 2000; Gonzatti et al., 2017; Kandler et al., 2015; Lehmann et al. 2013; Lucas & Donnellan, 2011; Marsh et al., 2013; McCrae et al., 1999; Roberts et al., 2006; Robins et al., 2001; Smits et al., 2011; Soto et al., 2011; Specht et al., 2011; Terracciano et al., 2005; Wortman et al. 2012), tanto na direção quanto na magnitude das associações.

Outrossim, também como esperado, os mapas de itens para cada fator de personalidade, agrupando-se os itens do BFI e do BFI-2, já indicavam que os itens nos dois instrumentos avaliavam de forma congruente níveis similares de *theta*, antes mesmo do procedimento de equalização dos testes. Esses mapas de itens referentes aos CGF aparecem a seguir, nas Figuras 10, 11, 12, 13 e 14.

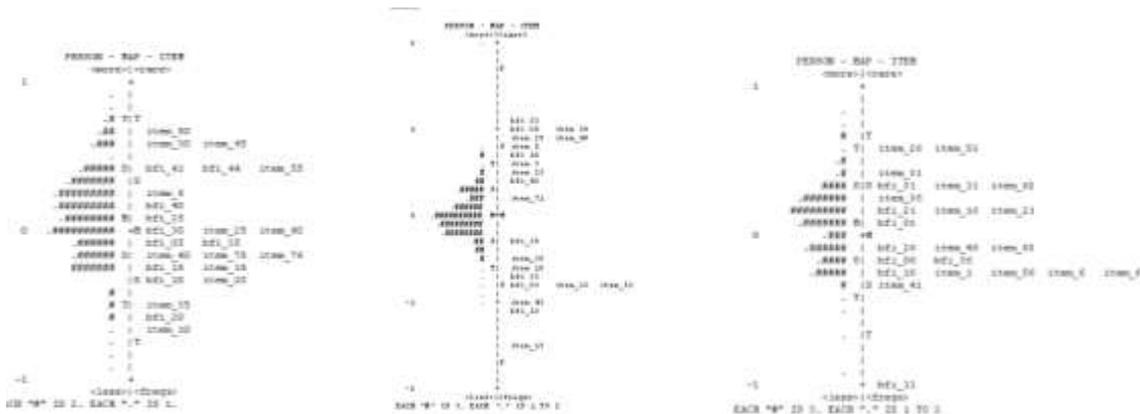


Figura 10. Mapa de itens- O Figura 11. Mapa de itens- C Figura 12. Mapa de itens- E



Figura 13. Mapa de itens-A Figura 14. Mapa de itens-N

No tocante às Anovas com medidas repetidas, observou-se efeito significativo do tempo (*within subject*) sobre o traço O ($F(1,169)=129,09, p<0,001$), o traço E ($F(1,169)=55,67, p<0,001$), o traço A ($F(1,169)=24,10, p<0,001$), e o traço N ($F(1,169)=110,68, p<0,001$). Inclusive, não foram sugeridas correções no Huynh-Feldt epsilon ($p=1,000$) e no Greenhouse-Geisser epsilon ($p=1,000$) para esses quatro traços, e o teste de Mauchly indicou que a assunção da esfericidade não foi violada nessas análises. Diferentemente, não foi observado efeito significativo do tempo (*within subject*) sobre o traço C ($F(1,169)=2,68, p=0,10$), nem foram sugeridas correções no Huynh-Feldt epsilon ($p=1,000$) e no Greenhouse-Geisser epsilon ($p=1,000$).

Em conjunto, os resultados obtidos nas Anovas com medidas repetidas indicam que não podemos aceitar a hipótese alternativa de mudança longitudinal para os traços O, E, A e N, o que significa que os *thetas* desses fatores, no passado e atualmente, possuem alguma associação, não havendo diferenças nos perfis desses traços entre os escores “*Passado*” e “*Atual*”. Esse resultado se mostra em linha com Graham e Lachman (2012) quem indicaram que aqueles que se mantêm estáveis ao longo do tempo, nos traços O e N, preservam funções cognitivas fundamentais, como o raciocínio indutivo e o tempo de reação aos 70-80 anos. Igualmente, elevar os escores em E, ao longo do tempo, poderia representar aumento de risco de doença coronária e de acidente vascular encefálico (Jokela et al., 2014). Dessa forma, pode-se entender que a estabilidade em longo prazo nesses traços seria um indicativo positivo, já que o oposto, ou seja, ao realizar mudanças em O, E, e A, ao longo do tempo, indicaria que, para lidar com pressões (possivelmente ambientais) ao longo de sua história, o indivíduo precisou ajustar seu funcionamento para dar conta das demandas (Graham & Lachman, 2012).

Por sua vez, essa hipótese não pode ser corroborada, exclusivamente, para o traço C, pelo menos entre os dois momentos comparados no presente estudo, cujo resultado se mostra de acordo com o reportado no estudo longitudinal de Costa e McCrae (1993) apud Srivastava e Das (2013). Esse achado deve ser interpretado de forma positiva, se observado as evidências. Vale lembrar que o traço C refere-se à uma unidade hierarquicamente organizada de características que descrevem diferenças individuais em termos de propensão ao autocontrole, ser responsável consigo e com os outros, organizado e trabalhador (Srivastava & Das, 2013). Nesse sentido, tem-se documentado que indivíduos que aumentam o nível de C e reduzem em N, ao longo do tempo, conseguem recuperar melhor a memória, de tal forma que a não manutenção do nível basal de C seria uma característica adaptativa positiva ao longo do tempo

(Chapman et al., 2017). Além disso, evidência sugere que elevar o nível de C ao longo do tempo pode ser um indicativo negativo de demência, sendo essa uma das principais comorbidades decorrente do avanço do tempo no funcionamento cognitivo (Kaup, Harmell, & Yaffe, 2019). Adicionalmente, sabe-se que reduzir o escore em C ao envelhecer mostra-se associado com a doença de Alzheimer (Duberstein et al., 2011; Tautvydaitė et al., 2017).

Dessa forma, conforme era esperado, ainda que os traços de personalidade se desenvolvam ao longo do ciclo vital e ocasionem diferenças entre pessoas nos diferentes estágios no desenvolvimento, foi possível identificar que as pessoas de um mesmo grupo tendem a manter suas posições relativas no ranqueamento dos traços de personalidade em longo prazo. Isso corrobora a hipótese de estabilidade no funcionamento individual ao longo do tempo conforme descrita na literatura científica (Allemand et al., 2008; McAdams & Olson, 2010; Roberts & Caspi, 2003; Roberts & Wood, 2006; Roberts et al., 2015; Soto & John, 2012; Terracciano et al., 2006).

Sendo assim, na presente pesquisa foi possível identificar que o funcionamento individual tende a se tornar relativamente estável ao longo do ciclo vital (Nye & Roberts 2019; Roberts, Wood, & Caspim 2008), de tal forma que os indivíduos acumularão mecanismos estabilizadores em seu funcionamento com o passar do tempo, tal como explicado na perspectiva neo-socioanalítica (Roberts & Wood, 2006) pelo princípio da continuidade cumulativa (Roberts & Caspi, 2003; Roberts & Nickel, 2019; Soto, 2018). Além disso, a estabilidade no funcionamento individual parece ter algum efeito protetivo com o passar do tempo, indicando que o indivíduo não precisou realizar ajustes em seu funcionamento individual para lidar com as demandas e as experiências do mundo em que viveram (Graham & Lachman, 2012).

Apesar desses achados, devemos lembrar que especificamente em relação à resposta ao BFI no passado, é possível que uma parte dos participantes não tenha compreendido o exercício retrospectivo de voltar ao passado, principalmente se consideramos o nível de escolaridade dos participantes neste estudo, o que pode ter contribuído para que o nível de C não tenha apresentado mudança ao longo do tempo. É possível também que alguns participantes tenham tentado manter o pensamento no passado, mas não tenham conseguido, por qualquer razão que seja. De toda forma, se esse foi o caso, pode-se pensar que o efeito negativo disso seria o participante passar a responder o instrumento em relação ao momento presente. Porém, o valor obtido no teste-reteste entre o BFI e o BFI-2 parece advogar mais em favor de os respondentes terem compreendido a tarefa solicitada, do que o contrário. Entretanto, sugere-se que estudos futuros repitam essas análises e testem os resultados encontrados correntemente.

Outrossim, parece-nos salutar destacar que as magnitudes obtidas no teste reteste, além de estabilidade, sugerem também alguma mudança no perfil, de tal forma que algumas pessoas podem apresentar desenvolvimento diferenciados em alguns traços de personalidade ao longo do tempo, tal como preconizado por pesquisadores (Cobb-Clark & Schurer, 2012; McAdams & Olson, 2010). A esse respeito, ao invés de demonstrar estabilidade nos traços, ou mesmo aumento em O, C, E e A, algumas pessoas poderiam mostrar redução ao longo do tempo, o que poderia ser visto em alguns casos como algo positivo. Isso seria possível se na primeira coleta os níveis de personalidade fossem muito elevados, então, a redução seria, tecnicamente, um indicativo de maturidade; ao passo que o aumento ou seria indicativo do contrário.

Por exemplo, se considerarmos um determinado indivíduo com escore elevado em E aos 30-35 anos. Se, aos 70 anos, esse indivíduo demonstrar redução de seu escore em E isso poderia ser um indicativo positivo, à medida que aumentar ainda mais seu

nível de Extroversão poderia ser maladaptativo; ainda que isso resulte alguma mudança inerente em seu perfil. Pode-se dizer isso porque, em comparações em que o sujeito é seu próprio controle, o respondente que possuir escore elevado em algum dos CGF na coleta inicial, poderá apresentar a maturidade com a redução nesse escore, e não com mais aumento no traço. Portanto, estudos futuros devem considerar essas questões que envolvem o funcionamento no nível individual quando realizarem comparações da personalidade longitudinalmente.

Uma característica desta pesquisa que vale a pena de ser mencionada é que o período retrospectivo, ou seja, a distância entre a idade atual do participante e quando ele tinha 35 anos, mostrou-se bastante variável. Apesar dessa característica possivelmente limitante, deve-se lembrar que esse estudo contribui com a escassez de pesquisas longitudinais que verificaram a consistência dos traços de personalidade por várias décadas (Terracciano et al., 2006), principalmente quando nos referimos ao contexto brasileiro. Dessa forma, deve-se estar atento ao fato de que o método empregado no presente estudo é uma limitação, já que não podemos afirmar que os participantes responderam o BFI como realmente eram aos 30-35 anos. Por isso, em parte concordamos com Hardt e Rutter (2004) quando mencionam que muitos pesquisadores desconfiam da utilização de memórias retrospectivas em pesquisas.

No entanto, considerando os desafios de conduzir estudos longitudinais da personalidade no Brasil, controlar e padronizar o método de coleta de dados pareceu-nos uma forma legítima de tentar reduzir possíveis vieses inerentes à pesquisa retrospectiva. Dessa forma, entendemos que o fato de termos selecionado o BFI, que é um instrumento reconhecido internacionalmente para avaliação da personalidade, sendo composto por itens que indicam comportamentos altamente objetivos; associado ao fato de que a idade que os participantes deveriam recuperar retrospectivamente não

era referente a um período tão específico, sejam características do presente estudo que contribuem para a validade do método empregado para respondermos às perguntas (Hardt & Rutter, 2004).

Hipótese 1

A hipótese de associação entre os CGF do BFI e do BFI-2, entre os grupos retrospectivos, também se mostrou como o esperado e descrito na literatura (Roberts & DelVecchio, 2000; Terracciano et al., 2005). As magnitudes das correlações obtidas nesse âmbito apresentaram redução conforme houve aumento do tempo retrospectivo (do tempo entre as coletas), conforme mostra a Tabela 13.

Tabela 13. Correlação teste-reteste entre o BFI e o BFI-2, pelo tempo retrospectivo

| BFI | Big Five Inventory-2 | | | | | | | | | | | | | | |
|-----|----------------------|------|------|------|------|--------------------|------|------|------|------|--------------------|------|------|------|------|
| | 16- 26 anos (n=40) | | | | | 27- 37 anos (n=75) | | | | | 38- 58 anos (n=54) | | | | |
| | O | C | E | A | N | O | C | E | A | N | O | C | E | A | N |
| O | 0,58 | | | | | 0,71 | | | | | 0,63 | | | | |
| C | | 0,58 | | | | | 0,63 | | | | | 0,51 | | | |
| E | | | 0,68 | | | | | 0,58 | | | | | 0,58 | | |
| A | | | | 0,73 | | | | | 0,55 | | | | | 0,44 | |
| N | | | | | 0,47 | | | | | 0,60 | | | | | 0,49 |

Nota. As correlações mostradas foram significativas ($p < 0,05$)

Hipótese 2

Os participantes que indicaram ser fisicamente ativos aos 30-35 anos apresentaram escores médios mais elevados em O ($d=0,39$) e C ($d=0,33$) aos 60 anos, quando comparados com os participantes que não eram fisicamente ativos aos 30-35

anos. Entretanto, na regressão apenas o fator O conseguiu predizer o fato de o respondente ter indicado que era fisicamente ativo aos 30-35 anos ($B=1,72$, $z=2,92$, $p<0,01$; 95% IC= 0,58 – 2,87). Portanto, como não observamos diferenças para os traços E, C e A, nossos resultados corroboram parcialmente a literatura (Stephan et al., 2018). Por essa razão, sugerimos que estudos futuros procurem testar novamente essa hipótese utilizando-se de amostras mais abrangentes de participantes.

Discussão geral referente aos dois estudos

Nesta pesquisa, objetivamos testar os padrões de desenvolvimento da personalidade ao longo do tempo, tal como reportados na literatura científica. Conforme esperado, foi possível identificar diferenças normativas (*between subjects*) nos traços de personalidade, exatamente como o padrão documentado na literatura científica (Roberts et al., 2015; Soto & John, 2012). Isso indica que a personalidade se desenvolve ao longo do tempo. Além disso, o fato de termos identificado aumento em O, A e C, e redução de N ao longo do tempo, mostra-se em acordo com a explicação dada por pesquisadores de que a personalidade se desenvolve em sentido positivo (Bleidorn et al., 2019; McAdams & Olson, 2010; Roberts & Mroczek, 2008; Specht et al., 2011; Srivastava & Das, 2013), favorecendo a adaptação do indivíduo ao longo do ciclo vital. Esse padrão nos dados também reflete a menção da maturidade como um dos principais fatores subjacentes ao funcionamento individual ao longo do tempo (Roberts & Wood, 2006).

Para além de mudanças na personalidade entre os grupos etários (Roberts et al., 2015; Roberts & Mroczek, 2008; Marsh et al., 2013), também foi possível identificar que o funcionamento individual tende a se tornar relativamente estável ao longo do tempo (Nye & Roberts 2019; Roberts, Wood, & Caspim 2008). A esse respeito, deve-se lembrar que a estabilidade no funcionamento individual não significa ausência de mudança intraindividual (Asendorpf, 1992), mas sim, que os indivíduos tenderão a

acumular mecanismos estabilizadores em seu funcionamento com o passar do tempo, tal como explicado na perspectiva neo-socioanalítica (Roberts & Wood, 2006) como princípio da continuidade cumulativa (Roberts & Caspi, 2003; Roberts & Nickel, 2019; Soto, 2018), que tem papel protetivo no envelhecimento (Graham & Lachman, 2012). Diferentemente, aqueles que apresentaram mudanças longitudinais, possivelmente, sofreram influências do ambiente e precisaram se ajustar para lidar com as experiências e o mundo em que viveram (Graham & Lachman, 2012).

Em conjunto, identificou-se que, quando comparada normativamente, a personalidade apresenta diferenças entre grupos etários, indicando possíveis mudanças no funcionamento individual ao longo do ciclo vital. Essas mudanças, possivelmente, adaptam o indivíduo à nova fase no desenvolvimento, preparando-o para responder as demandas que surgirão em decorrência do novo estágio. Além dessa característica mutante e adaptativa da personalidade, também foi possível identificar estabilidade no padrão do funcionamento individual ao longo do tempo, sugerindo que as pessoas de um mesmo grupo tendem a manter suas posições relativas no ranqueamento dos traços de personalidade em longo prazo. O fato de termos observado estabilidade no funcionamento individual ao longo do tempo mostra-se de acordo com os argumentos de Graham e Lachman (2012), de que, com o passar dos anos, as pessoas tendem a se sentir mais confortáveis com seu jeito de ser, e essa familiaridade incorreria em um funcionamento adaptativo em relação às mudanças cognitivas e na saúde que ocorrem com o envelhecimento. Diferentemente, aqueles que apresentam mudanças no funcionamento, por qualquer razão que seja, podem demonstrar alguma desvantagem, já que indicam a presença da necessidade de realizar ajuste e adaptação no próprio funcionamento para viverem suas vidas. Esses achados corroboram a literatura

(Allemand et al., 2008; McAdams & Olson, 2010; Roberts & Caspi, 2003; Roberts & Wood, 2006; Roberts et al., 2015; Soto & John, 2012; Terracciano et al., 2006).

Algumas limitações referentes ao método da presente pesquisa merecem ser destacadas. A primeira diz respeito ao número de participantes, que podemos considerar pequeno para pesquisas em personalidade. Igualmente, pode-se mencionar o baixo número de participantes homens, especialmente a partir dos 70 anos de idade. Por isso, espera-se que estudos futuros repliquem as hipóteses e achados da corrente pesquisa, porém, com amostras mais amplas e quantidade de homens e mulheres mais similares, para que seja possível aprimorar a psicologia como ciência.

Também deve-se mencionar que não realizamos o controle de processos psicológicos básicos dos participantes idosos (pensamento, memória, atenção), e nem de condições desfavoráveis de saúde que podem surgir em decorrências da idade. Apesar disso, esperamos que estudos longitudinais possam ser conduzidos futuramente no Brasil, para que seja possível acompanhar de forma efetiva o desenvolvimento da personalidade em um grupo de pessoas ao longo de anos, realizando mais do que duas coletas longitudinais; e que essas informações possam contribuir com a construção de uma sociedade cada vez melhor para as pessoas nas diferentes etapas do ciclo vital.

No entanto, para que isso seja possível, não se deve ignorar o fato de que existe escassês de instrumentos voltados para a avaliação da personalidade de pessoas idosas (Rossi et al., 2014; Edelstein et al., 2007). Sem mencionar que a maior parte dos instrumentos disponíveis atualmente para essa população avaliam transtornos de personalidade (Edelstein et al., 2007; Rossi et al., 2014). Na revisão de Rossi et al. (2014), por exemplo, foram mencionados apenas dois instrumentos que dão alguma atenção para pessoas idosas, ou seja, simplesmente que incluíram pessoas idosas na amostra normativa: o *Personality Assessment Inventory* (PAI) e o NEO PI-R, porém,

somente dois instrumentos foram elaborados com essa população: o *Gerontological Personality Disorder Scale* (GPS) e o *Dutch informant questionnaire* (HAP). Nesse sentido, observa-se a necessidade de elaboração de versões de instrumentos de personalidade que considerem especificidades das pessoas idosas, cuja demanda se caracteriza como desafio para estudos futuros. Um passo inicial nessa tarefa, porém, trata-se do mapeamento de variáveis possivelmente relevantes para essa população.

Estudo 3: Fenômenos socioemocionais em adultos e idosos: revisão da literatura

Nesta etapa, objetivou-se mapear fenômenos sociais e emocionais associados à personalidade e que sejam potencialmente relevantes para a população adulta e idosa. Além disso, buscou-se caracterizar as pesquisas selecionadas para esta revisão.

Método

Para a execução desta revisão, considerou-se alguns tópicos indicados pelo *Preferred Reporting Items for Systematic Review and Meta-Analysis Protocols* (PRISMA-P) (Moher et al., 2015), especificamente na etapa de elaboração dos critérios de exclusão.

Materiais e bases de dados

Nos dias 07 e 08/04/2017, foram consultadas as bases: pubmed (www.pubmed.com) e sciencedirect (www.sciencedirect.com), utilizando-se de três terminologias: “socioemotional AND Adults”; “non-cognitive skills”; e “socioemotional learning”. Na primeira base, foram definidos os seguintes critérios: a) article types (clinical trials, controlled clinical trial, meta-analysis, randomized controlled trial, review, systematic review, validation studies), b) publication dates (10 years), c) species (humans). Na sciencedirect, por sua vez, na aba *Journals*, definiu-se: a) date > 2006 and ALL, b) Journals (Arts and Humanities; Economics, Econometrics and Finance; Environmental sciences; Medicine and Dentistry; Neuroscience; Nursing and Health Professions; Psychology; Social Sciences). Na opção *Topic*, optou-se por excluir: a) child, b) infant, c) maternal, d) child care, e e) negative; ao passo que na opção *Publication title*, foram desconsiderados: a) Children and Youth services review, b) Procedia, c) Early childhood research, d) Neuroscience and Behavioral review, e)

Infant Behavior and Development, f) Neuropsychologia, g) Psychoneuroendocrinology, h) Journal of School Psychology, i) Child abuse and neglect.

A respeito da terceira palavra-chave (socioemotional learning), na base pubmed, não foram definidos critérios de busca. Já na base Sciencedirect, foram aplicados os seguintes critérios: a) date > 2011 and ALL, b) not ALL(Children), c) topics: student, social, participant, learn, behavior, emotion, emotional; e d) Journals (Computers in Human Behavior, Teaching and Teacher Education, The Internet and Higher Education, Social Science & Medicine). Especificamente para essa segunda base e palavra-chave, considerando o extenso volume de itens resgatados (mais do que 15.000 artigos), optou-se por analisar apenas os estudos dos últimos seis anos (2011- 2017).

Procedimentos de seleção dos artigos

Em relação à primeira palavra-chave, e considerando os critérios de inclusão estabelecidos, foram identificados 296 itens no pubmed e 203 no Science direct; ao passo que com a segunda, foram obtidos 24 artigos no pubmed e outros 568 no Science direct. A palavra-chave socioemotional learning, resultou em 290 itens na Science direct e outros 195 no pubmed.

Os artigos pré-selecionados foram enviados ao Mendeley, aos quais foram aplicadas três ondas de seleção, aplicando-se apenas critérios de exclusão, já que a ideia era excluir o montante de material que não fazis sentido com o objetivo da busca, cujos critérios de exclusão eram estabelecidos *a posteriori*, perpassando-se três ondas de seleção. Na primeira, foram lidos apenas os títulos dos 1576 artigos que apareceram nas bases e então, alguns critérios de exclusão, a partir do título desses trabalhos, foram aplicados. Para sua pré-seleção, o artigo não deveria: a) possuir idioma diferente do Inglês, b) indicar que se tratava de população infantil, apesar de que foram mantidos os artigos que mencionavam a população adolescente (com média de idades maior do que 15

anos), e c) referir-se exclusivamente a fenômenos não socioemocionais (como fraqueza em idosos, ansiedade e depressão). Por esses critérios, 1139 itens foram excluídos.

Na segunda onda, foram lidos os resumos dos 437 artigos pré-selecionados. Nos casos em que os resumos não apresentavam todas as informações necessárias, efetuou-se a leitura da seção de método. Nessa análise, aplicou-se critérios metodológicos para a seleção dos estudos. Para sua exclusão, o artigo deveria: a) objetivar validar intervenções envolvendo habilidades cognitivas, memória, demência, b) estar em repetição, c) ser do tipo metanálise, teórico ou de revisão da literatura, d) voltar-se para a relação entre médico/ terapeuta e seu paciente/ cliente, f) verificar efeitos da terapia cognitivo comportamental sobre demandas clínicas (depressão, ansiedade), g) objetivar populações clínicas (pessoas com paralisia cerebral, experiências pós-traumáticas, esquizofrenia), e h) focar aspectos neurofisiológicos dos fenômenos.

É válido ressaltar que os estudos que mencionaram usar exclusivamente medidas fisiológicas ou neurológicas para coleta de dados, tal como a ressonância magnética funcional (*fMRI*), não foram incluídos; apesar de que foram considerados os estudos que usavam medidas psicológicas não padronizadas, por exemplo, questionários elaborados especificamente para o estudo. Igualmente, os estudos que adaptaram medidas para contexto médico, por exemplo, resiliência ao tratamento da epilepsia, também não foram considerados. Por consequência, 276 artigos foram excluídos nessa etapa.

Na terceira onda de seleção, os 161 artigos restantes foram inspecionados na íntegra. Investigou-se se o estudo de fato apresentava informações mínimas que caracterizassem sua qualidade: a) mencionasse a média e o desvio padrão das idades dos participantes, e b) apresentasse indicação de tamanho de efeito nos resultados, como correlação, médias e desvio padrão. Para os artigos que não apresentavam o tamanho do efeito, efetuou-se seu cálculo, considerando as especificidades das técnicas utilizadas

nos estudos. Essa onda objetivou controlar o viés dos resultados nos artigos selecionados e atestar a qualidade dos estudos revisados. Considerando as ondas de seleção e os critérios de exclusão aplicados, restaram 98 estudos para revisão.

Procedimentos de coleta de dados

Elaborou-se um protocolo com variáveis que deveriam ser localizadas nos trabalhos selecionados. Essas variáveis serão mencionadas na sequência:

1. *Ano de publicação do estudo*
2. *Abrangência do fenômeno* (1- social, 2- emocional, 3- socioemocional).
3. *Área da vida* (1- acadêmica, 2- trabalho, 3- relacionamentos interpessoais [íntimos e sociais] e 4- intrapessoal [individual/ subjetivo])
4. *Fenômenos sociais e emocionais abordados*. Foram coletados no máximo dois fenômenos, sendo eles sociais e/ou emocionais, os quais eram objetos do estudo.
5. *Faixa etária dos participantes*: Para os estudos que envolviam mais de uma faixa etária, por exemplo, os longitudinais, considerou-se apenas as faixas etárias da última onda, ou seja, as idades mais avançadas.
6. *Perfil/ característica principal dos participantes* (universitários, pacientes, professores, profissionais de uma determinada área).
7. *Instrumentos para avaliar os fenômenos socioemocionais* (máximo dois itens)

Resultados

No que se refere ao ano das publicações, o resultado pode ser visto na Figura 15.

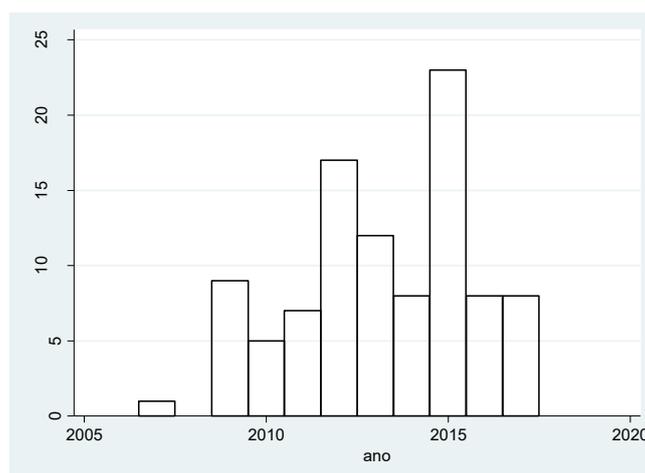


Figura 15. Frequência de publicações por ano

Como é possível destacar, desde 2007 tem havido constante crescimento na produção científica internacional a respeito de fenômenos sociais e emocionais com populações adultas, havendo um pico de produção em 2012 e em 2015. No tocante à abrangência do fenômeno nos estudos, 28 pesquisas (25%) destacavam fenômenos relacionados ao aspecto social, ao passo que outras 44 pesquisas (40%) focavam o aspecto emocional; e outras 39 pesquisas (35%) incluíam ambos, aspectos sociais e emocionais. Já em relação à categorização dos estudos em função das áreas da vida, dez pesquisas (9%) abordavam a área acadêmica, sete (6%) mencionavam o universo do trabalho, outras 39 (36%) focavam os relacionamentos sociais (presenciais e virtuais), ao passo que outras 55 (49%) exploravam aspectos individuais e subjetivos.

Ainda sobre as pesquisas revisadas, suas amostras de participantes variaram de 20 até 87.316 pessoas. Aquelas que envolveram amostras de 100 até 399 pessoas, seguida pelas pesquisas nas quais fizeram parte de 1000 até 9.999 pessoas, foram as mais frequentes. Na Tabela 14 são apresentadas as faixas etárias desses participantes.

Tabela 14. Faixas etárias dos participantes das pesquisas revisadas

| Faixas etárias | Quantidade | Porcentagem |
|----------------|------------|-------------|
| 15 até 19 anos | 23 | 23 |
| 20 até 29 anos | 25 | 26 |
| 30 até 49 anos | 28 | 28 |
| 50 até 69 anos | 12 | 13 |
| 70 até 81 anos | 10 | 10 |
| Total | 98 | 100 |

As pesquisas revisadas envolveram participantes com faixas etárias variadas, com amplitude de 15 a 81 anos. Aquelas com idades entre 30 e 49 anos foram os mais frequentes, seguidas pelas pesquisas com participantes com idades entre 20 e 29, e entre 15 e 19 anos. Os perfis desses participantes aparecem na Tabela 15.

Tabela 15. Perfis mais frequentes dos participantes nas pesquisas revisadas

| Perfis mais frequentes de participantes | Quantidade | Porcentagem |
|---|------------|-------------|
| Adultos da população geral | 23 | 23 |
| Universitários | 20 | 20 |
| Adultos mais velhos, idosos | 16 | 16 |
| Adultos mais novos, jovens adultos | 6 | 6 |
| Alunos do ensino secundário (médio) | 6 | 6 |
| Adolescentes | 6 | 6 |
| Adultos usuários de redes e mídias sociais | 5 | 5 |
| Adultos trabalhadores, de alguma profissão | 5 | 5 |
| Mulheres | 3 | 3 |
| Universitários ingressantes, dos primeiros anos | 2 | 2 |
| Casais | 2 | 2 |
| Pais (pais e/ou mães) | 2 | 2 |
| Total | 96 | 100 |

Foram identificados 16 perfis de participantes mais frequentes nas pesquisas sobre fenômenos socioemocionais em adultos, com destaque para 12 deles. Adultos da população geral, universitários, e os adultos mais velhos foram os mais frequentes nas pesquisas revisadas. Os instrumentos mais frequentemente utilizados para a coleta dados nas pesquisas revisadas estão na Tabela 16.

Tabela 16. Instrumentos mais frequentes na coleta de dados das pesquisas revisadas

| Instrumentos mais frequentemente utilizados | Quantidade | Porcentagem |
|---|------------|-------------|
| Questionários não padronizados | 22 | 22 |
| <i>Positive Affect and Negative Affect Scales (PANAS)</i> | 10 | 10 |
| <i>Rosenberg Self-Esteem Scale (RSES)</i> | 6 | 6 |
| <i>Big Five Inventory (BFI)</i> | 6 | 6 |
| <i>Satisfaction with Life Scale (SWLS)</i> | 4 | 4 |
| <i>Future Time Perspective Scale (FTPS)</i> | 3 | 3 |
| <i>The UCLA Loneliness Scale (ULS)</i> | 3 | 3 |
| <i>Mindfulness Attention Awareness Scale (MAAS)</i> | 2 | 2 |
| <i>Revised NEO Inventory (NEO-FFI)</i> | 2 | 2 |
| <i>Psychological Well-Being Index (PWBI)</i> | 2 | 2 |
| Entrevistas | 2 | 2 |
| Total | 84 | 100 |

Foram localizados nove instrumentos padronizados mais utilizados para a coleta de dados nas pesquisas sobre fenômenos socioemocionais revisadas. A PANAS, a RSES e o BFI foram os mais frequentes instrumentos. Além disso, houve considerável ocorrência do uso de questionários não padronizados e, ainda, entrevistas. Os fenômenos socioemocionais mais frequentemente estudados estão na Tabela 17.

Tabela 17. Fenômenos sociais e emocionais mais estudados em adultos

| Fenômenos sociais e emocionais identificados | Quantidade | Porcentagem |
|---|------------|-------------|
| Conexão, redes e trocas sociais | 18 | 12 |
| Regulação, ajustamento e estratégia emocional | 14 | 9 |
| Traços de personalidade | 10 | 7 |
| Percepção de suporte social, parental e empresarial | 8 | 5 |
| Motivação, disposição e gostar de aprender | 8 | 5 |
| Envolvimento com as atividades, dar o melhor de si | 6 | 4 |
| Percepção das emoções/ experiência emocional | 5 | 3,5 |
| Satisfação com o trabalho/ demanda-controle | 5 | 3,5 |
| Afeto negativo (tristeza, solidão, raiva, evitação) | 5 | 3,5 |
| <i>Mindfulness</i> , contemplação, <i>awareness</i> | 5 | 3,5 |
| Bem-estar/ bem-estar subjetivo, acadêmico | 4 | 3 |
| Capital social psicológico | 4 | 3 |
| Perspectiva de futuro (valorizar o tempo que falta) | 4 | 3 |
| Autorregulação, regulação da motivação e do impulse | 4 | 3 |
| Positividade, emocionalidade positive | 3 | 2 |
| Pungência (aflição, angústia) | 3 | 2 |
| Motivação (intrínseca e extrínseca) | 3 | 2 |
| Pró-sociabilidade, voluntariado, responsabilidade | 3 | 2 |
| Eficiência (pessoal e profissional), organização | 3 | 2 |
| Autonomia | 2 | 1 |
| Reciprocidade, gratidão | 2 | 1 |
| Autoeficácia | 2 | 1 |
| Metas, objetivos (<i>realização dos próprios desejos</i>) | 2 | 1 |
| Participação e habilidade cívica | 2 | 1 |
| Empatia | 2 | 1 |
| Amizade | 2 | 1 |
| Satisfação geral, satisfação de vida | 2 | 1 |
| <i>Multitasking</i> | 2 | 1 |
| Ostracismo (isolar-se de contatos pessoais e virtuais) | 2 | 1 |
| Busca de sensações, <i>enjoyment</i> | 2 | 1 |
| Outros fenômenos (Perdão, calma) | 11 | 11 |

| Fenômenos sociais e emocionais identificados | Quantidade | Porcentagem |
|--|------------|-------------|
| Total | 148 | 100 |

Foi possível destacar a ocorrência de 29 fenômenos sociais e emocionais possivelmente de interesse para populações adultas e idosas, com realce para as conexões e redes sociais, seguidas de regulação emocional, suporte social percebido, e motivação. Outros onze fenômenos apareceram com frequência individual, sendo eles: otimismo, esperança, altas habilidades e criatividade, autoestima, sentido de vida, perdão, resiliência, locus de controle, *self-disclosure*, narcisismo, e abertura ao novo. Ademais, pode-se identificar alguns fenômenos possivelmente relevantes para populações idosas, dentre eles: *mindfulness*, sentido de vida, metas voltadas para a realização dos desejos, altruísmo, perdão e tolerância, calma, e considerar o tempo de vida que falta.

Discussão

A presente revisão objetivou mapear fatores sociais e emocionais que se apresentassem de alguma forma correspondentes com os traços de personalidade, e que fossem relevantes para a população adulta e idosa. Adicionalmente, procurou-se caracterizar, metodologicamente, as pesquisas envolvendo fenômenos sociais e emocionais em adultos selecionadas para revisão. No tocante ao ano de publicação das pesquisas envolvendo fenômenos socioemocionais revisadas, pôde-se destacar que tem havido crescimento nesse âmbito, com maior investimento científico a partir de 2000, porém, com mais força em 2007. Esse resultado mostra-se consonante com outros estudos que buscaram relacionar habilidades socioemocionais e o sucesso escolar e acadêmico (National Research Council, 2012; Primi et al., 2015b).

No que se refere à abrangência dos fenômenos sociais e emocionais nos estudos consultados, houve incidência de pesquisas voltadas à investigação das emoções, seguido das pesquisas sobre ambos, aspectos sociais e emocionais. Observou-se destaque para as pesquisas que exploravam aspectos individuais e subjetivos, seguidos por aquelas pesquisas que focavam os relacionamentos sociais presenciais e virtuais. Em conjunto, esses resultados indicam que a presente revisão foi eficiente no sentido de conseguir agregar fenômenos que representam tanto aspectos emocionais quanto sociais, contribuindo com o objetivo de mapear o maior número de fenômenos possível. No entanto, vale o esclarecimento de que esse é um estudo inicial e básico, e que novas revisões, mais abrangentes e que envolvam mais especificamente populações com mais de 80 anos sejam consudizos do no futuro.

A respeito dos fenômenos nos estudos revisados, foi possível identificar sete, *mindfulness, sentido de vida, metas voltadas para a realização dos desejos, altruísmo, perdão e tolerância, calma, e considerar o tempo de vida que falta*, sobre os quais podemos dizer que esses fenômenos se mostram relevantes para pessoas adultas e idosas. Por exemplo, estudos tem indicado que o sentido de vida tem diversos benefícios para a saúde de pessoas com idades entre 50 e 90 anos (Musich et al., 2018; Paredes et al., 2020; Steptoe & Fancourt, 2019). Também deve-se considerar a possibilidade de que a preocupação com o tempo de vida que resta, ou da finitude, é um tema de maior relevância com o avanço da idade (Lima et al., 2018). Apesar disso, deve-se destacar a possibilidade de que alguns desses fenômenos podem apresentar sobreposição entre eles, o que deve ser considerado em estudos futuros.

Também deve-se mencionar a baixa quantidade de pesquisas resgatadas e que tenham envolvido pessoas com 80 anos de idade ou mais. Isso indica que a população idosa tem recebido menor importância nas pesquisas em Psicologia, fato que deve ser

melhor investigado futuramente, já que há indicação de que entre os anos 2050 e 2060, no Brasil, haverá um contingente de pessoas idosas (IBGE, 2018). Por outro lado, esse resultado indica que o objetivo desta revisão de conhecer fenômenos sociais e emocionais possivelmente relevantes para indivíduos adultos e idosos pôde ser alcançado, ainda que de forma relativamente incipiente. Apesar dessa discussão, devemos mencionar que alguns dos aspectos socioemocionais mapeados na presente pesquisa já são avaliados em alguns instrumentos baseados nos cinco grandes fatores, especialmente relacionados ao fator Amabilidade. Outrossim, não se pode esquecer que o perfil de participantes mais frequente nas pesquisas analisadas envolveu adultos universitários, jovens adultos da população geral e adultos mais velhos. Além disso, a faixa etária mais recorrente dos participantes nas pesquisas revisadas envolveu aquelas entre 30 e 81, ou seja, populações adultas e idosas.

Dentre os instrumentos utilizados para a coleta de dados nas pesquisas revisadas, foi possível destacar uma variedade de testes voltados para a avaliação de fenômenos com adultos e idosos. Como exemplos, a *Future Time Perspective Scale* (FTPS), a *The UCLA Loneliness Scale* (ULS), e o *Job Content Questionnaire* (JCQ). No entanto, deve-se mencionar a ainda escassêz de instrumentos desenvolvidos com exclusividade para a população idosa, preocupação que deveria ser mais frequente dentre aqueles que constroem e adaptam testes psicológicos (ou não).

Pode-se concluir que foi possível fazer um mapeamento inicial de alguns fenômenos sociais e emocionais relevantes para pessoas adultas e idosas. No entanto, o tema das competências sociais e emocionais em adultos e idosos segue como um desafio aos pesquisadores, especialmente se o objetivo for conhecer de que forma, e em que magnitude, as possíveis interações entre os fenômenos sociais e emocionais influenciam a experiência humana ao longo do desenvolvimento. Por isso, espera-se que estudos

futuros envolvendo busquem compreender o papel dos diversos fenômenos socioemocionais no desenvolvimento humano e no envelhecimento saudável, contribuindo-se efetivamente com o campo da Psicologia do Desenvolvimento.

Dentre as limitações desta revisão, deve-se destacar que o fato de termos delimitado somente critérios de exclusão, e ainda *a posteriori*, possivelmente enviesou os resultados obtido na revisão. Além disso, deve-se refletir quanto as bases consultadas, de tal forma que foram consideradas apenas duas, fato que limita a abrangência da presente revisão. Sugere-se que uma nova revisão (mais sistemática) seja realizada futuramente, para que possa trazer um recorte mais fiel quanto às competências socioemocionais efetivamente relevantes para pessoas adultas e idosas.

Estudo 4: Avaliação da personalidade de idosos: a elaboração do Inventário *Gold*

Resumo

Ainda que diversos instrumentos tenham sido elaborados para avaliação da personalidade no modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF), algumas limitações podem ser identificadas nessas ferramentas para avaliar pessoas com mais de 60 anos. No presente estudo objetiva-se elaborar itens de autorrelato para compor uma versão de um instrumento para avaliar traços de personalidade de pessoas idosas, chamado Inventário *Gold* (IG). Além disso, pretende-se verificar se os itens propostos ao IG se adequam ao modelo dos CGF operacionalizado no BFI-2, como facetas para avaliar pessoas na terceira e quarta idades. Participaram 440 adultos, com idades entre 17 e 102 anos ($M=36$, $DP=22,60$, $Md=43$ anos), que responderam o IG e o BFI-2. Foram realizadas análises a partir da Teoria Clássica dos Teses e da Teoria de Resposta ao Item, sendo possível identificar que as facetas propostas se mostraram respaldadas nos CGF. Conclui-se que o Inventário *Gold* apresenta evidências iniciais de validade, a partir de sua estrutura interna e pela relação com variáveis externas, para avaliação de traços de personalidade de pessoas idosas.

Introdução

Uma diversidade de instrumentos para avaliação de traços de personalidade com base no modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF) foram propostos nas últimas décadas, podendo-se destacar o *Big Five Inventory* (BFI), o *Revised NEO Personality Inventory* (NEO PI-R) e a Bateria Fatorial de Personalidade (BFP), como exemplos de instrumentos padrão ouro para avaliação da personalidade nesse modelo. Esses instrumentos apresentam estrutura hierárquica, em que os cinco fatores previstos no modelo são avaliados em um nível mais amplo, mas são detalhados por meio de facetas ou subfatores. A estrutura interna desses instrumentos mostra-se congruente no nível dos fatores, apesar de apresentarem alguma diferença no nível das facetas (subfatores). Porém, o que ocorre é que esses instrumentos assumem versões “mais” ou “menos” amplas dos construtos que medem (Soto & John, 2017). Associado a isso, outro ponto que não pode deixar de ser mencionado diz respeito à presença das *jangle fallacies*, que se refere à tendência em utilizar diferentes terminologias para se referir a um mesmo fenômeno (National Research Council, 2012), tais como: dinamismo x nível energético, organização x ordem, e liberalismo x valores.

Os instrumentos de personalidade recém mencionados apresentam precisão adequada para seus fatores, além de congruência nas associações com outros instrumentos de personalidade baseados no mesmo modelo, indicativos de validade convergente. Nunes et al. (2010), por exemplo, verificaram as associações entre os fatores medidos com o NEO-PI-R e com a BFP. O fator N mostrou-se positiva e significativamente relacionado com N ($r=0,77$). O componente E associou-se positivamente com E ($r=0,75$). Por sua vez, A associou-se positivamente com A ($r=0,82$). O fator C associou-se positivamente com C ($r=0,79$). O associou-se com O ($r=0,65$) e com E ($r=0,24$).

Um tópico relevante de ser discutido em relação aos instrumentos de personalidade no modelo dos CGF diz respeito à possibilidade de que suas facetas operacionalizem conteúdos mais voltados para o estágio intermediário do desenvolvimento, de tal forma que seus itens são construídos focando jovens e adultos em suas atividades de estudo ou profissionais, podendo ser insuficientemente abrangente com pessoas com mais de 60 anos (Rossi et al., 2014). Como exemplos, podemos citar, do BFI-2, o item 23 *“Tenho dificuldade para começar as tarefas”*, o 70 *“Sou um trabalhador/ aluno dedicado”* e o 38 *“Faço as tarefas bem e sem desperdício de tempo”*. Como exemplos do Neo PI-R, podemos mencionar o item 55 *“Perco muito tempo antes de me concentrar no trabalho”*, 77 *“Trabalho devagar, mas persistentemente”*, 102 *“Geralmente, nas reuniões, deixo os outros falarem”*, 127 *“Prefiro trabalhos que possa fazer sozinho, sem ser incomodado[...]”*, 166 *“Sinto-me a vontade na presença de meu chefe ou de outras autoridades”*, 212 *“Crio facilmente vínculos sociais com as pessoas com quem trabalho”*, 215 *“Sou suficiente e eficaz no trabalho”*, 225 *“Só faltaria ao trabalho se estivesse realmente doente”*, e o item 230 *“Sou um pouco viciado em trabalho”*. Como consequência, hipotetizamos que esses itens tenderão a receber maior endosso por aqueles com idades entre 29 e 59 anos. Apesar disso, devemos considerar que, especialmente com a reforma da previdência Brasileira, teremos um aumento de pessoas com 60 anos ou mais trabalhando nas próximas décadas, fato que precisará ser considerado futuramente no tocante à avaliação da personalidade de pessoas idosas.

Outra consideração a respeito desses instrumentos refere-se à possibilidade de que seus itens estejam gerando escores que possuam diferentes interpretações nas fases do ciclo vital. Por exemplo, o item 8 do BFI-2: *“Costumo ser preguiçoso”*. Escores nesse item poderão apresentar diferentes informações quando respondido por pessoas

adultas e idosas, indicando diferentes características dessas populações. Enquanto em relação a um jovem-adulto, poderíamos inferir que alto escore indicaria perfil inadequado para algumas vagas de trabalho; por outro lado, para uma pessoa idosa, esse item poderia significar uma característica “positiva”, informando o quanto o sujeito busca “viver de forma mais relaxada”. Seguindo o raciocínio, outro exemplo seria o item 18 “*Sou organizado, gosto de manter as coisas em ordem*”, em que escores baixos podem ter diferentes implicações para pessoas com mais e menos de 60. E o item 77, do Neo-PI-R, “*Trabalho devagar, mas persistentemente*”, podendo receber diferentes interpretações, a depender do estágio do desenvolvimento do respondente.

Seguindo o raciocínio, outro item que pode apresentar esse efeito é o “*Tenho dificuldade para começar as tarefas*”. Em pessoas idosas, especialmente aquelas com dificuldades motoras, mesmo tarefas cotidianas podem ser bem complexas, de tal forma que as pessoas podem ter dificuldades para reunir os objetos / ferramentas necessárias para a realização da tarefa por estarem espalhados pela casa, ou porque não lembram onde estão. No entanto, ao invés de ficar no campo da especulação, essas questões devem ser testadas por pesquisadores da área da avaliação psicológica da personalidade, o que se coloca como demanda para estudos futuros. Nesse sentido, um estudo futuro de DIF nesses itens poderia permitir verificar se essa hipótese é, de fato, defensável.

Deve-se salientar, porém, que essas características dos instrumentos de personalidade não são, exatamente, negativas. É importante que os itens desses testes consigam diferenciar, efetivamente, respondentes no estágio adulto do desenvolvimento. Primeiro porque os adultos ainda são a maioria da população nacional (IBGE, 2018), e segundo porque a utilidade prática desses instrumentos, de uma forma ou de outra, é relevante para seleção de pessoal, pesquisa e diagnóstico, contextos que envolvem indivíduos no estágio intermediário do desenvolvimento. No entanto, é

preciso estar consciente de que dispor de instrumentos com qualidade é fundamental para que estudos e intervenções envolvendo os traços de personalidade possam ocorrer de forma adequada, gerando-se informações que respeitem as tipicidades de todos os estágios do desenvolvimento.

Apesar dos avanços envolvendo os instrumentos para avaliar a personalidade com base nos CGF, devemos considerar que os estudos de construção e validação desses testes envolvem, na maioria das vezes, amostras de adolescentes e adultos, o que poderia incorrer em alguns problemas. Primeiro, deve-se mencionar a possibilidade de que pessoas adultas e idosas, assim como os adolescentes e os adultos mais novos, possivelmente, apresentam diferenças em como processam suas experiências (pensamentos, emoções, sensações) nos diversos domínios da vida. Por exemplo, McAdams e Olson (2010) mencionam que as pessoas com 30-45 anos apresentam uma narrativa mais interpretativa e sofisticada da vida, comparadas com aquelas entre 18-29 anos. Além disso, pessoas com 50 anos ou mais, quando comparados com pessoas dos 18 aos 29 anos, narram memórias de forma mais positiva, relacionando-as com sentidos mais amplos, retirando alguma sabedoria das experiências vividas.

Igualmente, considera-se apropriado indicar que diferentes fenômenos podem se tornar relevantes com o avanço da idade. A esse respeito, McAdams e Olson (2010), por exemplo, indicam que os objetivos na vida variam com o avanço da idade. Por exemplo, entre os 18 e 29 anos, preocupa-se mais com educação, intimidade, carreira e amizades. Já aos 30-50 anos, as pessoas estão voltadas ao futuro dos filhos, segurança sobre o que adquiriram, envolvimento com a sociedade e melhora de sua comunidade. Por sua vez, a partir dos 50 anos, as pessoas tendem a focar em aposentadoria e lazer; além de dar sentido à vida e realizar coisas que antes não eram feitas.

Uma discussão relevante nesse sentido, diz respeito aos cortes utilizados para classificar as pessoas em função de sua faixa etária. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (WHO, 2007), em países em desenvolvimento, como o Brasil, aqueles com idade a partir dos 60 anos são considerados idosos. Nos países desenvolvidos, esse corte se dá aos 65 anos. Pessoas idosas são consideradas pertencentes à terceira idade, no entanto, dizer que as pessoas dos 60 aos 100 anos sejam similares a ponto de incluí-las em uma mesma categoria pode ser inadequado (Baltes et al., 2003). Por conta disso, a partir dos anos 1990, estudiosos da gerontologia e sociologia passaram a considerar a quarta idade, cuja categoria ocorreria a partir dos 80 anos de idade (Baltes et al., 2003; Côrte & Brandão, 2015). Dessa forma, enquanto na terceira idade as pessoas, tipicamente, apresentam-se saudáveis, ativas e voltadas para sua aposentadoria, na quarta idade há o surgimento progressivo da dependência, da fragilidade e da iminência da morte (Baltes et al., 2003). Nessa fase da vida, a espiritualidade e a religiosidade tornam-se estratégias para lidar com o senso de finitude (Lima, Silva, & Galhardoni, 2008), de tal forma que a crença de transcendência permitiria conforto e bem-estar psicológico (Lima et al., 2008). Alguns temas relacionados à população idosa serão mencionados na sequência.

No campo da gerontologia, a teoria da seletividade socioemocional (TSS) discute a motivação humana ao longo do ciclo vital, compreendendo que as metas individuais, estipuladas em algum contexto temporal, tendem a mudar com o avanço da idade, como resultado da busca por novos horizontes (English & Carstensen, 2016). De certa forma, isso é referido por Heckman e Rubinstein (2001), ao lembrarem que características como motivação e autodisciplina tendem a ser mais maleáveis conforme a idade aumenta. Igualmente, ao comparar as habilidades cognitivas das não cognitivas, Roberts et al. (2015) enfatizam que as habilidades não cognitivas podem mudar com

certa facilidade, o que é diferente das cognitivas, que levam mais tempo para apresentarem mudanças.

Na TSS, o monitoramento e a noção do tempo que se tem de vida são fundamentais para o estabelecimento das metas de vida. As metas, por sua vez, irão influenciar as preferências sociais e a composição das redes de contato (English & Carstensen, 2016). Defende-se que quando o tempo ainda é visto como vasto, os indivíduos priorizam metas com o objetivo de obtenção de informação. No entanto, quando o tempo é visto como limitado, os indivíduos tendem a priorizar metas voltadas para emoções e sua regulação (English & Carstensen, 2016). De acordo com essa teoria, indivíduos mais jovens, ou seja, aqueles que percebem mais tempo de vida, irão usar seus recursos de forma que os permita prepará-los para o “desconhecido” futuro. Assim, gasta-se o tempo explorando o ambiente e agregando variadas maneiras de informação, para caso elas sejam necessárias em algum momento (English & Carstensen, 2016). Outrossim, as atividades que envolvem emoções serão alvo de interesse no caso de levarem o sujeito a aprender algo, ou que possam ser úteis em alguma oportunidade futura (English & Carstensen, 2016).

Por outro lado, quando o tempo percebido é considerado limitado, os indivíduos passam a priorizar a exploração de satisfação emocional e a agregar informações. Nessa condição, investe-se em experiências emocionalmente significativas que irão trazer prazer imediato, gastando-se tempo engajado em atividades que os façam sentir-se bem e aproveitando aspectos positivos da vida (English & Carstensen, 2016), como fazer coisas que antes não era possível realizar.

Outro tópico que vem ganhando espaço nos estudos da gerontologia e em outros campos, por sua relevância no processo de amadurecimento e envelhecimento, é a transcendência pessoal, ou *Autotranscendência* (Caprara, Alessandri & Eisenberg,

2012; Cloninger, Svrakic, & Przybeck, 1993; De Fruyt, Van de Wiele, & Heeringen, 2000; McCarthy, Ling, & Carini, 2013). Inicialmente, vale refletir que o termo “transcendência” pode ser facilmente confundido com “sobrenatural”. Entretanto, deve-se fazer distinções entre eles. Enquanto *transcendência* é definida por “*aquilo que projeta o homem para fora de si mesmo, que ultrapassa os limites da experiência possível*” (Cenatti, 2013, p.13), *sobrenatural*, de acordo com um dicionário (Michaellis, 2015), refere-se ao que “*está fora do natural ou do comum, que parece ir além das leis naturais, extranatural, sobre-humano, super-humano, supernatural. Cujas intensidade está além do razoável, excessivo. Que não é conhecido senão pela fé*”. Sendo assim, enquanto na *transcendência* o homem ultrapassa a si mesmo em questões objetivas, tais como: passa a viver melhor, estressa-se menos com as coisas e preocupa-se mais com o tempo que resta, no *sobrenatural*, por sua vez, o homem objetivaria ultrapassar leis naturais e físicas, o que seria outra questão.

Cloninger, Svrakic e Przybeck (1993) propuseram um modelo psicobiológico para explicar aspectos da personalidade relacionados ao temperamento e² ao caráter. A versão mais atual desse modelo compõe-se por sete componentes, operacionalizados em um instrumento para avaliar o temperamento e o caráter (Inventário de Temperamento e Caráter [TCI]), dentre os quais, pode-se destacar na presente tese o componente *Autotranscendência (Self-transcendence)*. No TCI, *Autotranscendência* diz respeito a identificação com tudo o que for concebido como parte de “algo mais amplo”, seja uma dimensão divina, espiritual ou da natureza. Envolve o estado de “consciência unitária”, em que tudo é visto como parte de alguma totalidade. Escores elevados indicam que o

² Temperamento: características ou traços herdados na família biológica, sendo mais estável e pouco passível de mudança por influências ambientais.

Caráter: características ou traços aprendidos nas influências ambientais, autodirecionada e pouco persistente ao longo do tempo.

indivíduo é intuitivo, inventivo, transpessoal e espiritual. Por outro lado, escores baixos sugerem que o respondente é empírico, pouco imaginativo, dualístico e prático.

Em relação a esse modelo, é importante destacar que, de acordo com Cloninger et al. (1993), o componente *Self-transcendence* apresenta aumento com o avanço da idade. A esse respeito, é válido mencionar que ao verificarem as associações entre Autotranscedência (avaliada com o TCI) e um instrumento de personalidade (Neo-Pi-R), De Fruyt et al. (2000) reportaram associação significativa com os fatores O e E. De acordo com os autores, a TCI mostrou covariância com quatro fatores de personalidade, com exceção apenas de A. Por sua vez, Caprara et al. (2012) verificaram se o traço de personalidade A (avaliado com um instrumento para avaliação dos CGF que possui validade convergente com o Neo PI), a Autotranscedência (avaliada com o *Portrait Values Questionnaire*) e a Autoeficácia empática (avaliada com o *Empathic self-efficacy beliefs* e o *Social self-efficacy beliefs*) prediriam o comportamento pró-social (questionário não padronizado, contendo 16 itens). O traço A predisser diretamente a autotranscedência e indiretamente a autoeficácia empática (r^2 entre 0,51 a 0,68). A autotranscedência mediou a relação entre A, autoeficácia empática e pró-sociabilidade. A correlação entre A e autotranscedência obteve magnitude elevada ($r=0,58$, $p<0,01$).

Um tópico emergente em gerontologia diz respeito ao envelhecimento saudável. Baltes e Baltes (1990) propuseram um modelo de envelhecimento reconhecido internacionalmente e que tem sido utilizado na elaboração de estratégias interventivas envolvendo pessoas na terceira e quarta idades. Nesse modelo, o sucesso no envelhecimento, ou envelhecimento saudável, refere-se a um processo adaptativo que compreende três componentes: a) seleção, b) otimização e compensação, e torna-se conhecido pela nomenclatura SOC. Entende-se que a possibilidade do envelhecimento saudável é viável através do equilíbrio entre as capacidades individuais (reservas) e as

perdas decorrentes da idade. Esse equilíbrio seria passível de reestabelecimento através dos mecanismos de seleção (da manutenção das experiências que fundamentais), otimização (busca por comportamentos que enriqueçam e contribuam com o funcionamento geral) e da compensação (que envolve a acomodação das capacidades individuais a partir das perdas, podendo-se fazer uso da tecnologia para tanto).

Na pesquisa de McCarthy, Ling e Carini (2013) foi testado um modelo teórico referente ao envelhecimento saudável, contando com 152 adultos. Nesse modelo, os autores propuseram que a transcendência e a capacidade de adaptação seriam os principais preditores envelhecimento saudável e, como resultado, em conjunto, esses componentes explicaram 50% da variância referente ao sucesso no envelhecimento. Porém, confirmando-se parcialmente as hipóteses, apenas a autotranscendência foi capaz de prever o sucesso no envelhecimento, destacando a importância de estudos futuros com essa variável para a compreensão do envelhecimento saudável.

Além da *Autotranscendência*, outras variáveis mostram-se relacionadas com o desenvolvimento humano. Por exemplo, alguns autores (Fernández-Montoya, 1997; Wildman & Hollingsworth, 2009) indicam que certos comportamentos humanos podem ser classificados como atitudes não egoístas e que possuem o objetivo de atender às necessidades dos demais em sociedade. Dentre esses comportamentos, pode-se mencionar os atos intencionais de voluntariado, preocupar-se com a comunidade e a sociedade, e ajudar as demais pessoas, como sendo comportamentos genuinamente “altruístas”, já que objetivam elevar o bem-estar dos demais (Pacico & Hutz, 2016). Esses comportamentos estão relacionados ao traço de personalidade Amabilidade.

Outro construto externo associado ao desenvolvimento é *Mindfulness* (atenção plena), e mais especificamente o componente que indica a aceitação das próprias experiências. Tem-se documentado que indivíduos com mais idades possuem

pontuações mais elevadas nessa característica, principalmente quando comparados com jovens universitários (por volta dos 20-30 anos). Esse fenômeno é positivamente associado ao fator de personalidade O e negativamente com N (Pires et al., 2018).

Todavia, para além desses comportamentos mencionados, quais conteúdos poderiam ser relevantes na avaliação da personalidade de pessoas idosas e que podem estar de fora nas operacionalizações atuais dos instrumentos com base nos Cinco Grandes Fatores? Para responder essa pergunta, conduzimos uma revisão da literatura a respeito de fenômenos sociais e emocionais voltados para pessoas adultas e idosas, conforme apresentado no Estudo 3 da presente tese. Nessa revisão, foram mapeados sete fenômenos possivelmente relevantes para pessoas com mais de 60 anos, sendo eles: *mindfulness* (mais especificamente o componente aceitação das experiências), sentido de vida, metas voltadas para a realização dos desejos, altruísmo, perdão e tolerância, calma, e considerar o tempo de vida. É relevante deixar claro que esses fenômenos podem ser compreendidos como traços de personalidade.

É importante ressaltar que alguns desses fenômenos já estão incorporados ao BFI-2 e ao Neo PI-R. Por exemplo, altruísmo, tipicamente no fator Socialização/ Amabilidade; e calma, no fator Neuroticismo. No entanto, alguns desses fenômenos não estão contemplados no BFI-2 e no NEO PI-R, a exemplo de “metas voltadas para a realização dos próprios desejos”, “considerar o tempo de vida” e “sentido de vida”. Diante disso, o presente estudo objetiva elaborar itens de autorrelato para compor uma versão de um teste de personalidade no qual especificidades da terceira e quarta idades serão considerados. Esses itens formam um instrumento intitulado Inventário *Gold*. Para além de elaborar o teste, pretende-se verificar se as facetas propostas ao Inventário *Gold* se adequam ao modelo dos CGF operacionalizado no BFI-2.

Método

Participantes

Fizeram parte 440 adultos cisgênero, com idades entre 17 e 102 anos ($M=36$, $DP=22,60$, $Md=43$ anos), sendo 317 mulheres, a maioria solteiro ($n=194$), seguido pelos casados ($n=156$) e dos viúvos ($n=53$). Ensino superior incompleto foi a escolaridade máxima mais frequente ($n=191$), procedida de ensino superior completo ($n=76$), ensino médio ($n=59$), fundamental ($n=57$), e por aqueles com mestrado e/ou doutorado concluídos ($n=56$). A maioria dos participantes relatou não ser praticante de atividade física nos seis meses antecedentes à coleta de dados ($n=141$), seguida por aqueles que realizavam até 2 dias por semana ($n=138$), dos que praticavam de 3 a 5 dias ($n=135$) e dos que praticavam entre 6 e 7 dias por semana ($n=25$). Os participantes foram recrutados com diferentes estratégias, mencionadas nos estudos 1 e 2 desta tese.

É válido o esclarecimento de que ainda que o interesse principal desta pesquisa seja a elaboração de um instrumento para pessoas idosas, a inclusão de pessoas com idade inferior a 60 anos mostra-se relevante para verificar a capacidade do instrumento em discriminar a população alvo. Além disso, apesar de acreditar que as facetas propostas no presente estudos sejam mais relevantes para pessoas com mais de 60 anos, não há impedimentos para que o instrumento seja respondido por pessoas mais jovens.

Instrumentos para coleta dos dados

Questionário sociodemográfico e de perfil: Instrumento com questões para verificação de variáveis sociais e demográficas, tais como: sexo, idade, estado civil e escolaridade.

Big Five Inventory-2 (BFI-2): O Inventário dos Cinco Grandes Fatores– 2 é um instrumento criado para avaliar hierarquicamente a personalidade. Refere-se a uma

versão reformulada do BFI, contendo 60 itens de autorrelato (Soto & John, 2017). O BFI-2 permite uma análise mais detalhada da personalidade, através de sua estrutura hierárquica composta por 15 facetas. O respondente deve indicar a concordância em relação às afirmativas apresentadas, em uma escala de cinco pontos, em que 1 “*Não tem nada a ver comigo*” e 5 “*Tem tudo a ver comigo*”. Seus fatores têm obtido precisão adequada com alphas de Cronbach entre $\alpha=0,82$ e $\alpha=0,86$.

Inventário Gold (IG): Composto originalmente por 38 itens de autorrelato, elaborados na presente pesquisa para avaliar sete facetas, as quais hipotetiza-se serem relevantes, para indivíduos com mais de 60 anos, sendo elas: a) *Mindfulness* (aceitação das experiências), b) Sentido de vida, c) Metas voltadas para a realização dos desejos, d) Responsabilidade cívica/ altruísmo, e) Perdão e tolerância, f) Calma (afeto positivo), e g) Perspectiva de tempo futuro. O respondente deve ler os itens e indicar o quanto concorda com as afirmativas, em uma escala de cinco pontos, em que 1 indica “*Não tem nada a ver comigo*” e o 5 “*Tem tudo a ver comigo*”. Deve-se esclarecer que, apesar de não o instrumento não ter sido elaborado especificamente para pessoas jovens, pode ser usado com esse grupo. O instrumento foi elaborado para ser aplicado por via de entrevista ou mesmo autoaplicação/autorrelato. As facetas propostas originalmente ao *Inventário Gold* são apresentadas na Figura 16, a seguir.

| <i>Big Five</i> | Facetas Inventário <i>Gold</i> | Itens Elaborados | Habilidades – comportamentos |
|-----------------|---|------------------|---|
| O | <i>Mindfulness</i> (Aceitação das experiências) | 4 | <ul style="list-style-type: none"> • Observas suas experiências (pensamentos, emoções) • Aceita as experiências que percebe, sem julgá-las • Contempla as experiências percebidas • Identifica boas sensações com o que se envolve ou faz |
| | Transcendência | 7 | <ul style="list-style-type: none"> • Acredita que a vida faz parte de um plano mais amplo |

| <i>Big Five</i> | Facetas Inventário Gold | Itens Elaborados | Habilidades – comportamentos |
|-----------------|---------------------------------------|------------------|---|
| | | | <ul style="list-style-type: none"> • Interessar-se em dar um sentido para sua existência • Entende-se como componente de uma dimensão mais ampla • Procura não pensar sobre as razões da vida** • Valoriza a espiritualidade/ religião |
| C | Metas (para a realização dos desejos) | 5 | <ul style="list-style-type: none"> • Procura/ou estabelecer planos de crescimento pessoal • Acredita que é importante fazer o que gostava, mas não podia • Busca fazer atividades que antes não se permitia fazer • Procura fazer as coisas por prazer |
| E | Habilidade cívica / Altruísmo | 6 | <ul style="list-style-type: none"> • Tenta compreender a perspectiva dos outros • Possui sentido de trabalhar pela comunidade • Procura ajudar aqueles que precisam • Pratica atos intencionais de voluntariado • Importa-se, genuinamente, com o bem-estar dos outros • Mostra-se uma pessoa generosa |
| A | Perdão e tolerância | 5 | <ul style="list-style-type: none"> • Tolerar mentiras ou traições • Compreende as razões que levam as pessoas a errarem • Passa por cima da raiva quando alguém o/a ofende • Não guarda ressentimento das pessoas que o magoaram. |
| | Calma/ Tranquilidade | 5 | <ul style="list-style-type: none"> • Sente-se mais tranquilo nos últimos anos • Percebe-se mais calmo do que antes* • Não se identifica como “pavio curto” • Imprime calma ao se dirigir às outras pessoas • Dirige-se aos outros de forma mais calma |
| N | Considerar o tempo de vida | 6 | <ul style="list-style-type: none"> • Compreende que cada segundo de vida deve ser valorizado. • Dá-se conta de que não tem tanto tempo de vida • Entende que tem mais tempo para trás do que pela frente • Julga que já não há muito o que ser aproveitado na vida. • Pensa em questões como morte e envelhecimento. |

Figura 16. Facetas de personalidade propostas ao Inventário Gold.

Nota. **= componente invertido, *=pode ter relação com o traço N

Questões Éticas

Esta pesquisa foi submetida ao comitê de ética em pesquisas envolvendo seres humanos da Universidade Federal de Santa Catarina e teve início assim que foi aprovada por esse comitê (CAAE: 00811018.5.0000.0121). Os participantes precisaram assinar um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) (Apêndices A e B).

Análise dos dados

Os dados foram analisados com uso do *software* estatístico Stata 14® (StataCorp, 2011) e do Winsteps (Linacre, 2010). A base de dados passou por examinação, com o objetivo de compreender as respostas em branco, identificar erros de digitação, observações atípicas e casos influentes (Hair et al., 2005). As análises realizadas serão especificadas na sequência. Inicialmente, conduzimos análise fatorial exploratória (AFE) nos itens do Inventário *Gold*. Considerando que os fatores do Inventário *Gold* foram elaborados como facetas para integrar o modelo dos CGF, realizamos rotação ortogonal (varimax). A identificação do número de fatores a ser extraído obedeceu a dois métodos: a) análise paralela, que se dá com a verificação do número de fatores empíricos com *Eigenvalues* acima dos obtidos em conjuntos de dados aleatórios simulados (Horn, 1965), e b) a interpretabilidade dos fatores extraídos em relação ao modelo teórico proposto ao Inventário *Gold*. A precisão dos fatores extraídos foi estimada pelo *Alpha de Cronbach*, sendo indicado valores superiores a 0,70, ainda que sejam aceitáveis valores acima de 0,60 (Nunes & Primi, 2010).

A seleção dos itens se deu com base em quatro critérios: a) carga fatorial mínima de 0,30 na AFE, no fator esperado, conforme o modelo proposto ao Inventário *Gold*, sendo toleráveis *crossloadings*, desde que a carga fatorial possua maior magnitude na dimensão teoricamente esperada, b) verificação do ajuste ao modelo de créditos

parciais, que é uma versão do modelo de Rasch, específico para itens politômicos, com base na verificação dos índices de *infit* e *outfit*. Esses índices foram calculados por fator, dado a necessidade da unifatorialidade nos dados para as análises na TRI. Antes disso, portanto, realizamos análise dos componentes principais (ACP) dos resíduos, com o objetivo de verificar a existência de padrão nos resíduos. Nessa análise tentamos falsear a hipótese de que há correlações entre os resíduos de forma que gerem fatores. Quando isso ocorre, temos uma evidência de que há um segundo (ou terceiro) construto influenciando as respostas dos itens. No caso do *eigenvalue* do primeiro contraste ser maior do que 2,0, então, o primeiro contraste está ao nível do ruído e o pressuposto da unidimensionalidade não está garantido, o que afetaria as análises no modelo de Rasch.

No referido modelo, o *infit* refere-se às respostas inesperadas para pessoas que tenham um nível de *theta* semelhante à dificuldade do item. Já o *outfit* diz respeito a respostas inesperadas para pessoas que tenham nível de *theta* substancialmente diferente ao da dificuldade do item. Para ambos, são desejáveis valores que não ultrapassem 1,50 (Linacre, 2014). Adicionalmente, verificamos a correlação item-*theta*, que diz respeito à associação entre o item e a variável latente medida no instrumento, sendo esperados valores a partir de 0,35. O *theta* representa a variável latente, ou seja, aquela que afeta o desempenho do respondente no instrumento (Valentini & Laros, 2012). Na sequência, confeccionamos mapas de itens para cada um dos fatores extraídos no Inventário *Gold*, através do Winsteps. Nessa análise, verifica-se o nível de dificuldade dos itens do teste, em relação ao *theta* da amostra, realizando a leitura do mapa de itens.

Também para compreender a estrutura interna do Inventário *Gold*, foi conduzida uma análise fatorial exploratória incluindo-se no Inventário *Gold* itens âncoras já testados para avaliar a personalidade (derivados do BFI-2). Para a organização desses âncoras, calculamos a média de dois itens de cada uma das facetas do BFI-2, e geramos

um item âncora para cada faceta do BFI-2, totalizando três âncoras para cada dimensão dos CGF. Uma síntese dos itens do BFI-2 usados como âncora, e o fator correspondente desses itens âncora no Inventário *Gold*, é apresentada na Figura 17.

| BIF-2 | | Itens âncora (BFI-2) | Fator Inventário <i>Gold</i> correspondente |
|-------|-------------------------|--|---|
| O | Imaginação criativa | 60 “ <i>Sou original, tenho ideias novas</i> ” 15 “ <i>Sou inventivo, descubro maneiras mais espertas de fazer as coisas</i> ” | Amadurecimento Aceitação |
| | Curiosidade Intelectual | 10 “ <i>Tenho curiosidade sobre muitos assuntos diferentes</i> ” 40 “ <i>Gosto de pensar profundamente sobre as coisas</i> ” | Aceitação |
| | Sensibilidade estética | 20 “ <i>Admiro a arte, música ou literatura</i> ” 35 “ <i>Dou valor à arte e à beleza</i> ” | Aceitação Amadurecimento |
| C | Organização | 18 “ <i>Sou organizado, gosto de manter as coisas em ordem</i> ” 33 “ <i>Mantenho as coisas limpas e arrumadas</i> ” | Transcendência |
| | Responsabilidade | 13 “ <i>Sou responsável, faço minha parte no trabalho</i> ” 43 “ <i>Sou uma pessoa comprometida, os outros podem contar comigo</i> ” | Transcendência |
| | Produtividade | 38 “ <i>Faço as tarefas bem e sem desperdício de tempo</i> ” 53 “ <i>Sou persistente, me dedico até que as tarefas estejam terminadas</i> ” | Transcendência Amadurecimento |
| E | Sociabilidade | 1 “ <i>Sou extrovertido, sociável</i> ” 46 “ <i>Sou falante</i> ” | Ajudar o próximo Amadurecimento |
| | Assertividade | 6 “ <i>Falo sobre minha opinião, mesmo que seja diferente das outras pessoas</i> ” 62 “ <i>Sou dominante, sei como liderar</i> ” | Amadurecimento |
| | Nível energético | 41 “ <i>Sou cheio de energia</i> ” 63 “ <i>Contagio os outros com meu entusiasmo</i> ” | Amadurecimento |

| BIF-2 | | Itens âncora (BFI-2) | Fator Inventário <i>Gold</i> correspondente |
|-------|------------------------|--|---|
| A | Compaixão | 2 “ <i>Me importo com os outros e tento ajudá-los quando precisam de mim</i> ” 32 “ <i>Me preocupo com os outros e gosto de ajudá-los</i> ” | Transcendência |
| | Respeito | 7 “ <i>Trato as pessoas com respeito</i> ” 52 “ <i>Sou educado e gentil com as pessoas</i> ” | Transcendência |
| | Confiança nas pessoas | 27 “ <i>Tenho a tendência de perdoar as pessoas</i> ” 57 “ <i>Acredito na bondade das pessoas</i> ” | Transcendência |
| N | Depressão | 39 “ <i>Com frequência, sinto-me triste</i> ” 54 “ <i>Com frequência me sinto deprimido, triste</i> ” | Amadurecimento (-) Morte, envelhecimento |
| | Ansiedade | 19 “ <i>Sou meio tenso</i> ” 34 “ <i>Eu me preocupo demais com os outros</i> ” | Morte, envelhecimento |
| | Volatilidade emocional | 14 “ <i>Meu humor varia com muita rapidez, facilmente fico mal humorado</i> ” 59 “ <i>Sou nervoso, fico irritado com facilidade</i> ” | Morte, envelhecimento |

Figura 17. Itens âncoras do BFI-2 em relação aos fatores e facetas do Inventário Gold

Outra análise realizada foi a associação entre os fatores do BFI-2 e os fatores do Inventário *Gold*. Para isso, foram calculados escores *z* para cada um dos fatores extraídos do Inventário *Gold*. Igualmente, foram gerados escores *z* para cada um dos CGF de personalidade do BFI-2. Na sequência, realizamos correlações *pairwise* entre os escores obtidos nos fatores do Inventário *Gold* e os escores de cada um dos CGF do BFI-2. A hipótese é que os fatores do Inventário *Gold* irão resultar em correlação mais elevada com os fatores correspondentes do BFI-2, tal como indicado na Figura 17.

Na sequência, realizamos análise do funcionamento diferencial (DIF) dos itens propostos ao Inventário *Gold*. Análises de DIF investigam sinais de interação entre os padrões de respostas dados ao instrumento e características da amostra (Linacre, 2010), indicando o quanto, grupos de respondentes com o mesmo nível do traço latente medido no teste possuem diferentes respostas aos itens (Linacre, 2010). Um bom teste não é aquele que não possui DIF, mas aquele em que os DIFs estão balanceados no instrumento, facilitando e dificultando, em magnitude semelhante, todos os grupos testados (Linacre, 2010). Esse processo de “justiça” chama-se cancelamento de DIF (Linacre, 2010; Teresi, 2006). Vale a ênfase de que os itens com DIF serão considerados enviesados apenas quando a fonte de variância não for relevante para o construto avaliado (Karami, 2012).

No presente estudo, verificamos a presença de DIF nos itens do Inventário *Gold*, considerando-se duas características da amostra. Na primeira análise, o DIF foi verificado considerando a idade dos participantes. Para tanto, a amostra foi dividida em dois grupos. No Grupo 1 foram alocados 292 participantes, com idades entre 17 e 59 anos ($M=29,66$, $DP=12,10$), a maioria mulheres ($n=199$), cuja escolaridade mais frequente foi a de ensino superior incompleto ($n=178$), superior completo ($n=45$), mestrado ou doutorado ($n=40$), Ensino médio ($n=25$) e ensino fundamental ($n=4$). No

Grupo 2 foram alocados 148 participantes, a maior parte mulheres ($n=118$), idades entre 60 e 102 anos ($M=71,70$, $DP=7,34$); cuja escolaridade mais frequente foi ensino fundamental ($n=54$), ensino médio ($n=36$), superior completo ($n=37$), mestrado ou doutorado ($n=23$), e superior incompleto ($n=15$). Também realizamos análise de DIF considerando o sexo do respondente. É válido informar que para as duas características testadas, um contraste positivo de DIF indica que o item é mais difícil para o primeiro grupo mencionado.

Concluída a etapa de busca de evidências de validade do Inventário *Gold* a partir de sua estrutura interna, realizamos análise para destacar evidência de validade de critério ao instrumento elaborado. Para tanto, verificamos se os escores do Inventário *Gold* conseguem prever o fato de o respondente pertencer ao grupo com idade de até 59 anos, ou ao grupo com 60 anos ou mais. Com esse objetivo, conduzimos análise de regressão logística. Nessa análise, os fatores do Inventário *Gold* e o sexo do respondente foram incluídos no modelo como as variáveis independentes. Adicionalmente, comparamos a capacidade preditiva dessa variável externa tanto pelo Inventário *Gold* quanto pelo BFI-2. Portanto, também geramos uma regressão logística ao BFI-2, no qual os CGF e o sexo dos respondentes foram igualmente incluídos no modelo como variáveis independentes. Dessa forma, tendo em vista que os fatores do Inventário *Gold* foram elaborados para funcionar como facetas do BFI-2, associado à prerrogativa de que a variável latente avaliada no BFI-2 seja a mesma no Inventário *Gold*, hipotetizamos que o resultado nessa análise seja equivalente para os dois instrumentos/modelos. Ou seja, os fatores do BFI-2 que conseguirem prever o grupo etário do participante, deverão ser correspondentes aos fatores do Inventário *Gold* que também conseguirem prever a referida variável externa. No entanto, espera-se que o IG seja melhor preditor do grupo etário do que o BFI-2.

Ainda com o objetivo de verificar evidência de validade ao Inventário *Gold*, examinamos a capacidade do instrumento em identificar o aumento nos escores em seus fatores ao longo do ciclo vital. Para isso, realizamos a comparação das médias em cada um dos fatores do Inventário *Gold*, entre sete grupos etários, através do procedimento de anova. Esses grupos estão especificados no estudo 2 da presente tese. O referido procedimento permite verificar se os fatores medidos no Inventário *Gold* apresentam diferenças normativas entre os grupos. Nos casos em que a Anova apontou diferenças significativas entre grupos, realizamos o teste *post hoc* de Tukey para identificar quais grupos, efetivamente, apresentam diferenças nos fatores.

Para essas análises, espera-se que os fatores do Inventário *Gold* resultem em mudança normativa ao longo do tempo, similar à reportada na literatura, em que: O fator O aumenta até os 50-60 anos, reduzindo ou atingindo efeito *plateau* nos anos subsequentes (Costa & McCrae, 1988; Costa et al., 2000; Lehmann et al., 2013, Lucas & Donnellan, 2011; McCrae et al., 1999; Marsh et al., 2013; Roberts et al., 2006; Soto et al., 2011; Specht et al., 2011; Terracciano et al., 2006; Wortman et al., 2012). O fator C aumenta linearmente com o avanço da idade (Costa & McCrae, 1988; Damian et al., 2018; Lehmann et al. 2013; McCrae et al., 1999; Roberts et al., 2006; Smits et al., 2011; Terracciano et al., 2006; Wortman et al. 2012), ainda que algumas evidências reportaram aumento até os 40-50 anos, seguida de *plateau* (Costa et al., 2000; Lucas & Donnellan, 2011; Kandler et al., 2015; Marsh et al., 2013; Specht et al., 2011).

O fator E aumenta até os 40-50 anos, seguido de declínio (Costa et al., 2000; Kandler et al., 2015; Lehmann et al., 2013; Lucas & Donnellan, 2011; McCrae et al., 1999; Roberts et al., 2006; Soto et al., 2011; Specht et al. 2011; Terracciano et al., 2006; Wortman et al., 2012). O fator A aumenta até os 50-60 e apresenta *plateau*, ou algum crescimento, nos anos seguintes (Costa et al., 2000; Damian et al., 2018; Lehmann et

al., 2013; Lucas & Donnellan, 2011; McCrae et al., 1999; Marsh et al., 2013; Roberts et al., 2006; Specht et al., 2011; Smits et al., 2011; Soto et al., 2011; Terracciano et al., 2006; Wortman et al., 2012). O fator N aumenta até os 40-50, e declina nos anos subsequentes (Costa et al., 2000; Damian et al., 2018; Lehmann et al., 2013; Lucas & Donnellan, 2011; Marsh et al., 2013; Roberts et al., 2006; Smits et al.; 2011; Soto et al., 2011; McCrae et al., 1999; Terracciano et al., 2006; Wortman et al., 2012).

Resultados e discussão

Na etapa da redação dos itens da Inventário *Gold*, os pesquisadores identificaram a necessidade de acompanhamento de alguns itens por apresentarem conteúdo que poderia suscitar dúvidas ou reações emocionais por parte dos participantes idosos. Por exemplo, era fundamental monitorar como as pessoas com 70- 80 anos poderiam reagir a itens que tratassem de morte. Para alguns desses itens, inclusive, eram aguardados *missing cases*. No entanto, o que foi possível notar é que a quantidade de respostas em branco foi baixa, como mostra a síntese na Figura 18.

| Temática do conteúdo do item- Inventário <i>Gold</i> | | ≤ 59 | ≥ 60 |
|--|------------------------|-----------|-----------|
| Item_21 | Transcendência | | 6 |
| Item_28 | Altruísmo | 4 | 2 |
| Item_16 | Morte e envelhecimento | | 3 |
| Item_10 | Morte e envelhecimento | | 3 |
| Item_31 | Aceitação | 1 | 2 |
| Item_5 | Amadurecimento | 2 | |
| Item_7 | Transcendência | | 2 |
| Item_13 | Transcendência | 2 | |

| Temática do conteúdo do item- Inventário <i>Gold</i> | | <=59 | >=60 |
|--|------------------------|------|------|
| Item_23 | Morte e envelhecimento | 2 | |

Figura 18. Lista de missing cases observados no Inventário *Gold*

Os itens do Inventário *Gold* foram elaborados e organizados para avaliar sete facetas. No entanto, a análise paralela indicou que cinco fatores apareciam com maior relevância para extração, tal como pode ser visto na Figura 19. É importante destacar que esse resultado é esperado uma vez que os CGF apresentam baixa correlação entre si, diferentemente das facetas construídas para um mesmo fator, cujas correlações entre elas tendem a ser bem elevadas. Após rotação varimax, foi solicitado a retenção de itens com carga fatorial mínima de 0,30, em um único fator. Por esse critério, três itens foram retirados do Inventário *Gold*. Os itens que não foram selecionados são: “*Acho importante cada um fazer o que gosta*”, “*Estou mais tolerante com mentiras e traições*” e “*Dedico algum tempo prestando serviços voluntários*”. Também deve-se mencionar que na AFE considerando os itens âncora os agrupamentos resultaram como o esperado. Os agrupamentos de itens extraídos na AFE serão especificados na sequência.

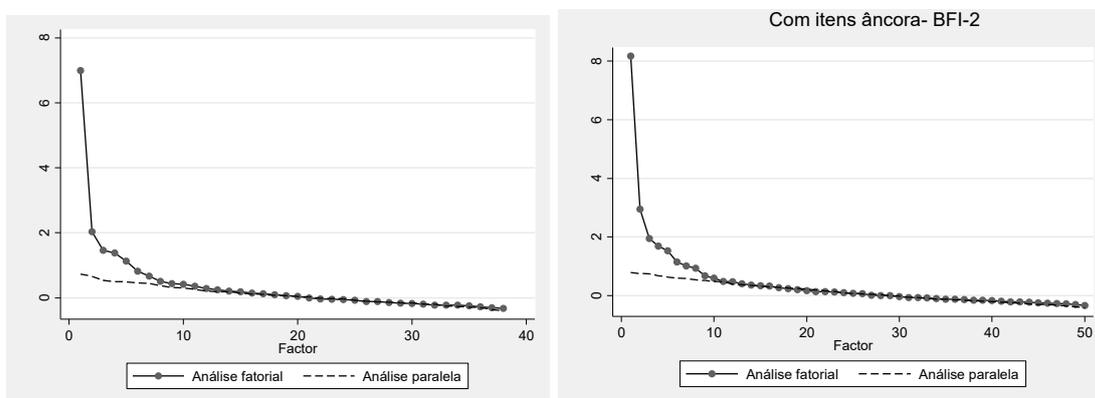


Figura 19. Screeplot das análises paralelas do Inventário *Gold*

Na primeira faceta agruparam-se 13 itens elaborados originalmente para avaliar a) metas (para a realização de desejos), b) perdão/tolerância, c) calma/ tranquilidade e d) perspectiva de tempo futuro. Em comum, os itens desse fator envolvem a atitude de compreender e aproveitar a vida, valorizar o tempo, sentir-se mais calmo e tranquilo, além de buscar satisfação dos desejos. O fator foi intitulado “Amadurecimento”.

Na segunda faceta, o agrupamento envolveu cinco itens elaborados originalmente para avaliar o componente Transcendência. Em comum, os itens desse fator envolvem a atribuição de sentido à vida e à própria existência, além da busca por valorizar a espiritualidade e/ou a religiosidade. Esse fator foi intitulado “Transcendência”.

Na terceira faceta agruparam-se seis itens elaborados originalmente para avaliar altruísmo e generosidade. Os itens desse agrupamento indicam a tendência em ser bondoso e compreensível com os demais, inclusive quando ou outros erram, demonstrar habilidade para perdoar, oferecer suporte, além de sentir-se feliz ao ajudar os outros. “Altruísmo e Generosidade” foi o rótulo atribuído a esse fator.

A quarta faceta agrupou cinco itens envolvendo afetos negativos, especialmente aqueles, possivelmente, derivados da percepção de morte e de envelhecimento, tanto próprios quanto em relação aos demais. Os itens desse fator indicam sentimento de tristeza e sofrimento relacionados ao tempo que já não pode voltar, e a percepção de que pessoas conhecidas têm envelhecido e/ou morrido. “Morte e envelhecimento” foi o rótulo atribuído a esse fator.

A quinta faceta agrupou três itens elaborados originalmente para avaliar a aceitação das próprias experiências (*Mindfulness*). Os itens desse agrupamento avaliam a tendência em estar atento às próprias emoções no cotidiano, destacando uma atitude

de compreensão das próprias experiências, que se estende à compreensão das experiências dos demais. “Aceitação” foi o nome atribuído a esse fator.

Como foi possível observar, os agrupamentos de itens mostraram-se um pouco diferentes em relação a como foram organizados teoricamente, ainda que alguns dos agrupamentos puderam ser mantidos, conforme Tabelas 18 e 22. Os itens propostos para *Metas* (voltadas para a realização dos próprios desejos), perdão/tolerância, calma/tranquilidade e perspectiva de tempo futuro agruparam-se no fator *Amadurecimento*. Os itens propostos para *Transcendência* foram, na maior parte, mantidos no fator ao qual foram elaborados; sendo que o mesmo pode ser dito em relação aos fatores altruísmo/generosidade, e *Mindfulness* (aceitação das experiências). Uma parte dos itens elaborados para *Sentido de vida* foram incluídos, também, no fator *Amadurecimento*, no entanto, alguns itens, principalmente referentes à *Morte e envelhecimento*, foram mantidos em um fator intitulado *Morte/envelhecimento*. A precisão dos fatores extraídos ao Inventário *Gold* mostrou-se adequada, com exceção do fator *Mindfulness* (aceitação) cujo alpha de Cronbach resultou abaixo de 0,60, conforme Tabela 19. Em parte, isso pode ter ocorrido pelo baixo número de itens nesse fator.

Tabela 18. Estrutura extraída ao Inventário Gold x estrutura proposta originalmente

| Facetas propostas ao Inventário <i>Gold</i> | Facetas extraídas no Inventário <i>Gold</i> |
|---|---|
| Metas (realização dos desejos) | Amadurecimento |
| Perdão/ Tolerância | |
| Calma/ tranquilidade | |
| Perspectiva de tempo futuro. | |
| Transcendência | Transcendência |

| Facetas propostas ao Inventário <i>Gold</i> | Facetas extraídas no Inventário <i>Gold</i> |
|---|---|
| Altruísmo/ generosidade | Altruísmo e generosidade |
| Sentido de vida | Morte e envelhecimento |
| <i>Mindfulness</i> - Aceitação | Aceitação |

Tabela 19. Precisão dos fatores do Inventário *Gold*

| Inventário <i>Gold</i> | <=59 anos (n=292) | >=60 anos (n=148) | Amostra total (N=440) |
|--------------------------|----------------------|----------------------|--------------------------|
| Amadurecimento | 0,83 | 0,78 | 0,84 |
| Transcendência | 0,65 | 0,81 | 0,79 |
| Altruísmo e generosidade | 0,73 | 0,68 | 0,71 |
| Morte e envelhecimento | 0,69 | 0,67 | 0,67 |
| Aceitação | 0,51 | 0,50 | 0,50 |

A respeito da análise dos mapas de itens dos fatores do Inventário *Gold*, foi possível identificar que *Amadurecimento* possui itens que avaliam a faixa de *theta* que vai do -1 ao +1, ou seja, mais branda. No entanto, há ausência de itens mais severos e que avaliem níveis mais elevados de *theta* nesse fator. O mesmo pode ser dito para os demais fatores do instrumento, conforme mostra as Figuras 20, 21, 22, 23 e 24 a seguir.

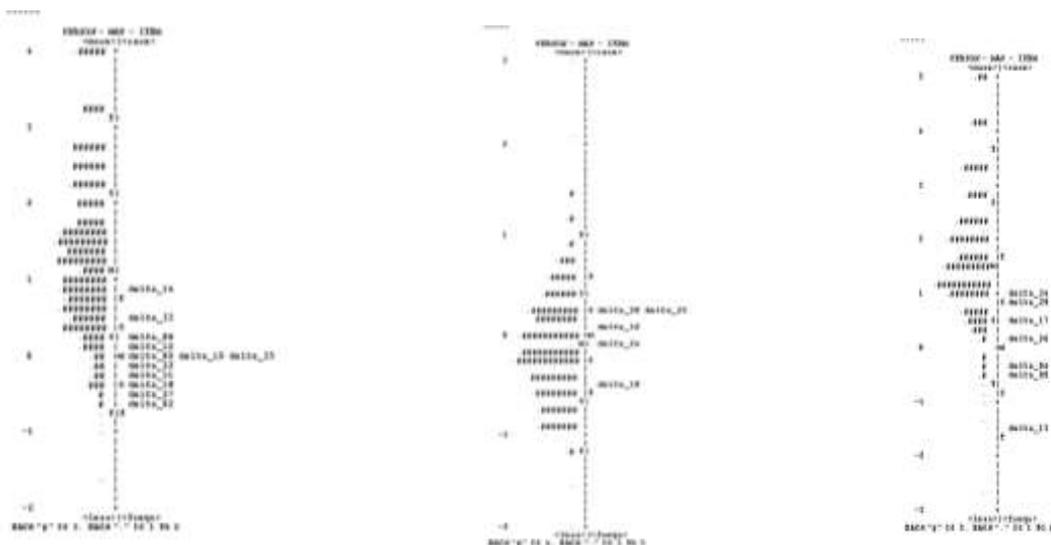


Figura 20. Mapa de itens F1 Figura 21. Mapa de itens F2 Figura 22. Mapa de itens F3

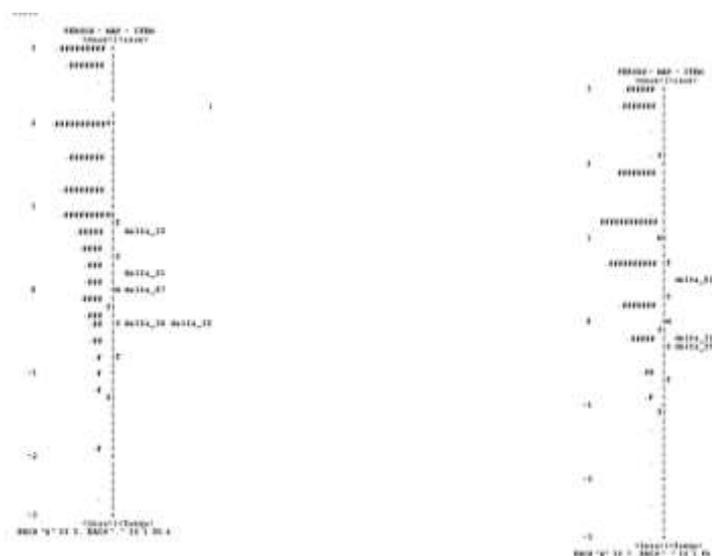


Figura 23. Mapa de itens F4

Figura 24. Mapa de itens F5

No que se refere às propriedades psicométricas do Inventário *Gold*, tanto pela Teoria Clássica dos Testes quanto pela Teoria de Resposta ao Item, observou-se que os itens mostraram discriminação adequada, considerando os valores obtidos para as correlações item-resto e as associações entre os itens e a variável latente avaliada no inventário (item x θ). A respeito das análises pelo modelo de Rasch, foi possível observar que os itens do Inventário *Gold* obtiveram níveis adequados de *infit*, *outfit* e de

correlação item-*theta*. Diferentemente, apenas o item_12 “*Acho importante cada um fazer aquilo que gosta*” resultou em valores de *infit* e *oufit* acima do considerado adequado pela literatura psicométrica, apesar de que esse item foi retirado do instrumento na etapa de seleção dos itens, já que não apresentou carga fatorial superior a 0,30 em nenhum dos fatores extraídos ao Inventário *Gold*. Além disso, é válida a menção de que um dos problemas com esse item é que ele avalia uma opinião sobre o que as pessoas deveriam fazer, não um conteúdo autorreferente. Essas informações estão detalhadas na Tabela 20, separadas por fator do Inventário *Gold*.

Tabela 20. Propriedades psicométricas do Inventário Gold

| Itens | Correlação item-teste | | | Correlação item-resto | | | TRI | | | |
|----------------|-----------------------|-----------|-------|-----------------------|-----------|-------|-------------|--------------|---------------|---------------------|
| | <=59 anos | >=60 anos | Total | <=59 anos | >=60 anos | Total | Dificuldade | <i>Infit</i> | <i>Outfit</i> | <i>Item x Theta</i> |
| Amadurecimento | | | | | | | | | | |
| Gold_02 | 0,56 | 0,42 | 0,55 | 0,47 | 0,33 | 0,52 | -0,65 | 0,95 | 0,99 | 0,50 |
| Gold_06 | 0,69 | 0,65 | 0,53 | 0,61 | 0,54 | 0,48 | 0,26 | 0,77 | 0,87 | 0,64 |
| Gold_08 | 0,59 | 0,59 | 0,55 | 0,48 | 0,45 | 0,50 | 0,05 | 1,19 | 1,33 | 0,56 |
| Gold_11 | 0,55 | 0,59 | 0,42 | 0,45 | 0,48 | 0,37 | -0,21 | 0,94 | 1,00 | 0,54 |
| Gold_12 | 0,56 | 0,46 | 0,38 | 0,42 | 0,28 | 0,31 | 0,14 | 1,55 | 1,69 | 0,48 |
| Gold_14 | 0,57 | 0,67 | 0,62 | 0,46 | 0,56 | 0,57 | 0,85 | 0,87 | 0,91 | 0,65 |
| Gold_18 | 0,63 | 0,47 | 0,54 | 0,52 | 0,36 | 0,49 | -0,01 | 1,15 | 1,18 | 0,56 |
| Gold_19 | 0,59 | 0,63 | 0,48 | 0,50 | 0,55 | 0,44 | -0,36 | 0,77 | 0,76 | 0,59 |
| Gold_22 | 0,54 | 0,51 | 0,50 | 0,46 | 0,39 | 0,46 | -0,06 | 0,90 | 1,10 | 0,52 |
| Gold_27 | 0,68 | 0,38 | 0,53 | 0,60 | 0,26 | 0,49 | -0,53 | 1,02 | 1,34 | 0,51 |
| Gold_31 | 0,70 | 0,70 | 0,54 | 0,30 | 0,32 | 0,50 | -0,17 | 1,10 | 1,04 | 0,67 |
| Gold_33 | 0,62 | 0,57 | 0,59 | 0,50 | 0,44 | 0,54 | 0,54 | 0,96 | 0,99 | 0,61 |

| Itens | Correlação item-teste | | | Correlação item-resto | | | TRI | | | |
|--------------------------|-----------------------|-----------|-------|-----------------------|-----------|-------|-------------|--------------|---------------|---------------------|
| | <=59 anos | >=60 anos | Total | <=59 anos | >=60 anos | Total | Dificuldade | <i>Infit</i> | <i>Outfit</i> | <i>Item x Theta</i> |
| Gold_35 | 0,47 | 0,60 | 0,51 | 0,37 | 0,49 | 0,47 | -0,02 | 0,90 | 1,03 | 0,51 |
| Transcendência | | | | | | | | | | |
| Gold_07 | 0,83 | 0,79 | 0,59 | 0,71 | 0,62 | 0,54 | -0,04 | 0,72 | 0,72 | 0,75 |
| Gold_21 | 0,74 | 0,67 | 0,46 | 0,60 | 0,39 | 0,41 | 0,17 | 1,04 | 1,12 | 0,68 |
| Gold_32 | 0,74 | 0,47 | 0,51 | 0,53 | 0,37 | 0,44 | 0,71 | 1,33 | 1,33 | 0,70 |
| Gold_36 | 0,60 | 0,66 | 0,51 | 0,44 | 0,43 | 0,47 | -0,43 | 1,14 | 1,19 | 0,59 |
| Gold_38 | 0,84 | 0,68 | 0,54 | 0,73 | 0,52 | 0,48 | -0,40 | 0,82 | 0,70 | 0,73 |
| Altruísmo e Generosidade | | | | | | | | | | |
| Gold_09 | 0,72 | 0,59 | 0,45 | 0,60 | 0,42 | 0,41 | -0,57 | 0,82 | 0,82 | 0,62 |
| Gold_13 | 0,56 | 0,58 | 0,43 | 0,44 | 0,46 | 0,39 | -1,44 | 0,89 | 0,84 | 0,50 |
| Gold_17 | 0,63 | 0,63 | 0,45 | 0,45 | 0,44 | 0,41 | 0,50 | 0,94 | 0,94 | 0,63 |
| Gold_26 | 0,54 | 0,54 | 0,39 | 0,34 | 0,33 | 0,35 | 0,17 | 1,13 | 1,17 | 0,54 |
| Gold_29 | 0,68 | 0,63 | 0,48 | 0,50 | 0,40 | 0,43 | 0,79 | 1,03 | 1,04 | 0,66 |

| Itens | Correlação item-teste | | | Correlação item-resto | | | TRI | | | |
|----------------------------------|-----------------------|-----------|-------|-----------------------|-----------|-------|-------------|--------------|---------------|---------------------|
| | <=59 anos | >=60 anos | Total | <=59 anos | >=60 anos | Total | Dificuldade | <i>Infit</i> | <i>Outfit</i> | <i>Item x Theta</i> |
| Gold_34 | 0,61 | 0,64 | 0,36 | 0,39 | 0,44 | 0,30 | 0,97 | 1,10 | 1,14 | 0,63 |
| Morte e envelhecimento | | | | | | | | | | |
| Gold_10 | 0,63 | 0,57 | 0,60 | 0,40 | 0,35 | 0,36 | -0,50 | 0,95 | 0,91 | 0,31 |
| Gold_16 | 0,73 | 0,66 | 0,69 | 0,53 | 0,42 | 0,47 | 0,07 | 0,78 | 0,76 | 0,66 |
| Gold_20 | 0,62 | 0,70 | 0,63 | 0,38 | 0,47 | 0,39 | 0,23 | 0,80 | 0,77 | 0,68 |
| Gold_23 | 0,81 | 0,80 | 0,81 | 0,66 | 0,64 | 0,65 | 0,25 | 0,95 | 0,91 | 0,60 |
| Gold_24 | 0,52 | 0,53 | 0,54 | 0,29 | 0,27 | 0,28 | -0,04 | 0,74 | 0,75 | 0,58 |
| Aceitação (<i>Mindfulness</i>) | | | | | | | | | | |
| Gold_01 | 0,71 | 0,68 | 0,40 | 0,33 | 0,24 | 0,34 | 0,47 | 0,96 | 0,95 | 0,71 |
| Gold_04 | 0,63 | 0,52 | 0,42 | 0,49 | 0,31 | 0,38 | -0,42 | 1,01 | 1,12 | 0,53 |
| Gold_25 | 0,71 | 0,74 | 0,28 | 0,36 | 0,38 | 0,23 | -0,30 | 0,98 | 0,95 | 0,68 |

A respeito das associações entre o BFI-2 e as facetas propostas no Inventário *Gold*, na Tabela 21 observa-se que, para os respondentes com menos de 60 anos, *Amadurecimento* mostrou-se significativamente associado com os traços E, O e C; ao passo que para aqueles com mais de 60 anos, as associações foram significativas com A e C. Por sua vez, *Transcendência* mostrou-se associada significativamente com E e A entre os participantes com até 59 anos; e com os traços A e C entre aqueles com mais de 60 anos. Esses resultados para *Transcendência* e *Amadurecimento* mostram-se em linha com a literatura (Caprara et al., 2012; Cloninger et al., 1993; De Fruyt et al., 2000).

O fato de *Amadurecimento* ter resultado em associação com os fatores de personalidade A e C para os participantes com mais de 60 anos indica que, possivelmente, ao envelhecer, as pessoas passam a valorizar a idéia de dar um sentido à vida (Musich et al., 2018; Paredes et al., 2020; Steptoe & Fancourt, 2019), o que inclui a percepção de que sua vida faz parte de um plano mais amplo (Cloninger et al., 1993), cujo comportamento pode surgir da percepção da finitude. Nesse sentido, diante dessa percepção, a espiritualidade e a religiosidade passam a ser valorizadas (Lima et al., 2008) pelos indivíduos, de tal forma que o investimento do tempo se voltará para experiências emocionalmente significativas e para aspectos positivos da vida (English & Carstensen, 2016). Para que isso seja possível, pode-se pensar que esse novo estágio demandará engajamento dos indivíduos em atividades que façam as pessoas se sentirem bem, o que exigirá comprometimento no estabelecimento de novas metas e, como consequência, os traços de personalidade C e A tornam-se fundamentais nesse processo.

Associado a isso, porém, em sentido contrário, a literatura tem apontado que escores elevados em N, em pessoas idosas, estão associados com quadros clínicos demenciais, doença coronária, acidente vascular encefálico, depressão, além de alto risco de mortalidade (Graham et al., 2017; Jokela et al., 2013; Jokela et al., 2014; Kaup

et al., 2019; Stephan et al., 2019). Essas evidências contribuem para explicar o fato de *Amadurecimento* ter apresentado correlações negativamente moderadas com Neuroticismo e, de certa forma, esse padrão sugere que, para o envelhecimento saudável, o nível individual de *Amadurecimento* implicará em ajustamento emocional, baixos níveis de depressão e de ansiedade.

A faceta *Altruísmo e generosidade* mostrou-se significativamente associada com o fator A, independentemente da idade do participante, tal como era esperado. Por sua vez, a faceta *Morte e envelhecimento* resultou em associação significativa com N, também para ambos os grupos etários, corroborando as expectativas nesse âmbito. Já a faceta *Aceitação* mostrou-se associada significativamente com o traço O, para o grupo com menos de 60 anos e para a amostra total. Esse resultado mostra-se em linha com estudos que indicam que o fenômeno *Mindfulness* está associado com o comportamento exploratório e o interesse por novas experiências. Isso sugere que, possivelmente, para aceitar as próprias experiências (pensamentos, sensações e emoções percebidas), em alguma medida, faz-se necessário ter o mínimo de interesse por elas. Essa postura, portanto, mostra-se caracterizada no fator de personalidade O (Pires et al., 2018).

Tabela 21. Associações entre o BFI-2 e as facetas propostas no Inventário Gold

| Inventário <i>Gold</i> | Fatores do BFI-2 | | | | | | | | | | | | | | |
|------------------------|---------------------------------|------|------|------|-------|----------------------------------|-------|------|-------|-------|-----------------------------------|-------|------|------|-------|
| | 17- 59 anos (<i>n</i> =292) | | | | | 60- 102 anos (<i>n</i> =148) | | | | | Amostra total (<i>N</i> =440) | | | | |
| Fatores | O | C | E | A | N | O | C | E | A | N | O | C | E | A | N |
| Amadurecimento | 0,29 | 0,29 | 0,39 | 0,27 | -0,48 | | 0,20 | 0,19 | 0,25 | -0,37 | 0,18 | 0,35 | 0,30 | 0,31 | -0,51 |
| Transcendência | 0,12 | 0,21 | 0,30 | 0,26 | -0,16 | 0,23 | | 0,29 | | | 0,12 | 0,25 | 0,28 | 0,27 | -0,20 |
| Altruísmo_generosidade | 0,35 | 0,34 | 0,39 | 0,65 | -0,26 | | 0,15 | | 0,53 | | 0,22 | 0,32 | 0,21 | 0,62 | -0,26 |
| Morte_envelhecimento | -0,13 | | | | 0,44 | -0,19 | -0,24 | | -0,16 | 0,54 | -0,15 | -0,13 | | | 0,44 |
| Aceitação | 0,35 | 0,23 | 0,26 | 0,15 | -0,21 | | | | | | 0,24 | 0,18 | 0,20 | 0,13 | -0,11 |

Nota. Todas as correlações mostradas foram significativas ($p < 0,05$)

Em relação à análise fatorial exploratória do Inventário *Gold* com os itens âncoras do BFI-2, foi possível identificar correspondência entre a maior parte dos itens âncoras com os fatores no Inventário *Gold* que eram esperados. Porém, deve-se ressaltar que os agrupamentos observados para A e C mostraram-se inesperados. Detalhes referentes às cargas fatoriais dos itens âncoras do BFI-2 em relação aos fatores do Inventário *Gold* aparecem na Tabela 22.

Tabela 22. Cargas fatoriais dos itens âncora do BFI-2 nos fatores do Inventário *Gold*.

| Âncoras BFI-2 | Inventário <i>Gold</i> | | | | |
|------------------|------------------------|----------------|-----------------|------------------|-----------|
| | Amadurecimento | Transcendência | Altruí_generos. | Morte/ envelhec. | Aceitação |
| Ao | 0,3026 | | | | 0,3366 |
| Ob | | | | | |
| Oc | | | | | 0,4716 |
| Ca | | 0,3666 | | | |
| Cb | | 0,6243 | | | |
| Cc | 0,3709 | 0,5163 | | | |
| Ea | 0,3214 | | | | |
| Eb | | | | | |
| Ec | 0,4996 | | | | |
| Aa | | 0,6251 | 0,3030 | | |
| Ab | | 0,4989 | 0,3254 | | |
| Ac | | 0,5754 | | | |
| Na | -0,4594 | | | 0,5004 | |
| Nb | | | | 0,5487 | |
| Nc | | | | 0,6074 | |

Os itens âncora organizados para o fator N (Na, Nb e Nc) carregaram no fator *Morte e Envelhecimento*, como era esperado, ainda que o item Na tenha carregado negativamente em *Amadurecimento*. Por sua vez, dois âncoras de O (Oa e Oc) carregaram, como esperado, exclusivamente no fator *Aceitação*. Um item âncora (Ob) esperado para carregar em O não obteve carga mínima em nenhum dos CGF. Dois dos três itens âncora de A (Aa e Ab) carregaram adequadamente no fator *Altruísmo e generosidade*, tal como era esperado, apesar de que apresentaram *crossloading* com cargas mais elevadas no fator *Transcendência*. No fator *Transcendência* do Inventário *Gold*, carregaram todas as âncoras de A e de C do BFI-2. Por sua vez, em *Amadurecimento* carregaram itens de quatro dimensões do BFI-2, com exceção dos itens do fator A.

Um resultado que merece ser destacado é que, tendo em vista que nas correlações entre as facetas do Inventário *Gold* e os fatores do BFI-2 houve associações elevadas entre *Amadurecimento* e N, surpreende o fato de que apenas um item âncora tenha apresentado carga fatorial elevada em *Amadurecimento*. Essa ocorrência, portanto, deve ser averiguada em estudo futuros.

Deve-se lembrar que os itens do fator *Transcendência* do Inventário *Gold* envolvem a compreensão da vida, a atribuição de um sentido à própria existência, além da valorização da espiritualidade e religiosidade. Esses atributos, de alguma forma, encontram-se relacionados ao fator de personalidade A, fato que pode justificar os *crossloadings* dos itens âncora do fator A do BFI-2 com os fatores *Altruísmo e generosidade* e *Transcendência* do Inventário *Gold*. No entanto, pesquisas futuras poderiam utilizar os índices de aquiescência produzidos pela BFI-2 para fazer a retirada desse efeito no Inventário *Gold*. Além disso, outro estudo futuro relevante seria conduzir uma EFA considerando todos os itens do BFI-2 e da Inventário *Gold*, com o

intuito de extrair os CGF. Depois, para cada conjunto extraído, poderiam ser procuradas as facetas de personalidade.

Evidência de validade do Inventário Gold pela relação com variáveis externas

Os escores no BFI-2 predizem o fato de o respondente pertencer ao grupo com idade de até 59 anos, ou ao grupo com 60 anos ou mais? Com relação ao BFI-2, quatro fatores de personalidade, com exceção de A, tiveram um *B* significativo, e que o modelo apresentou um poder preditivo relevante para diferenciar os grupos com mais ou menos de 60 anos. As estatísticas descritivas estão na Tabela 23, enquanto as regressões aparecem na Tabela 24, na sequência.

Tabela 23. Médias e desvios padrões dos escores no BFI-2

| BFI-2 | 17- 59 anos (n=292) | | 60- 102 anos (n=148) | | Amostra total (N=440) | |
|-------|------------------------|------|-------------------------|------|--------------------------|------|
| | Média | DP | Média | DP | Média | DP |
| O | -0,16 | 0,59 | 0,26 | 0,51 | -2,01 | 0,60 |
| C | -0,16 | 0,78 | 0,26 | 0,54 | 4,84 | 0,73 |
| E | -0,09 | 0,62 | 0,15 | 0,58 | 4,07 | 0,62 |
| A | -0,01 | 0,63 | 0,02 | 0,69 | -0,00 | 0,65 |
| N | 0,00 | 0,68 | 0,01 | 0,74 | 1,15 | 0,70 |

No tocante ao estudo de regressão logística, o modelo contendo os CGF conseguiu classificar corretamente 69,70% dos participantes, apresentou 68,48% de sensibilidade e 70,44% de especificidade. Detalhes do modelo aparecem na Tabela 24.

Tabela 24. Regressão logística com base no grupo etário (corte: 60 anos) (Z- BFI-2)

| Variáveis independentes | B | EP | Z | P | 95% IC | |
|-------------------------|-------|------|-------|------|--------|-------|
| O | -0,59 | 0,23 | -2,53 | 0,01 | -1,04 | -0,13 |
| C | 1,31 | 0,25 | 5,18 | 0,00 | 0,81 | 1,81 |
| E | -0,51 | 0,22 | -2,25 | 0,02 | -0,96 | -0,06 |
| A | 0,01 | 0,28 | 0,04 | 0,97 | -0,54 | 0,57 |
| N | -1,11 | 0,23 | -4,83 | 0,00 | -1,57 | -0,66 |
| Sexo | 0,57 | 0,26 | 2,16 | 0,03 | 0,05 | 1,09 |
| Constante | -1,63 | 0,47 | -3,42 | 0,00 | -2,57 | -0,69 |

Nota. $p < 0,001$, $\chi^2(6) = 94,36$, $R^2 = 0,16$

Os escores no Inventário *Gold* predizem o fato de o respondente pertencer ao grupo com idade de até 59 anos, ou ao grupo com 60 anos ou mais? A análise de regressão logística do Inventário *Gold* mostrou que quatro fatores, com exceção apenas de *Altruísmo e Generosidade*, tiveram um *B* significativo e que o modelo apresentou um poder preditivo relevante para diferenciar os grupos com mais ou menos de 60 anos. Esse modelo de regressão do Inventário *Gold* conseguiu classificar corretamente 71,30% da amostra, apresentou 73,33% de sensibilidade e 70,07% de especificidade. Mais informações sobre o modelo de regressão aparecem na Tabela 25.

Tabela 25. Regressão logística com base no grupo etário (corte: 60 anos) (Z- I-Gold)

| Variáveis independentes | B | EP | Z | P | 95% IC | |
|--------------------------|------|------|------|------|--------|------|
| Amadurecimento | 1,70 | 0,27 | 6,11 | 0,00 | 1,16 | 2,25 |
| Transcendência | 0,65 | 0,20 | 3,22 | 0,00 | 0,25 | 1,04 |
| Altruísmo e generosidade | 0,03 | 0,21 | 0,17 | 0,86 | -0,39 | 0,46 |
| Morte e envelhecimento | 0,35 | 0,17 | 2,07 | 0,03 | 0,01 | 0,69 |

| Variáveis independentes | B | EP | Z | P | 95% IC | |
|-------------------------|-------|------|-------|------|--------|-------|
| Aceitação | -0,85 | 0,19 | -4,33 | 0,00 | -1,24 | -0,46 |
| Sexo | 0,50 | 0,26 | 1,93 | 0,05 | -0,00 | 1,01 |
| Constante | -1,54 | 0,47 | -3,29 | 0,00 | -2,46 | -0,62 |

Nota. $p < 0,001$, $\chi^2(6) = 96,23$, $R^2 = 0,16$

Comparando-se o modelo de regressão realizado com os fatores do BFI-2 e o modelo de regressão com os fatores do Inventário *Gold* pode-se verificar que ambos os instrumentos apresentam padrões similares de associações com a idade do respondente, porém, identificou-se que o IG apresenta valor preditivo mais elevado do que o BFI-2. De acordo com a hipótese de que o Inventário *Gold* avalia traços mais específicos para idosos, o valor preditivo faz mais sentido de ser elevado, apesar de a diferença entre o obtido para o BFI-2 e o Inventário *Gold* ter sido relativamente pequena. É possível que estudos futuros comparando grupos etários mais contrastantes, por exemplo pessoas com 20-30 anos x pessoas com 60-70 anos, resulte em magnitude mais elevada nesse sentido. Mais especificamente, no Inventário *Gold*, apenas o fator *Altruísmo e generosidade* não conseguiu prever o fato de o respondente ser do grupo com mais ou menos de 60 anos, ao passo que no BFI-2, apenas o fator A não conseguiu prever essa variável externa. Em observância ao fato que o fator *Altruísmo e generosidade* do Inventário *Gold* é equivalente ao fator Amabilidade do BFI-2, o resultado nessa análise sugere evidência de validade de critério ao Inventário *Gold*, já que temos indicativo de que a variável latente de ambos os instrumentos seja similar, como esperado.

Em relação às ANOVAS, pode-se evidenciar escores diferenciados para os participantes nos diferentes grupos etários para o fator Amadurecimento, tal como era esperado ($F(6,432)=14,20$, $p < 0,01$; $R^2=0,16$). O *post hoc* de Tukey identificou que o

fator *Amadurecimento* foi significativamente mais elevado para os participantes dos 40-49, dos 60-69, dos 70-79, e dos 80-102 anos, quando comparados com aqueles dos 17 aos 29 ($t(2,90)p<0,005$), ($t(4,03)p<0,005$), ($t(7,60)p<0,001$), ($t(5,59)p<0,001$), respectivamente. Igualmente, aqueles com idades entre 70-79 e entre 80-102 mostraram escores mais elevados em *Amadurecimento* do que aqueles com 30-39 anos ($t(5,33)p<0,001$) e ($t(4,43)p<0,001$). Os participantes com idades entre 70-79 e 80-102 obtiveram escores mais elevados do que aqueles com idades entre 50 e 59 anos, respectivamente: ($t(3,46)p<0,001$) e ($t(2,94)p<0,005$); ao passo que os participantes com idades entre 70 e 79 resultaram em escores mais elevados em *Amadurecimento* do que aqueles com idades entre 60 e 69 anos ($t(2,43)p<0,005$).

Com relação ao fator *Transcendência*, pode-se evidenciar escores diferenciados para os participantes nos diferentes grupos etários, tal como era esperado ($F(6,432)=10,00$, $p<0,001$; $R^2=0,12$), de tal forma que houve aumento com o avanço da idade. O *post hoc* de Tukey identificou que o fator *Transcendência* foi significativamente mais elevado para os participantes dos 40-49, 50-59, 60-69, 70-79 e dos 80-102 anos, quando comparados com aqueles dos 17 aos 29 ($t(3,78)p<0,005$), ($t(3,62)p<0,005$), ($t(5,16)p<0,001$), ($t(5,81)p<0,001$), ($t(3,23)p<0,005$), respectivamente. Ainda sobre esse fator, aqueles com idades ente 40-49 resultaram em escores mais elevados do que os participantes com idades entre 60-69 ($t(2,96)p=0,05$).

Em relação a *Altruísmo e Generosidade*, pode-se identificar escores diferenciados para os participantes nos diferentes grupos etários, tal como era esperado ($F(6,432)=4,60$, $p<0,005$; $R^2=0,06$). O *post hoc* de Tukey evidenciou que os participantes com idades entre 70-79, e aqueles entre 80-102 anos, obtiveram escores mais elevados do que os participantes com idades entre 17 e 29 anos ($t(4,16)p<0,005$), ($t(3,48)p<0,05$), respectivamente.

Por outro lado, tanto o fator *Morte e envelhecimento* ($F(6,432)=1,09, p=0,36$), quanto o fator *Aceitação* ($F(6,432)=1,01, p=0,41$) do Inventário *Gold* não resultaram em diferenças significativas entre os grupos etários comparados. Os valores preditos nas regressões para os grupos etários, ajustados pela média geral dos participantes de ambos os sexos, em cada um dos fatores do Inventário *Gold*, estão nas Figuras 25, 26, 27, 28 e 29, a seguir.

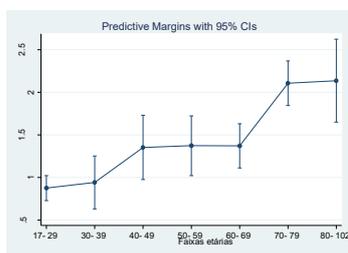


Figura 25. Amadurecimento

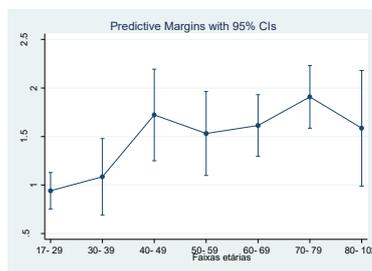


Figura 26. Transcendência

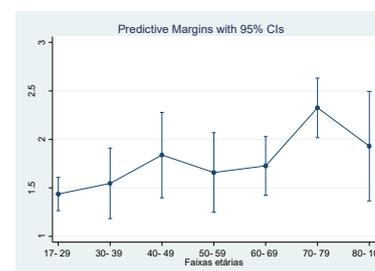


Figura 27.

Altruísmo

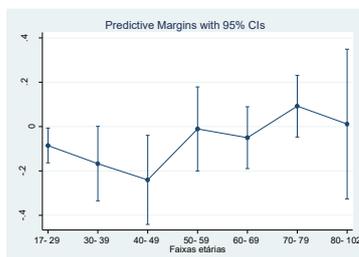


Figura 28. Morte/envelhecimento

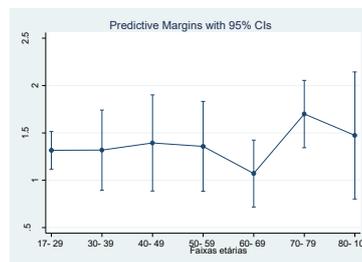


Figura 29. Aceitação

O aumento dos escores em *Amadurecimento* ao longo do tempo, além de mostrar-se de acordo com o esperado, sugere sensibilidade desse fator na identificação de aspectos do funcionamento individual relativos à terceira e quarta idades. A partir dos 70-80 anos, houve claro aumento em *Amadurecimento* entre os respondentes. Deve-se lembrar que, tipicamente, na terceira idade as pessoas apresentam-se saudáveis, ativas e voltadas para sua aposentadoria, ao passo que na quarta idade, ou seja, a partir

dos 80 anos, há o surgimento progressivo da dependência, da fragilidade, e da iminência da morte (Baltes et al., 2003).

O padrão de desenvolvimento do fator *Transcendência* mostrou-se aumentar até os 50 anos. Entre os 50 e 70 anos identificou-se estabilidade nesse fator, incorrendo em redução nos anos subsequentes. Esse resultado parece fazer sentido se observarmos que até os 50 anos os objetivos individuais estão voltados para aspectos concretos da vida, e valorizados pela sociedade, a exemplos da obtenção de bens materiais, segurança e estabilidade profissional e familiar. Por outro lado, após os 70 anos, aspectos não materiais, a exemplos da espiritualidade e religiosidade, tornam-se mais relevantes do que os materiais, de tal forma que a crença de transcendência, através da espiritualidade e religiosidade, permitiria conforto e bem-estar psicológico diante da percepção de finitude (Lima et al., 2008), sem mencionar o fato da importância do sentido de vida nessa fase da vida (Musich et al., 2018; Paredes et al., 2020; Steptoe & Fancourt, 2019).

Em relação ao fator *Altruísmo e Generosidade*, observou-se aumento até os 50 anos, seguido de leve estabilização nos anos seguintes, padrão similar ao obtido no fator de personalidade Amabilidade. Diferentemente, enquanto o nível de Amabilidade mostrou-se estável após os 60 e leve redução aos 70, no Inventário *Gold* o fator *Altruísmo e Generosidade* mostrou-se elevar aos 70 anos, tornando a cair a partir dos 80. Esse resultado, além de mostrar-se conforme o esperado, parece fazer sentido teórico já que a dependência direta dos familiares entre a terceira e quarta idades pode fazer com que o indivíduo se torne mais amoroso com essas pessoas de quem dependa, já que do contrário, se o indivíduo tornar-se maldoso ele correria o risco de perder o cuidado de terceiros.

Ainda com relação à redução em *Altruísmo e Generosidade* a partir dos 80 anos, deve-se lembrar que ao entrevistar pessoas com mais de 80 anos é comum a narrativa de

que “dariam seus bens para ajudar algumas pessoas, mas não qualquer pessoa”, o que indica que nesse idade, pode-se tornar mais amável, porém, com “algumas pessoas”, principalmente aquelas que oferecem proteção, suporte e ajuda. Deve-se destacar que o amadurecimento envolve não apenas o conhecimento a respeito do próprio funcionamento (autoconhecimento), mas também, em relação ao funcionamento de terceiros. Isso poderia incorrer em certa atitude que poderia denotar “falta de amabilidade” como por exemplo, ao emprestar dinheiro. Nesse sentido, o conhecimento sobre os outros pode levar à crença de que não é possível emprestar para qualquer pessoa, já que muitas não irão cumprir com os seus compromissos. Apesar dessa discussão, esse achado deve ser verificado futuramente.

Por sua vez, *Morte e envelhecimento* mostrou-se um fator que tende a reduzir dos 17 aos 50 anos, seguindo a tendência obtida no fator de personalidade Neuroticismo. Deve-se salientar, porém, que a faixa dos 40-50 anos mostrou-se o momento do desenvolvimento em que o medo da morte e de envelhecer está no nível mais baixo. Isso parece fazer sentido já que nessa fase da vida, em tese, a maior parte das pessoas estão no auge de sua produtividade, voltadas para suas conquistas, para a segurança dos seus bens e para o futuro dos filhos, de tal forma que a finitude não seja uma preocupação típica dessa fase do desenvolvimento. Por outro lado, observou-se aumento nessa faceta dos 60 aos 80 anos, apesar da amplitude do intervalo de confiança na faixa etária dos 80-102 anos. A esse respeito, vale lembrar que na terceira idade as pessoas, tipicamente, apresentam-se saudáveis, ativas e voltadas para sua aposentadoria (McAdams & Olson, 2010), ao passo que na quarta idade há o surgimento progressivo da dependência, da fragilidade e da iminência da morte (Baltes et al., 2003). Nesse estágio da vida, a espiritualidade e a religiosidade tornam-se estratégias para lidar com o senso de finitude, promovendo conforto (Lima et al., 2008).

A respeito do fator *Aceitação*, tal como era esperado, identificou-se leve aumento até os 40-49 anos, seguindo o padrão do fator de personalidade Abertura. Porém, enquanto Abertura resultou em escore mais baixo na faixa dos 40-49 anos, o fator *Aceitação* mostrou-se mais baixo aos 50-59 anos. Esse resultado sugere que as experiências observadas nessa etapa da vida (50- 60 anos) podem levar o indivíduo a experimentar algum sofrimento, possivelmente, relacionado à percepção do envelhecimento e da finitude. Especificamente sobre *Aceitação*, a não continuidade no aumento dos resultados, de alguma forma, fragiliza o resultado da regressão logística. Essa ocorrência precisa ser verificada em estudo futuros.

Analisando-se os fatores do Inventário *Gold* em conjunto, observa-se que aos 80 anos, há queda em praticamente todos os fatores, com exceção de *Amadurecimento*, que tende a estabilizar na quarta idade. Igualmente, identificou-se que as pessoas deixam de ser altruístas por volta dos 30 e aos 60 anos. Além disso, aos 60 anos, observou-se leve queda do medo da *morte e do envelhecimento*, além de aumento do nível de espiritualidade (*Transcendência*). Essas informações, de alguma forma, devem ser utilizadas para o desenvolvimento de intervenções que vislumbrem o desenvolvimento do envelhecimento saudável.

No que se refere à análise do funcionamento diferencial dos itens (DIF), (Tabelas 26 e 27) tendo em vista o conteúdo dos itens do Inventário *Gold*, já era esperado que alguns de seus itens apresentassem viés em favor dos participantes com 60 anos ou mais, e que outros itens fossem favoráveis às pessoas com menos de 60 anos. Dessa forma, já era esperado que os itens do Inventário *Gold* funcionassem diferentemente para as pessoas adultas e idosas, apesar de que os DIFs se mostraram balanceados no instrumento (Linacre, 2010; Teresi, 2006). Fora isso, pode-se mencionar que o fato de termos identificado itens com viés em favor das pessoas com 60 anos ou

mais indica que temos itens sensíveis para avaliação de pessoas idosas, o que traz alguma contribuição com o cenário atual de falta de instrumentos específicos para a avaliação da personalidade dessa população, já que os instrumentos disponíveis atualmente para esse fim são elaborados de forma genérica, sem considerar especificidades dos diferentes estágios do desenvolvimento (Rossi et al., 2014).

Os 12 itens do fator *Amadurecimento* apresentaram quantidades balanceadas de DIF, sendo 6 itens favorecendo aqueles com idade ≥ 60 anos e outros seis favorecendo aqueles com < 60 anos. Entretanto, vale o destaque de que apenas o item 18 apresentou contraste de DIF elevado, com potencial para favorecer aqueles com 60 anos ou mais. Por sua vez, dos 6 itens do fator *Transcendência*, foram identificados 3 DIFs em favor daqueles com 60 anos ou mais, e outros três itens favorecendo os respondentes com menos de 60 anos. Os itens 21 e 36 apresentaram contraste elevado, sendo mais difíceis para aqueles com menos de 60 anos; ao passo que os itens 32 e 38 também apresentaram contraste elevado, mostrando-se mais difíceis para os respondentes com mais de 60 anos.

Outrossim, dos sete itens de *Altruísmo/ generosidade*, cinco mostraram-se mais difíceis para aqueles com mais de 60 anos, enquanto outros dois favorecem os respondentes com 60 anos ou mais. O item 4 apresentou DIF com contraste elevadíssimo, mostrando-se difícil para aqueles com 60 anos ou mais, ao passo que o item 29 apresentou contraste elevado em desfavor daqueles com menos de 60 anos. No fator Morte e envelhecimento, três itens mostraram-se mais difíceis para aqueles com 60 anos ou mais, enquanto outros dois itens parecem favorecer aqueles com mais de 60 anos. O item 20 foi o único a apresentar DIF marginalmente grave (contraste de 0,44), em desfavor daqueles com menos de 60 anos. Por fim, em relação ao fator Aceitação, dois itens mostraram-se mais difíceis para os participantes com menos de 60 anos, ao

passo que um item mostrou favorecer aqueles com menos de 60 anos. O item 25 apresentou contraste elevado, mostrando-se difícil para aqueles com 60 anos ou mais.

Pode-se dizer que os itens do Inventário *Gold* que apresentaram funcionamento diferencial em razão da idade dos participantes resultaram de acordo com o que era esperado, já que os itens elaborados na presente tese foram elaborados para avaliar traços de personalidade de pessoas idosas. Dos nove itens com DIF, cinco são referentes ao fator *Amadurecimento*, sendo que quatro deles favorecem os respondentes com mais de 60 anos. Esse resultado faz sentido já que o *Amadurecimento* ocorre em detrimento do acúmulo das experiências individuais vividas ao longo do ciclo vital. Além disso, dos quatro itens que resultaram em DIF por conta do sexo, os favorecimentos mostraram-se justos, de tal forma que dois itens favorecem os homens e dois itens favorecem as mulheres. Os itens que favorecem os homens abordam a sensação de calma e de tranquilidade, o que faz sentido com a literatura que indica que as mulheres tendem a obter escores mais elevados nos domínios de personalidade relacionados ao Neuroticismo (Chapman et al., 2007). Por outro lado, os itens que mostraram favorecer as mulheres indicam a aceitação e compreensão das experiências vividas, característica tipicamente feminina. Considerando esses resultados, pode-se dizer que os itens do Inventário *Gold* com DIF estão balanceados no instrumento, facilitando e dificultando, em magnitude semelhante, todos os grupos testados, de tal forma que um DIF cancela o outro, permitindo uma avaliação justa dos respondentes (Linacre, 2010).

Considerações finais

No presente estudo foi possível identificar que o Inventário *Gold* apresenta evidências iniciais de validade, a partir de sua estrutura interna e pela relação com variáveis externas, para avaliação de características da personalidade de pessoas idosas.

Além de apresentar especificidades da terceira e quarta idades, a variável latente medida no Inventário *Gold* mostrou-se respaldada no modelo dos CGF de personalidade operacionalizado no BFI-2. Apesar dessas evidências, deve-se destacar que o baixo número de pessoas com mais de 60 anos na amostra é uma limitação da presente pesquisa, indicando a necessidade de novos estudos com o Inventário *Gold*. Um exemplo de estudo futuro seria a verificação de validade divergente/convergente com a Escala Baptista de Depressão para Idosos, instrumento que foi lançado recentemente. Além disso, estudos futuros devem ser realizados no sentido de elaborar itens que possam avaliar níveis mais elevados dos *thetas* para os fatores do Inventário *Gold*. Buscando-se novas evidências de validade ao Inventário *Gold*, será possível garantir que tenhamos disponível uma ferramenta confiável e que possa ser utilizada para aperfeiçoar as avaliações e as intervenções realizadas por psicólogos com pessoas idosas, tal como preconiza as orientações da APA no âmbito dessa população.

Discussão geral e considerações finais da tese

Os traços de personalidade mudam ao longo do ciclo vital?

Pode-se dizer que sim e que não. Ao comparar grupos normativos, encontra-se diferenças entre as pessoas pertencentes aos diferentes estágios do desenvolvimento. Isso é, por si, indicativo de que as pessoas tendem a seguir ajustando seu funcionamento ao longo do tempo, possivelmente, em resposta às demandas do novo estágio do desenvolvimento que acessam. Porém, outro achado relevante é que, apesar das diferenças entre grupos normativos, os escores nos traços de personalidade aos 30 anos estão associados com os escores desses traços aos 60-70 anos. Isso significa que as pessoas tendem a incorporar mecanismos adaptativos em seu funcionamento, de tal

forma que certos padrões tenderão a ser mantidos ao longo dos anos, ainda que algumas mudanças e ajustes ocorram concorrentemente.

Como reflexão, deve-se apontar que esses estudos (incluindo o que fizemos) apresentam como fragilidade comparar os níveis médios de pessoas que apresentam atualmente 30 anos, com os níveis médios de outras pessoas que atualmente apresentam idades superiores. No entanto, considerando que aspectos ambientais / culturais podem apresentar diferentes pressões às mudanças nos traços de personalidade, ao menos podemos apontar que as mudanças sociais (as quais geraram mudanças nas relações interpessoais, nos papéis sociais, etc) e tecnológicas (que mudaram a forma como trabalhamos, bem como as exigências no ambiente de trabalho) podem ter influenciado de forma diferente pessoas em momentos distintos da sua vida.

Outrossim, considerando-se a crescente preocupação sobre a qualidade de vida de pessoas idosas, possivelmente os futuros idosos terão recursos / pressões diferentes dos que atualmente são idosos. Como exemplo, um homem que atualmente é idoso não sofreu uma pressão em relação a uma paternidade mais participativa (30 anos atrás esperava-se principalmente que os pais fossem provedores financeiros), mas nas últimas décadas as pressões para os atuais pais é que sejam participativos em vários outros aspectos. Em resumo, a ideia não é rejeitar os possíveis achados desta e de outras pesquisas, mas ter clareza de que a escolha metodológica não permite avaliar o impacto dessas mudanças sociais / tecnológicas sobre o funcionamento individual.

Na presente pesquisa identificamos que a faixa etária entre 50-60 anos mostrou-se um período de grande mudança no padrão do funcionamento individual, envolvendo todos os traços de personalidade. Possivelmente, essas mudanças são decorrentes das adaptações que a nova fase da vida demanda do indivíduo, a exemplos da aposentadoria e da desassociação que ocorre entre a pessoa idosa e a sociedade. Ao mesmo tempo,

essas mudanças no padrão individual de funcionar irão favorecer a adaptação do indivíduo às exigências decorrentes do novo estágio do desenvolvimento. Esses achados corroboram as evidências reportadas na literatura científica (Bleidorn et al., 2019; Costa & McCrae, 1988; Costa et al., 2000; Damian et al., 2018; Gonzatti et al., 2017; Kandler et al., 2015; Lehmann et al. 2013; Lucas & Donnellan, 2011; Marsh et al., 2013; McCrae et al., 1999; Roberts et al., 2006; Smits et al., 2011; Soto et al., 2011; Specht et al., 2011; Terraciano et al., 2005; Wortman et al. 2012).

Além disso, foi possível observar que a personalidade se desenvolve em sentido positivo (Damian et al., 2018; Roberts & Mroczek, 2008; Soto et al., 2011; Vaidya et al., 2002), em que os traços adaptativos (O, C, E e A) tendem a aumentar conforme o tempo passa, enquanto que aspectos negativos do funcionamento individual, aqueles operacionalizados no traço N, reduzem com o passar do tempo. Esse padrão é característico da maturidade (Caspi et al. 2005; Damian et al., 2018; Roberts & Mroczek, 2008).

Também ficou claro que existem dois momentos no ciclo vital que demandam maiores adaptações do indivíduo. O primeiro momento será por volta dos 30 anos, e o segundo por volta dos 60. No primeiro momento, possivelmente, as mudanças se dão por conta das exigências sociais e familiares (colocar-se no mercado de trabalho, formar família, tornar-se pai/mãe). Esse primeiro momento afeta o nível de O, C, E e A dos indivíduos. Por sua vez, no segundo momento, as mudanças também serão demandadas pela sociedade, incorrendo na sensação de isolamento e de menor importância e valor à sociedade que a pessoa idosa pode experimentar, o que irá afetar o nível individual de A e E. Ademais, as mudanças físicas e corporais decorrentes da idade impactarão os níveis de O, C e N.

No mais, deve-se considerar que a maneira como esses momentos de mudança será interpretada pelo indivíduo passará pelo filtro da personalidade, de tal forma que as adaptações que o sujeito precisará realizar em seu funcionamento para seguir a vida com qualidade, em parte, serão afetadas por seu nível de C e N. Dessa forma, ainda que se tenha registro de que esses dois momentos no desenvolvimento irão gerar maiores mudanças no padrão do funcionamento individual, não é possível ignorar o fato de que as pessoas seguirão mudando ao longo de todo ciclo vital. Até porque as demandas ambientais, ainda que teoricamente, não irão parar de acontecer.

Também vale lembrar que o envelhecimento saudável inclui o funcionamento individual e a forma como o sujeito irá adaptar seu funcionamento ao longo do tempo. Dessa forma, intervenções envolvendo a personalidade, antes dos 30 e dos 60 anos, poderiam contribuir para a manutenção do funcionamento saudável, operacionalizando-o em níveis adequados nos traços de personalidade que possam favorecer um envelhecimento saudável.

Inovação- A elaboração do Inventário Gold

A reprodutibilidade e a inovação são variáveis fundamentais no desenvolvimento da ciência (Open Science Collaboration, 2015), sendo, em conjunto, indicadores do avanço científico nos diversos campos do conhecimento. A pesquisa capaz de reproduzir um dado conhecimento prévio, adequadamente definido e operacionalizado, contribui com o desenvolvimento da ciência através do acúmulo de evidências em relação às teorias e modelos produzidos em Psicologia para compreender o funcionamento humano. Por sua vez, a pesquisa que inova procura trazer alguma contribuição ao campo, voltando-se para algum aspecto do fenômeno de interesse, especialmente quando pouca evidência existe (Open Science Collaboration, 2015).

A esse respeito, podemos dizer que a elaboração do Inventário *Gold* é um exemplo de inovação, a medida que contribui com a adição de novas facetas aos instrumentos de personalidade no modelo dos CGF disponíveis atualmente, e com novos itens, abordando especificidades das terceira e quarta idades, que poderão ser incorporados às facetas atualmente operacionalizadas nesses instrumentos. No entanto, essa inovação só foi possível porque teve como base um modelo teórico explicativo do funcionamento individual coerente e replicável em diferentes culturas.

Somente um modelo replicável permite o desenvolvimento da ciência através da inovação, seja dos métodos ou das teorias e modelos explicativos. E o modelo dos CGF mostra-se seguro para embasar pesquisas e intervenções em Psicologia no âmbito da personalidade. Ainda que o objeto de trabalho do psicólogo seja relativamente subjetivo, bons modelos, a exemplo dos CGF, permitem que seja possível avançar no conhecimento em relação à forma como as pessoas pensam, se comportam e sentem em seu cotidiano, e sobre o padrão de funcionamento que se desenvolve ao longo do tempo.

Como efeito, a elaboração de instrumental que possua evidência de validade e apresente especificidades da terceira e quarta idades permitirá a realização de avaliações mais aprofundadas e precisas, além do desenvolvimento de intervenções para esse público alvo que será cada vez mais frequente no Brasil (IBGE, 2018) e demandará maior investimento em termos de pesquisas, intervenções e políticas públicas. Essa preocupação também se mostra em linha com as orientações da APA em relação ao trabalho do psicólogo com pessoas idosas.

Especificidades da última etapa do desenvolvimento humano

Alocar pessoas dos 60 aos 100 anos de idade em uma categoria etária, chamando-os de “idosos”, pode ser problemático (Associação Americana de Psicologia, 2020). Isso porque há uma diversidade de idades nessa categoria, o que pode incorrer

em heterogeneidade de características no funcionamento dessas pessoas em decorrência das demandas dos diferentes estágios do desenvolvimento. Dessa forma, na presente tese, trataremos a terceira (60 aos 79 anos) e quarta idades (80 anos em diante) separadamente, mas considerando-as como integrantes da última etapa do ciclo vital.

No que se refere às especificidades do funcionamento individual na terceira idade, foi possível observar que, aos 60 anos, os traços O e E apresentam os níveis mais baixos no desenvolvimento. Além de indicar a relevância sobre esses componentes da personalidade nessa faixa etária, por exemplo através do reconhecimento da necessidade de incentivo à participação em grupos e instituições voltados para pessoas com mais de 60 anos, esse resultado faz sentido com a percepção de que em dado momento no desenvolvimento algumas pessoas começam a se desassociar da sociedade, por exemplo, via aposentadoria. Apesar disso, porém, deve-se atentar que, nessa faixa etária, algumas pessoas optam por seguir investindo tempo em contato com grupos sociais, como por exemplo o que acontece com aquelas pessoas que buscam a participação em grupos e instituições voltadas para a terceira idade.

Também nessa fase da vida, observa-se que o (medo de) envelhecimento passa a integrar o leque de preocupações de algumas pessoas. Nessa mesma direção, no inventário *Gold*, identificou-se tanto que o fator *Morte e envelhecimento*, está mais elevado aos 60; quanto que o nível de *Aceitação* das experiências apresenta-se em seu nível mais baixo na terceira idade, ainda que torne a crescer no estágio seguinte. Corroborando o achado, por mais que o traço N apresente declínio ao longo do desenvolvimento, identificou-se tanto estabilidade desse traço aos 60 anos, quanto que pico no nível individual de *Amabilidade*, ambos tornando a estabilizar nos anos seguintes, tanto no BFI-2 quanto no inventário *Gold*.

Igualmente nessa etapa do desenvolvimento, identificou-se certa estabilidade no nível de *Amadurecimento* dos participantes entre os 60 e 70 anos, tal como é trazido na literatura (Musich et al., 2018; Steptoe & Fancourt, 2019). Essa estabilidade é mantida, curiosamente, até o fim da terceira idade, passando a elevar a partir dos 80 anos. Acompanhando a tendência, percebeu-se que o nível de *Transcendência*, parece elevar a partir dos 60 anos.

No tocante à quarta idade, identificou-se que O tende a estabilizar, C apresenta leve aumento, enquanto E, A e N tendem a reduzir nesse estágio do desenvolvimento. Pode-se pensar que a redução em N, em parte, ocorre porque o nível de compromissos e obrigações da vida, e que são geradores de estresse no adulto, como o trabalho e a criação dos filhos, passem a representar menor impacto à vida e ao bem-estar da pessoa com 80-90 anos ou mais. O leve aumento em C pode indicar que, na quarta idade, faz-se necessário manter a responsabilidade e o compromisso com a própria saúde (fazer as coisas certas e que sejam necessárias, cuidar da alimentação, da postura, do corpo) já que isso será fundamental para a manutenção da própria vida. Um exemplo disso é o ato de alimentar-se adequadamente, ou tomar continuamente medicações para controle da diabetes e da hipertensão arterial. Apesar dessa discussão, destaca-se a necessidade de aprofundar essas questões em estudos futuros, já que não podemos afirmar que esses aspectos mencionados, efetivamente, geram pressões no a ponto de mudar os níveis nos traços de personalidade, ou se o resultado obtido se trata de algum efeito particular da amostra participante da presente pesquisa.

Por sua vez, pode-se pensar que a estabilidade do nível de O esteja associada com a relevância, aos 80 anos, em dar um sentido à vida e à própria existência, e com a necessidade de reelaboração de algumas questões e experiências passadas, já que a percepção de finitude nessa fase da vida é iminente. A redução em E, possivelmente,

relaciona-se com a desassociação que a pessoa com mais de 80 anos realiza com a sociedade. De alguma forma, se considerado o modelo tradicional de pessoa idosa, é esperado que aos 80 anos essas pessoas sejam menos extrovertidas, já que não precisarão fazer tantos contatos sociais e profissionais quanto antes. Porém, não se deve esquecer que diversas pessoas nessa etapa do desenvolvimento não apresentam esse padrão de funcionamento, contrapondo-o inclusive, e mantendo-se altamente ativas social e profissionalmente. No entanto, não se pode esquecer que em algum dado momento na quarta idade, a dependência (de terceiros e de instrumentos de compensação) se torna uma característica típica desse estágio do desenvolvimento, uma vez que o corpo se torna uma limitação potencial para muitas pessoas.

Essas questões relacionadas à quarta idade parecem corroboradas no inventário *Gold*, em que foi observado que, aos 80 anos, há queda em praticamente todos os fatores do inventário, com exceção de *Amadurecimento*, que tende a estabilizar. Por outro lado, o que entendemos como relevante para o desenvolvimento do envelhecimento saudável, tendo como base o modelo de Baltes e Baltes (1990), é que os fatores operacionalizados no Inventário *Gold* deveriam continuar a crescer ao longo do tempo, ou ao menos estabilizar, para indicar sucesso no envelhecimento. Diante dessas questões, um desafio que segue é o de compreender de que forma podemos utilizar essas informações relacionadas às especificidades da última etapa do desenvolvimento humano para selecionar, otimizar e compensar (Baltes & Baltes, 1990) os comportamentos que desviem as mudanças e adaptações no funcionamento do indivíduo inerentes à idade, e que poderão impactar no no envelhecimento saudável.

Implicações dos resultados da presente tese à prática do psicólogo

Uma das razões que justifica o estudo do funcionamento individual ao longo do ciclo vital, e destaca a relevância dos instrumentos para avaliar os traços de personalidade, diz respeito à possibilidade de elaborar intervenções que possam contribuir com a adaptação das pessoas ao longo do tempo. Essa adaptação pode ocorrer tanto via favorecimento do processo de maturidade quanto através da promoção do envelhecimento saudável. Deve-se destacar que as intervenções baseadas em personalidade podem favorecer o desenvolvimento dos aspectos do envelhecimento saudável descritos por Baltes e Baltes (1990), com destaque aos processos de seleção e de otimização.

Além de relevantes para se pensar políticas públicas envolvendo a saúde e a qualidade de vida da população em longo prazo (Bleidorn et al., 2019), as intervenções baseadas em personalidade podem ser voltadas para os momentos do desenvolvimento em que o funcionamento demonstra maior probabilidade de mudança, sendo eles aos 30 e aos 60 anos. Também devemos considerar que, com a atual reforma da previdência no Brasil, possivelmente, veremos nos próximos anos, cada vez mais pessoas com 70 anos ocupando cargos diversificados em empresas públicas e privadas, ou mesmo frequentando cursos e universidades. Entretanto, de que forma podemos integrar os conhecimentos da presente tese para promover o envelhecimento saudável através das empresas e das instituições? Esse é um desafio a ser superado e respondido com estudos futuros.

Apesar disso, uma forma possível de integrar o conhecimento referente à personalidade em intervenções é através do questionamento quanto às formas pelas quais os traços se relacionam com saúde e qualidade de vida (Bleidorn et al., 2019). A literatura tem documentado, insistentemente, que os traços de personalidade avaliados

no início da vida adulta predizem importantes variáveis nos estágios avançados do desenvolvimento. Por exemplo, sabe-se que o traço N está relacionado com saúde, felicidade e qualidade de vida; ao passo que o traço C está associado com o sucesso profissional e ganhos financeiros.

Outra maneira de usar o conhecimento sobre a personalidade em intervenções seria através da preparação das pessoas para os estágios de mudança na vida. A esse respeito, pode-se considerar o uso do modelo hierárquico dos CGF como um *framework* para verificar traços específicos que demandam intervenção, em cada indivíduo (Bleidorn et al., 2019). Nesse sentido, se sabemos que o funcionamento individual irá passar por dois estágios de mudança, aos 30 anos e aos 60 anos, então, podemos avaliar os traços de personalidade antes desses momentos, com o objetivo de identificar aspectos do funcionamento individual que demandam atenção. Portanto, se um determinado indivíduo possui escore baixo em alguma das facetas de O, A ou C, ou mesmo escore elevado em alguma faceta de N, aos 30 anos, pode-se pensar em intervenções e práticas que promovam o ajuste dos escores nessas facetas aos 60 anos. Sendo assim, um desafio que resta é saber como incluir intervenções nas escolas, empresas e Universidades que possam levar ao desenvolvimento de certas competências fundamentais para o estágio seguinte. Um exemplo desse esforço é demonstrado no SENNA (Santos & Primi, 2014), em que habilidades socioemocionais têm sido associadas aos traços de personalidade e integradas ao currículo escolar.

Seguindo o raciocínio do uso do modelo hierárquico dos CGF como um *framework* para avaliar traços específicos que demandam intervenção, é possível identificar aspectos do funcionamento individual, aos 60 anos, que demandam atenção em relação ao envelhecimento saudável. Por exemplo, sabe-se que no Brasil, tipicamente, as pessoas da faixa etária dos 60 anos procuram as Instituições voltadas

para a terceira idade. Nessas instituições diversas atividades e oficinas são oferecidas aos interessados, as quais envolvem práticas físicas, de socialização, de cultura, artesanato, tecnologia, dentre outras. Dessa forma, o conhecimento sobre a personalidade poderia contribuir no sentido de ajustar as práticas às demandas individuais. A esse respeito, pode-se utilizar o conhecimento relacionado à personalidade para contribuir com essas intervenções via seleção das pessoas, e mesmo das práticas que serão destinadas a elas, com base em seus traços de personalidade (Bleidorn et al., 2019). Por exemplo, em nossa pesquisa, identificamos que aquelas pessoas idosas que realizam atividades intelectuais possuem escores mais elevados em O, enquanto aquelas que frequentam atividades de convivência possuem escores mais elevados em A. Por outro lado, as pessoas idosas que estão em casa, e não frequentam grupos voltados para a terceira idade, possuem menores escores em O e A.

Nesse sentido, se sabemos que o segundo estágio de mudança no funcionamento individual será aos 60 anos, resta-nos o desafio de identificar de que forma podemos adequar as empresas e as instituições para aderirem programas, práticas e intervenções que possam contribuir com a adaptação do funcionamento individual ao envelhecimento saudável. Também devemos considerar as características das pessoas para que seja possível oferecer práticas e intervenções mais adequadas. Por exemplo, sabe-se que certas intervenções, especialmente aquelas que exigem comprometimento, podem ser mais eficientes com indivíduos que possuam um nível médio-elevado no traço C (Bleidorn et al., 2019). Um exemplo dessas intervenções são as práticas de meditação *mindfulness*, que apesar de se mostrarem eficientes na redução de escores nas facetas relacionadas ao traço N, podem não ser de fácil aderência para qualquer pessoa (Pires, 2016). Para essas práticas, indivíduos com escores elevados em C e O podem ser mais favoráveis a elas.

Para que seja possível utilizar os CGF para promover qualidade de vida ao longo do ciclo vital, porém, parece-nos necessário que ocorra certa quebra de paradigma em relação aquilo que esperamos e interpretamos como potencialidades das pessoas idosas. A esse respeito, é possível que, atualmente, tenhamos um conhecimento restrito nesse âmbito. Por exemplo, se pensarmos nas crianças. Toda criança que nasce nos dias de hoje está fadada à obrigatoriedade de passar pela escolarização, ainda que muitas delas, quando questionadas se preferem ficar em casa ou ir para a escola, irão preferir ficar em casa. Isso só é possível porque os adultos já evoluíram a ponto de reconhecer a importância (futura) do ensino escolar para as crianças. E se estendêssemos esse entendimento às pessoas idosas, como isso seria possível de aplicar? Qual instituição, programa ou modelo de ensino que as pessoas aos 60-70 anos poderiam ter acesso para garantir saúde e qualidade de vida aos 80-90-100 anos?

Dessa forma, estudos futuros devem atentar-se na elaboração de intervenções que possam contribuir com a preparação do indivíduo para o envelhecimento saudável, conforme o modelo preconizado por Baltes e Baltes (1990). Para tanto, deve-se utilizar tanto o modelo hierárquico dos CGF quanto as facetas e itens do Inventário *Gold* como base para essa tarefa. Não obstante, para além de apenas elaborar intervenções, deve-se utilizar o *framework* dos CGF para verificar a efetividade das intervenções elaboradas para a população idosa.

Apêndice A



Universidade Federal De Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Jeferson Gervasio Pires, aluno do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), convido-o a participar da coleta de dados de minha Tese de Doutorado, elaborada sob orientação do Prof. Dr. Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes, do Departamento de Psicologia da UFSC. Esta pesquisa, intitulada “*Traços de personalidade ao longo do ciclo vital: padrões individuais de funcionamento associados à última etapa do desenvolvimento*”, tem como objetivo conhecer o desenvolvimento da personalidade ao longo do ciclo vital. Estudar o envelhecimento possui relevância social, já que de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estima-se que o Brasil possuirá um contingente de idosos, sendo a maioria da população em 2060. Além disso, sua participação ajudará a conhecer características da personalidade típicas de idosos, o que poderá contribuir para que as hipóteses a respeito do desenvolvimento humano ao longo do ciclo vital sejam cientificamente testadas no Brasil. Igualmente, políticas públicas voltadas para um envelhecimento saudável poderão ser desenvolvidas a partir desta pesquisa, o que poderia beneficiar a sociedade de forma geral. Serão convidados a participar desta pesquisa homens e/ou mulheres, com idades a partir de 57 anos, e escolaridade mínima de Ensino médio completo. A sua participação ocorrerá por meio de seu consentimento em responder: a) um questionário sociodemográfico e de perfil, b) dois questionários para avaliação de fatores de personalidade, e c) 35 itens para avaliar a personalidade de idosos. Vale ressaltar que seu nome, ou quaisquer dados que possam identificá-lo, não serão utilizados nos documentos pertencentes a esta pesquisa. Os benefícios associados à sua participação nesta pesquisa se relacionam a um maior autoconhecimento sobre como a personalidade pode mudar com o avanço da idade. Possibilitar a testagem de teorias e hipóteses referentes ao desenvolvimento da personalidade ao longo do ciclo vital é um dos benefícios secundários de sua participação. Outrossim, apesar de pouco provável, deve-se sinalizar a possibilidade de que sua participação poderá ocasionar algum cansaço ou desconforto. O cansaço poderá ocorrer pela quantidade de itens que o respondente deverá responder; apesar de que não existe tempo limite e da possibilidade de comer, beber, descansar, ir ao banheiro, durante a participação. Por sua vez, o desconforto poderá ocorrer pois, ao participar, você refletirá a respeito de suas experiências pessoais e seu passado. Por isso, você pode se sentir aborrecido ou cansado em relação ao processo de resposta, além de sentir-se mobilizado pela evocação de possíveis experiências desagradáveis relacionadas ao passado. Por conta disso, poderá experimentar sentimentos de angústia, ansiedade, expectativa, vergonha e culpa, decorrente ou associado, imediato ou posterior, bem como físico, moral, social, cultural ou espiritual. Caso você apresente qualquer desconforto, será disponibilizada assistência imediata e/ou integral, com encaminhamento ao serviço de atenção psicológica da UFSC. Porém, vale a informação de que os danos previsíveis serão evitados com a realização cautelosa da pesquisa e o estabelecimento de uma relação de confiança com o pesquisador, respeitando-se as condições, tempo e características de cada indivíduo. Você poderá expressar suas dúvidas e apreensões, em qualquer momento, e será acompanhado durante todo o procedimento de participação, por um dos pesquisadores, que prestará toda a assistência e tomará as providências e cautelas necessárias para evitar e reduzir efeitos e condições adversas. Sendo assim, no caso de sentir qualquer desconforto decorrente da pesquisa, pedimos que informe ao pesquisador e assim, a tarefa será suspensa. É fundamental mencionar que você tem a garantia de ressarcimento de eventuais despesas que serão

cobertas pelos pesquisadores mediante envio dos comprovantes via *e-mail*. Caso venha a sofrer qualquer prejuízo, material ou imaterial, decorrente de sua participação nesta pesquisa, você poderá solicitar indenização de acordo com a legislação vigente. De acordo com a legislação brasileira, sua participação é absolutamente voluntária e não remunerada. Os pesquisadores estarão à disposição para esclarecimentos, antes, durante e depois da pesquisa. Você tem assegurada a liberdade de desistir de participar a qualquer momento do estudo, sem nenhuma penalização. Para isso, basta notificar os pesquisadores pessoalmente ou por meio dos *e-mails* de contato que estão no final deste documento. As informações obtidas serão empregadas com ética na elaboração do trabalho científico, que poderá ser publicado em meios acadêmicos e científicos, garantindo a manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes. O pesquisador responsável, que também assina este documento, declara que cumprirá os termos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares (item IV.5.a) e compromete-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução 466/12 de 12/06/2012, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa. Esclarecemos, ainda, que poderá ser realizada uma devolutiva dos resultados da pesquisa de forma geral a você. Para isso, basta informar seu interesse ao pesquisador que estiver conduzindo a coleta dos dados. Após a leitura do presente termo e do aceite em participar do estudo, solicito sua assinatura, no presente termo, em duas vias, sendo que uma delas permanecerá em seu poder.

Eu,....., R.G., declaro por meio do presente documento o meu consentimento em participar desta pesquisa. Fui devidamente informado e esclarecido sobre os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação da mesma. Foi-me garantida a confidencialidade das informações pessoais e que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

Cidade:.....Data:/...../ 201__.

.....
Assinatura do participante

.....
Assinatura do *Pesquisador Responsável*

Prof. Dr. Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes
carlos.sancineto@pesquisador.cnpq.br

.....
Assinatura do Pesquisador

Doutorando: Jeferson Gervasio Pires
Contato: jefersongp@gmail.com

Endereço dos pesquisadores: Laboratório de Pesquisa em Avaliação Psicológica. Sala 15A.
Universidade Federal de Santa Catarina – Campus Universitário- Trindade. Centro de
Filosofia e Ciências Humanas – Departamento de Psicologia. CEP 88040-900 –
Florianópolis, SC – Brasil Telefone: (48) 3721-9904.

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEPESH. Universidade Federal de Santa
Catarina - Reitoria II. R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, 4º andar, sala 401. Trindade –
CEP 88040-400 – Florianópolis – SC. Contato: (48) 3721-6094

Apêndice B



Universidade Federal De Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Jeferson Gervasio Pires, aluno do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), convido-o a participar da coleta de dados de minha Tese de Doutorado, elaborada sob orientação do Prof. Dr. Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes, do Departamento de Psicologia da UFSC. Esta pesquisa, intitulada “*Traços de personalidade ao longo do ciclo vital: padrões individuais de funcionamento associados à última etapa do desenvolvimento*”, tem como objetivo conhecer o desenvolvimento da personalidade ao longo do ciclo vital. Estudar o envelhecimento possui relevância social, já que de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estima-se que o Brasil possuirá um contingente de idosos, sendo a maioria da população em 2060. Além disso, sua participação ajudará a conhecer características da personalidade típicas de idosos, o que poderá contribuir para que as hipóteses a respeito do desenvolvimento humano ao longo do ciclo vital sejam cientificamente testadas no Brasil. Igualmente, políticas públicas voltadas para um envelhecimento saudável poderão ser desenvolvidas a partir desta pesquisa, o que poderia beneficiar a sociedade de forma geral. Serão convidados a participar desta pesquisa homens e/ou mulheres, com idades a partir de 18 anos, e escolaridade mínima de Ensino médio completo. A sua participação ocorrerá por meio de seu consentimento em responder: a) um questionário sociodemográfico e de perfil, b) um questionário para avaliação de fatores de personalidade, e c) 35 itens para avaliar a personalidade de idosos. Vale ressaltar que seu nome, ou quaisquer dados que possam identificá-lo, não serão utilizados nos documentos pertencentes a esta pesquisa. Os benefícios associados à sua participação nesta pesquisa se relacionam a um maior autoconhecimento sobre como a personalidade pode mudar com o avanço da idade. Possibilitar a testagem de teorias e hipóteses referentes ao desenvolvimento da personalidade ao longo do ciclo vital é um dos benefícios secundários de sua participação. Outrossim, apesar de pouco provável, deve-se sinalizar a possibilidade de que sua participação poderá ocasionar algum cansaço ou desconforto. O cansaço poderá ocorrer pela quantidade de itens que o respondente deverá responder; apesar de que não existe tempo limite e da possibilidade de comer, beber, descansar, ir ao banheiro, durante a participação. Por sua vez, o desconforto poderá ocorrer pois, ao participar, você refletirá a respeito de suas experiências pessoais e seu passado. Por isso, você pode se sentir aborrecido ou cansado em relação ao processo de resposta, além de sentir-se mobilizado pela evocação de possíveis experiências desagradáveis relacionadas ao passado. Por conta disso, poderá experimentar sentimentos de angústia, ansiedade, expectativa, vergonha e culpa, decorrente ou associado, imediato ou posterior, bem como físico, moral, social, cultural ou espiritual. Caso você apresente qualquer desconforto, será disponibilizada assistência imediata e/ou integral, com encaminhamento ao serviço de atenção psicológica da UFSC. Porém, vale a informação de que os danos previsíveis serão evitados com a realização cautelosa da pesquisa e o estabelecimento de uma relação de confiança com o pesquisador, respeitando-se as condições, tempo e características de cada indivíduo. Você poderá expressar suas dúvidas e apreensões, em qualquer momento, e será acompanhado durante todo o procedimento de participação, por um dos pesquisadores, que prestará toda a assistência e tomará as providências e cautelas necessárias para evitar e reduzir efeitos e condições adversas. Sendo assim, no caso de sentir qualquer desconforto decorrente da pesquisa, pedimos que informe ao pesquisador e assim, a tarefa será suspensa. É fundamental mencionar que você tem a garantia de ressarcimento de eventuais despesas que serão cobertas pelos pesquisadores mediante envio dos

comprovantes via *e-mail*. Caso venha a sofrer qualquer prejuízo, material ou imaterial, decorrente de sua participação nesta pesquisa, você poderá solicitar indenização de acordo com a legislação vigente. De acordo com a legislação brasileira, sua participação é absolutamente voluntária e não remunerada. Os pesquisadores estarão à disposição para esclarecimentos, antes, durante e depois da pesquisa. Você tem assegurada a liberdade de desistir de participar a qualquer momento do estudo, sem nenhuma penalização. Para isso, basta notificar os pesquisadores pessoalmente ou por meio dos *e-mails* de contato que estão no final deste documento. As informações obtidas serão empregadas com ética na elaboração do trabalho científico, que poderá ser publicado em meios acadêmicos e científicos, garantindo a manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes. O pesquisador responsável, que também assina este documento, declara que cumprirá os termos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares (item IV.5.a) e compromete-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução 466/12 de 12/06/2012, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa. Esclarecemos, ainda, que poderá ser realizada uma devolutiva dos resultados da pesquisa de forma geral a você. Para isso, basta informar seu interesse ao pesquisador que estiver conduzindo a coleta dos dados. Após a leitura do presente termo e do aceite em participar do estudo, solicito sua assinatura, no presente termo, em duas vias, sendo que uma delas permanecerá em seu poder.

Eu,....., R.G., declaro por meio do presente documento o meu consentimento em participar desta pesquisa. Fui devidamente informado e esclarecido sobre os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação da mesma. Foi-me garantida a confidencialidade das informações pessoais e que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

Cidade:.....Data:/...../ 201__.

.....
Assinatura do participante

.....
Assinatura do *Pesquisador Responsável*

Prof. Dr. Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes
carlos.sancineto@pesquisador.cnpq.br

.....
Assinatura do Pesquisador

Doutorando: Jeferson Gervasio Pires
Contato: jefersongp@gmail.com

Endereço dos pesquisadores: Laboratório de Pesquisa em Avaliação Psicológica. Sala 15A.
Universidade Federal de Santa Catarina – Campus Universitário- Trindade. Centro de
Filosofia e Ciências Humanas – Departamento de Psicologia. CEP 88040-900 –
Florianópolis, SC – Brasil Telefone: (48) 3721-9904.

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEP SH. Universidade Federal de Santa
Catarina - Reitoria II. R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, 4º andar, sala 401. Trindade –
CEP 88040-400 – Florianópolis – SC. Contato: (48) 3721-6094

Apêndice C

Questionário Sociodemográfico

1. Sexo

Masculino ()

Feminino ()

2. Idade: _____

3. Estado civil

Solteiro ()

Casado ()

Separado ()

Viúvo ()

4. Escolaridade máxima

Ensino médio/ técnico incompleto ()

Ensino médio completo ()

Cursando graduação ()

Ensino superior completo ()

Cursando especialização ()

Especialização completa ()

Cursando mestrado ou doutorado ()

5. Sigla do Estado brasileiro que você mora atualmente _____

6. Indique em qual das opções abaixo você se encaixa, atualmente.

(Exemplos de atividade física: correr, caminhar, musculação, dança, zumba, pilates)

Não pratico nenhuma atividade física ()

Pratico atividade física moderadamente (até duas vezes por semana) ()

Pratico atividade física com alguma frequência (de três até cinco dias por semana) ()

Pratico atividade física com alta frequência (de seis até sete dias por semana) ()

Apêndice D

Questionário 30-35 anos

Abaixo, serão apresentadas algumas perguntas. Você deverá respondê-las considerando como você entende que era quando tinha 30-35 anos.

1. Aos 30-35 anos, você achava que teria sucesso profissional no futuro?
Sim () Não ()
2. Aos 30-35 anos, você se sentia uma pessoa livre?
Sim () Mais ou menos () Não ()
3. Aos 30-35 anos, você era uma pessoa fisicamente ativa? (Corria, caminhava, malhava, dançava,)
Sim () Mais ou menos () Não ()
4. Aos 30- 35 anos, você se permitia fazer as coisas que queria fazer?
Sim () Mais ou menos () Não ()
5. Aos 30-35 anos, você era uma pessoa saudável?
Sim () Não ()
6. Quanto você acha que mudou dos seus 30-35 anos para cá? Faça um X no número que indica sua resposta em relação a cada uma das áreas da vida.

| 0 Nada | 1 Pouco | 2 Moderadamente | 3 Muito | 4 Totalmente |
|----------------|-------------|--------------------|----------------|------------------|
| Não mudei nada | Mudei pouco | Mudei alguma coisa | Mudei bastante | Mudei totalmente |

| Áreas da vida | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
|-------------------------------------|---|---|---|---|---|
| Saúde | | | | | |
| Carreira/ financeira | | | | | |
| Quantidade de amigos | | | | | |
| Confiança nas pessoas | | | | | |
| Nível de estresse/ irritabilidade | | | | | |
| Responsabilidade de forma geral | | | | | |
| Abertura para novos valores sociais | | | | | |

Apêndice E

Médias nos CGF considerando o sexo dos respondentes

| | O | | C | | E | | A | | N | |
|-----------|-------|--------|-------|--------|-------|--------|-------|--------|-------|--------|
| | Homem | Mulher |
| <i>M</i> | 0,09 | -0,03 | -0,10 | 0,03 | 0,04 | -0,01 | -0,11 | 0,04 | -0,13 | 0,05 |
| <i>DP</i> | 0,59 | 0,50 | 0,63 | 0,48 | 0,58 | 0,54 | 0,49 | 0,37 | 0,59 | 0,58 |
| Mínimo | -0,01 | -0,09 | -0,21 | -0,01 | -0,06 | -0,07 | -0,20 | 0,00 | -0,24 | -0,01 |
| Máximo | 0,20 | 0,01 | 0,01 | 0,09 | 0,14 | 0,04 | -0,02 | 0,08 | -0,03 | 0,11 |
| N | 122 | 317 | 122 | 317 | 122 | 317 | 122 | 317 | 122 | 317 |

Médias nos CGF considerando o fato de o respondente fazer atividade física ou não

| | O | | C | | E | | A | | N | |
|-----------|--------|-------|--------|-------|--------|-------|--------|-------|--------|-------|
| | Faz_AF | N_AF |
| <i>M</i> | 0,01 | 0,00 | 0,03 | -0,07 | 0,05 | -0,10 | 0,01 | 0,01 | -0,03 | 0,07 |
| <i>DP</i> | 0,47 | 0,54 | 0,55 | 0,58 | 0,53 | 0,60 | 0,46 | 0,52 | 0,56 | 0,66 |
| Mínimo | -0,06 | -0,06 | -0,02 | -0,17 | 0,00 | -0,20 | -0,03 | -0,12 | -0,10 | -0,02 |
| Máximo | 0,09 | 0,05 | 0,09 | 0,02 | 0,11 | 0,00 | 0,07 | 0,04 | 0,02 | 0,18 |
| N | 298 | 141 | 298 | 141 | 298 | 141 | 298 | 141 | 298 | 141 |

Nota. Faz_AF=Faz atividade física; N_AF=Não faz atividade física

Médias nos CGF considerando o fato de o participante ser casado ou viúvo

| | O | | C | | E | | A | | N | |
|-----------|--------|-------|--------|-------|--------|-------|--------|-------|--------|-------|
| | Casado | Viúvo |
| <i>M</i> | -0,00 | -0,08 | 0,01 | -0,06 | 0,01 | -0,05 | 0,01 | -0,01 | 0,06 | 0,02 |
| <i>DP</i> | 0,54 | 0,41 | 0,43 | 0,39 | 0,48 | 0,48 | 0,38 | 0,33 | 0,50 | 0,52 |
| Mínimo | -0,12 | -0,17 | -0,08 | -0,16 | -0,09 | -0,18 | -0,07 | -0,10 | -0,05 | -0,12 |
| Máximo | 0,12 | 0,00 | 0,11 | 0,04 | 0,12 | 0,07 | 0,10 | 0,07 | 0,17 | 0,16 |
| N | 74 | 56 | 74 | 56 | 74 | 56 | 74 | 56 | 74 | 56 |

Médias nos CGF considerando o curso que o respondente cursa: ADM ou PSICO

| | O | | C | | E | | A | | N | |
|-----------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| | Adm | Psico |
| <i>M</i> | -0,08 | 0,05 | 0,08 | -0,12 | 0,03 | -0,02 | -0,05 | 0,04 | -0,02 | 0,01 |
| <i>DP</i> | 0,58 | 0,54 | 0,58 | 0,52 | 0,61 | 0,62 | 0,48 | 0,45 | 0,66 | 0,61 |
| Mínimo | -0,21 | -0,04 | -0,01 | -0,25 | -0,09 | -0,14 | -0,16 | 0,04 | -0,16 | -0,09 |
| Máximo | 0,04 | 0,15 | 0,19 | 0,00 | 0,17 | 0,08 | 0,04 | 0,12 | 0,11 | 0,13 |
| N | 118 | 83 | 118 | 83 | 118 | 83 | 118 | 83 | 118 | 83 |

Nota. Adm=Aministração; Psico=Psicologia

Referências

- American Psychological Association. (2020). *Publication Manual of the American Psychological Association* (7th Ed.). <https://doi.org/10.1037/0000165-000>
- American Psychological Association. (2014). Guidelines for Psychological Practice with Older Adults. *American Psychologist*, 69(1), 34-65. doi:10.1037/a0035063
- American Psychological Association. (2017). Older Adults' Health and Age-related Changes: Reality Versus Myths. <https://www.apa.org/pi/aging/resources/guides/myth-reality.pdf>
- Aichholzer, J. (2014). Random intercept EFA of personality scales. *Journal of Research in Personality*. 53: 1–4. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jrp.2014.07.001>
- Alharyout, A. O., & Abdullah, A. H. (2018). Confirmatory factor analysis of big five personality factors (CFA-BFPF). *British Journal of Education, Learning and Development Psychology*. 1(1): 29-36.
- Allen, M. S., Vella, S. A., Swann, C., & Laborde, S. (2018). Personality and the Subjective experience of Body Mass in Australian adults. *Journal of Research in Personality*. 72, 73-79. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jrp.2016.05.003>
- Allemand, M., Zimprich, D., & Martin, M. (2008). Long-term correlated change in personality traits in old age. *Psychology and Aging*, 23(3), 545-557. <http://dx.doi.org/10.1037/a0013239>
- Araujo, E. A. C., Andrade, D. F., & Bortolotti, S.L. (2009). Teoria de Resposta ao Item. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*. 43:1000-1008. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342009000500003>
- Ardelt, M. (2000). Still Stable after All These Years? Personality Stability Theory Revisited. *Social Psychology Quarterly*, 63(4): 392-405. Retrieved from <http://www.jstor.org/stable/2695848>
- Asendorpf, J. B. (1992) Beyond stability: Predicting inter-individual differences in intra-individual change. *European Journal of Personality*. 6(1): 103-117.
- Bleidorn, W., Hill, P. L., Back, M. D., Denissen, J. J. A., Hennecke, M., Hopwood, C. J., Jokela, M., Kandler, C., Lucas, R. E., Luhmann, M., Orth, U., Wagner, J., Wrzus, C., Zimmermann, J., & Roberts, B. (2019). The policy relevance of personality traits. *American Psychologist*, 74(9), 1056–1067. <https://doi.org/10.1037/amp0000503>

- Brown, J., Cohen, P., Johnson, J.G., & Salzinger, S. (1998). A longitudinal analysis of risk factors for child maltreatment: Findings of a 17-year prospective study of officially recorded and self-reported child abuse and neglect. *Child Abuse and Neglect*, 22, 1065–1078.
- Caprara, G. V., Gentilomo, A., Barbaranelli, C., & Giorgi, P. (1993). Profili di personalità nell'arco vitale [*Personality profiles in the life span*]. *Archivio di Psicologia, Neurologia e Psichiatria*, 54(1), 25-39.
- Caspi, B. W. Roberts and R. L. Shiner (2005) “Personality Development: Stability and Change,” *Annual Review of Psychology*. 56: 453-484.
doi:10.1146/annurev.psych.55.090902.141913
- Chapman, B. P., Duberstein, P. R., Sorensen, S., & Luness, J. M. (2007). Gender differences in Five Factor Model personality traits in an elderly cohort. *Personality and Individual Differences*. 43(6): 1594-1603.
<https://doi.org/10.1016/j.paid.2007.04.028>
- Cobb-Clark, D. A., & Schurer, S. (2012). The stability of big-five personality traits. *Economics Letters*. 115 (1): 11-15. <https://doi.org/10.1016/j.econlet.2011.11.015>
- Costa, P. T., Jr, & McCrae, R. R. (1993) Psychological research in the Baltimore Longitudinal Study of Aging. *Zeitschrift fur Gerontologie*. 26:138–141
- Costa, P. T., McCrae, R. R., Zonderman, A. B., Barbano, H. E., Lebowitz, B., & Larson, D. M. (1986). Cross-sectional studies of personality in a national sample: II. Stability in neuroticism, extraversion, and openness. *Psychology and Aging*; 1(2), 144–149. doi:10.1037/0882-7974.1.2.144
- Costa, P. T. Jr., & McCrae, R. R. (1988). Personality in adulthood: A six-year longitudinal study of self-reports and spouse ratings on the NEO Personality Inventory. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 853-863.
- Costa, P. T., Jr., Terracciano, A., & McCrae, R. R. (2001). Gender differences in personality traits across cultures: Robust and surprising findings. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81(2), 322–331. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.81.2.322>
- Costa, P. T., Jr., Herbst, J. H., McCrae, R. R., & Siegler, I. C. (2000). Personality at midlife: Stability, intrinsic maturation, and response to life events. *Assessment*, 7, 365-378. DOI:10.1177/107319110000700405

- Chopik, W. J. (2018). Does personality change following spousal bereavement? *Journal of Research in Personality*, 72: 10-21.
<http://dx.doi.org/10.1016/j.jrp.2016.08.010>
- Damian, R. I., Spengler, M., Sutu, A., & Roberts, B. W. (2018). Sixteen going on sixty-six: A longitudinal study of personality stability and change across 50 years. *Journal of Personality and Social Psychology*. Advance online publication.
<http://dx.doi.org/10.1037/pspp0000210>
- De Fruyt, F., & Bartels, M. (2006). Five Types of Personality Continuity in Childhood and Adolescence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 91(3): 538–552.
 DOI: 10.1037/0022-3514.91.3.538
- Duberstein, P. R., Chapman, B. P., Tindle, H. A., Sink, K. M., Bamonti, P., Robbins, J., . . . Franks, P. (2011). Personality and risk for Alzheimer's disease in adults 72 years of age and older: A 6-year follow-up. *Psychology and Aging*, 26(2), 351-362. doi:10.1037/a0021377
- Egan, M., Daly, M., Delaney, L., Boyce, C. J., & Wood, A. M. (2017). Adolescent conscientiousness predicts lower lifetime unemployment. *Journal of Applied Psychology*, 102(4), 700-709. <http://dx.doi.org/10.1037/apl0000167>
- Elleman, L. G., Condon, D. M., Russin, S. E., & Revelle, W. (2018). The personality of U.S. states: Stability from 1999 to 2015. *Journal of Research in Personality*, 72: 64–72. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2016.06.022>
- Erol, R. Y., & Orth, U. (2011). Self-esteem development from age 14 to 30 years: A longitudinal study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 101(3), 607-619. <http://dx.doi.org/10.1037/a0024299>
- Furnhan, A., Genole, N., Levine, S. Z., & Chamorro-Premuzic, T. (2013). The NEO Personality Inventory-Revised: factor structure and gender invariance from exploratory structural equation modeling analyses in a high-stakes setting. *Assessment*, 20(1): 14-23. <https://doi.org/10.1177/1073191112448213>
- Gebauer, J. E., Bleidorn, W., Gosling, S. D., Rentfrow, P. J., Lamb, M. E., & Potter, J. (2014). Cross-cultural variations in Big Five relationships with religiosity: A sociocultural motives perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 107(6), 1064-1091. <http://dx.doi.org/10.1037/a0037683>
- Gilbert, D., King, G., Pettigrew, S., & Wilson, T. (2016). “Comment on 'Estimating the Reproducibility of Psychological Science'.” *Science*, 351(6277): 1037a-1038a

- Gomes, C. M. A., & Gjikuria, E. (2017). Comparing the ESEM and CFA approaches to analyze the Big Five factors. *Avaliação Psicológica*, 16(3): 261-267. DOI: <http://dx.doi.org/10.15689/ap.2017.1603.12118>
- Gonzatti, V., Cunha, A. M. da, Bastos, A. G., Argimon, I. I. de L., Tatay, C. M., & Irigaray, T. Q. (2017). Personality factors in adults and the elderly: a comparative study. *Avaliação Psicológica*, 16(3), 256-260. <https://dx.doi.org/10.15689/ap.2017.1603.11921>
- Graham, E. K., Lachman, M. E. (2012). Personality stability is associated with better cognitive performance in adulthood: Are the stable more able? *The Journals of Gerontology: Series B*, 67, 545-554. <https://doi.org/10.1093/geronb/gbr149>
- Graham, E. K., Rutsohn, J. P., Turiano, N. A., Bendayan, R., Batterham, P. J., Gerstorf, D., Katz, M. J., Reynolds, C. A., Sharp, E. S., Yoneda, T. B., Bastarache, E. D., Elleman, L. G., Zelinski, E. M., Johansson, B., Kuh, D., Barnes, L. L., Bennett, D. A., Deeg, D. J. H., Lipton, R. B., . . . Mroczek, D. K. (2017). Personality predicts mortality risk: An integrative data analysis of 15 international longitudinal studies. *Journal of Research in Personality*, 70, 174–186. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2017.07.005>
- Gurven, M., von Rueden, C., Massenkoff, M., Kaplan, H., & Lero Vie, M. (2013). How universal is the Big Five? Testing the five-factor model of personality variation among forager–farmers in the Bolivian Amazon. *Journal of Personality and Social Psychology*, 104(2), 354–370. <https://doi.org/10.1037/a0030841>
- Hudson, N. W., Briley, D. A., Chopik, W. J., & Derringer, J. (2019). You have to follow through: Attaining behavioral change goals predicts volitional personality change. *Journal of Personality and Social Psychology*, 117(4), 839-857. <http://dx.doi.org/10.1037/pspp0000221>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2009). Indicadores Sociodemográficos e de Saúde no Brasil. Estudos e Pesquisas. Rio de Janeiro. <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv42597.pdf>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2018). Projeções e estimativas da população do Brasil e das Unidades da Federação. Rio de Janeiro: Estudos e pesquisas. Retirado de: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/> . Acesso em junho de 2018.
- John, O. P., Naumann, L. P., & Soto, C. J. (2008). Paradigm shift to the integrative Big Five trait taxonomy. Em *Handbook of personality: Theory and research* (pp. 114-

- 158). Guilford Press New York, NY. Retirado em <http://www.ocf.berkeley.edu/~johnlab/2008chapter.pdf>
- John, O. P., & Srivastava, S. (1999). The Big-Five trait taxonomy: History, measurement, and theoretical perspectives. In L. A. Pervin & O. P. John (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (Vol. 2, pp. 102–138). New York: Guilford Press.
- Kandler, C., Kornadt, A. E., Hagemeyer, B., & Neyer, F. J. (2015). Patterns and sources of personality development in old age. *Journal of Personality and Social Psychology, 109*(1), 175-191. <http://dx.doi.org/10.1037/pspp0000028>
- Karami, H. (2012). An Introduction to Differential Item Functioning. *The International Journal of Educational and Psychological Assessment, 11*(2), 59-75. http://www.academia.edu/1030760/An_introduction_to_Differential_Item_Functioning
- Kogan, N. (1990). Personality and aging. In J. E. Birren & S. W. Schaie (Eds.), *Handbook of the psychology of aging* (pp. 330–346). San Diego: Academic Press.
- Lahti, M., Räikkönen, K., Lemola, S., Lahti, J., Heinonen, K., Kajantie, E., . . . Eriksson, J. G. (2013). Trajectories of physical growth and personality dimensions of the Five-Factor Model. *Journal of Personality and Social Psychology, 105*(1), 154-169. <http://dx.doi.org/10.1037/a0032300>
- Lechner, C. M., & Rammstedt, B. (2015). Cognitive ability, acquiescence, and the structure of personality in a sample of older adults. *Psychological Assessment, 27*(4), 1301-1311. <http://dx.doi.org/10.1037/pas0000151>
- Leger, K. A., Charles, S. T., Turiano, N. A., & Almeida, D. M. (2016). Personality and stressor-related affect. *Journal of Personality and Social Psychology, 111*(6), 917-928. <http://dx.doi.org/10.1037/pspp0000083>
- Lehmann, R., Denissen, J. J. A., Allemand, M., & Penke, L. (2013). Age and gender differences in motivational manifestations of the Big Five from age 16 to 60. *Developmental Psychology, 49*(2), 365-383. <http://dx.doi.org/10.1037/a0028277>
- Little, T. D., Rhemtulla, M., Gibson, K., & Schoemann, A. M. (2013). Why the items versus parcels controversy needn't be one. *Psychological Methods, 18*(3), 285–300. <https://doi.org/10.1037/a0033266>
- Lucas, R. E., & Donnellan, M. B. (2011). Personality development across the life span: Longitudinal analyses with a national sample from Germany. *Journal of*

- Personality and Social Psychology*, 101(4), 847-861.
<http://dx.doi.org/10.1037/a0024298>
- Marsh, H. W., Nagengast, B., & Morin, A. J. S. (2013). Measurement invariance of big-five factors over the life span: ESEM tests of gender, age, plasticity, maturity, and la dolce vita effects. *Developmental Psychology*, 49(6), 1194-1218.
<http://dx.doi.org/10.1037/a0026913>
- McAdams, D. P., & Olson, D. D. (2010). Personality Development: Continuity and Change Over the Life Course. *Annu. Rev. Psychol.* 61:517–42. doi: 10.1146/annurev.psych.093008.100507
- McCrae, R. R., Costa, P. T., de Lima, M. P., Simões, A., Ostendorf, F., Angleitner, A., . . . Piedmont, R. L. (1999). Age differences in personality across the adult life span: Parallels in five cultures. *Developmental Psychology*, 35(2), 466-477. doi:10.1037/0012-1649.35.2.466
- McGue M., Bacon, S., & Lykken, D. (1993). Personality Stability and Change in Early Adulthood: A Behavioral Genetic Analysis. *Developmental Psychology*.29(1): 96-109. http://psych.colorado.edu/~carey/pdfFiles/Personality_McGue01.pdf
- Musich, S., Wang, S. S., Kraemer, S., Hawkins, K. & Wicker, E. (2018). Purpose in Life and Positive Health Outcomes Among Older Adults. *Population Health Management*.21(2),139-147.<http://doi.org/10.1089/pop.2017.0063>
- Nunes, C. H. S. S., Hutz, C. S., & Giacomoni, C. H. (2009). Associação entre bem estar subjetivo e personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. *Avaliação Psicológica*, 8(1), 99-108.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712009000100009
- Nunes, C. H. S. S., Hutz, C. S., & Nunes, M. F. O. (2010). Bateria Fatorial de Personalidade (BFP). *Manual técnico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Nunes, C. H. S. S., & Primi, R. (2010). Aspectos técnicos e conceituais da ficha de avaliação dos testes psicológicos. Em Conselho Federal de Psicologia - CFP (Org.): *Avaliação psicológica: diretrizes na regulamentação da profissão* (pp. 101-128). Brasília: CFP.
- OECD (2016). Longitudinal study of social and emotional skills in cities. Paris: OECD
<http://www.oecd.org/callsfortenders/CfT%20100001311%20Longitudinal%20Study%20of%20Social%20and%20Emotional%20Skills%20in%20Cities.pdf>

- Open Science Collaboration (2015). Estimating the reproducibility of psychological science. *Science* .349(6251). DOI: 10.1126/science.aac4716.
- Osborne, D., Dufresne, Y., Eady, G., Lees-Marshment, J., & van der Linden, C. (2017). Is the personal always political? Education and political knowledge strengthen the relationship between openness and conservatism. *Journal of Individual Differences*, 38(3), 133-143. <http://dx.doi.org/10.1027/1614-0001/a000230>
- Paredes, A. M., Lee, H.E., Chik, L., Gupta, S., Palmer, B.W., Palinkas, L. A., Kim, H. C., & Jeste, D.V (2020). Qualitative study of loneliness in a senior housing community: the importance of wisdom and other coping strategies. *Aging & Mental Health*, 1 DOI: [10.1080/13607863.2019.1699022](https://doi.org/10.1080/13607863.2019.1699022)
- Pires, J.G., Nunes, C.H.S.S, Nunes, M. F O, Demarzo, M. M. P., Bianchi, M. L., Kotzias, M. M., & Cunha, G. M. M. (2018). Evidência de Validade da Medida de Atenção Plena pela Relação com Outras Variáveis. *Psico-USF*. 23(3): 513-526. <https://dx.doi.org/10.1590/1413-82712018230310>
- Rammstedt, B., & Farmer, R. F. (2013). The impact of acquiescence on the evaluation of personality structure. *Psychological Assessment*, 25(4), 1137-1145. <http://dx.doi.org/10.1037/a0033323>
- Rantanen, J., Metsäpelto, R.-L., Feldt, T., Pulkkinen, L. & Kokko, K. (2007). Long-term stability in the Big Five personality traits in adulthood. *Scandinavian Journal of Psychology*. 48: 511–518. DOI: 10.1111/j.1467-9450.2007.00609.x
- Rhodes, R. E., Smith, N. E. I. (2006). Personality correlates of physical activity: a review and meta-analysis. *British Journal of Sports Medicine*. 40:958-965. <http://dx.doi.org/10.1136/bjism.2006.028860>
- Roberts B.W., Caspi A. (2003) The Cumulative Continuity Model of Personality Development: Striking a Balance Between Continuity and Change in Personality Traits across the Life Course. In: Staudinger U.M., Lindenberger U. (eds) *Understanding Human Development*. Springer, Boston, MA
- Roberts, B. W., & DelVecchio, W. F. (2000). The Rank-Order Consistency of Personality Traits from Childhood to Old Age: A Quantitative Review of Longitudinal Studies. *Psychological Bulletin*, 126, 3. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.126.1.3>
- Roberts, B. W., & Mroczek, D. (2008). Personality Trait Change in Adulthood. *Current Directions in Psychological Science*. 17(1): 31 – 35. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8721.2008.00543.x>

- Roberts, B. W., & Nickel, L. B. (2017). A critical evaluation of the Neo-Socioanalytic Model of personality. In Specht, J. (2017). *Personality Development Across the Lifespan*. 155-177. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-804674-6.00011-9>
- Roberts, B. W., Walton, K. E., & Viechtbauer, W. (2006). Patterns of mean-level change in personality traits across the life course: A meta-analysis of longitudinal studies. *Psychological Bulletin*, *132*(1), 1-25. <http://dx.doi.org/10.1037/0033-2909.132.1.1>
- Roberts, B. W., Luo, J., Briley, D. A., Chow, P. I., Su, R., & Hill, P. L. (2017). A systematic review of personality trait change through intervention. *Psychological Bulletin*, *143*(2), 117-141. DOI: 10.1037/bul0000088
- Roberts, B. W., & Wood, D. (2006). Personality Development in the Context of the Neo-Socioanalytic Model of Personality. In D. K. Mroczek & T. D. Little (Eds.), *Handbook of personality development* (11-39). Mahwah, NJ, US: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Robins, R. W., Fraley, R. C., Roberts, B. W., & Trzesniewski, K. H. (2001). A Longitudinal Study of Personality Change in Young Adulthood. *Journal of Personality*. *69*(4). <https://doi.org/10.1111/1467-6494.694157>
- Rohr, M. K., Wagner, J., & Lang, F. R. (2013). Effects of personality on the transition into caregiving. *Psychology and Aging*, *28*(3), 692-700. <http://dx.doi.org/10.1037/a0034133>
- Rossi, G., Van den Broeck, J., Dierckx, E., Segal, D. L., & Van Alphen, S. P. J. (2014). Personality assessment among older adults: the value of personality questionnaires unraveled. *Aging & Mental Health*, *18*(8): 936-940. doi:10.1080/13607863.2014.924089
- Schmitt, D. P., Allik, J., McCrae, R. R., & Benet-Martínez, V. (2007). The geographic distribution of Big Five personality traits: Patterns and profiles of human self-description across 56 nations. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, *38*, 173-212. <https://doi.org/10.1177/0022022106297299>
- Smits, I. A. M., Dolan, C. V., Vorst, H. C. M., Wicherts, J. M., & Timmerman, M. E. (2011). Cohort differences in Big Five personality factors over a period of 25 years. *Journal of Personality and Social Psychology*, *100*(6), 1124-1138. <http://dx.doi.org/10.1037/a0022874>

- Soto, C. J., John, O. P. (2017). Short and extra-short forms of the Big Five Inventory-2: The BFI-2-S and BFI-2-X. *Journal of Research in Personality*, 68: 69:81. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2017.02.004>
- Soto, C. J., John, O. P., Gosling, S. D., & Potter, J. (2008). The developmental psychometrics of big five self-reports: Acquiescence, factor structure, coherence, and differentiation from ages 10 to 20. *Journal of Personality and Social Psychology*, 94(4), 718–737. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.94.4.718>
- Soto, C. J., John, O. P., Gosling, S. D., & Potter, J. (2011). Age differences in personality traits from 10 to 65: Big Five domains and facets in a large cross-sectional sample. *Journal of Personality and Social Psychology*, 100(2): 330-348. <http://dx.doi.org/10.1037/a0021717>
- Soubelet, A., & Salthouse, T. A. (2011). Personality–cognition relations across adulthood. *Developmental Psychology*, 47(2), 303-310. <http://dx.doi.org/10.1037/a0021816>
- Specht, J., Egloff, B., & Schmukle, S. C. (2011). Stability and change of personality across the life course: The impact of age and major life events on mean-level and rank-order stability of the Big Five. *Journal of Personality and Social Psychology*, 101(4), 862-882. <http://dx.doi.org/10.1037/a0024950>
- Srivastava, S., John, O. P., Gosling, S. D., & Potter, J. (2003). Development of personality in early and middle adulthood: Set like plaster or persistent change? *Journal of Personality and Social Psychology*, 84, 1041-1053.
- Stephan, Y., Sutin, A. R., Luchetti, M., Bosselut, G., Terraciano, A. (2018). Physical activity and personality development over twenty years: Evidence from three longitudinal samples. *Journal of Research in Personality*. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2018.02.005>
- Stephan, Y., Sutin, A. R., Luchetti, M., Bosselut, G., Terraciano (2019). Cigarette smoking and personality changes across adulthood: Findings from five longitudinal samples. *Journal of Research in Personality*., 81: 187-194. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2019.06.006>
- Stephan, Y., Sutin, A. R., Luchetti, M., Bosselut, G., Terraciano (2019). Facets of Conscientiousness and Longevity: Findings from the Health and Retirement Study. *Journal of Psychosomatic Research*. 116:1-5. doi: [10.1016/j.jpsychores.2018.11.002](https://doi.org/10.1016/j.jpsychores.2018.11.002)

- Steptoe, A. & Fancourt, D. (2019). Leading a meaningful life at older ages and its relationship with social engagement, prosperity, health, biology, and time use. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 116 (4) 1207-1212. DOI: 10.1073/pnas.1814723116
- Terracciano, A., McCrae, R. R., Brant, L. J., & Costa, P. T. (2005). Hierarchical linear modeling analyses of the NEO-PI-R Scales in the Baltimore Longitudinal Study of Aging. *Psychology and Aging*, 20(3), 493–506. doi:10.1037/0882-7974.20.3.493
- Terracciano, A., Costa, P. T., Jr., & McCrae, R. R. (2006). Personality plasticity after age 30. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 32, 999-1009. DOI: 10.1177/0146167206288599
- Turiano, N. A., Chapman, B. P., Gruenewald, T. L., & Mroczek, D. K. (2015). Personality and the leading behavioral contributors of mortality. *Health Psychology*, 34(1), 51-60. <http://dx.doi.org/10.1037/hea0000038>
- Vaidya, J. G., Gray, E. K., Haig, J., & Watson, D. (2002). On the temporal stability of personality: Evidence for differential stability and the role of life experiences. *Journal of Personality and Social Psychology*, 83(6), 1469-1484. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.83.6.1469>
- Wettstein, M., Tauber, B., Kuźma, E., & Wahl, H.-W. (2017). The interplay between personality and cognitive ability across 12 years in middle and late adulthood: Evidence for reciprocal associations. *Psychology and Aging*, 32(3), 259-277. <http://dx.doi.org/10.1037/pag0000166>
- Wettstein, M., Tauber, B., Wahl, H.-W., & Frankenberg, C. (2017b). 12-year associations of health with personality in the second half of life: Being versus feeling healthy. *GeroPsych: The Journal of Gerontopsychology and Geriatric Psychiatry*, 30(1), 5-17. <http://dx.doi.org/10.1024/1662-9647/a000162>
- Wilson, K. E., & Dishman, R. K. (2015). Personality and physical activity: A systematic review and meta-analysis. *Personality and Individual Differences*, 72: 230–242. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2014.08.023>
- Wilt, J. A., Grubbs, J. B., Exline, J. J., & Pargament, K. I. (2016). Personality, religious and spiritual struggles, and well-being. *Psychology of Religion and Spirituality*, 8(4), 341-351. <http://dx.doi.org/10.1037/rel0000054>

- Wortman, J., Lucas, R. E., & Donnellan, M. B. (2012). Stability and change in the Big Five personality domains: Evidence from a longitudinal study of Australians. *Psychology and Aging, 27*(4), 867-874. <http://dx.doi.org/10.1037/a0029322>
- Wrzus, C., Wagner, G. G., & Riediger, M. (2016). Personality-situation transactions from adolescence to old age. *Journal of Personality and Social Psychology, 110*(5), 782-799. <http://dx.doi.org/10.1037/pspp0000054>
- Wu, C.-H., Wang, Y., Parker, S. K., & Griffin, M. A. (2020). Effects of chronic job insecurity on Big Five personality change. *Journal of Applied Psychology*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1037/apl0000488>
- Zanon, C., Lessa, J. P. A., & Dellazzana-Zanon, L. L. (2018). Aquiescência em autorrelatos de personalidade: uma comparação de métodos Aquiescência: Uma Comparação de Métodos. *Avaliação Psicológica, 17*(4), 428-438. <https://dx.doi.org/10.15689/ap.2018.1704.3.03>

Referências

- Ambiel, R. A. M., Pereira, C. P. da S., & Moreira, T. da C. (2015). Produção científica em avaliação psicológica no contexto educacional: enfoque nas variáveis socioemocionais. *Avaliação Psicológica, 14*(3), 339-346. DOI: 10.15689/ap.2015.1403.05
- American Psychological Association. (2014). Guidelines for Psychological Practice with Older Adults. *American Psychologist, 69*(1), 34-65. <https://doi.org/10.1037/a0035063>
- Aulete (2014). Dicionário Aulete Digital. Consultado em maio de 2017. http://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=o_que_e
- Baltes, P. B., & Baltes, M. M. (1990). Psychological perspectives on successful aging: The model of selective optimization with compensation. In P. B. Baltes & M. M. Baltes (Eds.), *Successful aging: Perspectives from the behavioral sciences* (1-34). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511665684.003>
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Portugal. Edições 70, LDA.
- Barrick, M. R., Mount, M. K., & Judge, T. A. (2001). Personality and Performance at the Beginning of the New Millennium: What Do We Know and Where Do We Go Next? *International Journal of Selection and Assessment, 9*: 9-30. Doi: doi:10.1111/1468-2389.00160

- Booth, T., Hughes, D. J. (2014). Exploratory Structural Equation Modeling of Personality Data. American Psychological Association, Society for Clinical Psychology. Section IX. 21(3): 260-271.
<https://doi.org/10.1177/1073191114528029>
- Brasil. (2017). Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Ministério da Educação.
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf
- Chapman, B. P., Benedict, R. H., Lin, F., Roy, S., R., Federoff, H. J., & Mapstone, M. (2017). Personality and Performance in Specific Neurocognitive Domains Among Older Persons. *The American Journal of Geriatric Psychiatry*. 25(8): 900-908.
<https://doi.org/10.1016/j.jagp.2017.03.006>
- Calvet, B., Péricaud, M., Parneix, M., Jouette, A., Bricaud, M., & Clément, J. (2016) . Age and Sex Differences in Temperament and Character Dimensions in a French Nonclinical Population. *Journal of Individual Differences*. 37: (168-180). Doi: DOI: 10.1027/1614-0001/a000203.
- Caprara, G. V., Alessandri, G., & Eisenberg, N. (2012). Prosociality: The contribution of traits, values, and self-efficacy beliefs. *Journal of Personality and Social Psychology*, 102(6), 1289-1303. DOI: 10.1037/a0025626
- Cenatti, M. J. (2013). Homem – Ser de Transcendência. São Paulo: *Ixtlan*.
http://www.academia.edu/11688322/Homem_Ser_de_Transcend%C3%Aancia
- Chiorri C., Marsh H. W., Ubbiali A., & Donati D. (2016). Testing the factor structure and measurement invariance across gender of the Big Five Inventory through exploratory structural equation modeling. *Journal of Personality Assessment*. 98(1), 88–99. doi:10.1080/00223891.2015.1035381
- Chopik, W. J. (2018). Does personality change following spousal bereavement? *Journal of Research in Personality*. 72: 10-21.
<http://dx.doi.org/10.1016/j.jrp.2016.08.010>
- Cloninger, C. R., Svrakic, D. M., & Przybeck, T. R. (1993). A psychobiological model of temperament and character. *Archives of general psychiatry*. 50(12): 975-990.
 Doi: doi:10.1001/archpsyc.1993.01820240059008
- Coolidge, F. L., Tambone, G. M., Durham, R. L., Segal, D. L. (2011). Retrospective Assessments of Childhood Psychopathology by Adults and Their Parents. *Psychology*. 2(3): 162-168. DOI:10.4236/psych.2011.2302
- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1988). Personality in adulthood: A six-year longitudinal study of self-reports and spouse ratings on the NEO Personality Inventory.

Journal of Personality and Social Psychology, 54(5), 853–863.

<https://doi.org/10.1037/0022-3514.54.5.853>

- Couto R. N. (2017). Perdão e crescimento pós-traumático no âmbito do divórcio: uma explicação pautada nos valores humanos. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. Universidade Federal da Paraíba.
<http://tede.biblioteca.ufpb.br/handle/tede/9087#preview-link0>
- Damian, R. I., Spengler, M., Sutu, A., & Roberts, B. W. (2018). Sixteen going on sixty-six: A longitudinal study of personality stability and change across 50 years. *Journal of Personality and Social Psychology*. Advance online publication.
<http://dx.doi.org/10.1037/pspp0000210>
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2001). Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette): Manual de aplicação, apuração e interpretação. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- English, T., & Carstensen, L. (2016). Socioemotional Selectivity Theory. *Encyclopedia of Geropsychology*, 1 – 6. DOI 10.1007/978-981-287-080-3_110-1
- De Fruyt, F., & Bartels, M. (2006). Five Types of Personality Continuity in Childhood and Adolescence. *Journal of Personality and Social Psychology*. 91(3): 538–552. DOI: 10.1037/0022-3514.91.3.538
- De Fruyt, F., & Mervielde, I. (1997). The five-factor model of personality and Holland's RIASEC interest types. *Personality and Individual Differences*. 23(1): 87-103.
[https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(97\)00004-4](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(97)00004-4)
- De Fruyt, F., Wille, B., & John, O. P. (2015). Employability in the 21st Century: Complex (Interactive) Problem Solving and Other Essential Skills. *Industrial and Organizational Psychology*. 8, 276-281. doi:10.1017/iop.2015.33
- De Fruyt, F., Van de Wiele, L., & Heeringen, K. V. (2000). Cloninger's Psychobiological Model of Temperament and Character and the Five-Factor Model of Personality *Personality and Individual Differences*. 29(3):441-452. Doi: DOI: 10.1016/S0191-8869(99)00204-4
- Durlak, J. A., Weissberg, R. P., & Pachan, M. (2010). A Meta-Analysis of After-School Programs That Seek to Promote Personal and Social Skills in Children and Adolescents. *American Journal of Community Psychology* 45(3): 294-309. doi:10.1007/s10464-010-9300-6

- Edelstein, B. A., Woodhead, E. L., Segal, D. L., Heisel, M. J., Bower, E. H., Lowery, A. J., & Stoner, S. A. (2007). Older Adult Psychological Assessment. *Clinical Gerontologist*, 31(3), 1–35. doi:10.1080/07317110802072108
- Farrington, C.A., Roderick, M., Allensworth, E., Nagaoka, J., Keyes, T.S., Johnson, D.W., & Beechum, N.O. (2012). *Teaching adolescents to become learners. The role of noncognitive factors in shaping school performance: A critical literature review*. Chicago: University of Chicago Consortium on Chicago School Research.
<http://consortium.uchicago.edu/sites/default/files/publications/Noncognitive%20Report.pdf>
- Fernández-Montoya, A. (1997). Altruism and payment in blood donation. *Transfusion Science*, 18 (3): 379-386. [https://doi.org/10.1016/S0955-3886\(97\)00026-X](https://doi.org/10.1016/S0955-3886(97)00026-X)
- Gomes, C. M. A., & Gjikuria, E. (2017). Comparing the ESEM and CFA approaches to analyze the Big Five factors. *Avaliação Psicológica* 16(3): 261-267. DOI: <http://dx.doi.org/10.15689/ap.2017.1603.12118>
- Gondim, S. M. G., Morais, F. A. de, & Brantes, C dos A. A. (2014). Competências socioemocionais: fator-chave no desenvolvimento de competências para o trabalho. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 14(4): 394-406.
<http://submission-pepsic.scielo.br/index.php/rpot/index>
- Gouveia, V. V., Freires, L. A., Gouveia, R. S. V., Souza Filho, J. F. de, Souza, R. V. L. de, & Monteiro, R. P. (2015). Escala de Disposição para Perdoar: estrutura, consistência interna e invariância fatorial. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 32(2), 151-161. <https://dx.doi.org/10.1590/0103-166X2015000200001>
- Graham, E. k., & Lachman, M. E. (2014). Personality Traits, Facets and Cognitive Performance: Age Differences in Their Relations. *Personality and Individual Differences*, 59: 89–95. doi: 10.1016/j.paid.2013.11.011. *
- Hardt, J., & Rutter, M. (2004). Validity of adult retrospective reports of adverse childhood experiences: Review of the evidence. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 45, 260-273. doi:10.1111/j.1469-7610.2004.00218.x
- Heckman, J. J., & Rubinstein, Y. (2001). The Importance of Noncognitive Skills: Lessons from the GED Testing Program. *The American Economic Review*, 91(2), 145-149. <http://www.jstor.org/stable/2677749>

- Hendricks, J., Cutler, S. J. (2004). Volunteerism and Socioemotional Selectivity in Later Life. *Journal of Gerontology: Social Sciences*, 59 (5): S251-S257. doi: 10.1093/geronb/59.5.S251
- Higgins, E. T., Friedman, R. S., Harlow, R., E., Idson, L. C., Ayduk, O. N., & Taylor, A. (2001). Achievement orientations from subjective histories of success: promotion pride versus prevention pride. *European Journal of Social Psychology*. 31:3- 23. Doi: 10.1002/ejsp.27
- Holland, J. L. (1997). Making vocational choices: A theory of vocational personalities and work environments. Odessa, FL: *Psychological Assessment Resources*.
- Hutz, C. S., Nunes, C. H. S. S., Silveira, A. D., Serra, J., Antom, M., & Wieczorek, L. S. (1998). O desenvolvimento de marcadores da personalidade no Modelo dos Cinco Grandes Fatores. *Psicologia: Reflexão e crítica*. 11: 395-409. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721998000200015>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2009). Indicadores Sociodemográficos e de Saúde no Brasil. Estudos e Pesquisas. Rio de Janeiro. <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv42597.pdf>
- Ji, P., DuBois, D. L., & Flay, B. R. (2013). Social-emotional and character development scale. Development and initial validation with urban elementary school students. *Journal of research in Character education*, 9 (2): 121-147. <http://people.oregonstate.edu/~flayb/MY%20PUBLICATIONS/Positive%20Action/Ji%20etal13%20SECDs%20scale%20development%20and%20validation.pdf>
- John, O. P., Naumann, L. P., & Soto, C. J. (2008). Paradigm shift to the integrative Big Five trait taxonomy. Em *Handbook of personality: Theory and research* (pp. 114-158). Guilford Press New York, NY. Retirado em <http://www.ocf.berkeley.edu/~johnlab/2008chapter.pdf>
- John, O. P., & Srivastava, S. (1999). The Big-Five trait taxonomy: History, measurement, and theoretical perspectives. In L. A. Pervin & O. P. John (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (Vol. 2, pp. 102–138). New York: Guilford Press.
- Jokela, M., Batty, G. D., Nyberg, S. T., Virtanen, M., Nabi, H., Singh-Manoux, A., Kivimäki, M. (2013). Personality and all-cause mortality: Individual-participant meta-analysis of 3,947 deaths in 76,150 adults. *American Journal of Epidemiology*, 178, 667-675. <https://doi.org/10.1093/aje/>

- Jokela, M., Pulkki-Råback, L., Elovainio, M., & Kivimäki, M. (2014). Personality traits as risk factors for stroke and coronary heart disease mortality: Pooled analysis of three cohort studies. *Journal of Behavioral Medicine*. 37(5), 881–889.
<https://doi.org/10.1007/s10865-013-9548-z>
- Joshanloo, M. (2018). Evaluating the Factor Structure of the MIDI Personality Scale Using Exploratory Structural Equation Modeling. *Japanese Psychological Report*. 60(3): 162-169. <https://doi.org/10.1111/jpr.12186>
- Kajonius, P., Johnson, J. (2018). Sex differences in 30 facets of the five factor model of personality in the large public (N=320,128). *Personality and Individual Differences*. 129: 126-130. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2018.03.026>
- Karami, H. (2012). An Introduction to Differential Item Functioning. *The International Journal of Educational and Psychological Assessment*. 11(2), 59-75.
http://www.academia.edu/1030760/An_introduction_to_Differential_Item_Functioning
- Kaup, A. R., Harmell, A. L., Yaffe, K. (2019). Conscientiousness is associated with lower risk of dementia among Black and White older adults. *Neuroepidemiology*, 52, 86-92. <https://doi.org/10.1159/000492821>
- Kern, M. L., & Friedman, H. S. (2009). Early educational milestones as predictors of lifelong academic achievement, midlife adjustment, and longevity *Journal of Applied Developmental Psychology*. 30 (4): 419–430. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2008.12.025>
- Kline, R. B. (2011). *Principles and Practice of Structural Equation Modeling*. The Guilford Press. 3rd edition. New York.
- Kogan, N. (1990). Personality and aging. In J. E. Birren & S. W. Schaie (Eds.), *Handbook of the psychology of aging* (pp. 330–346). San Diego: Academic Press.
- Laajaj , R., Maccours, K., Hernandez, D. A. P., Arias, O., Gosling, S. D., Potte, J., Rubio-Cordina, M., & Vakis, R. (2019). Challenges to capture the big five personality traits in non-WEIRD populations. *Science Advances*, 5(7): eaaw5226
 DOI: 10.1126/sciadv.aaw5226
- Lee, J., & Shute, V. J. (2009). The Influence of Noncognitive Domains on Academic Achievement in K-12. *Educational Testing Service* (ETS)
<http://www.ets.org/research/contact.html>
- Leime, J V., Leite, J., & Neto, J. R. (2012). O Pensamento do Perdão em Idosos Institucionalizados. *Psico*. 43(1). 69-76.

https://www.researchgate.net/publication/293158087_O_Pensamento_do_Perdao_em_Idosos_Institucionalizados

- Maisto, S. A., Sobell, M. B., Cooper, A. M., & Sobell, L. C. (1979). Test-retest reliability of retrospective self-reports in three populations of alcohol abusers. *Journal of Behavioral Assessment* . 1(4): 315-326.
<https://doi.org/10.1007/BF01321373>
- Marsh, H. W., Lüdtke, O., Muthén, B., Asparouhov, T., Morin, A. J. S., Trautwein, U., & Nagengast, B. (2010). A new look at the big five factor structure through exploratory structural equation modeling. *Psychological Assessment*, 22(3), 471-491. <http://dx.doi.org/10.1037/a0019227>
- Marsh, H. W., Nagengast, B., & Morin, A. J. S. (2013). Measurement invariance of big-five factors over the life span: ESEM tests of gender, age, plasticity, maturity, and la dolce vita effects. *Developmental Psychology*, 49(6), 1194-1218. <http://dx.doi.org/10.1037/a0026913>
- McAdams, D. P., & Olson, B. D. (2010). Personality development: Continuity and change over the life course. *Annual Review of Psychology*, 61: 517-542.
doi:10.1146/annurev.psych.093008.100507
- McCarthy, V. L., Ling, J., & Carini, R. M. (2013). The role of self-transcendence: A missing variable in the pursuit of successful aging? *Research in gerontological nursing*. 6(3): 178-186. Doi: DOI: 10.3928/19404921-20130508-01
- McCrae, R. R., & Costa, P. T. (1994). The stability of personality: Observation and evaluations. *Current Directions in Psychological Science*, 3, 173-175.
- McCrae, R. R., Terracciano, A., & 78 Members of the Personality Profiles of Cultures Project. (2005). Universal Features of Personality Traits From the Observer's Perspective: Data From 50 Cultures. *Journal of Personality and Social Psychology*, 88(3), 547-561. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.88.3.547>
- Michaelis (2015). Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Consultado em maio de 2017. <http://michaelis.uol.com.br/>
- Monnot, M. J., & Beehr, T. A. (2014). Subjective well-being at work: Disentangling source effects of stress and support on enthusiasm, contentment, and meaningfulness. *Journal of Vocational Behavior*. 85 (2): 204–222. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2014.07.005>

- National Research Council. (2012). *Education for Life and Work: Developing Transferable Knowledge and Skills in the 21st Century*. Washington, DC: The National Academies Press.
- Nunes, C. H. S. S., Hutz, C. S., & Giacomoni, C. H. (2009). Associação entre bem estar subjetivo e personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. *Avaliação Psicológica*, 8(1), 99-108.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712009000100009
- Nunes, C. H. S. S., Hutz, C. S., & Nunes, M. F. O. (2010). Bateria Fatorial de Personalidade (BFP). *Manual técnico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Nunes, C. H. S. S., & Primi, R. (2010). Aspectos técnicos e conceituais da ficha de avaliação dos testes psicológicos. Em Conselho Federal de Psicologia - CFP (Org.): *Avaliação psicológica: diretrizes na regulamentação da profissão* (pp. 101-128). Brasília: CFP.
- Nye, C. D., & Roberts, B. W. (2019). A Neo-Socioanalytic Model of Personality Development. *Work Across the Lifespan*. 47-49. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-812756-8.00003-7>
- OECD (2016). Longitudinal study of social and emotional skills in cities. Paris: OECD
<http://www.oecd.org/callsfortenders/CfT%20100001311%20Longitudinal%20Study%20of%20Social%20and%20Emotional%20Skills%20in%20Cities.pdf>
- OECD (2017). Global competence for an inclusive world. Paris: OECD.
<https://www.oecd.org/education/Global-competency-for-an-inclusive-world.pdf>
- Parker, G. (1979). Parental characteristics in relation to depressive disorders. *British Journal of Psychiatry*, 134, 138–147.
- Priberam (2008) Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2008-2013). Consultado em maio de 2017. <https://www.priberam.pt/dlpo/competência>
- Primi, R., Mansão, C. M., Muniz, M., & Nunes, M. F. O. (2010). SDS- Questionário de busca autodirigida. *Manual técnico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Primi, R. Santos, D., Filho, N. H., De Fruyt, F., & John, O. P. (2016a). Mapping self-report questionnaires for social-emotional characteristics. Annual meeting of the American Education Research Association, Washington.

- Primi, R., Santos, D., John, O. P., & De Fruyt, F. (2016b) Development of an inventory assessing social and emotional skills in Brazilian Youth. *European Journal of Psychological Assessment*. 32(1) 5-16. DOI: <http://dx.doi.org/10.1027/1015-5759/a000343>
- Quevedo, R. J. M. & Abella, M. C. (2011). Well-being and personality: Facet-level analyses. *Personality and Individual Differences*. 50 (2): 206–211. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2010.09.030>
- Rammstedt B., John O.P. (2017) Big Five Inventory. In: Zeigler-Hill V., Shackelford T. (eds) *Encyclopedia of Personality and Individual Differences*. Springer, Cham <https://doi.org/10.1007/978-3-319-28099-8>
- Roberts B.W., Caspi A. (2003) The Cumulative Continuity Model of Personality Development: Striking a Balance Between Continuity and Change in Personality Traits across the Life Course. In: Staudinger U.M., Lindenberger U. (eds) *Understanding Human Development*. Springer, Boston, MA. DOI: 10.1007/978-1-4615-0357-6_9
- Roberts, B. W., & DelVecchio, W. F. (2000). The rank-order consistency of personality traits from childhood to old age: A quantitative review of longitudinal studies. *Psychological Bulletin*, 126, 3–25. DOI: 10.1037/0033-2909.126.1.3
- Roberts, R. D., Martin, J. E., & Olaru, G. (2015). A Rosetta Stone for Noncognitive Skills Understanding, Assessing, and Enhancing Noncognitive Skills in Primary and Secondary Education. ASIA Societies. http://asiasociety.org/files/A_Rosetta_Stone_for_Noncognitive_Skills.pdf
- Roberts, B. W., & Mroczek, D. (2008). Personality Trait Change in Adulthood. *Current Directions in Psychological Science*. 17(1): 31 – 35. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8721.2008.00543.x>
- Roberts B. W, Wood D, & Caspi A. (2008). The development of personality traits in adulthood. In John, O. P., Robins, R. W., & Pervin, L. A. *Handbook of Personality: Theory and Research*. 3:375–398. https://books.google.com.br/books?hl=en&lr=&id=8r4KlgerjcUC&oi=fnd&pg=PA375&ots=ldm9zPbG4d&sig=gjewKDLi7SAHw6R2cS61IEHIYH8&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false
- Robins, R. W., Tracy, J. L., Trzesniewski, K., Potter, J., & Gosling, S. D. (2001). Personality correlates of self-esteem. *Journal of Research in Personality*, 35(4), 463-482. DOI: 10.1006/jrpe.2001.2324

- Robins, R. W., Fraley, R. C., Roberts, B. W., & Trzesniewski, K. H. (2001). A Longitudinal Study of Personality Change in Young Adulthood. *Journal of Personality*, 69(4). <https://doi.org/10.1111/1467-6494.694157>
- Russel, J. E.A. (2008). Promoting Subjective Well-Being at Work. *Journal of Career Assessment*, 16 (1): 117-131. DOI:<https://doi.org/10.1177/1069072707308142>
- Santos, D., & Primi, R. (2014). Social and emotional development and school learning: a measurement proposal in support of public policy. Technical report for Organization for Economic Cooperation and Development (OCDE) Rio de Janeiro State Education Department (SEEDUC) e Ayrton Senna Institute. São Paulo: Ayrton Senna Institute.
- Siqueira, M. M. M. (1995). Antecedentes de comportamentos de cidadania organizacional: a análise de um modelo pós-cognitivo. Brasília. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília
- Smidt, W. (2015). Big Five personality traits as predictors of the academic success of university and college students in early childhood education. *Journal of Education for Teaching*, 41(4). 385-403. <http://dx.doi.org/10.1080/02607476.2015.1080419>
- Soto, C. J. (2018). Big Five personality traits. In M. H. Bornstein, M. E. Arterberry, K. L. Fingerman, & J. E. Lansford (Eds.). *The SAGE encyclopedia of lifespan human development* (pp. 240-241). Thousand Oaks, CA: Sage
- Soto, C. J. (2019). How Replicable Are Links Between Personality Traits and Consequential Life Outcomes? The Life Outcomes of Personality Replication Project. *Psychological Science*, 30(5), 711–727. <https://doi.org/10.1177/0956797619831612>
- Soto, C. J., & John, O. P. (2009). Ten facet scales for the Big Five inventory: convergence with NEO PI-R facets, self-peer agreement, and discriminant validity. *Journal of Personality*, 43: 84–90. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2008.10.002>
- Soto, C. J., & John, O. P. (2012). Development of Big Five Domains and Facets in Adulthood: Mean-Level Age Trends and Broadly Versus Narrowly Acting Mechanisms. *Journal of Personality*, 80: 881–914. doi:10.1111/j.1467-6494.2011.00752.x
- Soto, C. J., & John, O. P. (2017). The next Big Five Inventory (BFI-2): Developing and assessing a hierarchical model with 15 facets to enhance bandwidth, fidelity, and

- predictive power. *Journal of Personality and Social Psychology*, 113(1): 117-143.
<http://dx.doi.org/10.1037/pspp0000096>
- Specht, J., Egloff, B., & Schmukle, S. C. (2011). Stability and change of personality across the life course: The impact of age and major life events on mean-level and rank-order stability of the Big Five. *Journal of Personality and Social Psychology*, 101(4), 862-882. <http://dx.doi.org/10.1037/a0024950>
- Srivastava K, Das R C. (2013). Personality pathways of successful ageing. *Industrial Psychiatry Journal*. 22(1):1-3. doi: 10.4103/0972-6748.123584
- Srivastava, S., John, O. P., Gosling, S. D., & Potter, J. (2003). Development of personality in early and middle adulthood: Set like plaster or persistent change? *Journal of Personality and Social Psychology*, 84, 1041-1053.
- Stephan, Y., Sutin, A. R., Luchetti, M., Bosselut, G., Terracciano, A. (in press). Physical activity and personality development over twenty years: Evidence from three longitudinal samples. *Journal of Research in Personality*.
<https://doi.org/10.1016/j.jrp.2018.02.005>
- StataCorp. (2013). Stata: Release 13. Statistical Software. College Station, TX: StataCorp LP.
- Sutin, A. R., Stephan, Y., Damian, R. I., Luchetti, M., Strickhouser, J. E., & Terracciano, A. (2019). Five-factor model personality traits and verbal fluency in 10 cohorts. *Psychology and Aging*, 34(3), 362–373.
<https://doi.org/10.1037/pag0000351>
- Tautvydaitė, D., Antonietti, J. P., Henry, H., von Gunten, A., & Popp, J. (2017). Relations between personality changes and cerebrospinal fluid biomarkers of Alzheimer’s disease pathology. *Journal of Psychiatric Research*, 90, 12–20.
 doi:10.1016/j.jpsychires.2016.12.024
- Telles, T. C. B., Boris, G. D. J. B., & Moreira, V. (2014). O conceito de tendência atualizante na prática clínica contemporânea de psicoterapeutas humanistas. *Revista da Abordagem Gestáltica*. 20(1): 13-20.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672014000100003&lng=pt&tlng=pt.
- Terracciano, A., Costa, P. T., Jr., & McCrae, R. R. (2006). Personality plasticity after age 30. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 32, 999-1009. DOI: 10.1177/0146167206288599

- Terracciano, A., McCrae, R. R., Brant, L. J., & Costa, P. T., Jr. (2006). Hierarchical linear modeling analyses of the NEO-PI-R Scales in the Baltimore Longitudinal Study of Aging. *Psychology and Aging*, 20(3), 493-506. doi:10.1037/0882-7974.20.3.493
- Turiano, N. A., Chapman, B. P., Gruenewald, T. L., & Mroczek, D. K. (2015). Personality and the leading behavioral contributors of mortality. *Health Psychology*, 34(1), 51-60. <http://dx.doi.org/10.1037/hea0000038>
- Valvidia, G. P. P. (2016). Propriedades Psicométricas do Inventário social and emotional (or non cognitive) Nationwide Assessment (SENNA). Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Brasília: Brasil.
http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/19632/1/2016_GinaPamelaPancorboValdivia.pdf
- Vedel, A. (2016). Big Five personality group differences across academic majors: A systematic review. *Personality and Individual Differences*. 192: 1-10.
<https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.12.011>
- Wildman, J., & Hollingsworth, B. (2009). *Blood donation and the nature of altruism*. *Journal of Health Economics*, 28(2), 492-503. DOI: 10.1016/j.jhealeco.2008.11.005

Referências (Revisão da literatura)

As referências marcadas com um asterisco () integraram a revisão da literatura.*

- Alt, D. (2015). College students' academic motivation, media engagement and fear of missing out. *Computers in Human Behavior*. 49: 111-119.
<https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.02.057> *
- Ambiel, R. A. M., Pereira, C. P. S., & Moreira, T. C. (2015). Produção científica em avaliação psicológica no contexto educacional: enfoque nas variáveis socioemocionais. *Avaliação Psicológica*. 14(3), 339-346. DOI: 10.15689/ap.2015.1403.05
- Argyris, Y. E., & Xu, J. (2016). Enhancing self-efficacy for career development in Facebook. *Computers in Human Behavior* .55: 921-931.
10.1016/j.chb.2015.10.023 *

- Beadle, J.N., Sheehan, A.H., Dahlben, B., & Gutchess, A. H. (2013). Aging, empathy, and prosociality, *Journals of Gerontology, Series B: Psychological Sciences and Social Sciences*, 70(2), 213–222. Doi:10.1093/geronb/gbt091 *
- Bellur, S., Nowak, K. L., & Hull, K. S. (2015). Make it our time: In class multitaskers have lower academic performance. *Computers in Human Behavior*. 53. 63-70. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.06.027> *
- Bi, D., & Han, B. (2015). Age-related differences in attention and memory toward emotional stimuli. *PsyCh Journal*. 4: 155–159. Doi: 10.1002/pchj.99 *
- Bishop, A. J., Randall, G. K., & Merten, M. J. (2012). Consideration of Forgiveness to Enhance the Health Status of Older Male Prisoners confronting Spiritual, social, or Emotional Vulnerability. *Journal of Applied Gerontology*. 33(8): 998– 1017. 10.1177/0733464812456632. *
- Blanch, A. (2016). Social support as a mediator between job control and psychological strain. *Social Science & Medicine*. 157: 148- 155. Doi: 10.1016/j.socscimed.2016.04.007 *
- Boignon, D., Sultan, S., Charles, C., Rosberger, Z, Delalogue, S., & Dauchy, S. (2012). How Social Sharing and Social Support Explain Distress in Breast Cancer After Surgery: The Role of Alexithymia. *Journal of Psychosocial Oncology*, 30:573–592. 10.1080/07347332.2012.703769 *
- Bradshaw, M., Ellison, C. G., Fang, Q., & Mueller, C. (2015). *Gerontologist*. 55(6): 961–971. Doi:10.1093/geront/gnu020 *
- Brooks, S. (2015). Does personal social media usage affect efficiency and well-being? *Computers in Human Behavior*. 46:26-37. Doi: 10.1016/j.chb.2014.12.053 *
- Brouwer, J. Jansen, E., Flache, A., & Hofman, A. (2016). The impact of social capital on self-efficacy and study success among first-year university students. *Learning and Individual Differences*. 52: 109–118. Doi: 10.1016/j.lindif.2016.09.016 *
- Budescu, M., & Taylor, R. D. (2013). Order in the home: Family routines moderate the impact of financial hardship. *Journal of Applied Developmental Psychology*. 34 (2). 63-72. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2012.11.006> *
- Buz, J., Sanchez, M., Levenson, M. R., & Aldwin, C. M. (2014). Aging and Social Networks in Spain: The importance of pubs and churches. *International Journal of Aging and Human Development*. 78(1): 23-46. 10.2190/AG.78.1.c *
- Carstensen, L. L., Turan, B., Scheibe, S., Ram, R., Ersner-Hershfield, H., Samanez-Larkin, G. R., Brooks, K. P., & Nesselroade, J. R. (2011). Emotional Experience

- Improves with Age: Evidence Based on Over 10 Years of Experience Sampling. *Psychol Aging*. 26(1): 21–33. Doi: 10.1037/a0021285 *
- Chong, A. M. L., Cheung, C., Woo, J., & Kwan, A. Y. (2012). Availability, Use, and Cultivation of Support Networks as Predictors of the Well-Being of Middle-Aged and Older Chinese: A Panel Study. *The Scientific World Journal*, vol. 2012, 8 pages, doi:10.1100/2012/978036 *
- Coertjens, L., Brahm, T., Trautwein, C. et al. (2017). Students' transition into higher education from an international perspective. *Higher Education*. 73: 357-369. Doi:10.1007/s10734-016-0092-y *
- Cohen, A., & Baruth, O. (2017). Personality, Learning, and Satisfaction in Fully Online Academic Courses. *Computers in Human Behavior*. No prelo. doi: 10.1016/j.chb.2017.02.030 *
- Consedine, N. S., Fiori, K. L., & Magai, C. (2012). Regulating emotion expression and regulating emotion experience: divergent associations with dimensions of attachment among older women. *Attachment & Human Development*, 14(5): 477-500. Doi: 10.1080/14616734.2012.706433 *
- Dahling, J. J., & Perez, L. A. (2010). Older worker, different actor? Linking age and emotional labor strategies. *Personality and Individual Differences*. 48: 574–578. Doi: 10.1016/j.paid.2009.12.009 *
- Davis, M. H., Kraus, L. A., & Capobianco, S. (2009). Age differences in responses to conflict in the workplace. *International Journal of Aging and Human Development*. 68(4) 339-355. 10.2190/AG.68.4. d *
- Davis, M. C., & Zautra, A. J. (2013). An Online Mindfulness Intervention Targeting Socioemotional Regulation in Fibromyalgia: Results of a Randomized Controlled Trial. *Annals of Behavioral Medicine*. Doi: 10.1007/s12160-013-9513-7 *
- Denckla, C. A., Fiori, K. L., & Vingerhoets, A. J. J. M. (2014). Development of the Crying Proneness Scale: Associations Among Crying Proneness, Empathy, Attachment, and Age, *Journal of Personality Assessment*. 96(6): 619-631. Doi: 10.1080/00223891.2014.899498 *
- Durlak, J. A., Weissberg, R. P., & Pachan, M. (2010). A Meta-Analysis of After-School Programs That Seek to Promote Personal and Social Skills in Children and Adolescents. *American Journal of Community Psychology*. 45(3): 294-309. Doi:10.1007/s10464-010-9300-6

- Ellwardt, L., Aarsten, M., Deeg, D., & Steverink, N. (2013). Does loneliness mediate the relation between social support and cognitive functioning in later life? *Social Science & Medicine*. 98: 116-124. Doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.socscimed.2013.09.002> *
- Ellwardt, L., Van Tilburg, T. G., & Aartsen, M. J. (2014). The mix matters: Complex personal networks relate to higher cognitive functioning in old age. *Social Science & Medicine*: 1-9. 10.1016/j.socscimed.2014.05.007 *
- Faria, A. C. L. (2015). The impact of emotional intelligence on academic achievement: A longitudinal study in Portuguese secondary school. *Learning and Individual Differences* 37: 38–47. Doi: 10.1016/j.lindif.2014.11.011 *
- Fujishiro, K., & Heaney, C. A. (2017). Doing what I do best: The associations between skill utilization and employee health with healthy behaviour as a mediator. *Social Science & Medicine* 175: 235-243. 10.1016/j.socscimed.2016.12.048. *
- Gana, K., Bailly, N., Saada, Y., Joulain, M., & Alaphilippe, D. (2013). Does life satisfaction change in old age: Results from an 8-year longitudinal study. *The Journals of Gerontology, Series B: Psychological Sciences and Social Sciences*, 68(4): 540–552. Doi:10.1093/geronb/gbs093 *
- Goldman, A. W., & Cornwell, B. (2015). Social network bridging potential and the use of complementary and alternative medicine in later life. *Social Science & Medicine*. 140: 69-80. Doi: 10.1016/j.socscimed.2015.07.003 *
- Graham, E. k., & Lachman, M. E. (2014). Personality Traits, Facets and Cognitive Performance: Age Differences in Their Relations. *Personality and Individual Differences*. 59: 89–95. doi: 10.1016/j.paid.2013.11.011. *
- Gray, R., Vitak, J., Easton, E. W., & Ellison, N. B. (2013). Examining social adjustment to college in the age of social media: Factors influencing successful transitions and persistence. *Computers & Education*. 67: 193–207. <http://dx.doi.org/10.1016/j.compedu.2013.02.021> *
- Grieve, R., & Kemp, N. (2015). Individual differences predicting social connectedness derived from Facebook: Some unexpected findings. *Computers in Human Behavior*. 51: 239–243. <http://doi.org/10.1016/j.chb.2015.04.034> *
- Halle, T. G., & Darling-Churchill, K. E. (2016). Review of measures of social and emotional development. *Journal of Applied Developmental Psychology*. 45: 8-18. Doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.appdev.2016.02.003>

- Hambrook, D., Brown, G., & Tchanturia, K. (2012). Emotional intelligence in anorexia nervosa: Is anxiety a missing piece of the puzzle? *Psychiatry Research*. 200: 12–19. Doi: 10.1016/j.psychres.2012.05.017*
- Hayward, R. D., & Krause, N. (2013). Changes in church-based social support relationships during older adulthood. *Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences*, 68(1), 85–96, doi:10.1093/geronb/gbs100. Advance Access publication November 12, 2012 *
- Hawley, L. C., Williams, K. D., & Cacioppo, J. T. (2011). Responses to ostracism across adulthood. *Scan*. 234- 243. Wili10.1093/scan/nsq045 *
- Heckman, J. J., & Rubinstein, Y. (2001). The Importance of Noncognitive Skills: Lessons from the GED Testing Program. *The American Economic Review*. 91(2): 145-149. <http://www.jstor.org/stable/2677749>
- Hicks, J. A., Trent, J., Davis, W. E., & King, L. A. (2012). Positive Affect, Meaning in Life, and Future Time Perspective: An Application of Socioemotional Selectivity Theory. *Psychology and Aging*. 27(1): 181–189. Doi: 10.1037/a0023965 *
- Ho, H. C. Y., & Yeung, D. Y. (2015). Effects of occupational future time perspective on managing stressful work situations. *International Journal of Psychology*, DOI: 10.1002/ijop.12144 *
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2018). Projeções e estimativas da população do Brasil e das Unidades da Federação. Rio de Janeiro: Estudos e pesquisas. Retirado de: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/> . Acesso em junho de 2018.
- Rohr, M. K., John, D. T., Fung, H. H., & Lang, F, R. (2017). A Three-Component Model of Future Time Perspective Across Adulthood. *Psychology and Ageing*. 7. DOI: 10.1037/pag0000191
- John, D. T., & Lang, F, R. (2015). Subjective Acceleration of Time Experience in Everyday Life Across Adulthood. *Developmental Psychology*. 51, 1824–1839. DOI: 10.1037/dev0000059 *
- Jung, E. H., & Sudar, S. S. (2016). Senior citizens on Facebook: How do they Interact and why? *Computers in Human Behavior* .61: 27 -35. <http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2016.02.080> *
- Kemeny, M. E., Foltz, C., Cavanagh, J. F., Cullen, M., Giese-Davis, J., Jennings, P., et al., (2012). Contemplative/Emotion Training Reduces Negative Emotional

- Behavior and Promotes Prosocial Responses. *Emotion*. 12(2): 338–350. Doi: 10.1037/a0026118 *
- Khan, M. L. (2017). Social media engagement: what motives user participation and consumption on Youtube? *Computers in Human Behavior*. 66: 236- 247. Doi: 10.1016/j.chb.2016.09.024 *
- Kim B., & Kim Y. (2017). College students' social media use and communication network heterogeneity: Implications for social capital and subjective well-being, *Computers in Human Behavior*. No prelo. doi: 10.1016/j.chb.2017.03.033. *
- Laible, D. (2007) Attachment with parentes and peers in late adolescence: links with emotional competence and social behavior. *Personality and Individual Differences* 43: 1185–1197. doi: 10.1016/j.paid.2007.03.010 *
- Lamu, A.N., & Olsen, J.A. (2016). The Relative Importance of Health, Income and Social Relations for Subjective Well-being: An Integrative Analysis, *Social Science & Medicine*. No prelo. doi: 10.1016/j.socscimed.2016.01.046. *
- Lau, K. M., Hou, W. K., Hall, B. J., Canetti, D., Ng, S. M., Lan, A. I. F., & Hobfoll, S. E. (2016). Social media and mental health in democracy movement in Hong Kong: A population based study. *Computers in Human Behavior*. 64: 656- 662. Doi: 10.1016/j.chb.2016.07.028 *
- Leen, E. A. E., & Lang, F. R. (213). Motivation of computer based learning across adulthood. *Computers in Human Behavior*. 29(3): 975-983
<https://doi.org/10.1016/j.chb.2012.12.025> *
- Li, T., Fok, H. K., & Fung, H. H. (2011). Is reciprocity always beneficial? Age differences in the association between support balance and life satisfaction. *Aging & Mental Health*. 15 (5): 541–54. Doi: 10.1080/13607863.2010.551340 *
- Li, T., & Zang, Y. Social network types and the health o folder adults: Exploring reciprocal associations. (2015). *Social Science & Medicine*. 130: 59- 68. Doi: 10.1016/j.socscimed.2015.02.007 *
- Li, Y., Costanzo, P. R., & Putallaz, M. (2010). Maternal Socialization Goals, Parenting Styles, and Social-Emotional Adjustment Among Chinese and European American Young Adults: Testing a Mediation Model, *The Journal of Genetic Psychology: Research and Theory on Human Development*. 171(4): 330-362. Doi: 10.1080/00221325.2010.505969 *
- Lynchard, N. A., & Radvansky, G. A. (2012). Age-Related Perspectives and Emotion Processing. *Psychology and Aging*. 27(4): 934–939. DOI: 10.1037/a0027368 *

- MacCann, C. (2010). Further examination of emotional regulation as a standard intelligence: A latent variable analysis of fluid intelligence, crystallized intelligence, and emotional intelligence. *Personality and Individual Differences*. 49: 490-496. <http://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2010.05.010> *
- Marchand, G. C., & Gutierrez, A. P. (2012). The role of emotion in the learning process: Comparisons between online and face-to-face learning settings. *Internet and Higher Education*. 15: 150–160. Doi: 10.1016/j.iheduc.2011.10.001 *
- Maselko, J., Hughes, C., Cheney, R. (2011). Religious social capital: Its measurement and utility in the study of the social determinants of health. *Social Science & Medicine*. 73: 759-767. 10.1016/j.socscimed.2011.06.019. *
- Moher D., Shamseer L., Clarke M., Ghersi D., Liberati A., Petticrew M., Shekelle P., & Stewart, L. A. (2015). Preferred Reporting Items for Systematic Review and Meta-Analysis Protocols (PRISMA-P). *Statement. Systematic Review*. 4(1):1. Doi: 10.1186/2046-4053-4-1
- Mouratidis, A., Michou, A., & Vassiou, A. (2016). Adolescents' Autonomous Functioning and Implicit Theories of Ability as Predictors of their School Achievement and Week-to-week Study Regulation and Well-being, *Contemporary Educational Psychology*. Manuscript accepted. Doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.cedpsych.2016.09.001>
- Moreira, J. F., & Telzer, E. H. (2015). Changes in Family cohesion and links to depression during the college transition. *Journal of Adolescence*. 43: 72-82. Doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.adolescence.2015.05.012> *
- Muscanell, N. L., & Guadano, R. E. (2012). Make new friends or keep the old: Gender and personality differences in social networking use. *Computers in Human Behavior*. 28: 107-112. Doi: 10.1016/j.chb.2011.08.016 *
- National Research Council. (2012). *Education for Life and Work: Developing Transferable Knowledge and Skills in the 21st Century*. Washington, DC: The National Academies Press.
- Nicol, J. R., Tanner, J., & Clarke, K. (2013). Perceived Duration of Emotional Events: Evidence for a Positivity Effect in Older Adults, *Experimental Aging Research: An International Journal Devoted to the Scientific Study of the Aging Process*. 39(5): 565-578. Doi: 10.1080/0361073X.2013.839307 *

- Nikitin, J., Schoch, S., & Freund, A. M. (2014). The Role of Age and Motivation for the Experience of Social Acceptance and Rejection. *Developmental Psychology*. 50(7): 1943–1950. 10.1037/a0036979 *
- OECD (2017). Global competence for an inclusive world. Paris: OECD.
<https://www.oecd.org/education/Global-competency-for-an-inclusive-world.pdf>
- Pelegriño, J. W., & Hilton, M. L. (Org.) (2012). Education for Life and Work: Developing Transferable Knowledge and Skills in the 21st Century. Division of Behavioral and Social Sciences and Education; National Research Council. DOI 10.17226/13398
- Penningroth, S. L., & Scott, W. D. (2012). Age related differences in goals: testing predictions from selection, optimization, and compensation theory and socioemotional selectivity theory. *International Journal of Aging and Human Development*. 74(2): 87-111. Doi: 10.2190/AG.74.2.a *
- Primack, B. A., Shensa, A., Escobar-vieira, C. G., Barret, E. L., Sidani, J.E., et al. (2017). Use of multiple social media platforms and symptoms of depression and anxiety: A nationally-representative study among U.S. young adults. *Computers in Human Behavior*. 69: 1-9. Doi: 10.1016/j.chb.2016.11.013 *
- Pulkki-Raback, L., Elovainio, M., Virtanen, M., Kivimaki, M., Hintsanen, M., et al., (2015). Job demands and Job control as predictors of Depressive Symptoms: Moderating Effects of Negative Childhood Socioemotional Experiences. *Stress and Health*. Doi: 10.1002/smi.2632 *
- Quaglia, J. T., Goodman, T. J., & Brown, K. W. (2014): From mindful attention to social connection: The key role of emotion regulation, *Cognition and Emotion*. Doi: 10.1080/02699931.2014.988124 *
- Randall, E. T., & Bohnert, A. M. (2012). Understanding threshold effects of organized activity involvement in adolescents: Sex and family income as moderators. *Journal of Adolescence*.35:107–118.
<http://dx.doi.org/10.1016/j.adolescence.2011.05.004> *
- Ricard, N. C., & Pelletier, L. G. (2016). Dropping out of high school: The role of parent and teacher self-determination support, reciprocal friendships and academic motivation. *Contemporary Educational Psychology* .44-45: 32–40. 10.1016/j.cedpsych.2015.12.003 *

- Roberts, B. W., & DelVecchio, W. F. (2000). The rank-order consistency of personality traits from childhood to old age: A quantitative review of longitudinal studies. *Psychological Bulletin*, 126, 3–25. DOI: 10.1037/0033-2909.126.1.3
- Roberts, R. D., Martin, J. E., & Olaru, G. (2015). A Rosetta Stone for Noncognitive Skills Understanding, Assessing, and Enhancing Noncognitive Skills in Primary and Secondary Education. ASIA Societies.
http://asiasociety.org/files/A_Rosetta_Stone_for_Noncognitive_Skills.pdf
- Robertson, S. M. C., & Hopko, D. R. (2009). Experiential avoidance: A moderator of the relationship between age and emotional expression, *Aging & Mental Health*, 13(4): 611-618. Doi: 10.1080/13607860902774477 *
- Rubenking, B. (2017). Boring is bad Effects of emotional content and multitasking on enjoyment and memory. *Computers in Human Behavior*. Manuscripto aceito. Doi: 10.1016/j.chb.2017.03.015 *
- Ryan, R. (2009). Age differences in personality: Adolescents and young adults. *Personality and Individual Differences* .47: 331–335. Doi: 10.1016/j.paid.2009.03.023 *
- Sander, T. H., P., & Putman, R. D. (2010). Still Bowling Alone? The Post-9/11 Split. *Journal of Democracy*, 21(1). 9-16. DOI: 10.1353/jod.0.0153.
- Santos, D., & Primi, R. (2014). Social and emotional development and school learning: a measurement proposal in support of public policy. Technical report for Organization for Economic Cooperation and Development (OCDE) Rio de Janeiro State Education Department (SEEDUC) e Ayrton Senna Institute. São Paulo: Ayrton Senna Institute.
- Schmid, C. (2012). The value “social responsibility” as a motivating fator for adolescents’ readiness to participate in diferente types of political actions, and its socialization in parente and peer contexts. *Journal of Adolescence* 35: 533–547.
<http://dx.doi.org/10.1016/j.adolescence.2012.03.009> *
- Schneider, F. M., Zwillich, B., Bindl, M., Hopp, F. R., Reich, S., & Vorderer, P. (2017). Social media ostracism: The effects of being excluded online. *Computers in Human Behavior*. 73: 385- 393. Doi: 10.1016/j.chb.2017.03.052 *
- Scott, S. B., Sliwinski, M. J., Mogle, J.A., & Almeida, D. M. (2014). Age, Stress, and Emotional Complexity: Results from Two Studies of Daily Experiences. *Psychology and Aging*. 29(3): 577-587. Doi: 10.1037/a0037282 *

- Segal, D. L., Needham, T. N., & Coolidge, F. L. (2009). Age difference in attachment orientations among younger and older adults: Evidence from two self-report measures of attachment. *International Journal of Aging and Human Development*, 69(2): 119-132. Doi: 10.2190/AG.69.2.c *
- Seghers, J. P., McCleery, A., & Docherty, N. M. (2011). Schizotypy, Alexithymia, and Socioemotional Outcomes. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 199(2): 117-121. Doi: 10.1097/NMD.0b013e3182083bc4 *
- Sheldon, P., & Bryant, K. (2016). Instagram: Motives for its use and its relationship to narcissism and contextual age. *Computers in Human Behavior*, 58: 89- 97. Doi: 10.1016/j.chb.2015.12.059 *
- Smith-Greenaway, E. (2015). Are literacy skills associated with Young adults' health in Africa? Evidence from Malawi. *Social Science and Medicine*, 127: 124–133. 10.1016/j.socscimed.2014.07.036 *
- Stahl, S.T., & Patrick, J.H. (2011). Adults' future time perspective predicts engagement in physical activity. *The Journals of Gerontology, Series B: Psychological Sciences and Social Sciences*, 67(4): 413-416. Doi: 10.1093/geronb/gbr118 *
- Stanley, J. T., & Isaacowitz, D. M. (2015). Caring More and Knowing More Reduces Age-Related Differences in Emotion Perception. *Psychology and Aging*, 30 (2): 383-395. Doi: 10.1037/pag0000028 *
- Szasz, P. L., Szentagotai, A., & Hofmann, S. G. (2011). The effect of emotion regulation strategies on anger. *Behaviour Research and Therapy*, 49: 114- 119. Doi: 10.1016/j.brat.2010.11.011 *
- Tang, F., Choi, E., & Morrow-Howell, N. (2010). Organizational Support and Volunteering Benefits for Older Adults. *The Gerontologist*, 50(5). 603-612. Doi:10.1093/geront/gnq020 *
- Trepte, S., & Reinecke, L. (2013). The reciprocal effects of social network site use and the disposition for self-disclosure: A longitudinal study. *Computers in Human Behavior*, 29: 1102- 1112. Doi: 10.1016/j.chb.2012.10.002 *
- Tuominen-Soini, H., & Salmela-Aro, K. (2014). Schoolwork engagement and burnout among Finnish high school students and young adults: Profiles, progressions, and educational outcomes. *Developmental Psychology*, 50, 649–662. <http://dx.doi.org/10.1037/a0033898> *

- Vroman, K. G., Arthanat, S., & Lysack, C. (2015). “Who over 65 is online? ” Older adults’ dispositions toward information communication technology. *Computers in Human Behavior*. 43: 156–166 Doi: 10.1016/j.chb.2014.10.018 *
- Wang, M., Burlacu, G., James, S. T. K., & Yao, X. (2015). Age Differences in Feedback Reactions: The Roles of Employee Feedback Orientation on Social Awareness and Utility. *Journal of Applied Psychology*. 100 (4): 1296–1308. 10.1037/a0038334 *
- Wang, J., Jackson, L.A., Gaskin, J., & Wang, H. (2014). The effect of social networking site (SNS) use on college students’ friendship and well-being. *Computers in Human Behavior*. 37: 229- 236. Doi: 10.1016/j.chb.2014.04.051 *
- Wang, Z. S. L., & Li, H. (2009). Age related change in emotional experience in a sample of Chinese adults: A preliminar study. *Psychological Reports*. 105: 37-42. Doi: 10.2466/PR0.105.1.37-42 *
- Warner, D. F., & Adams, S. A. (2012). Widening the social contexto of disablement among married older adults: Considering the role of nonmarital relationships for loneliness. *Social Science Research*. 41: 1529–1545. 10.1016/j.ssresearch.2012.05.018 *
- Webel, A. R., Cua, Y., Okonsky, J. G., Asher, A. K., Kaihura, A., & Salata, R. A. (2013). The impact of social context on self-management in women living with HIV. *Social Science & Medicine*. 87:147-154. Doi: 10.1016/j.socscimed.2013.03.037 *
- Weidinger, A. F., Spinath, B., & Steinmayr, R. (2016). Why does intrinsic motivation decline following negative feedback? The mediating role of ability self-concept and its moderation by goal orientations. *Learning and Individual Differences*. 47: 117–128. Doi: 10.1016/j.lindif.2016.01.003 *
- Weiner, M. R., Monin, J. K., Mota, N., & Pietrzak, R. H. (2017) Age Differences in the Association of Social Support and Mental Health in Male U.S. Veterans: Results From the National Health and Resilience in Veterans Study, *The American Journal of Geriatric Psychiatry*. No prelo. <http://dx.doi.org/doi:10.1016/j.jagp.2015.11.007>. *
- Williams, B. D., & Harter, S. L. (2010). Views of the self at diferente ages: utility od repertory grid technique in detecting the positivity effect in aging. *International Journal of Aging and Human Development*. 71(1): 1-22. doi: 10.2190/AG.71.1.a *

- Yeung, D. Y., Wong, C. K. M., & Lok, D. P. P. (2011) Emotion regulation mediates age differences in emotions, *Aging & Mental Health*. 15(3): 414-418. DOI: 10.1080/13607863.2010.536136 *
- Zang, X., & Fung, H. H. (2009a). Does graduation give rise to increased poignancy? Moderation roles of university identity and emotion regulation. *Personality and Individual Differences*. 47: 722–727 doi: 10.1016/j.paid.2009.06.010 *
- Zhang, X., Fung, H., & Ching, B. H. (2009). Age differences in goals: Implications for health promotion, *Aging & Mental Health*, 13:3, 336-348. DOI: 10.1080/13607860802459815 *
- Zhang, X., Hershfield, H. E., & Fung, H. H. (2010). Age Differences in Poignancy: Cognitive Reappraisal as a Moderator. *Psychology and Aging*. 25(2): 310–320. Doi: 10.1037/a0019078 *
- Zimprich, D., & Mascherek, A. (2012). Measurement invariance and age-related differences of trait anger across the adult lifespan. *Personality and Individual Differences*. 52: 334–339. doi: 10.1016/j.paid.2011.10.030 *
- Zupancic, M., & Kavcic, T. (2014). Student personality traits predicting individual in relation to mothers and fathers. *Journal of Adolescence*. 1-12. 10.1016/j.adolescence.2013.12.005 *